

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES

**TRAÇOS DA POLÍTICA:
REPRESENTAÇÕES DO MUNDO POLÍTICO NA IMPRENSA
ILUSTRADA E HUMORÍSTICA PELOTENSE DO SÉCULO XIX**

Porto Alegre

2006

Aristeu Elisandro Machado Lopes

**TRAÇOS DA POLÍTICA:
REPRESENTAÇÕES DO MUNDO POLÍTICO NA IMPRENSA
ILUSTRADA E HUMORÍSTICA PELOTENSE DO SÉCULO XIX**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

2006

Banca examinadora

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Paulo Knauss de Mendonça
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. José Rivair de Macedo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos, dedicando este trabalho a duas pessoas importantes para mim e que, apesar da distância, colaboraram, à sua maneira, para a realização da Dissertação; meus pais Aristeu Aires Lopes e Maria Machado Lopes. Minha mãe compartilhou comigo (quase sempre pelo telefone) tanto as vitórias como as frustrações, sempre me incentivando e me dizendo que tudo ia dar certo.

Outra pessoa muito importante é minha professora e amiga Beatriz Ana Loner. A ela agradeço por me estimular o gosto pela pesquisa e por acreditar em meu potencial, pelas sugestões e pelos conselhos sempre tão esclarecedores.

No PPG em História da UFRGS, agradeço ao meu orientador, professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, que desde o período embrionário do projeto acreditou no desenvolvimento da Dissertação e pelos conselhos dados ao longo da escrita. Sou grato também aos professores Benito Bisso Schmidt e Sandra Jatahy Pesavento pelas aulas e sugestões. Igualmente agradeço ao professor Luiz Achutti que, ao lado da professora Sandra, compôs a banca de qualificação e pelas considerações feitas por eles naquele momento. Agradeço aos professores que compuseram a banca da defesa – Paulo Knauss, José Rivair de Macedo e Benito Schmidt – pelas sugestões e críticas que, em grande parte, foram incorporadas à dissertação.

Ao longo dos dois anos, conheci colegas que se tornaram amigos. Sou grato a Ailana Amorim, Arthur Ávila, Artur Peixoto, Carla Renata Gomes, Nórís Leal, Letícia Bauer, Luciana dos Santos e Viviane Borges pela amizade, pelas viagens, pelos chopes e pelas risadas. Ainda no PPG agradeço a atenção que me foi dada pelo ex-coordenador professor Temístocles Cesar, pela secretária Marília Lopes e pelos bolsistas Evandro dos Santos e Sandro Gonzaga.

Em Pelotas tenho vários amigos para agradecer, entre tantos outros, Adhemar Lourenço, André Lopes, André Loureiro, Caiuá Al-Alam, Carla Gastaud, Claudia Tomaschewski, Cristiano Gastal, Janice Goriz, Lorena Gill e Mauro Dillmann. Ainda, agradeço aos meus anfitriões que me receberam nas viagens de retorno à Pelotas: Geza Guedes, Acelino Guedes e Dona Eloá Guedes; Débora

Clasen e Viviani Tavares (sempre tão presentes) e ao meu estimado amigo Lucio Ramos e a Dona Marilene Ramos que tantas vezes me receberam em sua casa. Na BPP sou grato aos funcionários do CDOV Mauricio, Andréia e a zelosa Dona Sonia Garcia. Em Porto Alegre agradeço a amizade de Elisabete Leal e Renata Guedes. Em Sapucaia do Sul agradeço a acolhida dos meus parentes.

Vale destacar que durante a realização do curso contei com bolsa de financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

Por fim, dedico este trabalho à memória de Eduardo Antonio de Araújo Guerra, Eduardo Chapon, Francisco de Paula Pires, Francisco Rodrigues Noronha e Guilherme Stoffel, homens empreendedores em seu tempo e responsáveis pela veiculação dos periódicos aqui pesquisados.

RESUMO

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Traços da política: representações do mundo político na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX*. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, 236p.

A cidade de Pelotas, no século XIX caracterizou-se pelo amplo desenvolvimento econômico proporcionado pela utilização da mão-de-obra escrava nas charqueadas, favorecendo assim o desenvolvimento artístico, urbano e cultural. O jornalismo também obteve êxito; ao encerrar do século, Pelotas contabilizava 116 jornais, entre estes, três periódicos se apresentavam como humorísticos e ilustrados: *O Cabrion* (1879-1881); *Zé Povinho* (1883) e *A Ventarola* (1887-1889). Uma parte significativa de sua produção artística foi dedicada à política do tempo sem, no entanto, descuidarem da sua função primordial, ou seja, despertar o riso no leitor através de uma apresentação cômica da realidade acentuando desproporcionalmente os defeitos da pessoa retratada ou satirizando um acontecimento. A presente Dissertação de Mestrado em História tem por objetivo analisar as representações do mundo político nos anos 1880, através dos textos, notícias, crônicas e, em especial, nas caricaturas e desenhos humorísticos veiculados naqueles periódicos. A pesquisa foi dividida em quatro temáticas sendo cada uma contemplada nos quatro capítulos que compõem a dissertação: Num primeiro momento foram investigados os periódicos e os responsáveis por sua veiculação e suas tendências políticas; posteriormente foram analisados imagens e textos relacionados à administração pública da cidade; a política nacional e aqueles que abordaram a questão republicana.

ABSTRACT

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Traços da política: representações do mundo político na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX*. Porto Alegre, 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, 236p.

During the nineteenth-century, the city of Pelotas went through a great economic development, due to the use of slave labor in the *charqueadas*, which favored the artistic, urban and cultural development of the town. Journalism was met with success as well; by the turn of the century there were sixteen newspapers in Pelotas and, among these, three presented themselves as humorous and illustrated: *Cabrion* (1879 -1881); *Zé Povinho* (1883) and *A Ventarola* (1887 – 1889). A significant part of their artistic production was dedicated to the politics of their time. Nevertheless, they never stepped back from their main role, it means, to provide the reader with a burst of laughter by a comic depiction of reality, emphasizing the physical defects of someone in a disproportionate way or through the satirical presentation of a certain event. The present dissertation aims to analyze the representations of the political world of the 1880's through the texts, news, chronicles and, specially, through the cartoons and humorous illustrations present in those diaries. The research was divided in four themes, with the four chapters emphasizing each one of them. In a first moment, the diaries and their publishers were investigated, as well as their political orientation; later were analyzed the texts and images related to the public administration of the city, the national politics and those who addressed the Republican cause.

LISTA DAS FIGURAS

- Figura 01 **Enigma** p. 48
- Figura 02 **Patos do *Marui*** p. 50
- Figura 03 **Predicados de Antonio Joaquim Dias** p. 53
- Figura 04 **Disputa entre os jornais diários** p. 60
- Figura 05 **Paço Municipal** p. 74
- Figura 06 **Câmara Municipal** p. 76
- Figura 07 **Chafariz da Praça Pedro II (concorrido)** p. 79
- Figura 08 **Chafariz da Praça Pedro II (pouco concorrido)** p. 79
- Figura 09 **O carnaval e o passeio público** p. 81
- Figura 10 **Higiene Pública** p. 84
- Figura 11 **Cães nas ruas** p. 86
- Figura 12 **Tiphóide** p. 89
- Figura 13 **Pelotas e o progresso** p. 92
- Figura 14 **Confusões no bonde** p. 95
- Figura 15 **A iluminação pública** p. 100
- Figura 16 **Os melhoramentos de Pelotas** p. 102
- Figura 17 **A Viagem de Dom Pedro II** p. 111
- Figura 18 **O anacrônico papado e a pressão sobre o país** p. 115
- Figura 19 **Princesa Isabel varrendo igrejas** p. 117
- Figura 20 **O índio, a lavoura e a indústria nacional** p. 119
- Figura 21 **Os Jesuítas no Brasil** p. 121
- Figura 22 **Gabinete 5 de janeiro** p. 129
- Figura 23 **Vovô Cotegipe** p. 131
- Figura 24 **A demissão do Ministério** p. 134
- Figura 25 **A política decaída** p. 136
- Figura 26 **O assassinato do escravo Jeronymo** p. 141
- Figura 27 **O assassinato da contratada Pórcia** p. 146
- Figura 28 **Indenização para o escravo** p. 153
- Figura 29 **As senhoras escravagistas** p. 154

- Figura 30 **A Assembléia Provincial** p. 161
- Figura 31 **As cousas do tempo** p. 162
- Figura 32 **Dois gladeadores no Senado** p. 165
- Figura 33 **A Deusa do futuro** p. 173
- Figura 34 **Pegará?** p. 175
- Figura 35 **O steeple-chase dos partidos** p. 179
- Figura 36 **Cenas picarescas** p. 183
- Figura 37 **O prado político** p. 185
- Figura 38 **A sedutora República** p. 188
- Figura 39 **O despertar da sociedade pelotense** p. 190
- Figura 40 **Deputados proibidos de entrar na Câmara por Affonso Celso** p. 197
- Figura 41 **E quem sabe o que será o dia de amanhã?** p. 199
- Figura 42 **A mentira de bronze** p. 203
- Figura 43 **A nova aurora que raiou** p. 206
- Figura 44 **As ruas de Pelotas embandeiradas** p. 208
- Figura 45 **Cortando o nó górdio** p. 212
- Figura 46 **Silveira Martins engaiolado** p. 215
- Figura 47 **Mamando fartamente nas tetas do Estado** p. 217
- Figura 48 **A separação da Igreja do Estado e o pedestal da imortalidade** p. 218

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
	HISTÓRIA E HUMOR	18
	IMAGEM E HISTÓRIA	24
	IMAGEM E REPRESENTAÇÃO	27
1	TRAÇOS DO HUMOR: A IMPRENSA ILUSTRADA E SEUS JORNALISTAS	33
	BREVE INTRODUÇÃO AO SURGIMENTO DA IMPRENSA ILUSTRADA NO BRASIL	33
	OS PERIÓDICOS E SEUS JORNALISTAS	38
	CABRION: A “GUERRA” DE EDUARDO GUERRA	42
	ZÉ POVINHO: PASSAGEIRO MAS SIGNIFICATIVO	56
	A VENTAROLA: O RETORNO DE EDUARDO CHAPON	58
	OS PERIÓDICOS E SUAS (NÃO) POSIÇÕES POLÍTICAS	64
2	O OUTRO LADO DA “PRINCESA DO SUL”: A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NA MIRA DA IMPRENSA	
	ILUSTRADA	71
	CÂMARA MUNICIPAL	73
	A PRAÇA PEDRO II - RUAS - DOENÇAS	78
	PROGRESSO - SERVIÇOS URBANOS	91
3	TRAÇOS DE UM LABIRINTO: REPRESENTAÇÕES DO CENÁRIO POLÍTICO IMPERIAL	105
	A POLÍTICA NACIONAL	107
	DOM PEDRO II E ISABEL, “A REDENTORA”	107
	DECIFRANDO O “LABIRINTO”	126
	A ESCRAVIDÃO E A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA	140
	OS PRESIDENTES DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL	158
4	TRAÇOS DA REPÚBLICA: A PROPAGANDA REPUBLICANA E AS REPRESENTAÇÕES DA	
	PROCLAMAÇÃO EM PELOTAS	167
	A SIMBOLOGIA REPUBLICANA	171

ATIVIDADES REPUBLICANAS	176
A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA NAS PÁGINAS D’A VENTAROLA	194
AS HOMENAGENS AO GOVERNO PROVISÓRIO E OS “ANTI-HERÓIS”	209
O COMPORTAMENTO DOS CIDADÃOS APÓS A PROCLAMAÇÃO	214

CONSIDERAÇÕES FINAIS 220

FONTES 226

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 227

INTRODUÇÃO

A cidade de Pelotas, localizada no extremo sul do Brasil, se destacou no século XIX pelo seu desenvolvimento econômico, proporcionado pelo sistema escravista implantado nas charqueadas. Nos anos 1830, o charque se tornou o principal item de exportação da Província do Rio Grande do Sul, tendo Pelotas como o maior pólo produtor. Dessa forma, a pujança econômica possibilitou também um amplo desenvolvimento cultural e urbanístico, o que favoreceu as sociabilidades e as atividades de lazer, fazendo com que a vida social se intensificasse, sobretudo a partir da segunda metade daquele século.

Inspirada na Corte estabelecida no Rio de Janeiro e em Paris a “elite” pelotense trazia para a cidade as novidades que lá iam surgindo, como a moda e a educação. Muitos charqueadores enviavam seus filhos para as faculdades do Rio de Janeiro e São Paulo, outros seguiam para a Europa, sendo preferencialmente encaminhados à França. Ao longo do século XIX, a provinciana Pelotas foi conquistando um *status* de “cidade grande”. Conde D’Eu, quando a visitou em 1865, deixou registradas em suas memórias as vantagens de Pelotas em relação a Porto Alegre, lamentando não ser ela a capital da província.¹

A prosperidade da imprensa em Pelotas deve ser incluída como uma das atividades culturais oriundas desse desenvolvimento. O aumento da população urbana dotou a cidade de um público leitor, para o qual o livro e o jornal eram os

¹ Cf. CONDE D’EU. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo Companhia Editora Nacional, 1936, p.214. A história da cidade de Pelotas perpassa ao longo da dissertação, contudo, só cabe investigá-la sucintamente. Remeto aos seguintes trabalhos que abordaram, ou pelos quais também perpassou a história de Pelotas a partir de outras temáticas, como a escravidão, a arquitetura e as sociabilidades: CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. São Paulo: Difel, 1962; GUTIERREZ, Ester J. B.. *Negros, charqueadas, olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Editora da Universidade/UFPEL/Livraria Mundial, 1993; MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da Universidade/UFPEL, Livraria Mundial, 1993; ARRIADA, Eduardo. *Pelotas: Gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas: Armazém Literário, 1994; ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização. A cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed.da Universidade/UFPEL, 2000; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelhos, Máscaras, Vitrines. Estudo Iconológico das fachadas arquitetônicas*. Pelotas 1870-1930. Pelotas: EDUCAT, 2002; LONER, Beatriz Ana. *Pelotas se diverte: Clubes recreativos e culturais do século XIX. História em Revista*. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica/Universidade Federal de Pelotas, v.8, dezembro de 2002b, p. 37-68.

principais atrativos². O jornalismo obteve um desenvolvimento significativo, contabilizando, ao encerrar do século XIX, 116 jornais, tendo alguns vida efêmera, outros apenas edição especial, contudo, vários com circulação regular quinzenal, semanal ou diária por muitos anos³. O ápice ocorreu na década de oitenta, com a circulação de sete jornais diários (alguns quase ao mesmo tempo): *Correio Mercantil* (1875-1932), *A Nação* (1882-1886), *Rio Grandense* (1885-1888), *A Pátria* (1887-1891), *A Discussão* (1881-1887), *Onze de Junho* (1881-1889) e *Diário de Pelotas* (1876-1889)⁴. Concomitante a eles, circularam três periódicos que se apresentavam como humorísticos e ilustrados: *Cabrion*, publicado entre os anos de 1879 e 1881; *Zé Povinho* que circulou nos primeiros seis meses de 1883 e *A Ventarola* fundada em 1887 e mantida até 1889⁵. Estes, da mesma forma que os jornais diários, desempenhavam um papel importante na sociedade pelotense como veículos de comunicação, embora as notícias fossem dadas de uma forma peculiar.

Em meados de 2003, meu interesse por esses periódicos e pela história da caricatura aumentaram. Comecei, então, a procurar livros e artigos que tratassem dessa temática. Na época, o trabalho Ana Maria de Moraes Belluzzo⁶ sobre a participação de Voltolino, pseudônimo do imigrante italiano Lemmo Lemmi, na imprensa periódica de São Paulo serviu-me pela exposição sobre a origem e nomenclatura da caricatura, como também pela excelente discussão realizada pela autora sobre as teorias do riso aplicadas à análise das imagens de humor. Outra obra relevante foi a coletânea organizada por Sandra Pesavento⁷. Neste, os

² Os jornais do século XIX traziam anúncios das duas principais livrarias: Americana e Universal, as quais ofereciam aos leitores uma gama variada de obras da literatura nacional e internacional, além de serem distribuidoras de vários periódicos e jornais publicados em outras cidades.

³ Conforme listagem organizada por Alferes Tancredo de Mello, publicada no jornal *O Pensamento* em 07 de novembro de 1901. Na ocasião era comemorado o Cinquentenário da imprensa pelotense.

⁴ Cf. GARCIA, Sonia Tavares; LONER, Beatriz Ana. Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense. *História em Revista*. Pelotas: NDH/UFPel/Ed. da Universidade/UFPel, v. 06, dezembro de 2000, p.134-139.

⁵ Estes são os periódicos existentes nos acervos da Biblioteca Pública Pelotense e na Biblioteca Rio-Grandense. Quiçá, entre os 116 jornais do século XIX, tenham existido outros com as mesmas características destes, no entanto não foram encontrados exemplares, dificultando a identificação. O periódico ilustrado *Abelha*, por exemplo, circulou por quase três anos, no entanto, somente foi encontrado um exemplar datado de 1879 – terceiro ano de circulação –, fato que impossibilitou incluí-lo na pesquisa.

⁶ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: Marco Zero, 1992.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Porto Alegre Caricata*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

autores apresentaram ilustrações de periódicos portoalegrenses como *O Século* e *O Guarani* e da revista *Kodak* publicada durante a República. Ao tratar das representações da transição da Monarquia para a República, dos elementos constituintes da sociedade porto-alegrense: negros e brancos; pobres e ricos e mulheres e da administração pública da cidade, este trabalho contribui para desenvolver perguntas dirigidas às temáticas que apareciam na imprensa pelotense. Vale salientar ainda o artigo publicado por Maria Angélica Zubaran⁸. A autora analisa caricaturas de dois periódicos que circularam no século XIX – *A Sentinella do Sul* e *O Guarany* – na capital rio-grandense demonstrando um mundo ao revés calcado na inversão das relações sociais, troca de valores e inversão das hierarquias vigentes. Este artigo, juntamente com os outros dois trabalhos, possibilitou ampliar o leque de leituras uma vez que foi através deles que obtive outras indicações bibliográficas para começar a pensar num projeto de pesquisa que teria por fonte principal os periódicos pelotenses.

Após constatar que os jornais ilustrados ainda não haviam sido utilizados por nenhum outro pesquisador (com exceção de alguns que usaram certas imagens apenas para ilustrar aquilo que o texto tratava) a proposta que surgiu foi analisar as caricaturas, desenhos humorísticos e a parte textual desses periódicos e as suas relações com o mundo político imperial. Assim, dentro do emaranhado de assuntos dispersos nas páginas dos periódicos, optei por direcionar minha análise apenas para esta temática⁹.

Deste modo, a presente Dissertação de Mestrado em História tem por principal objetivo analisar as representações do mundo político imperial, veiculadas nos periódicos ilustrados e humorísticos que circularam nos anos 1880 na cidade de Pelotas. A partir dele, tracei uma questão geral: Qual o comportamento desses periódicos que consideravam tudo e todos passíveis às suas sátiras, críticas e opiniões perante a política do seu tempo? E, a partir dessa,

⁸ ZUBARAN, Maria Angélica. O mundo virado de ponta cabeça: inversão simbólica e resistência na caricatura porto-alegrense do século XIX. *Anos 90*. Porto Alegre, n.14, dezembro de 2000, p 80-95.

⁹ Em meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Pelotas analisei o carnaval pelotense através do humor e da crítica social dos periódicos ilustrados. Parte do resultado da pesquisa foi publicado em LOPES, Aristeu E. M., "Você não me conhece? Eu te conheço": Caricatura e Carnaval em Pelotas no século XIX. In: *Anais do VII Encontro Estadual de História – História, Memória e testemunho*. [recurso eletrônico] Porto Alegre: ANPUH/RS, 2004, p. 01-10.

questões específicas: Quem eram os caricaturistas e colaboradores que atuavam nesses jornais? Quais as posições defendidas ou combatidas por eles e a partir daí qual o procedimento com os colegas da imprensa diária? Quais as considerações dispensadas à administração da cidade? Como a política nacional era abordada? Como a questão republicana foi tratada por eles?

Saliento que minha proposta não constitui uma abordagem direcionada a história política tradicional, a qual sofreu um declínio significativo, sobretudo, após a fundação da Revista *Annales* em 1929¹⁰. Minha proposta é analisar as sátiras e as críticas que os jornais humorísticos direcionaram aos partidos, aos políticos e aos representantes da Monarquia e qual o direcionamento tomado diante da questão republicana. Estes elementos compõem o mundo político dos caricaturistas, entendendo-o como o lugar onde se articulam o real e sua representação¹¹. Ao lado disso, o mundo político pode ser averiguado com outra questão no qual ele está comportado: a modernidade. Os jornalistas apresentavam em suas páginas de humor uma outra cidade, isto é, uma cidade moderna, livre das reminiscências de um passado retrógrado e com aspirações progressistas, como a iluminação elétrica, os esgotos e a limpeza urbana. Concomitante, apresentavam também um país moderno: livre do monarquismo, do clericalismo e da escravidão considerados os causadores do retrocesso da nação. O Brasil somente se tornaria um país do progresso se suas pretensões republicanas e laicas fossem levadas a diante e implantadas. O mundo político é percebido como o lugar onde essas questões eram tomadas pelos caricaturistas como uma fonte de inspiração a suas produções artísticas, evidenciando que a política do tempo era noticiada, discutida, satirizada e tomada como um elemento que necessitava ser transformado para que o Brasil alcançasse a modernidade. Para reforçar essa idéia eram transmitidas aos leitores as mazelas do sistema

¹⁰ FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: O retorno da história política. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 265. Para Francisco Falcon a história política não é mais centrada num “empirismo positivista e [numa] forma narrativa tradicional do discurso histórico político”. FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 79.

¹¹ ROSANVALLON, Pierre. Por uma História Conceitual do Político. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v.15, nº30, 1995, p. 12.

político imperial num momento marcado por crises e pelo crescimento da campanha republicana.

Ao trabalhar com as imagens de humor veiculadas nos periódicos cariocas das primeiras décadas do século XX, Mônica Velloso busca em sua análise a relação entre o humor e a sátira e a modernidade carioca. Com os personagens Turuna e Quixote o sentido do moderno é repensado, entendendo-o numa “dinâmica acidentada do cotidiano, através de uma linguagem de forte apelo visual.” A análise do humor presente nos jornais de Pelotas, embora tenham circulado décadas antes dos congêneres estudados por Mônica Velloso, também pode ser investigada a partir dessa constatação uma vez que a produção dos jornais, ao abordar as questões políticas como a falta de cuidados da administração com a cidade ou então a situação periclitante da escravidão, repassavam aos leitores uma visão cotidiana, marcada por um modernismo que se quer alcançar e apontando também para a sátira traduzida no apelo visual esboçado nas caricaturas e/ou desenhos humorísticos. Assim, o humor dos periódicos, que também são veículos de informação, pode ser considerado como um dos “sinais” da modernidade devido ao “seu caráter de impacto, condensação de formas, ilustração do cotidiano e agilidade na comunicação, apresenta-se como uma linguagem amplamente identificada com as demandas da modernidade”¹².

Dessa forma, entendo que o mundo político do século XIX expressado nas imagens de humor veiculadas na imprensa pelotense deve ser tomado valorizando as questões referentes a modernidade que perpassaram a produção artística dos caricaturistas. Assim, entendo que o político não é um setor que necessita ser averiguado isolado mas, pelo contrário, ele é “uma modalidade de prática social”¹³ que possui relações com outros domínios como, no caso estudado, a modernidade.

¹² VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 41.

¹³ REMOND, René. Uma história presente. In: _____. (Org.) *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 35-36.

As relações entre a política e o humor já foram investigadas por outros pesquisadores¹⁴. Isabel Lustosa¹⁵ analisou em seus artigos as imagens dos presidentes da República que foram veiculadas nos periódicos fluminenses no período entre a proclamação e os anos 1930. Ao longo de seus trabalhos, autora demonstrou que a política foi um componente significativo e inspirador à criação artística dos caricaturistas. Duas considerações traçadas por Lustosa foram consideradas importantes também ao desenvolvimento da dissertação. A primeira refere-se ao caráter pedagógico das imagens que tornava familiares rostos e atitudes de políticos possibilitando aos menos cultos acompanhar através das imagens o desenrolar da vida política. A outra trata, como será abordado adiante, que o caricaturista ao produzir suas imagens compõe a personalidade do jornal e firma uma posição diante das questões políticas¹⁶.

Já Marcelo Magalhães, em sua tese de doutorado, abordou caricaturas veiculadas na *Revista Ilustrada* que se referiam à política municipal do Rio de Janeiro. Em sua análise, o autor tentou explicar que o humor também constituía uma forma de “vocalizar os problemas da cidade e encaminhar demandas da população em geral”¹⁷. No entanto, o autor ao ponderar as ilustrações da *Revista* como cópias das reclamações da população, desconsidera que por trás de sua concepção estava o artista que era livre para criá-las. Nesta dissertação, defendo uma perspectiva diferente: considero que o caricaturista não atendia as demandas da população ou aquelas advindas de políticos ou de partidos (como se à eles fossem feitos pedidos à realização de caricaturas) e sim que eles as produziam de

¹⁴ De uma forma geral vale citar a obra de Herman Lima: *História da caricatura no Brasil*, publicada em quatro volumes é um amplo painel da imprensa ilustrada que circulou, em especial, no Rio de Janeiro. O autor tratou, em grande medida, das considerações dispensadas pelos caricaturistas à política do tempo; contudo a estrutura de seu trabalho é descritiva não apresentando uma análise precisa entre as relações da imprensa ilustrada com a política.

¹⁵ LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. *Revista USP* – Dossiê 100 anos de República. nº 03, set-out-nov, 1989, p.53-64. _____, Isabel. O texto e o traço – o surgimento da imprensa de humor no Brasil. *Comunicação e Política*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Latino Americanos – CEBELA, vol. V, jan-abr-1998b, p. 169-195. _____, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos presidentes através do humor e da caricatura. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (Orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, vol.1, 2003, p287-312.

¹⁶ LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos presidentes... Op. Cit., p. 293 e 310, respectivamente.

¹⁷ MAGALHÃES, Marcelo Souza. *Ecos da Política: A capital federal, 1892-1902*. Niterói: UFF, 2004, 222f. Tese (Doutorado em História) – programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004, p.176.

acordo com suas percepções e observações diárias. Nesse sentido, a veiculação de uma imagem que criticava a Princesa Isabel ou um desenho que revelava em seus traços a simpatia aos republicanos (o que também pode ser estendido a parte textual) representava a opinião dos caricaturistas, jornalistas e colaboradores, sem interferências externas à redação dos periódicos.

Num trabalho abarcante, Renato Lemos¹⁸ demonstrou que a política foi um tema de ampla importância à concepção das expressões artísticas dos caricaturistas desde a fundação dos primeiros periódicos ilustrados e estendendo-se aos modernos órgãos de comunicação do século XX e naqueles que circulam na atualidade. Esta obra tem um estilo didático e não desenvolve análises significativas sobre as imagens e apresenta-as dentro de um quadro cronológico que visa apenas elucidar ao leitor que, além de outros elementos, a política, desde o início do jornalismo ilustrado, recebeu um destaque especial. Contudo, concordo com a importante constatação feita pelo autor em sua introdução: considerar as ilustrações como produções artísticas que revelam o conhecimento do artista.

Em seguida, dando seqüência às discussões que envolvem história política e imagem, passo a tratar de outras noções que foram importantes à análise da imprensa ilustrada pelotense. Optei por tratá-las em tópicos, relacionando suas contribuições à elaboração da dissertação no final de cada um deles.

História e Humor

A caricatura é uma expressão artística, que utiliza aspectos do humor para divertir e informar o seu receptor, acentuando desproporcionalmente os defeitos da pessoa retratada ou satirizando um acontecimento. O caricaturista trabalha, geralmente, com o rosto da pessoa, “aumentando” certos traços físicos, os quais poderiam ter passado despercebidos pelo receptor. Por mais regular que seja uma fisionomia ou por mais que se pareçam harmoniosas suas linhas, ela nunca se

¹⁸ LEMOS, Renato (Org.) *Uma história do Brasil através da Caricatura. 1840-2001*. Rio de Janeiro: Bom Texto/Letras & Expressões, 2001.

encontra em perfeito equilíbrio. A arte do caricaturista, então, consiste em apreender estas falhas e torná-las visíveis: “[...] sua arte tem algo de diabólico, levanta o demônio que o anjo havia prostrado na terra”¹⁹. Outras vezes, são as distorções que permitem identificar o retratado, associadas a outros critérios, como o papel desempenhado na sociedade pelo caricaturado.

A palavra caricatura vem do verbo italiano *caricare*, que significa carregar, exagerar, ampliar ou acentuar certos aspectos do retratado e também pode ter sido influenciada pela palavra *carettare* (caráter, em italiano) ou ainda de *cara* (rosto em espanhol). Teve sua origem na Itália no século XVI, atribuída aos irmãos Annibale e Agostino Carracci, fundadores de uma academia na cidade de Bolonha em 1585, reunindo artistas influenciados pelo ideal de beleza do Barroco²⁰.

Herman Lima destaca que a caricatura moderna nem sempre provoca o riso; para ele a finalidade dela é caracterizar, o que exige um poder de síntese, “[...] seja pessoal, seja social ou política, a fixação do traço definidor dum caráter ou duma situação, de par com a acuidade de observação, e a apreensão de certos índices, pessoais ou coletivos, reveladores do *pathos* individual ou das massas”²¹. No entanto, mesmo que o emprego moderno da caricatura seja para a caracterização, na maioria dos casos ele se detém, como salientado anteriormente, num defeito do caricaturado, dessa forma pode provocar o riso, pois são elaboradas a partir de uma comparação entre o referente ou característica (real ou imaginário) e a representação caricata. Assim sendo, a história da caricatura deve ser tomada concomitante à história do riso, compreendendo, como assegura Michel Ragon²², que as causas que o provocaram (e em alguns casos ainda podem provocar) variam de uma época para outra, ou seja, aquilo que despertou o riso no passado pode chegar no presente sem o mesmo efeito.

¹⁹ BERGSON, Henri. *La risa. Ensayo sobre la significación de lo cómico*. Trad. revisada por Amália Haydée Raggio. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1953, p.28.

²⁰ FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.p. 49-50.

²¹ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. V. 1, Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p.29.

²² RAGON, Michel. *Le Dessin d'humour. Histoire de la caricature et du dessin humoristique en France*. Paris: Éditions du Seuil, 1992, p. 10.

A caricatura pode ser interpretada como um dos “sinais” da história: “Por meio das charges, caricaturas e escritos satíricos, pode-se atingir novas formas de expressão, percepção e comportamento de uma determinada época”²³. As caricaturas que compõem o conjunto das ilustrações dos periódicos pelotenses são consideradas como representativas de um determinado momento histórico e é através delas que se pretende averiguar o comportamento dos caricaturistas em relação ao cenário político brasileiro na última década do Brasil Imperial; seu estudo pode ser “situado junto à discussão do artístico e do ideológico, apontando para suas articulações com outros níveis da vida social”²⁴.

Além da caricatura, a imprensa como fonte também deve ser valorizada. Ela é tomada, conforme salienta Maria Helena Capelato não como um espelho da realidade, mas

[...] como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas²⁵.

No entanto, isso não significa que o historiador tentará trazer uma cópia ou um reflexo do real, pois “o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural”²⁶, mas sim utilizar as informações obtidas nas caricaturas como indícios, detalhes que permitem interpretar as sensações e comportamentos de outro tempo. Assim, o que importa na tarefa do historiador que utiliza jornais como fonte é “desmistificar o seu significado aparente, explicitando que sua roupagem resulta de uma construção”²⁷, ou seja, é necessário interpretar também o que está nas entrelinhas. A proposta de trabalho apontada por Carlo Ginzburg pode ser

²³ VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro...* Op. Cit., p. 90.

²⁴ SILVA, Marcos Antonio. *Caricata República. Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990, p.10.

²⁵ CAPELATO, Maria H. Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988. p.24.

²⁶ GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In:_____. *Mitos, Emblemas, Sinais*. Morfologia e História. Tradução de Federeco Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.157.

²⁷ CAPELATO, Maria H. Rolim. *Imprensa e História...* Op. Cit., p.24.

relacionada com a imprensa ilustrada e com as suas caricaturas, já que elas permitem construir uma rede de informações características de um tempo, possibilitando a análise do historiador através dos rastros deixados nesses registros. Ao lado disso, as considerações apontadas por Maria Helena Capelato são valiosas: apontam como o historiador deve se colocar diante da fonte-jornal e como os questionamentos devem ser direcionados a ela.

O estudo do riso, por sua vez, pode ser tomado a partir das representações, as quais trazem uma série de comportamentos e padrões sócio-culturais significativos de um determinado tempo. Dessa forma, segundo José Rivair de Macedo: “[...] o estudo da história do riso, ligado ao campo das manifestações de sensibilidade coletiva, não deve estar desvinculado das realidades sociais subjacentes à criação cultural. O problema, em nosso entender, não é só o riso em si, mas o que ele pode revelar ou ocultar”²⁸.

A teoria do humor de Henri Bergson²⁹ publicada, inicialmente, em três artigos na *Revue de Paris* em 1899, e reunidos no livro *Le rire: essai sur la signification du comique*³⁰ em 1900, se tornou um dos textos mais utilizados pelos pesquisadores contemporâneos de temáticas que envolvem o riso.

Para Bergson, o cômico não existe fora do que é propriamente humano e deve estar associado a uma função social, pois, ao não considerá-la, ele tem sido visto apenas como uma simples curiosidade para divertir o espírito e o riso um fenômeno estranho, à parte, sem relação com o resto da atividade humana. Por isso é necessário que o riso seja reintegrado, conforme o autor:

Ao seu meio natural, que é a sociedade, é preciso determinar antes de tudo a sua função útil, que é uma função social. Esta será, digamos desde agora, a idéia que há de preceder todas as

²⁸ MACEDO, José Rivair. *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/ São Paulo: Editora da Universidade/UFRGS/Editora da UNESP, 2000, p. 23.

²⁹ Neste trabalho serão utilizadas somente as análises de Sigmund Freud e Henri Bergson. Para outros teóricos, como Aristóteles, Platão, Hobbes e Kant, ver ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Ed. da FGV, 1999. e SALIBA, Elias Tomé. Representações do cômico no cinema e na história: anotações pertinentes e digressões impertinentes. *Estudos de História*. Franca: UNESP, v.4, n.2, 1997, p. 35-55.

³⁰ Todas as citações da obra de Henri Bergson são traduções livres feitas por mim a partir da edição em espanhol.

nossas investigações. O riso deve responder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter um significado social³¹.

Dessa forma, o riso adquire uma função social, na medida em que "aquilo de que se ri é aquilo de que é preciso rir para estabelecer o vivo na sociedade"³². Assim, toda a *rigidez* do corpo, do espírito e do caráter se torna suspeita para a sociedade por ser entendida como uma atividade que se isola do centro comum, em torno do qual ela gravita. A resposta dada para essa rigidez é o riso, o qual corresponde a um *gesto social*: "Esta rigidez constitui o cômico e o riso o seu castigo"³³.

Sigmund Freud em seu livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905)³⁴, abordou uma série de chistes, investigando as formas de expressão e as técnicas verbais e os propósitos encontrados neles para, a partir daí, explicar a sua teoria sobre o riso, a qual, em síntese, defende que o processo de formação dos chistes é semelhante aquele dos sonhos, uma vez que ambos, além da brevidade, têm suas origens no inconsciente³⁵:

Os interessantes processos de condensação acompanhados de formação de substitutivo, reconhecidos como o núcleo da técnica dos chistes verbais, apontam para a formação dos sonhos, em cujo mecanismo tem-se descoberto os mesmos processos psíquicos. Isso vale igualmente, entretanto, para as técnicas dos chistes conceptuais – deslocamento, raciocínio falho, absurdo, representação pelo oposto – que reaparecem, cada um e todos, na técnica de elaboração do sonho³⁶.

Assim sendo, o cômico, que é derivado das “relações sociais humanas”, também possui características mentais ou “naquilo em que estas possam se

³¹ BERGSON, Henri. *La risa. Ensayo sobre la significación de lo cómico...* Op. Cit. p.15.

³² ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento...* Op. Cit., p. 185.

³³ BERGSON, Henri. *La risa. Ensayo sobre la significación de lo cómico...* Op. Cit. p. 23-24.

³⁴ Utilizei a edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. VIII, 1996.

³⁵ Id. Ibid, p. 159.

³⁶ Id. Ibid, p. 89.

manifestar³⁷. Além disso, os chistes possuem o poder de proporcionar um sentimento de prazer no ouvinte, “embora possamos não ter a mínima idéia de como terão adquirido tal poder³⁸. O prazer é a principal função do chiste, no entanto, para que ele aconteça, é necessário que seja contado para alguém, no qual a gargalhada irá se manifestar.

Para Freud o riso acontece no cômico diferentemente daquele proporcionado pelo chiste. No primeiro, duas pessoas no geral são envolvidas: “além de mim, a pessoa (objeto) em quem constato algo cômico³⁹ ou seja, o processo se satisfaz somente entre o eu e o objeto, uma terceira pessoa pode intervir mas não é essencial. Concepção semelhante é apontada por Charles Baudelaire⁴⁰ o qual afirma que o cômico acontece quando há dois indivíduos cara a cara, entretanto, é no espectador que ele é liberado e o riso acontece. As considerações de Freud e Baudelaire podem ser relacionadas ao processo do riso desencadeado pela caricatura, pois, neste caso, o leitor (o eu) do periódico se satisfaz com a imagem do outro identificado nela (objeto), portanto, neste processo também é necessária a presença de duas pessoas, embora a segunda que é o objeto do riso, esteja condicionada à sua representação caricata. Já o chiste necessita de uma outra pessoa a quem deve ser comunicado o resultado: “[...] o processo psíquico nos chistes se cumpre entre a primeira pessoa (o eu) e a terceira (a pessoa de fora) e não, como no caso do cômico, entre o eu e a pessoa que é o objeto⁴¹. Ou seja, no chiste é necessário: uma pessoa para contá-lo, uma segunda (objeto), mas é somente numa terceira que o riso acontece. Pode se deduzir, portanto, que o riso é um processo social, pois ele nunca ocorre sozinho, e conforme apontado anteriormente, ele se manifesta nas relações sociais humanas, e é nelas que as formas de manifestação do humor devem ser investigadas.

³⁷ Id. Ibid, p.178.

³⁸ Id. Ibid, p.95.

³⁹ Id. Ibid, p. 138.

⁴⁰ BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre Arte*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: USP, 1991. p.50.

⁴¹ FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação ...* Op. Cit., p.139.

Freud, apesar de enfatizar a questão dos chistes, também abordou outras manifestações que provocam o riso, por exemplo, a caricatura. O cômico das formas ou dos traços faciais resulta de um movimento exagerado:

Se um traço cômico como esse, que fora desconsiderado inexistente na realidade, a caricatura não hesita em criá-lo, exagerando algo que não é cômico em si mesmo; o fato de que o efeito da caricatura não seja essencialmente diminuído por esta falsificação da realidade indica, uma vez mais, a origem do prazer cômico⁴².

Dessa forma, o que se pretende neste trabalho é tomar o cômico da caricatura como possuidor de uma função social, como atesta Henri Bergson, como também o fato dele somente ocorrer nas relações sociais humanas, como enfatizado por Sigmund Freud. Essas considerações são importantes para a análise da imprensa pelotense, porque ajudam a entender que além da sátira presente nas caricaturas, elas também foram concebidas com a finalidade de informar o leitor, entre outros aspectos, sobre as atividades políticas, ou seja, as mensagens passadas possuíam, concomitantemente, um tom humorístico e de seriedade, constituindo assim sua função social de divertir e informar o leitor. Cabe destacar que as imagens que serão analisadas, em alguns casos não caracterizam uma caricatura nos moldes que a identificam, mas sim um desenho humorístico que satiriza uma pessoa ou um acontecimento. No entanto, eles provocavam o mesmo efeito produzido pela caricatura, qual seja, despertar o riso naquele que aprecia.

Imagem e História

A caricatura faz parte de um conjunto maior de fontes, as quais os historiadores, em especial nos últimos anos, transformaram em objetos de suas pesquisas. Além da caricatura, se enquadram, nesta categoria, entre outros,

⁴² Id. Ibid, p.188.

fotografias, estátuas, pinturas, desenhos, literatura de cordel, gravuras, propagandas, histórias em quadrinhos e o cinema.

Ivan Gaskell afirma que muitos historiadores ficam mais à vontade quando pesquisam com fontes escritas do que com material visual, no entanto: “[...] alguns historiadores têm proporcionado valiosas contribuições à nossa visão do passado – e do local em que nele está inserido o material visual – usando as imagens de uma forma sofisticada e especificamente histórica”⁴³.

Conforme salientam Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad o que motivou os historiadores a investigar as imagens foi:

[...] uma total transformação da ótica tradicional da história. Não mais uma história do individual, das singularidades de uma época, sintetizada na idéia de uma narrativa dos grandes fatos e dos grandes vultos. [...] De lá para cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador⁴⁴.

Para Peter Burke a imagem é uma transmissão de uma testemunha ocular de uma determinada época, ele considera que “imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular”⁴⁵. Um exemplo, citado por ele, é a imagem de um casal chamada “retrato de Arnolfini”, localizada na Galeria Nacional

⁴³ GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p.237. Isso ocorreu no Brasil especialmente a partir dos anos 1990 quando se ampliaram as pesquisas sobre os periódicos ilustrados e humorísticos do século XIX e as revistas da República Velha. O mercado editorial, desde então, tem apresentado diversos resultados de trabalhos historiográficos, em sua maioria originários de dissertações e teses, elaborados através de pesquisas com este tipo de material, enfatizando as imagens humorísticas e seus criadores, representativos das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. Como exemplos vale citar as obras: CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; AESP, 2000; SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1996.

⁴⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema In: _____, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p402.

⁴⁵ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular. História e Imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004. p17-18.

de Londres. Nela, consta a inscrição: “Jan van Eyck esteve aqui”, como se o pintor fosse uma testemunha ocular do casamento representado por ele na tela.

Já Michel Vovelle, ao analisar imagens da Revolução Francesa, afirma serem elas próprias testemunhas e “construtoras” do real: “[...] a imagem que testemunha, que relata e que contribui, por si só, para construir o acontecimento em toda sua espessura política, social e cultural”⁴⁶. Ainda conforme o autor, a imagem exprime o tempo próprio do acontecimento, por isso ela “[...] no sentido mais amplo do termo, transmite um testemunho privilegiado, tanto direto como oblíquo, massificado ou único. Muito mais do que uma ilustração acompanhando e comentando, a imagem se tornou parte integrante da elaboração de um discurso, que não pode prescindir dela”⁴⁷.

Jacques Aumont, por seu turno, afirma que as imagens foram produzidas em todas as sociedades para determinados usos, individuais ou coletivos, quer sejam eles de propaganda, de informação, religiosos, ideológicos, etc.: “As ‘funções’ da imagem são as mesmas que, no curso da história, foram também as de todas as produções propriamente humanas, que visavam estabelecer uma relação com o mundo”⁴⁸.

Estas formulações sobre como trabalhar com a imagem não divergem, ao contrário, se complementam, especialmente quando aplicadas à análise das imagens da imprensa ilustrada pelotense. Apesar de não tratarem especificamente de caricaturas ou desenhos humorísticos, elas contribuem na medida em que apresentam a imagem não como uma ilustração, mas como uma transmissão de uma determinada época. Adaptando essas concepções para a análise das imagens da imprensa pelotense, é mister considerar que elas são dotadas da mesma especificidade daquelas abordadas pelos autores, já que permitem evidenciar através de seus traços o tempo próprio do acontecimento. As imagens constituem à “construção” de uma visão do mundo político dos caricaturistas e que é passado ao leitor; a queda de um Ministério ou a Abolição dos Escravos, por

⁴⁶ VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História*. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997. p.22.

⁴⁷ Id. *Ibid.*, p.31.

⁴⁸ AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papyrus, 1993, p.78-80.

exemplo. Sendo assim, as imagens não serão tratadas como ilustrações daquilo que o texto narra, mas elas serão tomadas como documentos passíveis de serem lidos pelo historiador: “Em outras palavras, historiadores – como de costume – têm de se questionar sobre quem estava contando a história, deste modo, e para quem, e quais poderiam ter sido suas intenções ao assim fazê-lo”⁴⁹.

Imagem e Representação

A noção de representação e a própria palavra foram acumulando várias formas de interpretação e significação. O conceito foi desenvolvido por autores de diversas áreas como sociologia, artes e história, portanto, “é difícil atribuir-lhes um único sentido, universal e eterno”⁵⁰.

Representação tanto como “dando a ver uma coisa ausente” ou como “exibição de uma presença”⁵¹ deve ser tomada como um “[...] instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de figurar tal como ele é”⁵². Para Roger Chartier é através das representações que os “indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo”⁵³. As concepções do autor são baseadas nas formulações de Emile Durkheim e Marcel Mauss feitas no início do século XX. Ele propõe um retorno a esses dois importantes teóricos e à noção de “representação coletiva”, para pensar-se numa história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos que “[...] à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse”⁵⁴. Ou ainda:

⁴⁹ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular...* Op. Cit., p.193.

⁵⁰ AUMONT, Jacques. *A Imagem...* Op. Cit., p.103.

⁵¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.p.20.

⁵² AUMONT, Jacques. *A Imagem...* Op. Cit., p.104.

⁵³ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia a História entre certezas e Inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002, p.66.

⁵⁴ Id. Ibid., p.19.

Não existe prática que não se articule sobre as representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido de sua existência – um sentido escrito nas palavras, nos gestos, nos ritos. É por essa razão que os mecanismos que regulam o funcionamento social, as estruturas que determinam as relações entre os indivíduos devem ser compreendidos como o resultado, sempre instável, sempre conflituoso, das relações instauradas entre as percepções opostas do mundo social⁵⁵.

Segundo Pierre Bourdieu as representações devem ser tomadas a partir das variações entre a posição e os interesses dos agentes no mundo social e seu *habitus*, ou seja “as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social”⁵⁶. Dessa forma, além da realidade social deve ser tomada também a percepção dessa realidade, as visões de mundo, ou seja, “[...] as perspectivas, os pontos de vista que, em função da posição que ocupam no espaço social objetivo, os agentes tem sobre essa realidade”⁵⁷.

Dessa forma, a imagem não deve ser tomada como “um reflexo da realidade social” e nem como um “[...] sistema de signos sem relação com a realidade social”, mas como testemunhas, “pelas quais indivíduos ou grupos vêm o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação”⁵⁸. Deste modo, o imaginário deve ser considerado a partir das relações entre a realidade social e o sistema de representações⁵⁹. Conforme salienta Bronislaw Baczko, o imaginário social é

[...] um aspecto da vida social, da atividade global dos agentes sociais, cujas particularidades se manifestam na diversidade dos seus produtos. Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer

⁵⁵ CHARTIER, Roger. *Leituras e Leitores da França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. da Universidade/UNESP, 2004, P.18.

⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 158.

⁵⁷ Id. *Ibid*, p.156-57.

⁵⁸ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular...* Op. Cit., p.232.

⁵⁹ PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: GOFF, Jacques le (Org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.300.

coletividade produz e através da qual, como disse Mauss, ele se percebe, divide e elabora os seus próprios objetivos⁶⁰.

O imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva, controlando também o exercício da autoridade e do poder. É nele que o poder encontra uma maneira de legitimação: “[...] qualquer instituição social, designadamente as instituições políticas, participa assim de um universo simbólico que a envolve e constitui o seu quadro de funcionamento”⁶¹.

A noção de representação pode ser aplicada no estudo das imagens e textos dos periódicos, uma vez que a fonte não apresenta o passado tal como ele ocorreu como se fosse um reflexo ou uma cópia do real; É possível afirmar que a análise da imprensa ilustrada permite interpretar como a realidade social foi construída e transmitida através de uma visão de mundo, ou seja, demonstram como aquele pequeno grupo de homens via, entre outros aspectos, as atividades políticas na última década do Brasil monárquico e como elas eram comunicadas aos leitores, de acordo com suas intenções, posições e interesses (político-partidárias, ideológicos ou ainda, particulares): “ao registrar o momento histórico, o fato político significativo do dia, compõe, de certa maneira, um aspecto da personalidade de seu jornal, identifica uma tendência, firma uma posição”⁶². Destarte, tanto os textos como as ilustrações podem ser tratadas como *re-representações* do passado vinculado à visão particular da imprensa ilustrada. Cabe ressaltar que essa discussão deve ser tomada concomitante às formulações realizadas no tópico anterior, ou seja, deve ser valorizado o assunto que foi tratado/representado na própria imagem ou na parte textual que exprimem as opiniões/visões dos caricaturistas, jornalistas e colaboradores.

Dessa forma, o presente trabalho será norteado na análise das representações do mundo político, valorizando, como anteriormente afirmado, quem produziu as imagens, qual o conteúdo delas e para qual fim foram

⁶⁰ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Tradução de Rui Pereira e Teresa Bento. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1985, vol.5, p.309.

⁶¹ Id. *Ibid.*, p.310.

⁶² LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos presidentes... Op. Cit., p. 310.

produzidas, pois, conforme atesta Peter Burke “[...] as imagens são testemunhas dos arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e pensar o passado”⁶³.

Por fim, antes de apresentar a estrutura dos capítulos, destaco que os periódicos pesquisados totalizam aproximadamente 300 números⁶⁴, os quais, em sua maioria, chegaram ao presente em bom estado de conservação, o que me possibilitou acompanhá-los na sua circulação semanal. A guarda e a conservação couberam à Biblioteca Pública Pelotense e à Biblioteca Pública Rio-Grandense⁶⁵, em ambas coleções faltam alguns números, mas constatei que, ao somá-las elas se completam. Apesar de ainda apresentarem condições para pesquisa, especialmente pela qualidade do papel no qual foram impressos, estes periódicos podem sofrer conseqüências com o mau estado de conservação das bibliotecas. As duas construções datam do século XIX e atualmente apresentam uma série de problemas como cupins, instalações elétricas precárias e umidade. Contudo, há um grande interesse por parte dos funcionários e dos pesquisadores que “transitam” nesses acervos, contribuindo, na medida do possível, para a conservação deles, porém a falta de recursos para um armazenamento eficaz, pode, no futuro, deteriorar irreversivelmente os jornais, “apagando” um pedaço muito importante da história da cidade de Pelotas.

No **primeiro capítulo** trato brevemente do aparecimento da imprensa ilustrada no Brasil. Assim optei porque ao longo dos meses de pesquisa constatei

⁶³ Id. Ibid., p.234.

⁶⁴ Em 2003 foram feitas por mim aproximadamente 900 fotografias das imagens dos periódicos. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa e da elaboração da dissertação, procurei agrupá-las por temática e relacioná-las aos conteúdos que seriam desenvolvidos em cada capítulo. Assim, foram escolhidas 49 ilustrações inseridas no corpo do texto.

⁶⁵ Vale destacar a existência de vários exemplares do *Cabrion* na Biblioteca Nacional/RJ não usados na pesquisa porque, além da coleção estar deteriorada e não disponível à pesquisa, as coleções acima citadas a contemplaram.

que outros periódicos serviram de modelo para os caricaturistas de Pelotas. No entanto, ressalto que a tônica do presente capítulo é a imprensa ilustrada pelotense: a apresentação, os caricaturistas e colaboradores e as posições políticas. Embora a proposta da dissertação seja averiguar as representações relacionadas à questão política, considere importante apresentar os periódicos e seus responsáveis, uma vez que o trabalho ficaria incompleto se eles fossem desprezados.

Analiso a produção artística relacionada à administração pública da cidade de Pelotas no **segundo capítulo**. Trato especificamente das críticas dirigidas à Câmara Municipal e questões relacionadas ao cuidado com a cidade, como a limpeza das ruas, serviços urbanos, doenças e progresso.

O **terceiro capítulo** destina-se à parte concernente à política nacional. Neste, escolhi trabalhar, em grande medida, com as questões relacionadas à crise do sistema imperial: imagens de Dom Pedro II, da Princesa Isabel, anticlericalismo e algumas pinceladas na imigração. Outra parte dirige-se aos Conselhos de Ministros e aos seus presidentes. Vale destacar que elegi trabalhar, concomitante a esta temática, a repercussão desses acontecimentos na política local, relativa não só àquela da cidade como também a provincial, porque, na maioria dos casos, o que ocorria no cenário político nacional era refletido na Província e tratado conjuntamente pelos jornais. Quando da Abolição da Escravatura, por exemplo, *A Ventarola* não a noticiou somente como um acontecimento ocorrido na Corte, mas abordou também o impacto que a notícia teve na cidade. Complemento esta parte da análise, justamente com a questão da abolição e da Escravidão, entendida como um dos problemas que levaram o Império ao colapso. No último tópico do capítulo abordei as representações dos Presidentes da Província do Rio Grande do Sul.

Às questões referentes ao republicanismo dediquei o **quarto** e último **capítulo**. Assim procedi devido à grande circulação desse assunto nos jornais, sobretudo em *A Ventarola*. Num primeiro momento optei por investigar o desenvolvimento da propaganda republicana em Pelotas, visto que ela constitui

uma temática que ainda necessita ser pesquisada, assim como aquela desenvolvida no resto da Província do Rio Grande do Sul. Dividi este capítulo em três vertentes: a simbologia republicana; as atividades republicanas desenvolvidas durante a propaganda e a recepção da Proclamação da República em *A Ventarola*.

1 TRAÇOS DO HUMOR: A IMPRENSA ILUSTRADA E SEUS JORNALISTAS

“Elas [as caricaturas] revelam o conhecimento produzido pelo artista, uma representação do real. Uma representação às vezes um tanto hiperbólica, mas a sua narrativa histórica. Narrativa em geral bem-humorada, satírica, corrosiva, às vezes dramática, trágica mesmo. É que a sensibilidade do artista se confunde com a do cidadão diante dos tortuosos rumos da humanidade, que tanto fazem rir como chorar”¹

Breve introdução ao surgimento da imprensa ilustrada no Brasil

O jornalismo no Brasil surgiu relativamente tarde. Seu desenvolvimento somente começou após a chegada da Família Imperial Portuguesa em 1808, ano da fundação da Imprensa Régia. No período entre os anos de 1821 e 1822 surgiram vários jornais que desempenharam um papel importante no desenvolvimento do processo político, que culminou na Independência do Brasil. Em parte, o que motivou o aumento de jornais foi a Revolução Constitucionalista do Porto em 1820, que acabou com a censura prévia às matérias, permitindo, assim, a liberdade de imprensa. Em seguida, a deliberação foi acatada pelo príncipe-regente Dom Pedro, o que favoreceu o aparecimento das primeiras tipografias independentes da oficial². Apesar de rudimentar nas técnicas e caracterizado por uma produção artesanal, o jornalismo encontrou na realidade política brasileira das primeiras décadas do século XIX uma fonte para exercer sobre ela uma extraordinária influência e se desenvolver. A forma simples, caracterizada pela virulência da linguagem, traduz com uma fidelidade exemplar, o

¹ LEMOS, Renato (Org.) *Uma história do Brasil através da Caricatura. 1840-2001*. Rio de Janeiro: Bom Texto/Letras & Expressões, 2001, p.05.

² Sobre a história da imprensa no Brasil ver: BAHIA, Juarez. *História, jornal e técnica. História da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990; LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço – o surgimento da imprensa de humor no Brasil. *Comunicação e Política*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Latino Americanos – CEBELA, vol. V, jan-abr-1998, p. 169-195; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

que “a época tinha de melhor, de mais expressivo, de mais genuíno, de mais popular, de mais democrático”³.

Circulando concomitante ao jornalismo diário o qual era, em grande parte, político-partidário, surgiram vários pequenos jornais publicados semanalmente que se identificavam como ilustrados, literários ou humorísticos. Com as técnicas da gravura, os periódicos humorísticos passaram a contar com mais uma aliada à realização das críticas: a caricatura, que permitiu conjugar a atração visual do desenho com o humor⁴. No Brasil, as primeiras caricaturas apareceram em 1837, no Rio de Janeiro, em folhas soltas dentro do *Jornal do Comércio* e de autoria de Manoel de Araújo Porto Alegre⁵.

O lançamento do periódico ilustrado *Lanterna Mágica*, em 1844, na Corte, tornou-se o marco deste gênero de imprensa no Brasil, pois sua fundação trouxe a caricatura integrada ao corpo do jornal e a partir dele iniciou-se o ciclo das publicações com desenhos humorísticos⁶. Neste periódico atuaram como caricaturista Rafael Mendes de Carvalho e na parte escrita Araújo Porto Alegre. Este havia estudado arte e arquitetura no Rio de Janeiro e fora encaminhado à Paris por Jean Baptiste Debret, seu professor⁷. Após uma temporada de seis anos, regressara influenciado pela caricatura francesa⁸: “Forçosamente Porto

³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil...* Op. Cit., p. 180.

⁴ Id. Ibid., p. 202-203.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Porto Alegre Caricata*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 22.

⁶ Antes da *Lanterna Mágica*, houve outros periódicos de vida efêmera, como o *Carcundão* publicado em Pernambuco e *O Martelo e Cegarrega*, no Rio de Janeiro, todos em 1831. No entanto, nenhum deles possuiu as qualidades e a periodicidade da *Lanterna Mágica*. Cf.: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p.69.

⁷ SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel. A Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996, p.34.

⁸ No século XIX, apareceram as primeiras revistas satíricas francesas: *La Caricature* (1830), *Le Charivari* (1832) e *Le Journal Pour le Rire* (1837), todas fundadas por Charles Philipon, que também era um dos desenhistas, juntamente com Honoré Daumier. Esses periódicos se notabilizaram por suas caricaturas políticas; foi de autoria de Philipon, por exemplo, a famosa série na qual uma pêra, através da seqüência dos quadros, era transformada no rosto do Rei Louis Philippe. Na época, a palavra pêra era utilizada como sinônimo de “estúpido” ou “burro”. Quase ao mesmo tempo, surgiu, em 1840 na Inglaterra, *Punch* revista satírica que aperfeiçoou a caricatura política na imprensa britânica e foi através dela que o termo *cartoon* se popularizou. Cf.: FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p.69-70; SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel...* Op. Cit. p.31.

Alegre conheceria o imenso prestígio das caricaturas políticas de Daumier, contra Luis Felipe. Daí a idéia de explorar um gênero artístico desconhecido no Brasil”⁹.

A partir da segunda metade do século XIX a imprensa ilustrada brasileira teve um maior desenvolvimento através do surgimento de vários periódicos e revistas com imagens de humor, impulsionados pelo melhoramento das técnicas de impressão:

O século XIX foi aquele que viu nascer as revistas humorísticas, estimuladas pelos avanços nas técnicas de impressão e reprodução que possibilitaram o aumento das tiragens e o conseqüente aumento do público leitor. Esta associação entre humor e imprensa, especialmente destacada nos países europeus, também ocorreu nos principais centros urbanos brasileiros, embora tenha sido um pouco mais tardia, já que os processos de modernização da imprensa no Brasil foram lentos e concentraram-se nas três últimas décadas do século XIX¹⁰.

Estas considerações feitas por Elias Saliba ao analisar os casos da imprensa ilustrada nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, foram averiguadas também na Província do Rio Grande do Sul em suas três principais cidades: Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. É possível considerar que o desenvolvimento da imprensa ilustrada na província foi impulsionado pelo crescimento econômico que proporcionou a urbanização, o incremento das atividades culturais e as inovações tecnológicas.

Em São Paulo, por exemplo, nas três últimas décadas do século XIX, houve um crescimento da circulação de materiais impressos. Conforme Heloísa Cruz¹¹ a imprensa periódica acompanhou o ritmo de desenvolvimento da cidade, o que se confirmou no século seguinte, com o grande número de jornais publicados em São Paulo durante a República Velha.

⁹ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil...* Op. Cit., p. 83.

¹⁰ SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.38.

¹¹ CRUZ, Heloísa de Faria. (Org.) *São Paulo em Revista. Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana.* São Paulo: Arquivo do Estado, 1997, p. 22. Ainda sobre a imprensa paulistana: CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915.* São Paulo: EDUC; FAPESP; AESP, 2000; MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempo de república. São Paulo (1890-1922).* São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

Cabe destacar ainda, a participação de imigrantes na confecção dos jornais; o que também foi averiguado, como será tratado a diante, em Pelotas. Em 1860 o alemão Henrique Fleiuss fundou no Rio de Janeiro a revista *Semana Illustrada*. Formado em Belas Artes na Alemanha, Fleiuss criou uma tipografia que mais tarde foi transformada por Dom Pedro II em Imperial Instituto Artístico¹². Devido às relações de amizade e apoio mantidas com o poder monárquico, Fleiuss foi alvo dos demais chargistas, especialmente daquele considerado o principal caricaturista do século XIX: Angelo Agostini. Este iniciou a carreira em São Paulo, publicando dois periódicos: *Diabo Coxo* (1864-1865) e *O Cabrião* (1866-1867); posteriormente mudou-se para a Corte colaborando nas revistas *O Mosquito* e *Vida Fluminense*. Com a publicação do periódico *Revista Illustrada* recebeu maior notoriedade na Corte colocando seu traço “a serviço das principais questões que dilaceram a sociedade da época”¹³. Herman Lima destaca a importância de Agostini e de sua revista na

[...] fixação da vida política do Brasil justamente no mais vivo período de transição da Monarquia para a República, assim como pela imensa repercussão que teve no desenvolvimento da nova geração de caricaturistas nacionais, de norte a sul do país, nenhuma publicação se equipara à *Revista Illustrada*, como nenhum mestre estrangeiro foi mais decisivo do que Angelo Agostini¹⁴.

A história da imprensa no Rio Grande do Sul foi investigada por Ato Damasceno Ferreira¹⁵ em duas importantes coletâneas para o historiador da caricatura do século XIX. Em suas obras, apresentou um panorama geral dos principais periódicos de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas e colocou os caricaturistas ao lado de artistas plásticos, apresentando um pequeno verbete sobre cada um deles. Essas obras possuem um tom descritivo que visam somente elencar os periódicos e apresentar quem são seus caricaturistas numa narrativa,

¹² TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001, p. 09.

¹³ Id. Ibid., p. 16.

¹⁴ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil...* Op. Cit., p. 116.

¹⁵ FERREIRA, Ato Damasceno. *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1964; _____, Ato Damasceno. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

um tanto romanesca, na qual apresenta informações sem referências das fontes abordadas. No entanto, compreendendo que estas preocupações não tangenciavam a análise do autor, suas obras são importantes pelas “pistas” que apresentam. As referências, que na seqüência serão tratadas, sobre a atividade de Eduardo Guerra, um dos caricaturistas que atuou no *Cabrion*, foram importantes à compreensão dos conflitos nos quais se envolveu e de seu percurso após sua saída de Pelotas¹⁶.

Esta síntese da história e desenvolvimento do jornalismo no Brasil e particularmente da imprensa ilustrada é importante para a análise do processo ocorrido em Pelotas. A imprensa periódica pelotense não foi somente inspirada pelos periódicos mais antigos mas utilizou-os como modelo, em especial, a imprensa fluminense. Na época, estes jornais possuíam grandes tiragens e tinham circulação nacional com representantes em várias províncias, inclusive na Província do Rio Grande do sul¹⁷. Foi possível averiguar, ao menos, duas semelhanças entre os periódicos fluminenses e os pelotenses: no modelo usado na divisão das páginas, 4 de texto e 4 de ilustrações e na reprodução de caricaturas, especialmente da *Revista Illustrada*. Há imagens, sobretudo retratos, que apresentam indicações que remetem à “fonte” que serviu de modelo, como “de uma foto recente” ou “da *Revista Illustrada*” ou somente “RI”, por exemplo. Em *A Ventarola*, foi possível identificar uma seqüência de caricaturas sobre Dom Pedro II¹⁸ e outra sobre a fuga de escravos reproduzidos de periódicos fluminenses. O primeiro caso não indicava a autoria e nem a fonte; a semelhança foi averiguada a partir de uma reprodução publicada na obra de Araken Távora¹⁹. O autor não indicou a data na qual as ilustrações foram publicadas na *Revista Illustrada* e nem o caricaturista, mas, certamente, elas pertencem a Angelo

¹⁶ Sobre a imprensa ilustrada de Rio Grande ver: ALVES, Francisco das Neves. *Imagens e Símbolos: A caricatura rio-grandina e o discurso político-partidário no século XIX*. Rio Grande: Ed. da Universidade/FURG, 1999. Na obra o autor analisou quais os significados da simbologia empregada pelos caricaturistas ao se referirem às atividades políticas do período imperial.

¹⁷ Uma das distribuidoras no Rio Grande do Sul era a Livraria Echenique, com sede em Pelotas e filial em Porto Alegre. Isso foi constatado em vários exemplares da *Revista Illustrada* que pertencem ao acervo do Museu Hipólito Jose da Costa, e trazem o carimbo da livraria. Ao lado disso, o *Cabrion*, às vezes salientava que a Livraria Americana “se lembrou de nós”, enviando um exemplar da *Revista (Cabrion)*, 18/07/1880).

¹⁸ A seqüência de quadros sobre Dom Pedro II está reproduzida no capítulo 3.

¹⁹ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976, p. 98-100.

Agostini. Já o segundo caso foi verificado na *Revista Illustrada* de 30 de setembro de 1887 conforme a imagem veiculada no artigo de Hebe Mattos²⁰. A ilustração foi reproduzida no jornal pelotense em 30 de outubro de 1887, nº 30, p. 04, cerca de um mês após a circulação daquela, com a indicação. Além disso, as legendas que acompanham as ilustrações são parecidas no primeiro caso e iguais no segundo.

Provavelmente a não indicação da origem foi um descuido ou então demonstra a inexperiência do caricaturista pelotense em “citar as fontes” no início da publicação do periódico uma vez que, nos anos subsequentes, todos os retratos reproduzidos de outros semanários indicavam a fonte. Vale destacar, contudo, a originalidade dos desenhos humorísticos e caricaturas dos periódicos pelotenses, ou seja, a parte ilustrada não foi elaborada somente através de reproduções de outros periódicos, mas eles foram concebidos, em sua maioria, a partir de notícias ou acontecimentos nacionais ou locais. Dessa forma, pode-se dizer que foi possível averiguar na análise da imprensa ilustrada pelotense relação com a citação acima retirada da obra de Herman Lima sobre a influência de Angelo Agostini, e conseqüentemente da sua *Revista* no desenvolvimento da imprensa ilustrada brasileira e, neste caso, na pelotense.

Os periódicos e seus jornalistas em Pelotas

Os três periódicos pesquisados – *Cabרון* (1879-1881), *Zé Povinho* (1883) e *A Ventarola* (1887-1889) – foram publicados em pequeno formato (22 x 32cm), com circulação semanal e compostos por oito páginas. A técnica utilizada à realização das ilustrações era a litografia²¹. Eles apresentavam, na primeira

²⁰ MATTOS, Hebe Maria. A face negra da Abolição. *Nossa História*. Rio de Janeiro: Vera Cruz, ano 2, nº 19, maio de 2005, p. 17.

²¹ “A litografia baseia-se na repulsão que a água tem pela gordura e vice-versa. Numa pedra calcárea, o desenho é feito por lápis gorduroso (o chamado *crayon litográfico*) ou tinta, também gordurosa, aplicada a pincel ou caneta. Uma solução ácida fixa a gordura à pedra. A impressão é planográfica, realizada numa prensa litográfica que, assim como a prensa calcográfica, se compõe de uma ‘cama’ com movimentos de vai-e-vem, onde se coloca a pedra. Sobre a pedra entintada é colocado o papel, bem liso, a receber a impressão e, por cima, um cartão de proteção. Antes de se proceder à entintagem, a pedra é molhada. A parte sem gordura absorve a água, ficando úmida, enquanto a parte engordurada repele-a. Nas áreas da pedra sem desenho, que permanecem úmidas, a tinta é recusada. Embora as litografias sejam facilmente reconhecidas

página, um frontispício bem trabalhado e a figura de alguém de destaque para aquela edição. O recurso era uma forma de homenagear uma pessoa, que poderia ser um comerciante, fazendeiro ou poeta, bem como atores, políticos, músicos, com inserção local ou nacional. Nestes casos, essas ilustrações conhecidas como *portrait-charge*, sempre destacavam a cabeça da figura, aproximando-se mais do retrato do que de uma caricatura propriamente dita, podendo ser consideradas, em grande parte, como autênticos retratos²². Geralmente, eram homens, entretanto, algumas edições eram ornadas com figuras femininas (pianistas ou violinistas, poetisas ou atrizes), fato constatado, em especial, n'A *Ventarola*. Outro artifício empregado na primeira página foi as homenagens póstumas, sobressaindo-se o periódico *Zé Povinho*, que dos dezesseis números ilustrados, 12 contiveram uma homenagem na primeira página, sendo 6 póstumas.

Certamente, as pessoas não pagavam para veicular seus retratos nos periódicos, a publicação era apenas uma forma de homenagem prestada pelo jornal. Quando eram veiculados retratos pagos, essa condição era anunciada. Um exemplo é o retrato de João Francisco dos Santos, homenagem da Sociedade Fraternidade Artística publicado na página 8, do dia 23 de maio de 1881, no *Cabrion*. O Jornal *Diário de Pelotas*, numa nota publicada logo após o aparecimento d'A *Ventarola* em 1887, destacava que, naquela edição, a veiculação do retrato do “honrado industrialista e estimável cavalheiro Sr. Jacob Klaes” era uma “homenagem bem merecida” (*Diário de Pelotas*, 18/07/1887). Além da primeira página, às vezes, apareciam retratos de corpo inteiro ou da cintura para cima nas páginas 4 e 5. O *Cabrion*, por exemplo, anunciava, posteriormente, a venda desses retratos na litografia a 500 réis cada um (*Cabrion*, 27/03/1881).

pela granulação característica – efeito causado pelo lápis desenhado sobre a pedra – é possível também imprimir chapadas, em traços ou planos, bastando para isso aplicar a tinta sobre a pedra, com pincel ou caneta, para obstruir completamente os orifícios da mesma. Já o *crayon*, dependendo da força com que é usado, penetrará mais ou menos na granulação da pedra, de forma que, ao se fazer a impressão, esta fica visível” Cf.: ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus/Edições Biblioteca Nacional, 2004, p.84.

²² LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil...* Op. Cit., p. 110.

Embora os retratos representem a maioria das primeiras páginas, os periódicos também a usavam para dar ênfase a determinado assunto criticando-o, assim como o descaso da administração pública para com a cidade e questões relacionadas à política. Outras temáticas como discordâncias com jornalistas, festas de São João e o carnaval foram alguns dos demais assuntos que “deram manchete” na primeira página dos periódicos.

A segunda e terceira páginas eram preenchidas com o editorial, as notícias da semana sobre a cidade, ou de Rio Grande, via correspondente, notícias do resto do Império e, às vezes, eventos internacionais. Os artigos, as crônicas e as cartas também apareciam nessas páginas, geralmente se estendendo até a sexta e a sétima páginas, as quais, concentravam a parte literária do jornal. Publicavam-se contos, poesias, romances, sonetos, charadas, piadas e logogrifos. Entre os autores publicados, havia literatos conhecidos, como o português Guerra Junqueiro. Também, vários colaboradores locais, entre os quais se destacavam Francisco Lobo da Costa e Bernardo Taveira Junior. Ao lado desses, outros provenientes de camadas mais populares, trabalhadores especializados que se dedicavam à literatura em suas horas vagas, como Julio Soeiro e Carlos Bandeira Renault²³.

A grande maioria dos editoriais e artigos não apresentava o autor ou então vinham assinados por pseudônimos, alguns relativos ao nome do jornal: Ventaroleiro, Cabrion e Zé Povinho ou somente Zé; outros criativos: Hanyang-Tching, Flick, Marylandico, Ptplet, Bé-bé, Ket, Simplicio, João Risota e Le Petit; ainda, alguns com nomes de pessoas conhecidas e que provavelmente não eram os verdadeiros autores: Machiavel, Sophocles, Molière, Voltaire e Salomão. A hipótese mais provável sobre a autoria desse material escrito é a de que além dos proprietários-responsáveis (Eduardo Guerra, Francisco Rodrigues Noronha e Eduardo Chapon) colaborarem como autores, uma parte era escrita pelos próprios literatos. Essa condição foi verificada n’A *Ventarola* em 1889, que, por alguns meses, teve como redator o poeta Francisco de Paula Pires.

²³ LONER, Beatriz Ana. Trabalhadores e Literatura em Pelotas no Século XIX. In: *Anais do VI Encontro Estadual de História*. [recurso eletrônico] Passo Fundo:UPF 2002c, p. 04.

Já as ilustrações ocupavam metade do jornal; eram destinadas a elas a quarta, quinta e oitava páginas. Luiz Teixeira destaca que as charges dos periódicos fluminenses na Monarquia se notabilizaram pelo “engajamento político, pluralidade de quadros e abundância de textos”, marcada pela quadrinização “sincronizada no tempo e ordenada no espaço”²⁴. Concepção semelhante foi averiguada na imprensa ilustrada pelotense, que utilizava esse recurso para noticiar com uma ótica diferenciada da imprensa diária. Muitos dos assuntos eram abordados numa espécie de “história em quadrinhos”, ou seja, a temática era apresentada em quadros preenchidos por ilustrações acompanhadas de legendas. Em outros casos, eram apresentados vários quadros cada um com um assunto diferente. Em grande parte, a quarta e a quinta páginas eram divididas em dois quadros cada uma e a oitava em três.

Outra característica destes periódicos foi a utilização de um personagem que representava o jornal, participando nos mais variados assuntos e opinando sobre eles. O uso de personagens-símbolos revela outra influência dos periódicos do Rio de Janeiro, que, por sua vez, se inspiraram nos personagens criados pelas revistas francesas. Na *Lanterna Mágica*, Porto Alegre criou Laverno e Belchior, dois personagens que satirizavam a cidade e seus habitantes; eles foram cópias da dupla *Robert Macaire* e *Bertrand* criada pelo caricaturista francês Honoré Daumier²⁵. Outro personagem foi o Dr. Semana, sempre acompanhado do moleque escravo, criado por Henrique Fleiuss na *Semana Ilustrada*; ele é descrito por André Toral como “um solteirão que morava com um casal de jovens escravos, sendo o principal o ‘moleque’”²⁶. No caso pelotense, tanto o *Cabrion* como o *Zé Povinho*, emprestavam seu nome ao personagem, já *A Ventarola* empregava o termo Ventaroleiro. Geralmente era um menino carregando o porta-*crayon* (lápiz gorduroso) – um dos seus instrumentos de trabalho – e às vezes, caracterizado ou fantasiado com o tema sobre o qual opinava, ou ainda aparecia conversando com as pessoas retratadas nos desenhos.

²⁴ TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O traço como texto...* Op. Cit., p. 17.

²⁵ Id. Ibid., p.09.

²⁶ TORAL, André. *Imagens em desordem. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. p. 63-64.

Os valores cobrados pelas assinaturas dos periódicos não variaram muito ao longo do período abrangido. O *Cabrimon* manteve o mesmo preço durante os três anos de circulação e o *Zé Povinho* poderia ser assinado ou comprado pelo mesmo valor do anterior. A *Ventarola* apresentou o mesmo valor dos anteriores no primeiro ano de circulação, elevou-os nos anos seguintes e nos últimos meses, após modificar o formato, reduziu-os. Na página seguinte, segue um quadro com os valores e modalidades de assinaturas dos periódicos e, no final, as variações dos valores de assinatura do jornal *Diário de Pelotas* e do periódico *Revista Ilustrada*, este no início dos anos 1880. Cotejando esses valores, verificou-se que uma assinatura de uma folha ilustrada era proporcionalmente mais cara se comparada ao jornal diário, o qual possuía uma periodicidade maior do que o ilustrado. Já em relação com os preços das assinaturas do periódico fluminense notou-se que eles foram semelhantes, portanto, as despesas para veicular um periódico ilustrado no século XIX não eram muito diferentes, não importando o local de sua publicação. As ilustrações eram o motivo principal que ocasionava a elevação do valor dos periódicos. Pedidos solicitando aos assinantes em atraso o pagamento imediato das dívidas foram uma constante tanto por Eduardo Guerra no *Cabrimon*, como por Eduardo Chapon em *A ventarola*.

Cabrimon: a “guerra” de Eduardo Guerra

O *Cabrimon* se apresentava como “folha ilustrada”, que “trata de assuntos políticos e sociais”. O nome do periódico foi uma adaptação de um dos personagens do romance *Mistérios de Paris* de Eugène Sue. No enredo, Cabrimon era um pintor travesso que perturbava o personagem Pipelet. Publicado originalmente no *Journal des Debats* entre junho de 1842 e outubro de 1843, o romance recebeu grande notoriedade não só na França, como em outros países. No Brasil foi publicado no folheto do *Jornal do Comércio* a partir de 1º de

Quadro dos valores e formas de assinaturas dos periódicos:

Jornal	Anual	Semestral	Trimestral	Mensal	Avulso
<i>Cabron</i> 1879-1881	16\$000 ²⁸	9\$000	5\$000	-	\$500
	20\$000	11\$000	-		
<i>Zé povinho</i> 1883	16\$000	9\$000	5\$000	-	\$500
	20\$000	11\$000	-		
<i>A Ventarola</i> 1887	16\$000	9\$000	5\$000	-	\$500
	20\$000	11\$000	-		
<i>A Ventarola</i> 1888-1889	14\$000	8\$000	5\$000	-	\$500
	16\$000	9\$000	-		
<i>A Ventarola</i> 1889 (após a mudança)	-	6\$000	4\$000	1\$000	-
	-	7\$000	-	-	
<i>Diário de Pelotas</i> 1881-1883	18\$000	10\$000	6\$000	-	
	24\$000	-			
<i>Diário de Pelotas</i> 1887	18\$000	9\$000	5\$000	-	
	24\$000	-	-		
<i>Diário de Pelotas</i> 1888	18\$000	10\$000	-	-	
	22\$000	12\$000			
<i>Diário de Pelotas</i> 1889	20\$000	11\$000	-	-	
	24\$000	12\$000			
<i>Revista Ilustrada</i> 1881	16\$000	9\$000	5\$000	-	\$500
	20\$000	12\$000	-		

²⁸ O primeiro valor do *Cabron*, *Zé Povinho* e do *Diário de Pelotas* refere-se à assinatura na cidade, o segundo assinaturas para fora. O mesmo ocorre para os valores d'*A Ventarola*, no entanto, o primeiro refere-se a assinaturas na província e o segundo para fora da província, o mesmo ocorre com os valores da *Revista Ilustrada*. O traço indica que não foram apresentados valores na modalidade.

setembro de 1844²⁷. Antes da publicação do periódico pelotense, em São Paulo, Agostini adaptou o mesmo nome para o seu segundo periódico, *Cabrião*. O título do periódico pelotense pode ter sofrido duas influências. A primeira refere-se ao periódico de Angelo Agostini que, apesar de ter uma vida efêmera, tornou-se conhecido na época e, talvez, sua “fama” chegou a Pelotas. Esperando obter o mesmo sucesso daquele, os caricaturistas pelotenses resolveram dar a seu periódico o mesmo nome. Por outro lado, como destacado na introdução, a cidade era regulada por modelos europeus, especialmente franceses; o romance de Eugène Sue, provavelmente era conhecido e, além disso, um dos proprietários do jornal era imigrante francês. A adaptação de nomes de romances ou de publicações européias era comum na época, conforme aponta Ana Martins para alguns periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro. Além do *Cabrião*, a autora assinala que o *Diabo Coxo* foi adaptado do romance de Lesage, *Le Diable Boiteux* e a *Revista Illustrada* inspirou-se na *Illustration Française*, ambos de Paris²⁹.

O *Cabrion* era propriedade da Sociedade Guerra & Chapon, que reunia o francês Eduardo Chapon e o português Eduardo de Araújo Guerra sócios na oficina litográfica, a qual também sediava a redação³⁰. Localizou-se primeiro à Rua São Miguel nº 87 e depois se transferiu para a Rua do Imperador, nº 127 e mais tarde para a Rua General Neto na quadra entre as ruas São Miguel e General Vitorino. A impressão era realizada pela tipografia do *Jornal do Comércio*. A parte ilustrada era produzida sob a responsabilidade artística de Eduardo de Araújo Guerra, desenhista e responsável pela direção literária. Eduardo Chapon, além do seu trabalho de litógrafo, exercia a administração do periódico³¹. A redação ficou a cargo de Colimério Leite, pelo menos, entre setembro e dezembro de 1879; após

²⁷ BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. (tese de doutorado) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005. p.99.

²⁹ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempo de republica. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001, p.78.

³⁰ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização. A cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed.da Universidade/UFPel, 2000, p. 155.

³¹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa Caricata...* Op. Cit., p. 200.

saída dele, conforme aviso, a redação foi assumida por “outro cavalheiro não menos habilitado” (*Cabrion*, 21/12/1879)³².

Em seu primeiro número, Guerra e Chapon relataram que o aparecimento do jornal somente foi possível após o término do periódico *Abelha*, seu antecessor, chamado por eles de “odioso inseto” (*Cabrion*, 03/02/1879). No número seguinte, numa pequena nota, declaravam que sua empresa não estava ligada à extinta empresa do *Abelha*: “Com o passado da *Abelha* não podemos ser solidários, desde que a marcha que traçamos ao nosso jornal é absolutamente diversa daquela seguida por tão inconveniente órgão” (*Cabrion* 10/02/1879).

Na edição de 25 de julho de 1880, anunciava-se a dissolução amigável da sociedade, ficando o ativo e o passivo da oficina sob a responsabilidade de Chapon. No mesmo número, Guerra divulgava sua transferência para Porto Alegre, onde continuaria com a publicação do *Cabrion*. No entanto, a folha permaneceria sendo distribuída regularmente em Pelotas sob o comando de Chapon (*Cabrion*, 25/07/1880). Isso não se concretizou e a publicação do jornal continuou em Pelotas. Conforme Athos damasceno Ferreira tratou-se apenas de um pretexto encontrado por eles para comunicar a dissolução da empresa, pois somente em setembro de 1881, Eduardo Guerra se mudaria para Porto Alegre a convite de Miguel de Werna, encerrando a publicação do *Cabrion*³³. Logo após a declaração iniciou a veiculação de uma propaganda da Litografia Parisiense, propriedade de Eduardo Chapon. Embora não conste a referência do estabelecimento no qual as ilustrações do *Cabrion* passaram a ser concebidas após o fim da sociedade, provavelmente elas continuaram a ser desenvolvidas na oficina litográfica de Chapon. Contudo, essa era apenas uma das atividades desenvolvidas pela litografia, sendo somente responsabilidade de Guerra a veiculação das imagens.

³² Cabem duas considerações sobre os trechos citados dos periódicos: 1- Visando a melhor compreensão das citações optou-se por apresentá-las com a grafia atualizada. 2- Grande parte dos conteúdos escritos tratavam de vários assuntos colocados num mesmo artigo. Assim haverá citações em que as datas se repetirão, portanto não estão erradas, apenas enquadram-se nesta situação.

³³ FERREIRA, Athos Damasceno. *Artes Plásticas...* Op. Cit. p. 326. Athos Damasceno Ferreira não indicou a fonte que apresenta a informação de que o *Cabrion* findou sua circulação em setembro de 1881. Portanto, optou-se por considerar o mês de junho de 1881 como o mês de encerramento do periódico, visto que o último número encontrado data de 24 de junho de 1881. O mesmo ocorre com *A Ventarola*, conforme o autor ela encerrou em janeiro de 1890, no entanto o último número encontrado data de 29 de dezembro de 1889.

Eduardo Guerra fez do jornal uma ferramenta para criticar intensamente a sociedade da época e tornou-se odiado na cidade por suas caricaturas audaciosas, que envolviam pessoas importantes da sociedade: “[...] não raro, o caricaturista cometia graves indiscrições. Pondo o olho em buracos de fechadura, enfiando o nariz em frestas de portas, colando a orelha em tabiques de alcova, freqüentemente vinha cá fora propalar o que vira, farejara e escutara...”³⁴. Além das críticas sociais, envolveu-se em graves desentendimentos com outros jornalistas, promovendo pelas páginas do *Cabrion* uma “guerra” contra seus adversários. As principais discórdias foram com a redação do *Marui*, publicado na vizinha cidade de Rio Grande, especialmente com o caricaturista e proprietário Henrique Marcos Gonzáles e o redator Silvino Vidal e com Antonio Joaquim Dias proprietário do jornal diário pelotense *Correio Mercantil*.

O periódico *Marui* iniciou sua circulação em janeiro de 1880 e, certamente, tornou-se um concorrente do *Cabrion*, que, apesar de publicado em Pelotas, também era distribuído em Rio Grande. Isso foi verificado num editorial do *Cabrion* que noticiou a declaração do correspondente em Pelotas da folha adversária, afirmando não querer entrar em concorrência com o colega. A redação do jornal pelotense, por sua vez, declarou que, de fato, não era possível, pois “[...] não temos aspirações a *publicista* ou *folhetinista*, nem tão pouco andamos pelas esquinas *inculcando* mérito que não possuímos”³⁵ (*Cabrion*, 15/02/1880). Assim sendo, o periódico aceitou a declaração do “*talentósíssimo*” e “*inteligentíssimo*” correspondente.

As agressões realizadas por meio de textos e caricaturas eram respondidas pelo jornal adversário que fazia novas provocações: “Olhem lá a piada que ele soltou-nos no número passado. Leiam o que nós escrevemos e o que ele respondeu, tirem os 9, 9, 9 fóra (sic) e refiram-nos quem tem razão” (*Marui*, 09/05/1880). No entanto, as discórdias deixaram a “virtualidade” e saíram das páginas dos periódicos e tornaram-se agressões reais: “Do Rio Grande participaram-nos que na noite de domingo passado, no mercado, houve uma

³⁴ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa Caricata...* Op. Cit., p. 203.

³⁵ O itálico era usado nos periódicos num tom de metáfora ou sátira. Todas as citações dos periódicos que assim aparecerem ao longo da dissertação também estão incluídas na mesma situação.

copiosa chuva de chicote, sendo o *pelego* do Gonzalez Marui o *pote* destinado a apanhá-la” (*Cabrion*, 22/02/1880). Não tardou muito para que o mesmo ocorresse com o caricaturista pelotense; num artigo intitulado *Covarde agressão*, Eduardo Guerra relatava o atentado que sofreu:

Na noite de terça-feira, 2 do corrente pelas 8 horas, ao passar pela rua Andrade Neves, (...) fui traiçoeiramente acometido por um indivíduo desconhecido que, encostando a mim o cavalo em que montava, o qual apenas levemente tocou-me no ombro; sem dúvida, porém, covarde como aqueles que o mandaram, deitou logo a fugir ao ver que não me encontrara desprevenido. Quanto aos miseráveis que tão vilmente utilizaram-se de capangas para saciarem seus desejos vingativos, fiquem certos que há muito eu esperava qualquer incidente desagradável, e convençam-se mais que perfeitamente sei de onde partiu a *trama* e desafio-os formalmente a virem sem *máscaras* provocar-me em lugar onde eu possa marcar-lhes a desbotada face com a ponta da botina (*Cabrion*, 07/03/1880). (grifo do jornal)

Ainda nesse número o periódico publicou outro artigo intitulado “simples cavaco” no qual afirmava que o “O último número do *Marui* esteve na altura da gatinha que o dirige! Com aquela *amabilidade* própria de arrieiros, atiraram-nos quantos epítetos ofensivos e grosseiros encontraram no vocabulário das quitandeiras do mercado”. Já na página oito foi publicado um “enigma”. (figura 01)

No desenho do *Cabrion*, a figura de destaque é um senhor de barba, de óculos e trajando uma gravata; a posição do braço a altura do pescoço estabelece um ar de eloquência. No entanto, esse senhor é apontado por uma mão, no canto superior esquerdo do desenho, que o acusa de ser o responsável pelo atentado sofrido pelo caricaturista. Na parte inferior do desenho três elementos dão respaldo a acusação: um saco que seguramente refere-se ao dinheiro recebido como pagamento à execução da emboscada; o instrumento usado para atacar o agredido, representado por um chicote e, por fim, o sobrenome do agredido: Guerra. Já que se tratava de um enigma não foi revelado quem era homem colocado no desenho mas, tratava-se ou do mandante ou do executante do atentado. Com a observação dos itens que compõem a imagem e das palavras

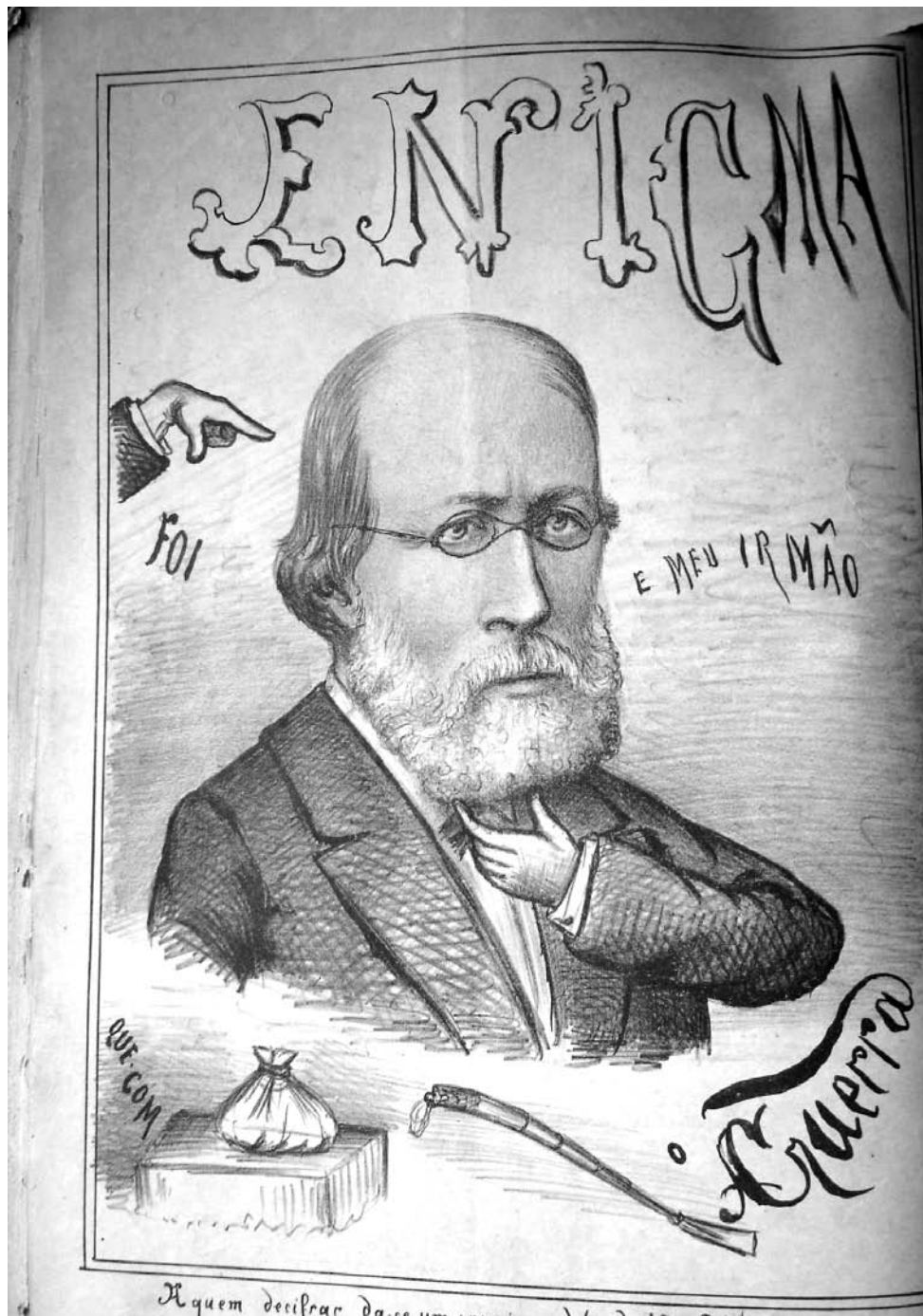


Figura 01: Enigma

Legenda: A quem decifrar dá-se um prêmio no valor de 10 a 20\$000.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n. 57, p.8, 03 mar. 1880.

colocadas entre eles, foi possível “decifrar” a frase: “Foi eu e meu irmão que com dinheiro chicoteamos o Guerra.” O prêmio para quem decifrasse variava entre 16\$000 e 20\$000, valor correspondente a uma assinatura anual do periódico. No entanto, nenhum dos dois periódicos responsabilizou o adversário pelos atentados e os textos veiculados não revelaram nomes. A imprensa diária pelotense não noticiou nenhum dos atentados.

Os desentendimentos com o *Marui* continuariam ainda por vários números. Numa das ilustrações o redator Silvino Vidal e o proprietário Henrique Gonzalez apareceram metamorfoseados em patos (figura 02). Nesta, Eduardo Guerra se colocou como um dos personagens que compõem o desenho humorístico. Ele é representado pelo homem de cartola, que trás embaixo do braço o seu instrumento de trabalho: o *crayon*. Ele, com um riso desabrido que o obriga a apoiar uma das mãos no joelho, debocha do redator e do proprietário do *Marui*, os quais aparecem transformados, conforme a legenda, em patos. Os olhos de ambos estão vedados e eles encaminham-se em sentidos opostos, ou seja, Guerra tentava passar ao leitor do *Cabrion* que os responsáveis pelo jornal adversário estavam desorientados: cegos e sem rumo e, portanto, sem credibilidade nas acusações impetradas contra o periódico pelotense.

Contudo, Guerra deixou de satirizá-los para iniciar uma nova batalha, dessa vez contra Antonio Joaquim Dias. Este jornalista tornou-se uma figura conhecida na cidade, através das polêmicas geradas com os outros jornalistas e pelas suas ações beneméritas³⁶. Entre outras, destacou-se pela fundação do Asilo de Mendigos e a participação como sócio fundador da Biblioteca Pública Pelotense.

Circulou no *Cabrion* algumas caricaturas que tratavam de Dias, no entanto, os desentendimentos se intensificaram, sobretudo após a publicação de uma matéria na folha ilustrada tratando de algumas “graçolas do *Sulpicio*”. Num longo

³⁶ LONER, Beatriz Ana. Jornais diários na República Velha. *Ecos Revista*. Pelotas: Ed. da Universidade/UCPel, v.2, nº 1, abril/1998, p.08. Ainda sobre os desentendimentos, ações beneméritas e outras atividades de Antonio Joaquim Dias, ver: CALDERAN, Ana Paula. *Antonio Joaquim Dias: Uma figura polêmica*. Pelotas, UFPel, 2002, 25f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

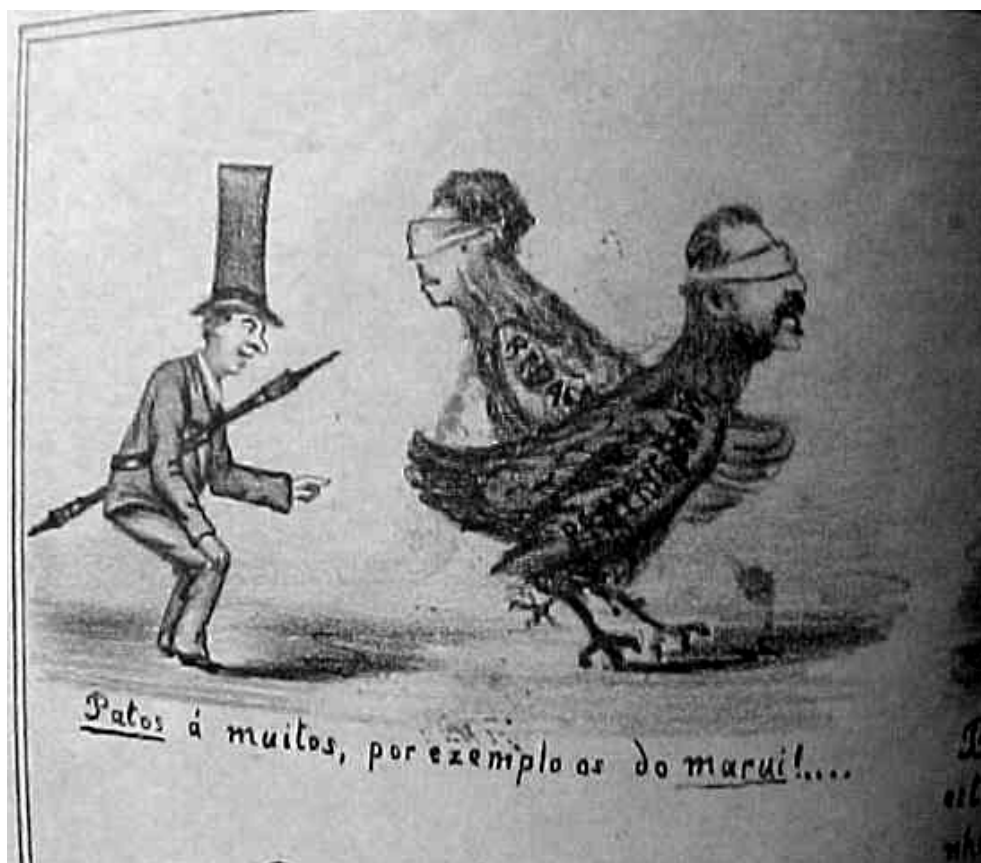


Figura 02: Patos do Maruí

Legenda: Patos há muitos, por exemplo os do maruí!...

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n. 67, p.3, 16 maio 1880.

artigo intitulado “Como o mondongueiro e garoto Dias”, Eduardo Guerra³⁷ relatava que ele o procurou na Praça Pedro II para tirar satisfações sobre o conteúdo do artigo. Indignado, Guerra assinala que ele somente procurou o lugar mais freqüentado pela sociedade pelotense para “desrespeitar a moral pública” e “adquirir foros de valentão”. Ao longo de seu comentário o caricaturista enumerou uma série de predicados para se referir ao adversário:

Não é de estranhar que apareça um **covarde**, um **desgraçado**, que por mais de uma vez tenha-se achado dentro do gradil da cadeia, por **ladrão**, **capacho**, **desordeiro**, e finalmente por ser um **desgraçado**, **carrasco**, um **garoto indecente e indigno** de viver em sociedade.[...]

E uma vez escorraçado de Rio Grande veio para Pelotas pedir compaixão para um **desgraçado**. Dispensou-lhe, pois, este generoso publico e no entanto apresenta-se ele hoje, o **mendigo** d’outrora, o **mondongueiro**, o **carrasco**, o **cínico**, e **miserável capacho**, num dos lugares mais populares desfeitoando todos aqueles que dele tiveram comiseração. (*Cabrion*, 23/01/1881). (grifo meu)

Esses insultos e outros como a acusação de ladrão e de moedeiro falso, colocados todos em apenas um artigo, seriam suficientes para Antonio Joaquim Dias mover um processo judicial contra o caricaturista. Guerra parecia não se importar muito com represálias das quais poderia vir a ser vítima, uma vez que continuou nos números posteriores usando dos mesmos artifícios para denegrir o colega jornalista.

Em junho de 1881 Antonio Joaquim Dias sofreu um atentado. O *Cabrion*, aproveitando o ocorrido, caricaturou Dias numa série de desenhos corrosivos, com o título “Na noite de três do corrente quase se vê os mondongos de um mondongueiro!” (*Cabrion*, 05/06/1881). O jornal diário *A Discussão*, baseado no relato de Dias publicado no *Correio Mercantil*, assim narrou a agressão:

³⁷ O jornal *Correio Mercantil* do ano de 1881 não está disponível à pesquisa na Biblioteca Pública Pelotense devido ao avançado estado de deterioração, portanto não foi possível verificar se Antonio Joaquim Dias se defendeu das acusações de Eduardo Guerra, incapacitando o cruzamento das informações.

Vindo o Sr. Dias pela rua de São Miguel depois de passar à porta da casa dos Srs. Dias e Simões junto ao Hotel Aliança, foi pelas costas e traiçoeiramente agredido por um indivíduo de bigode, (...) o qual lhe descarregou um pancada com cabo de arreador, na cabeça do lado esquerdo, produzindo um ligeiro ferimento (*A Discussão*, 04/06/1881).

Nesta época, Dias estava enfrentando oposição não só do *Cabrion*, como também do *Diário de Pelotas*, além de outros desafetos. Portanto, não se deve aludir Guerra como o autor do atentado, uma vez que o agredido não confirmou quem fora o agressor e nem, caso houvesse, o mandante. Conforme *A Discussão* em trecho da mesma matéria, “[...] não temos expressões bastante para profligar esse ato, cujo autor ignoramos”. Longos artigos, piadas, poesias e uma vasta produção de caricaturas foram veiculados até o encerramento da folha, quase um mês após o atentado. No último número apareceu uma cronologia abordando os principais “feitos” de Dias, destacando suas atividades de “mondongueiro”, “moedeiro falso” e “ladrão” (*Cabrion*, 24/06/1881).

Nas caricaturas, Dias apareceu com corpo pequeno, enorme cabeça e orelhas de burro ou ainda metamorfoseado: cabeça com grandes orelhas e corpo de animal. As transformações grotescas calcadas no disforme, revelam os limites da monstruosidade, revelando uma “mesclagem de atributos [que] dá lugar a criaturas repulsivas, medonhas ou desbragadamente cômicas”³⁸. A imagem de Dias que o periódico tentou passar ao público leitor foi justamente essa, ou seja, de uma criatura repulsiva mas, ao mesmo tempo, cômica. (figura 03)

A “metamorfose” apresentou nas diversas posições alguns “predicados do Sr – Dias – do Correio”. E que podem ser relacionados com o conteúdo do artigo que expunha as “qualidades” do jornalista e com os desenhos da cronologia. O primeiro predicado “a todo momento” (imagem superior) se referia às matérias publicadas por ele no *Correio*. Os demais são: “quando recém chegado” certamente, quando Dias chegou a Pelotas de Rio Grande (imagem inferior no centro); “quando lacaio” referência ao primeiro emprego na oficina tipográfica do

³⁸ LEITE, Sílvia H. T., *Chapéus de Palha, panamás, plumas, cartolas. A caricatura na literatura paulista. 1900-1920*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996, p. 29.



Figura 3: Predicados de Antonio Joaquim Dias

Legenda: Eis aqui os predicados do garoto Dias do *Correio*. Desculpem-nos Sr^o assinantes.
Manchamos a página de nossa folha.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.103, p 4-5, 23 jan. 1881.

Diário de Rio Grande (na imagem que ele abana o rabo); “quando companheiro de José Lopes” (na imagem de chapéu e armado). O caricaturista pede desculpas aos leitores, pois “[...] manchamos a página de nossa folha”. A frase possui um duplo sentido, além de se referir aos vários borrões colocados após a concepção dos desenhos, as manchas também eram relacionadas à própria imagem de Dias, a qual sujava, manchava a página do periódico.

Cabe salientar que, embora não possa ser classificado como um pasquim, o *Cabrion* apresentou características semelhantes, pois conforme aponta Nelson Sodré³⁹, o que identificou este tipo de publicação foi a violência de linguagem. Além disso, o jornalismo brasileiro dos primeiros tempos, amparado pela liberdade de imprensa, foi assinalado por uma linguagem coloquial, fazendo com que o debate “[...] alcançasse níveis de violência que incluíam o insulto, o palavrão, os ataques pessoais, as descrições deturpadas de aspectos morais ou físicos e até a agressão corporal”⁴⁰. Essa “violência verbal” ocorreu, sobretudo, após o desligamento de Eduardo Chapon da sociedade. Encontrando-se sozinho na veiculação do jornal, Guerra não encontrou limites para suas sátiras o que o levou, provavelmente, a perder assinantes e, conseqüentemente, colaborou para o término do jornal. Exemplar dessa situação é uma notícia veiculada em 01 de maio de 1881 que tratava de um assinante e o seu medo de aparecer caricaturado no periódico: “A redação do *Cabrion* agradece *respeitosamente* ao Sr. Meirelles Junior 3 números da dita folha que lhe pertencem, os quais S.S. não se dignou recebê-los”. Na seqüência, Guerra relatava que o assinante pagava mas não queria o jornal, “porque dele tinha medo.” Para o caricaturista isso foi uma “surpresa inesperada” visto que ele nunca teve pretensão de infundir o “terror as pessoas que nos favorecem”. No entanto, no número seguinte, o assinante é chamado de “Sr. Piá Meirelles” e acusado de não pagar uma dívida de 30 réis, referente à assinatura do jornal. Afirmava ao assinante que “são bagatelas” e pedia ao mesmo que não espalhasse “que impomos a que assinem o *Cabrion*, nem tão pouco ameaçamos descompor ninguém” (*Cabrion*, 08/05/1881). Essa

³⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil...* Op. Cit., p. 163.

⁴⁰ LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos. A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 16.

prerrogativa não se confirmava, uma vez que as ameaças aos devedores foram uma constante. Essa situação associada com as caricaturas e a parte textual referentes a redação do *Marui* e a Antonio Joaquim Dias permite interpretar a posição abertamente crítica e polêmica defendida por Eduardo Guerra, o que o transformava num homem corajoso que expunha o que pensava mas, ao mesmo tempo, contribuiu para transformá-lo numa pessoa aterrorizante!

Nos últimos números do periódico, Guerra solicitava aos assinantes que saldassem de imediato suas dívidas, sob “pena de termos que nos lembrar algumas vezes de SS. SS. por ocasião de alguma ferroadá” (*Cabrion*, 06/03/1881). Para tentar solucionar o problema das dívidas um cobrador foi contratado. Ao anunciar aos assinantes devedores a visita que iriam receber, o redator avisava que aqueles que não pagassem, poderiam ver “seus nomes em letrinha bem redonda” (*Cabrion*, 01/05/1881). A ameaça retornou alguns números depois na primeira página com a ilustração de uma lousa e o aviso: “Srs. Remissos, definitivamente principiámos no número seguinte a escrever-lhes os nomes nesta lousa” (*Cabrion*, 19/06/1881). De fato, no número seguinte apareceram, não os nomes, mas as iniciais de sete devedores. Este foi o último número encontrado do periódico. Neste e no anterior Eduardo Guerra declarou que o “*Cabrion* passa otimamente de saúde” e “a redação do *Cabrion* continua a passar regularmente bem de saúde, etc. e etc.” (*Cabrion*, 19/06/1881 e 24/06/1881, respectivamente). Estas declarações são bastante intrigantes, uma vez que, provavelmente, Guerra já estava contratado para trabalhar em Porto Alegre no periódico *O Século*. Desta vez, optou por não se despedir do público pelotense, como havia feito anteriormente na suposta mudança do periódico para a capital, quando findou a sociedade com Chapon. As dívidas dos assinantes podem ter influenciado o caricaturista a passar essa visão de serenidade, pois, se ele divulgasse que o periódico seria em breve encerrado, os devedores poderiam não pagar as assinaturas atrasadas.

Eduardo de Araújo Guerra demonstrou no periódico pelotense sua habilidade na arte da caricatura, executou vários retratos, os quais vinham identificados por “AGuerra” sempre colocado num canto junto à imagem, criou

uma série de desenhos satíricos e representou alguns lugares públicos com humor. Athos Damasceno Ferreira⁴¹ afirma que ele era um “caricaturista nato” que, não só provou seu talento em Pelotas, como também n’*O Século*, de Miguel de Werna, publicado em Porto Alegre. No entanto, as relações com o patrão também foram tumultuadas e em seguida se retirou do periódico e lançou *A Lente*, de sua propriedade. Mais tarde, mudou-se para São Paulo e continuou trabalhando como caricaturista; foi, então, proprietário do periódico *A Platéia* que circulou sob a sua direção, pelo menos até 1912⁴². Não foram encontrados outros dados sobre Eduardo Guerra, contudo, verificou-se que ele tinha um irmão em Rio Grande, chamado José Antonio de Araújo Guerra, o qual foi agente da folha naquela cidade no ano de 1879. (*Cabrion*, 24/01/1879).

Zé Povinho: passageiro mas significativo

Após a suspensão do *Cabrion*, somente em 1883 apareceria outro jornal ilustrado: *Zé Povinho*, dirigido por Francisco Rodrigues Noronha, situado à Rua 7 de Setembro, nº 20. Em seu primeiro número apresentou-se como “pequeno, resignado na adversidade, gigante, leão, nas tempestades sociais” (*Zé Povinho*, 07/01/1883). O nome do jornal foi uma influência do personagem *Zé Povinho*, criado pelo caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, no periódico *O Mosquito*, publicado a partir de 1875 no Rio de Janeiro⁴³. Logo, a figura do homem franzino, associado às camadas populares, foi sendo apropriada por outros caricaturistas, sendo utilizada na imprensa de fins do Século XIX e durante as primeiras décadas do XX⁴⁴.

Zé Povinho teve sua produção artística e impressão feitas na tipografia e litografia do *Correio Mercantil*; isto significou que desta vez esta folha diária e seu

⁴¹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa Caricata...* Op. Cit., p. 201.

⁴² Conforme Revista do 1º Centenário de Pelotas, 1912, p.67. João Simões Lopes Neto, organizador da revista, fez uma pequena referência ao jornal *Cabrion*, e aos seus proprietários. Ao falar de Eduardo Guerra, afirmou que ele ainda possuía em São Paulo o seu periódico *A Platea*.

⁴³ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil...* Op. Cit. p. 194.

⁴⁴ SILVA, Marcos Antonio. *Caricata República. Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990, p. 08.

proprietário Antonio Joaquim Dias estavam livres de sátiras e caricaturas. Cabe destacar que a posição adotada pelo periódico foi bastante diferenciada daquela de seu antecessor, uma vez que não foram encontrados no periódico conflitos entre a redação e outros jornalistas, assim como a crítica social foi mais amena. Essa atitude, entretanto, foi destacada pelo próprio jornal três meses após o início da circulação, num editorial intitulado “Ao respeitável público”. O conteúdo deixava claro o posicionamento tomado pela redação; nele afirmavam que o periódico tinha por finalidade a “utilidade pública e o recreio da sociedade. [...] Nunca escrevemos uma palavra nem apresentamos um desenho ofensivo a quem quer que seja. [...] Publicamos um periódico e não um pasquim.” Ao longo do texto era destacado que, por agir desta maneira, talvez não estivesse de acordo com a época e com a opinião de uma parte dos leitores, aqueles que preferiam, ao invés de um “[...] retrato de um homem ilustre, a figura de um personagem cômico desenhado com orelhas de Midas no momento de qualquer fragilidade” (*Zé Povinho*, 01/04/1883). Os responsáveis pela redação salientavam que isso incorria num erro que eles decidiram correr, pois, ao contrário, quiçá tivessem conquistado mais assinantes.

Provavelmente, como destacou o próprio jornal, esse tenha sido um dos motivos para o encerramento do periódico em julho de 1883 com apenas 26 números. No entanto, o que o levou à bancarrota foi o fim da parte ilustrada a partir do 16º número. Neste, o redator publicou que sofria várias contrariedades por parte dos artistas necessários para a produção do jornal. Já havia confessado no número 04 a saída do primeiro desenhista e que “para não morrer do mal de sete dias”, procurou um substituto que se manteve no cargo até aquele exemplar. Relatou a falta de artistas especializados no gênero em Pelotas, o que o obrigou a cessar a parte ilustrada do *Zé Povinho* até a chegada do novo desenhista, já contratado, o que não aconteceu. Enquanto isso, continuaria com a parte noticiosa e literária: “Faltando-nos o lápis, resta-nos a pena.” (*Zé Povinho*, 22/04/1883).

Cabe salientar que o *Zé Povinho*, embora efêmero, foi um periódico significativo por veicular uma série de imagens sobre o carnaval realizado naquele

ano⁴⁵ e pelos vários desenhos que trataram da administração pública da cidade, servindo, como era um dos seus objetivos, à utilidade pública, denunciando o descaso com a limpeza das ruas e a proliferação de doenças, por exemplo.

A Ventarola: o retorno de Eduardo Chapon

Somente em 1887, Pelotas teria outro hebdomadário ilustrado, por iniciativa de Eduardo Chapon, que se chamou *A Ventarola*, o qual se apresentou como “folha ilustrada e humorística”. O aparecimento do jornal foi noticiado pela imprensa diária que saudou o novo colega desejando-lhe vida longa. A nota publicada em *A Discussão* afirmava que o novo jornal era homônimo “em princípios e fins da sua colega fluminense”. Ainda sobre o jornal assegurava que se ele se mantivesse em “atitude conspícua e condigna, sem jamais se deixar escorregar pelos caminhos da crítica inconveniente e pesada” poderia desfrutar de uma carreira prodigiosa (*A Discussão*, 12/04/1887). Já as notas veiculadas por *A Pátria* (11/04/1887) e pelo *Rio Grandense* (12/04/1887) felicitavam o proprietário do periódico. O primeiro jornal afiançava que os desenhos eram realizados “pelo já conhecido lápis do Sr. Eduardo Chapon”.

Essa passagem do jornal confirma que Eduardo Chapon também era caricaturista atuando ao lado de Guilherme Stoffel, outro artista contratado por ele. Contudo, não foram encontrados desenhos ou caricaturas assinados por Eduardo Chapon, no entanto, uma parte significativa era identificada por Guilherme Stoffel ou então pelos nomes Álamo e Tob, os quais, provavelmente, eram pseudônimos usados ou por Eduardo Chapon ou por outro artista. A posição adotada por Chapon de não indicar a sua autoria ou se ocultar com um nome fictício é bastante intrigante, pois era sabido que uma parte da produção artística do jornal era

⁴⁵ Sobre o carnaval pelotense do século XIX a partir da sátira dos jornais ilustrados ver: LOPES, Aristeu E. M., “Você não me conhece? Eu te conheço”: Caricatura e Carnaval em Pelotas no século XIX. In: *Anais do VII Encontro Estadual de História – História, Memória e testemunho*. [recurso eletrônico] Porto Alegre: ANPUH/RS, 2004, p. 01-10.

produzida por ele. Além disso, as sátiras do periódico não eram tão corrosivas a ponto de obrigá-lo a não se identificar.

Além da confecção da parte ilustrada do novo jornal, as oficinas da Litografia Parisiense desempenhavam outros trabalhos litográficos, como retratos, cartões de visitas, diplomas etc., os quais eram sempre anunciados no periódico⁴⁶. Constatase a partir dos anúncios que *A Ventarola* não era a única “criação” do estabelecimento, bem como não era sua única fonte de renda. Em 1888, por exemplo, o livro *Auras do Sul* com poesias de Lobo da Costa, reunidas pelos amigos do poeta logo após sua morte, trazia um retrato dele confeccionado na oficina litográfica de Eduardo Chapon (*A Ventarola*, 30/09/1888).

Os jornalistas d’*A Ventarola* não tiveram desentendimentos com colegas da imprensa semelhantes àqueles que envolveram Eduardo de Araújo Guerra. As críticas feitas ao jornalismo diário adotaram, em grande parte, um tom satírico ou então eram mais suaves, se comparadas com as do *Cabrion*, ou ainda retomavam uma notícia sob o prisma das folhas diárias e, a partir daí, mostravam as divergências entre elas. Representaram, por exemplo, a disputa entre os órgãos liberal e conservador e os jornais neutros na “expectativa do resultado para dar um prêmio ao vencedor”. (figura 04)

A imagem apresenta como cenário um campo com árvores e arbustos o que faz referência a um lugar de duelo. Os homens que fazem parte da ação representam os órgãos da imprensa diária. Dois deles, apresentados vestindo páginas de jornal, apenas observam; eles representam a imprensa neutra: *Correio Mercantil* e *Discussão*, esta última se apresentava como “folha popular” e era abolicionista. Já aqueles que estão duelando eram o *Rio Grandense* (órgão oficial do Partido Conservador na cidade) representado por um homem que empunha uma espada e é apoiado por outro que carrega uma vassoura e o *Diário de*

⁴⁶ A propaganda de sua litografia no periódico foi constante a partir do exemplar do dia 1º de maio de 1887.

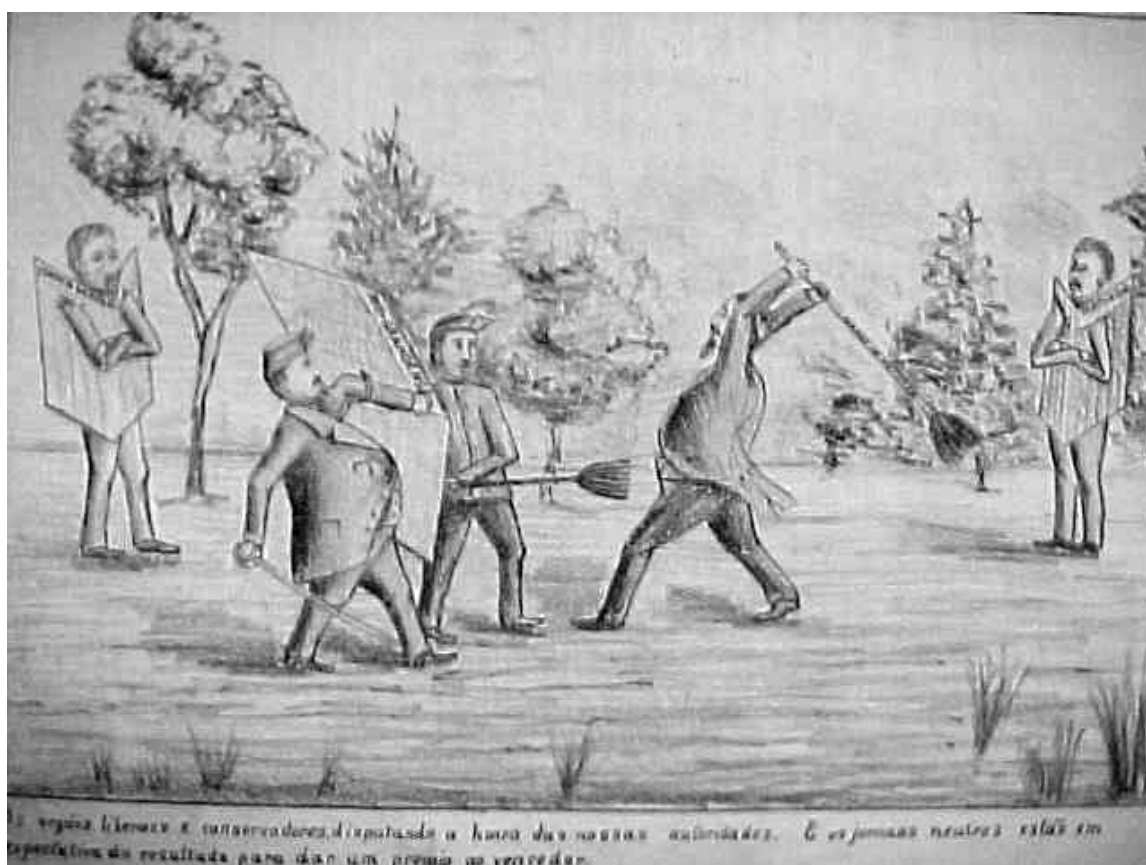


Figura 04: Disputa entre os jornais diários

Legenda: Os órgãos liberais e conservadores disputando a honra de nossas autoridades. E os jornais neutros estão na expectativa do resultado para dar um prêmio ao vencedor.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.09, p.5, 05 jun. 1887.

Pelotas (jornal do Partido Liberal) identificado com o homem que segura a vassoura com a inscrição “Diário de Pelotas”⁴⁷.

A partir de julho de 1889, *A Ventarola* mudou seu formato (30 x 40cm) e reduziu suas páginas para quatro. Eduardo Chapon justificou a mudança, devido ao “[...] bom acolhimento que ela tem merecido do benévolo público, resolvemos fazê-la passar por uma reforma quiçá mais agradável a qual julgamos de inteira necessidade esperando que como até aqui continuar a – Ventarola – a merecer a proteção do público” (*A Ventarola*, 07/07/1889). Na busca por novos assinantes o jornal no novo formato foi distribuído gratuitamente. No entanto, as mudanças foram um reflexo da crise que afetava o jornal; ainda neste exemplar seu proprietário solicitava aos assinantes em atraso o pagamento das dívidas sob “a pena de passarem para a nossa câmara escura, o que não é nada bonito”. Já no segundo número, após a nova apresentação, era anunciada a saída do redator, Francisco de Paula Pires, o qual estava havia meses no cargo (*A Ventarola*, 14/07/1889). Notícia reveladora, uma vez que os textos do jornal eram sempre assinados por pseudônimos, como, por exemplo, Ventaroleiro. Num número anterior, contudo, foi publicado um editorial assinado com as iniciais FPP, o que permitiu associar Paula Pires como autor dos demais, uma vez que, no texto, ele se desculpava com os leitores, devido ao último número não ter sido revisado, sendo impresso com vários erros (*A Ventarola*, 08/04/1888).

Ainda na mesma nota que anunciava a saída do redator foi divulgado que a nova redação seria composta por “diversos cavalheiros” os quais saberiam manter a “simpatia do público para não lhe faltar o apoio de que necessita”. Chapon enfrentaria, em seguida, outro problema – um desfalque: “O individuo de nome Alexandre Sampaio da Costa, a quem eu na melhor boa fé havia confiado a cobrança do meu jornal *A Ventarola*, acaba de apossar-se de bem regular quantia de assinaturas” (*A Ventarola*, 29/09/1889). No último exemplar encontrado do jornal, novamente seu proprietário rogava aos assinantes para saldarem suas dívidas “[...] o mais pronto possível pois são grandes e certas as despesas que

⁴⁷ As informações sobre as posições políticas dos jornais foram obtidas a partir de: COSSON, Rildo et. al. *Literatura, jornal e cultura. Autores Pelotenses. 1851-1889* (1ª Fase). Pelotas: ILA-UFPel, 1999. (Projeto de pesquisa).

fazemos com a publicação da ventarola" (*A Ventarola*, 29/12/1889). Assinaturas atrasadas, a saída do redator, o desfalque e as despesas com a publicação, certamente estes problemas foram os motivos que causaram a interrupção do periódico.

Após *A Ventarola*, somente na primeira década do século XX apareceram revistas ilustradas, como a *Ilustração Pelotense* que apresentava características semelhantes às revistas cariocas, como *Dom Quixote*, *Careta* e *O Malho* que circularam concomitantes a ela, apresentando em suas páginas, além das caricaturas e da sátira social, fotografias e anúncios publicitários.

Sobre Guilherme Stoffel foi possível averiguar que ele era imigrante alemão⁴⁸ e que tinha um irmão chamado João Achyles Stoffel, residente no Rio de Janeiro (*A Ventarola*, 05/08/1888). Além disso, é possível afirmar, e concordar com Athos Damasceno Ferreira⁴⁹, que ele se destacou ao longo dos três anos de circulação d'*A Ventarola* aprimorando-se na arte da caricatura, especialmente na execução dos retratos que ilustravam a primeira página do periódico, tanto pelas cópias de outros meios impressos como também pela originalidade de sua produção artística.

Já sobre o proprietário do jornal, Eduardo Chapon, foi possível apanhar mais informações. É sabido que ele nasceu em Paris em 06 de agosto de 1852, filho de Jean e Marguerite Chapon. Ainda jovem rumou para a América instalando-se inicialmente na cidade de Buenos Aires e trabalhando como professor, embora seu ofício fosse litógrafo. Sua casa era próxima a um clube político. Certa noite houve tumultos no local, forçando os políticos que ali estavam a fugir. Um deles acabou invadindo a casa de Eduardo e após o término dos alaridos que vinham da rua, se apresentaram e Chapon acabou escondendo o político por alguns dias em sua casa. Após o incidente, tornaram-se amigos e durante uma visita de Eduardo à fazenda do político, nas imediações de Buenos Aires, conheceu o Sr. Porciúncula, o qual o convidou para ser professor de língua francesa dos seus filhos. Após esta tarefa, foi convencido pelo Sr. Porciúncula a vir para o Brasil, à

⁴⁸ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização...* Op. Cit., p. 157.

⁴⁹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Artes Plásticas...* Op. Cit. p. 343.

cidade de Pelotas, na qual o referido senhor tinha parentes e amigos. Acatando a proposta, Eduardo Chapon decidiu mudar-se para a cidade, iniciando sua carreira de litógrafo⁵⁰.

Em Pelotas, casou-se com Maria Delfina da Silveira, em 24 de abril de 1880⁵¹ e teve três filhos: Eduardo Chapon, Luiz Chapon e João Chapon⁵². O fim da *Ventarola* em 1889 não significou o término das atividades da Litografia Parisiense; ele continuou atuando no ramo e influenciou seus filhos: Eduardo tornou-se desenhista e gravador, além de conhecer os setores de uma oficina, como os serviços de transportador, impressor e cortador. Luiz também se tornou desenhista, especializando-se nos trabalhos à pena, como cartazes e caricaturas. João, por seu turno, dedicou-se à comercialização do material confeccionado⁵³.

Numa manhã de outono do dia 18 de maio de 1903 após longos sofrimentos derivados de uma “lesão dupla do orifício mitral”⁵⁴, Eduardo Chapon faleceu com 50 anos⁵⁵. No convite para o enterro, publicado nos jornais diários da cidade pela família, constatou-se que ele tinha um irmão chamado Luiz Chapon, o qual estava ausente⁵⁶. A morte teve repercussão na imprensa, todos os jornais diários destacavam o passamento, ressaltando que Eduardo era um “estimado e inteligente artista litógrafo” (*Diário Popular*, 19/05/1903); “estimado e contraído ao

⁵⁰ Os nomes dos pais de Eduardo Chapon constam em seu registro de casamento, conforme Livro nº 07 de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas), folha 36, Ano 1880. (Agradeço a Leandro Betemps pela indicação desta fonte). Todo o restante da trajetória de Eduardo Chapon, escrita neste parágrafo, é uma adaptação livre do manuscrito deixado por seu filho João Chapon. No final do documento há uma nota de João Chapon (neto de Eduardo) explicando que após a morte do pai (João) ele o encontrou “quando examinava o que restara nas gavetas de sua escrivaninha”. (Agradeço ao Sr. Jorge Chapon pelo fornecimento de uma cópia digitada deste material).

⁵¹ Conforme Livro de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas), nº 07, folha 36, Ano 1880.

⁵² Eduardo Chapon nasceu em 22/02/1881. Conforme: Livro nº 20 de registros de batismos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). Folha 74v, 1884. No livro consta a profissão do pai: Litógrafo. João Chapon nasceu em 24/04/1886. Conforme: Livro nº 28 de registros de batismos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). Folha 4, 1891. O registro de batismo de Luiz Chapon não foi encontrado.

⁵³ As informações sobre os ofícios dos filhos foram retiradas do documento citado na nota 17.

⁵⁴ O obituário publicado pelo *Correio Mercantil* em 21 de maio de 1903 apresentava o nome, o estado civil, a nacionalidade e a causa da morte.

⁵⁵ Há divergências em relação à idade de Eduardo Chapon: no documento escrito pelo filho consta que ele faleceu com 51 anos, nos obituários publicados nos jornais diários consta 52 anos. Contudo, escolhi por seguir a indicação da data de nascimento apresentada pelo filho no documento: 1852. A confusão talvez esteja no fato de Eduardo ter morrido no ano em que completaria 51 anos.

⁵⁶ Na época, era bastante usual aparecerem nos convites de enterros nomes de parentes que residiam em outras localidades; a condição era representada pela palavra “ausente” colocada após o nome entre parênteses. Há uma grande probabilidade do irmão residir na França.

trabalho” (*Opinião Pública*, 19/05/1903) e “antigo morador desta cidade [...] era benquisto” (*Correio Mercantil*, 19/05/1903).

Ao enterro, apesar da forte chuva que caía naquela manhã, compareceram parentes, amigos, vizinhos, membros da colônia francesa e membros do Clube do Comércio. O coche fúnebre foi seguido até o cemitério por uma extensa fila de carruagens; no sepultamento, o Sr. Conjard pronunciou em francês uma alocução, lembrando que sua morte era uma grande perda para a colônia francesa, e que ele seria sempre lembrado como um grande amigo, homem digno e um bom francês⁵⁷.

Após o falecimento do pai, os filhos continuaram com a oficina. A Litografia Parisiense, embora não se saiba a data da mudança, passou a se chamar Litografia Chapon, conforme averiguado num suplemento publicado no jornal *Correio Mercantil* de 04 de Fevereiro de 1905. O encarte apresentava um mapa do Município de Pelotas e região confeccionado pelo estabelecimento. Os filhos de Eduardo casaram na Catedral São Francisco de Paula: Eduardo Chapon casou-se com Diva Regis Costa em 1909 e João Chapon casou-se com Marina Koboldt em 1911⁵⁸. Outro trabalho importante da oficina foi a confecção de cartões postais com ilustrações coloridas alusivas a personalidades, datas e episódios históricos rio-grandenses e nacionais. Esse conjunto de cartões foi idealizado por João Simões Lopes Neto e ficou conhecido como “Coleção Brasileira”; eram organizados em 12 séries com 25 ilustrações em cada uma.

Os periódicos e suas (não) posições políticas

Os três periódicos ilustrados e humorísticos que circularam em Pelotas apresentaram características semelhantes na parte técnica (apresentação) do

⁵⁷ As notícias do enterro veiculadas no dia 19/05/1903 nos três jornais consultados apresentaram informações semelhantes, portanto optei por não indicar um ou outro jornal; já o discurso foi publicado, em francês, somente pelo *Correio Mercantil*, na mesma data.

⁵⁸ Eduardo Chapon: Livro nº 15 de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). Folha 30v. 1909. João Chapon: Livro nº 15 de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). Folha 15. 1911.

jornal e algumas particularidades em relação a determinados temas. Os responsáveis por esses periódicos utilizaram a sátira social para tratar dos mais variados assuntos que nortearam a sociedade pelotense durante os anos da década de oitenta em que circularam. Para os jornalistas e caricaturistas desses periódicos tudo e todos eram passíveis de suas “penas” e lápis, assim, ao mesmo tempo em que informavam o leitor também criticavam a sociedade. Dessa forma, a política da época não passou despercebida por eles e serviu de inspiração para a criação de caricaturas e desenhos humorísticos ao longo de todo o período abrangido. Ao lado disso, a parte escrita também tratou de questões políticas, sem, no entanto, descuidar da função principal do jornal que era proporcionar o riso no leitor. Em muitos editoriais, notícias, crônicas e cartas, os assuntos políticos foram tratados de forma cômica. É possível afirmar que o *Cabrion* foi certamente o mais satírico dos três, enquanto o *Zé Povinho* foi o mais moderado; já *A Ventarola*, apesar da crítica social presente nas imagens, acabou revelando-se simpática à causa republicana.

Para melhor elucidar as posições da imprensa ilustrada procurou-se, na medida do possível, abordá-las, relacionando-as com o posicionamento frente às questões republicanas, já que o período abrangido pelos periódicos representou grandes mudanças no cenário político brasileiro, em parte, devido ao crescimento da propaganda republicana.

O periódico *Cabrion*, no editorial de apresentação, esclareceu seus objetivos; entre eles destacou sua posição em relação à política:

Desprezando a política de campanário, a falsa política que amesquinha caracteres e degrada a opinião, o *Cabrion* será severo apreciador dos atos de todos os partidos e de seus pró-homens.

E rirá o *Cabrion* em face de tudo e de todos, mas rirá sem ferir, sem o motejo dos petulantes, sem o escárnio maligno e estúpido dos comediantes sociais.

Exercerá a crítica nos limites da decência, a crítica que castiga, mas não magoa, - diverte, mas não provoca expansões de ódio (*Cabrion*, 03/02/1879).

No número 03 o periódico apresentou em sua página de honra o retrato de Gaspar Silveira Martins, “o político invulnerável pelo talento, pela honestidade e pela coragem”. Na seqüência do texto era afirmado que o *Cabrion* “não tem política”, ou seja, “Hoje, cobre de flores o caminho por onde pisa Silveira Martins; amanhã terá a mesma tarefa em honra a algum de seus dignos adversários políticos. A justiça deve ser distribuída igualmente” (*Cabrion*, 24/02/1879). Nesse pequeno texto evidenciou-se que o periódico não estava alinhado politicamente a nenhum partido, e assim se manteve até o seu encerramento. Nos números seguintes apareceram, conforme a prevenção, outros políticos, por exemplo, o republicano Saldanha Marinho, chamado de “chefe da democracia brasileira” (*Cabrion*, 16/01/1881). Cabe destacar, contudo, que os políticos eram constantemente satirizados, inclusive Silveira Martins. Na maioria dos casos eles eram criticados devido a alguma decisão tomada, ou à falta dela, fosse ele conservador ou liberal ou ainda republicano.

Ao que tange às questões republicanas, o *Cabrion* tratou-as timidamente, provavelmente porque as discussões ainda estavam tomando corpo no início da década, a partir das recentes fundações dos clubes e partidos na província e em Pelotas. Ao noticiar a campanha eleitoral de 1880, o periódico afirmou não pertencer a nenhum dos grupos que “se digladiam na *arena* [...] política do país”, inclusive àquele dos republicanos. Na seqüência do artigo atestam: “Também não estamos filiados ao *credo* dos *sectários* da *idéia nova* que se arrasta pelos rinks [...] a pretexto de discutirem o feitio da *alavanca* que tem de abalar pelos alicerces este meio social que preocupa os *espíritos mais ousados* do século” (*Cabrion*, 20/06/1880) (grifo meu). Nas citações do artigo algumas palavras foram utilizadas tendo o seu sentido original distorcido, pois se percebe que, implicitamente, o republicanismo pode ser traduzido nas palavras *credo* e *idéia nova*; a propaganda republicana está relacionada com a palavra *alavanca*, enquanto os republicanos são identificados pelas palavras *sectários* e *espíritos mais ousados*.

O jornal *Zé Povinho* não diferiu muito do seu antecessor; embora não tratasse na apresentação de sua posição frente às questões políticas, o periódico abordou-as apenas genericamente. Numa crônica intitulada “Zig-zags”, um colaborador não identificado afirmou ser a política “uma senhora com quem bem pouco simpatizo” isso porque os “partidos militantes têm na sua história coisinhas bem pouco... políticas [...] todos querem o poleiro, deitam manifestos, fazem bonitas promessas, muitos salamaleks (sic) aos correligionários e amigos” (*Zé Povinho*, 25/03/1883).

Ao que tange às atividades republicanas, não foram encontradas ilustrações sobre o assunto, apenas algumas notícias e referências em artigos. Em sua edição de 17/06/1883, na seção “recadinhos”, declarou ter recebido um texto produzido por um republicano, o qual solicitava a sua publicação. A redação afirmava ser esta a terceira produção deste tipo que aparecia: “de lança em riste, investindo contra a monarquia e a constituição, como outrora o cavaleiro de *La Mancha* contra *los molinos de viento*.” (grifo do jornal). O recado finalizava com um conselho aos republicanos o qual também expressava a posição do jornal; a recomendação dizia que eles deveriam pregar “[...] aos peixinhos que talvez o escutem, quanto a nós... perde o tempo e o papel.” Por outro lado, destacavam o recebimento do “brilhante discurso” proferido por Álvaro Gonçalves Chaves “em homenagem a memória de Garibaldi”, no clube 20 de Setembro em São Paulo (*Zé Povinho*, 04/02/1883). Num número subsequente, novamente referências à agremiação eram feitas. Desta vez, agradeciam a “visita” do jornal *A República*, publicado pelo mesmo clube republicano. O periódico ainda destacava a atuação de Álvaro Gonçalves Chaves, “inteligente conterrâneo” e principal redator do jornal (*Zé Povinho*, 13/05/1883). A partir dessas posições ambíguas em relação à questão republicana é mister considerar que, quando as propostas de publicação vinham de republicanos que faziam a campanha na cidade e que não tinham projeção, eles eram criticados pelo periódico que os chamava de Dom Quixotes. Contudo, quando os ideais republicanos chegavam à redação através de um “inteligente contemporâneo” a posição era outra e as críticas aos ideais republicanos desapareciam: “Quem assim escreve e assim pensa, honra-se a si

(sic) e honra a Pátria” (*Zé Povinho*, 04/02/1883). Ao lado disso, vale destacar que Álvaro Gonçalves Chaves pertencia à importante família de charqueadores da cidade e, provavelmente alguns de seus membros poderiam ser assinantes do jornal.

Através de textos e ilustrações, os assuntos políticos foram abordados em *A Ventarola* de uma forma bem mais abrangente do que em seus antecessores. No periódico, os acontecimentos da política nacional foram amplamente noticiados, no entanto não se declarava partidária nem dos conservadores, nem dos liberais. Poderia aparecer algum elogio à organização de um novo ministério enquanto a queda do antecessor era criticada, contudo o elogio durava pouco e logo se transformava em sátira. Exemplar dessa situação ocorreu em julho de 1889 quando Gaspar Silveira Martins foi indicado para o cargo de Presidente da Província do Rio Grande do Sul; tratado, a princípio, com simpatia, logo se tornou alvo de críticas. No entanto, a política era tomada pelo periódico, geralmente para se contrapor ao governo imperial e para melhor desenvolver suas sátiras; contrastavam os partidos monárquicos com o partido republicano, assim como ressaltavam o republicanismo em contrapeso com o regime monárquico. Entretanto, as referências à atuação republicana passaram a ser noticiadas não somente para desapreciar a Monarquia, mas, aos poucos, a posição d’*A Ventarola* foi sendo desvendada, revelando suas tendências republicanas.

Ao longo dos três anos de circulação publicaram notícias, ilustrações, artigos e crônicas sobre os ideais republicanos, sempre em tom simpático. Em grande parte desse material o humor e a sátira estavam presentes, contudo não caracterizavam críticas ao republicanismo, mas ao Império. Um exemplo da “simpatia” do periódico foi encontrado num artigo publicado nas *notas semanais* na edição de 29/07/1888. Nele, após serem tratados os assuntos políticos da semana, afirmavam que a questão republicana se expandiu cada vez mais e a idéia cresceu em todas as províncias; em contrapartida, o monarquismo “[...] entre nós está gangrenando: corte-se, pois, o mal pela raiz. É bananeira que já deu cacho; é vida atacada de *phloxera* (sic) e que já não há sulfureto capaz de restituir-lhe a saúde.” Entretanto, apesar de ser “amante das idéias republicanas”,

nunca se deixou “obcecar pelo fanatismo”, e se posicionou “não [como] folha política e sim um simples semanário alheio às tramóias partidárias” (*A Ventarola*, 30/09/1888).

A partir da Lei Áurea, as discussões se ampliaram e o periódico passou a enfatizar a questão republicana. Quase semanalmente apareciam textos ou imagens fazendo referência a ela, tratando-a com simpatia, destacando que estavam perto de “aplaudir uma grande transformação no nosso regime governamental”, sendo a mudança ocasionada pelo 13 de maio: “O público despertou da criminosa apatia em que permaneceu por longos anos, e agita-se em busca de novos horizontes...” (*A Ventarola*, 01/07/1888).

Finalmente, em meados de 1889, *A Ventarola*, ao tratar de assuntos políticos, fez uma “declaração” e sua posição ficou clara: “A Ventarola inda uma vez declara não ser monarquista: quer abertamente a república [...] e confia que ela será em breve uma realidade” (*A Ventarola*, 16/06/1889). A postura do jornal sofreu a influência de seu redator-chefe Francisco de Paula Pires. Ele era republicano e participou, posteriormente, do periódico republicano e literário *Radical*, publicado em 1890. Paula Pires continuou na redação do jornal até julho de 1889, cerca de um mês após a declaração.

Através de todas estas citações retiradas das páginas e ilustrações d’*A Ventarola* pode-se afirmar que ela foi, embora no início não declaradamente, favorável e propagadora das idéias defendidas pelos republicanos. Condição semelhante ocorreu com outros periódicos, como *O Mequetrefe* que se tornou abertamente republicano em 1888⁵⁹ e a *Revista Illustrada* que sempre marcou posição ao lado dos republicanos tendo em Angelo Agostini seu principal propagandista⁶⁰.

A produção humorística dos caricaturistas apresentados neste capítulo constitui o objeto de análise que será desenvolvido nos próximos capítulos.

⁵⁹ GOEHRER, George C. A. *Da Monarquia à República: história do partido republicano no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1954, p.63.

⁶⁰ LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos presidentes através do humor e da caricatura. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (Orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, vol.1, 2003, p293.

Contudo, cabe ressaltar que a fonte-jornal não é tomada isoladamente, pois a recorrência a outras fontes amplia e contribui à compreensão das notícias e imagens publicadas nos periódicos humorísticos, especialmente os jornais diários contemporâneos a eles. A grande imprensa permite evidenciar, em alguns casos, a mesma notícia, mas num tom não irrisório ou numa crítica menos abrasiva. Ao lado dessa condição, a bibliografia pertinente também permite traçar comparações e elucidações, possibilitando que o trabalho não se torna apenas uma re-representação daquilo que o jornal tratou no passado, mas sim uma análise sobre aquilo que foi abordado.

Este capítulo e, sobretudo, os próximos, enquadram-se, portanto, numa perspectiva que não pretende tomar a fonte-jornal como reflexo ou cópia da realidade, mas como um espaço de momentos particulares dessa realidade. As caricaturas e desenhos humorísticos serão considerados como uma forma reveladora do conhecimento produzido pelo artista, conhecimento esse desenvolvido a partir da realidade na qual ele está inserido, ou seja, uma representação desse real, conforme salienta Renato Lemos no trecho que serve de epígrafe a este capítulo. Ou como refere Maria Helena Capelato “A imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época”⁶¹.

Concordando com estas premissas, é mister destacar a importância da participação desses jornalistas e caricaturistas, na elaboração da produção imagética e textual sobre a vida política imperial, pois eles foram as testemunhas oculares de seu tempo, conforme assevera Peter Burke⁶². É partir destas considerações que procurarei, ao longo dos capítulos seguintes, responder os questionamentos propostos na introdução.

⁶¹ CAPELATO, Maria H. Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988, p. 13.

⁶² BURKE, Peter. *Testemunha Ocular. História e Imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004, p. 17-18.

2 O OUTRO LADO DA “PRINCESA DO SUL”: A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NA MIRA DA IMPRENSA ILUSTRADA

“Pelotas aparece aos olhos cansados do viajante como uma bela e próspera cidade. As ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (fenômeno único na província), sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéia de uma população opulenta. De fato, é Pelotas a cidade predileta do que eu chamarei aristocracia rio-grandense, [...] Aqui é que o estancieiro, o gaúcho cansado da campanha, vem gozar as onças e os patações que ajuntou em tal mister”¹.

Essa passagem extraída da obra escrita pelo Conde d'Eu narrando suas impressões de viagem quando esteve na Província do Rio Grande do Sul, no ano de 1865, demonstra uma visão da cidade que parece perpetuada no tempo. Revelam-na organizada urbanisticamente e uma concentração populacional abastada, a qual pode desfrutar de uma vida cultural intensa. Ao lado disso, o epíteto dado a ela também expõe sua característica de urbe desenvolvida. Os jornais, principalmente os da década de 1880 incluindo os ilustrados, se referiam à cidade como a “Princesa do Sul”. O codinome data de 1863 derivado “[...] de uns versos de Antonio Soares da Silva, publicados numa revista de São Paulo”². Atualmente, o termo pode ser visto na divisa colocada abaixo do brasão da Bandeira oficial do município.

A historiografia sobre a cidade também destacou o desenvolvimento cultural e urbanístico ligado ao crescimento econômico e o gosto apurado da população por modelos europeus de comportamento. Glenda Cruz³ salienta que o fator econômico antecedeu a formação do núcleo urbano e que ela foi possível devido aos moradores dos arrabaldes, ou seja, os charqueadores que desejavam a

¹ CONDE D'EU. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1936, p.212.

² MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da universidade/UFPel, Livraria Mundial, 1993, p106.

³ CRUZ, Glenda. Pelotas: Espaço construído no início da República. In: WEIMER, Günter (Org.). *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS-Prefeitura de Porto Alegre, 1992, p.109-134, p.111.

criação de uma freguesia separada de Rio Grande. Mário Magalhães⁴ destaca que foi a partir da década de 1860 que a cidade atingiu seu auge econômico, proporcionando assim, a “opulência e a cultura”. Marcos dos Anjos⁵ enfatiza a questão da participação de estrangeiros, sobretudo nas últimas décadas do século, nos mais variados ramos de atividades, como mais um elemento que proporcionou a modernização da cidade. Já Carlos Alberto dos Santos⁶ ressalta que a arquitetura em estilo Neoclássico, construída em especial no entorno da atual Praça Coronel Pedro Osório, coincidiu com o enriquecimento da sociedade pelotense.

Os pontos de vista dos autores são corretos uma vez que, como salientado na introdução, o desenvolvimento econômico foi o responsável também pelo incremento cultural da cidade, incluindo, por exemplo, o incentivo ao progresso. Contudo, este capítulo pretende investigar algumas questões relacionadas à modernização e ao desenvolvimento da cidade, sob um aspecto distinto daquele traçado pelos autores. A proposta é verificar os contratempos, as dificuldades e os problemas enfrentados pela população diante dos elementos necessários à “cidade moderna”, entre outros: água, esgotos, iluminação, limpeza e conservação dos logradouros e o tratamento dispensado a eles pela administração pública da cidade. A análise se desenvolverá através do humor presente nos periódicos ilustrados, os quais destinaram uma parte significativa de suas ilustrações para satirizar os percalços enfrentados pela população com tais “modernidades”, além de reclamar por melhorias urbanas e criticar as condições precárias dos serviços, revelando, da mesma forma que Sandra Pesavento apontou para a Porto Alegre do século XIX, uma “tragicômica cidade”⁷.

Distinto do que ocorreu ao abordar a política da Província, citando os nomes dos presidentes, e ao se referirem à política nacional, como demonstrará o capítulo seguinte, não predominou no conjunto das imagens sobre a política local

⁴ MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura...* Op. Cit., p. 09.

⁵ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização. A cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed.da Universidade/UFPel, 2000, p.23.

⁶ SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelhos, Máscaras, Vitrines. Estudo Iconológico das fachadas arquitetônicas*. Pelotas 1870-1930. Pelotas: EDUCAT, 2002, p.31.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). *O Espetáculo da rua*. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 1996, p.75.

caricaturas que satirizassem explicitamente pessoas que ocupavam cargos administrativos. Destacou-se, contudo, aquelas que satirizavam a Câmara Municipal, embora apresentadas genericamente. Essa atitude dos periódicos pode ser entendida como uma forma de não gerar quiproquós entre os caricaturistas e os membros do poder local, uma vez que estes estavam mais próximos do que os ministros do Império, por exemplo.

Câmara Municipal

No entorno da Praça Pedro II (atual Coronel Pedro Osório), foram construídos alguns prédios que se destacaram (e ainda se destacam) em sua imponência arquitetônica⁸. Entre eles encontra-se o prédio da Câmara (Paço Municipal), no qual funciona atualmente a sede da Prefeitura Municipal. A construção da Câmara Municipal foi iniciada a partir de 1879 e inaugurada em 1881. O responsável pela construção foi Carlos Zanotta, e o projeto arquitetônico foi feito pelo engenheiro Romualdo de Abreu e Lima⁹. Durante a construção, no ano de 1880 o *Cabron* ilustrou o prédio em suas páginas a partir da planta, mas, como sempre, não perdeu a oportunidade para criticar o engenheiro. (Figura 05)

Na legenda, o caricaturista justifica sua ilustração: “Visto o senhor Romualdo, não ter dado na planta deste edifício, lugar para a escada do sobrado, a câmara resolveu mandar construir este guindaste, para facilitar a ascensão dos seus membros”. Rosa Rolim e Andrei Rosenthal¹⁰ salientam que os historiadores divergem sobre a autoria da elaboração do projeto; alguns atestam que não foi Romualdo de Abreu e Silva, mas sim José Izella. Este foi um dos principais

⁸ Ainda no entorno da praça foram erguidos outros prédios que se destacam na arquitetura pelotense, como o Teatro Sete de Abril, inaugurado em 1833 e que passou por duas grandes reformas, em 1870 e em 1916. A Biblioteca Pública Pelotense fundada em 1875. O conjunto dos casarões neoclássicos, conhecidos como casa 2, casa 6 e casa 8. Os dois últimos construídos, respectivamente, em 1879 e 1878, e o primeiro erguido no início do século e reformado em 1880, recebendo elementos para adequá-lo aos seus vizinhos. Não foram abordados na dissertação porque os periódicos não se referiram a eles. Remeto, entre outros, a: MOURA, Rosa Maria Rolim; SCHLEE, Andrei Rosenthal. *100 imagens da Arquitetura Pelotense*. Pelotas: Pallotti, 1998; SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelhos, Máscaras, Vitrines...* Op. Cit.

⁹ MOURA, Rosa Maria Rolim; SCHLEE, Andrei Rosenthal. *100 imagens da Arquitetura Pelotense...* Op. Cti., p. 82.

¹⁰ Id. Ibid., p. 82.



Figura 05: Paço Municipal

Legenda: Visto o senhor Romualdo, não ter dado na planta deste edifício) lugar para a escada do sobrado, a câmara resolveu mandar construir este guindaste, para facilitar a ascensão dos seus membros

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.57, p.4, 14 mar. 1880.

arquitetos dos últimos decênios do século XIX em Pelotas¹¹. Certamente, o projeto pertenceu ao primeiro, uma vez que a afirmação pode ser feita amparada na informação da legenda da imagem, contemporânea à construção. Nota-se na imagem a colocação, atenuada, do Brasão do Império no centro da platibanda do prédio; após a Proclamação da República o símbolo do Império foi substituído pelo brasão da República, mantido até a atualidade.

Ainda no *Cabrion* foram averiguadas outras críticas dirigidas à Câmara e, em especial, ao seu engenheiro Romualdo de Abreu e Silva. Num artigo chamado “Que xelindreira” satirizavam uma construção colocada no centro do lago da praça, feita por ele. A obra já tinha sido caricaturada num número anterior com algumas galinhas saindo do seu interior, chamada de “galinheiro” ou “monumento... gótico” (*Cabrion*, 22/02/1880). Ela ainda existe na Praça Coronel Pedro Osório, situada no centro do lago.

A figura de uma mulher foi empregada neste periódico para se referir à Câmara. Ao contrário de outras, sempre ilustradas com beleza como a alegoria usada para representar a cidade, a mulher que aparecia simbolizando a Câmara era envelhecida e com traços masculinos, além das desproporções: cabeça enorme e pés minúsculos. Sua fisionomia, provavelmente estava relacionada aos membros que compunham o legislativo, todos homens. (figura 06)

Na imagem, os utensílios ilustrados na composição: a pena, o avental, o espanador e a pá, remetem às atividades que deveriam ser desempenhadas pelos membros do legislativo: a elaboração de leis, a limpeza e o cuidado com a cidade e a realização de obras. A legenda confirma a mensagem: “Cumprimos esta ilustre Senhora e, pedimos [que faça] todo o uso possível destes instrumentos, pois que o asseio público é digno de comisseração”. Apesar de não mencionado pelo periódico, é mister considerar que, no ano anterior houve eleições para vereadores na cidade, os quais possivelmente estavam assumindo seus mandatos

¹¹ CHEVALIER, Ceres. *Vida e obra de José Izella: Arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, 218f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002, p. 66.



Figura 06: Câmara Municipal

Legenda: Cumprimentamos esta ilustre Senhora e, pedimos [que faça] todo o uso possível destes instrumentos, pois que o asseio público é digno de comiseração.

Fonte: *Cabrion*, Pelotas, n.101, p.8, 09 jan. 1881.

no início de 1881, coincidindo com a ilustração a qual pode ser entendida como um pedido dirigido aos novos membros da Câmara.

Já *Zé Povinho* e *A Ventarola* não apresentaram imagens semelhantes às do *Cabrion*, embora os artigos do último, direcionados à Câmara, fossem redigidos de forma cômica e, ao mesmo tempo, críticos. Exemplar é um artigo publicado em 16 de dezembro de 1888 no qual começavam salientando que: “Cuidar do bem estar do povo, facilitando-lhe os meios de vida e proporcionando-lhe sossego e tranqüilidade, [são] dever de todas as corporações administrativas” para então afirmar “[...] o que é fato observado diariamente, é que vários ramos do serviço público, entre nós, são executados arbitrariamente, tripudiando-se por sobre a lei, de uma maneira digna da maior censura”. Para justificar sua queixa, o periódico apresentava como uma arbitrariedade o fato de que, no período de safra nas charqueadas, indivíduos andassem em carroças pelas ruas da cidade vendendo partes de bois. Cobrando providências dos “ilustres edis” o periódico não acreditava que “semelhante ordem” tivesse partido deles. Apesar de não concordar que esse comércio fosse realizado pelas ruas, entendiam se tratava de “uma medida tão justa quão proveitosa à classe pobre” então solicitavam uma providencia que desse cabo ao comércio ambulante, mas que, ao mesmo tempo, atendesse à “causa da pobreza”.

Houve, contudo, algumas notícias que trataram de atitudes da Câmara sem apresentar um tom satírico, mas, ao contrário, elogiava-a: “A 15 do mês próximo pretende a nossa edilidade inaugurar o Liceu de Artes e Ofícios”. O periódico destacava a nobreza da medida, salientando que a nova instituição teria um grande alcance; por fim, congratulava-se com a população “pelo melhoramento que a Câmara lhe veio trazer”. (*A Ventarola*, 12/02/1888) Outra notícia destacava que a Câmara Municipal era composta por “cidadãos honestos e patriotas”. O periódico a tratava dessa forma enaltecida devido às benéficas atitudes tomadas em relação à saúde pública com a apreensão de produtos estragados: “[...] tem encontrado em diversas casas de negócio grande quantidades de frutas em conserva [...] [com] uma matéria nociva à saúde” ou então falsificados: “[...] deu busca em uma *fábrica de licores* onde se diz encontrara coisas do arco da velha”.

No final da notícia parabenizavam a Câmara e pediam a ela uma visita às tavernas, locais que adulteravam os vinhos para torná-los mais baratos, transformando-os em “veneno da humanidade”: “Srs. edis, muito bem, mil vezes apreciado e... uma visita às tavernas” (*A Ventarola*, 01/12/1888). Contudo, os pedidos dos periódicos traziam um tom crítico e num ato quase contínuo satirizavam a Câmara, sobretudo em relação ao cuidado com a praça e a limpeza das ruas.

A Praça Pedro II – Ruas – Doenças

A principal praça da cidade foi projetada nos anos 1830 e denominada Praça da Regeneração. Passou, a partir do segundo Império, para Dom Pedro II, retornando, mais tarde, ao nome anterior. Quando da Proclamação da República, tornou-se Praça da República e a partir dos anos 1930, Praça Coronel Pedro Osório, denominação que possui até hoje. No entanto, este espaço somente foi arborizado e ajardinado em 1873, com a colocação no centro de um chafariz – Fonte das Nereidas – importado da França¹². Foram trazidos, ainda, mais três chafarizes instalados em outros espaços públicos, além de uma caixa d’água, alojada na Praça Piratinino de Almeida, em frente à Santa Casa de Misericórdia. Essas fontes não tinham somente uma função decorativa para a cidade, elas serviam para o fornecimento de água à população¹³. Até este período, conforme Mário Magalhães a praça “[...] permaneceu intransitável em todo o seu percurso, cercado por um alambrado, tendo ao centro uma lagoa de águas paradas”¹⁴.

O chafariz, que ainda ocupa o centro da praça, foi ilustrado pelos três periódicos. Em 1880, o *Cabron* apresentou duas imagens; numa delas, tratou do enorme afluxo de pessoas ao lugar, uma verdadeira “romaria”. (figura 07) A outra assegurava que o chafariz se tornava pouco concorrido em noites de apresentação de companhias teatrais (figura 08).

¹² MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura...* Op. Cit., p. 100.

¹³ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização...* Op. Cit., p.48.

¹⁴ MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura...* Op. Cit., p. 100.



Figura 07: Chafariz da Praça Pedro II (concorrido)

Legenda: Na Praça temos a romaria ao chafariz, a gente cansa-se de dar tanta volta. (mas no inverno todos os excessos são higiênicos).

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.67, p.3, 16 maio 1880.



Figura 08: Chafariz da Praça Pedro II (pouco concorrido)

Legenda: A Praça tem sido pouco concorrida.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.69, p.3, 30 maio 1880.

Na imagem se observa que os transeuntes são todos brancos; os homens, por exemplo, usam cartolas. A praça era um espaço destinado à diversão da população “nobre” da cidade, sendo que a circulação de pobres e escravos nestes espaços era restrita. Ao abordar o carnaval de 1883, o periódico *Zé Povinho*, ilustrou a brincadeira do entrudo praticada na praça. Novamente aparecem na imagem homens com trajés e chapéus elegantes, além de algumas mulheres com vestidos e chapéus que identificam sua condição social, embora haja apenas um homem que, provavelmente, seja negro. (figura 09, primeiro quadro)

A análise desta ilustração demonstra que as divisões sociais e a ocupação dos espaços urbanos eram bem demarcadas na sociedade pelotense. Primeiramente nota-se a presença de mulheres na festa, as quais, pertenciam, certamente, às elites da sociedade. Já em outros carnavais, como no do Rio de Janeiro, a mulher de família acompanhava os desfiles das janelas; somente as prostitutas desfilavam nos carros alegóricos, as quais, tinham no carnaval uma oportunidade de encontrar um protetor que lhes garantisse o pagamento das despesas¹⁵.

Um segundo ponto (e associado ao anterior) diz respeito à participação dos segmentos sociais e a ocupação do espaço urbano durante o entrudo. Em Pelotas, a festa era essencialmente promovida por famílias norteadas por normas européias e com um mesmo nível econômico, assim continuavam existindo divisões sociais e étnicas durante a brincadeira. Ao lado disso, o “redondo” da praça, como era conhecido na época o espaço central com o chafariz, era destinado somente para esses segmentos. Posição semelhante é apontada por Álvaro Barreto: “A participação dos negros ocorria de maneira escondida, periférica, permitida e/ou vigiada, o que se efetivava pela simples separação das folias (restando aos negros a periferia, os arrabaldes ou os setores do centro não ocupados pelos brancos)”¹⁶. Já nos anos posteriores, o carnaval pelotense seria marcado pela *glamour* dos clubes carnavalescos, como o Clube Brilhante e o

¹⁵ PEREIRA, Cristina Schettini. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2002. p.322-23.

¹⁶ BARRETO, Álvaro. *Dias de folia. O carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: EDUCAT, 2003, p. 106.



Figura 09: O carnaval e o passeio público

Legenda: Aspecto da cidade do dia 20 em diante

Fonte: *Zé Povinho*, Pelotas, n. 03, p.4, 21 jan. 1883.

Clube Diamantinos, de brancos, Clube Chove Não Molha, Clube Fica Aí e Clube Depois da Chuva, de negros¹⁷.

Por outro lado, em centros urbanos maiores, a barreira entre os segmentos sociais não era tão resistente. No entrudo realizado na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, por exemplo, os escravos se enfarinhavam numa clara encenação de sátira social, enquanto que "das janelas e sacadas, ou no leito das ruas, mulheres e homens de variada extração social divertiam-se empenhadamente em atirar limões-de-cheiro"¹⁸.

Reveladora dos conflitos existentes na praça entre os segmentos sociais é uma pequena crônica publicada pelo *Cabrio* em 19 de dezembro de 1880. Nela, destacavam que "com todo este calor" característico da "estação febrina" a praça havia sido, no último domingo, "muito concorrida", a ponto de "alguns cidadãos" que ali se achavam não encontrando bancos disponíveis para se sentarem, "mandaram levantar algumas pessoas, porém de cor preta". O periódico julgou o procedimento inqualificável, afirmando que "se fosse preto dar-lhes-ia um assento talvez mais agradável".

Em 1887, *A Ventarola* ocupou suas páginas com representações da praça, para criticar o atraso no calçamento que estava sendo feito no entorno do chafariz. Na imagem, ela foi apresentada com desordem e com algumas pessoas tentando trafegar entre tijolos e montes de areia (*A Ventarola*, 27/11/1887). No ano seguinte, a praça, já calçada, foi representada no dia da sua re-inauguração com banda de música e grande número de participantes (*A Ventarola*, 15/01/1888). A princípio, recebida com júbilo, a reforma da praça seria em seguida criticada pelo periódico: "[...] disseram-me que as reformas porque ia passar o redondo da praça Pedro II, era obra sólida e de durabilidade, eu como 'crédulo' nestas cousas (sic) acreditei [...] Oito dias decorridos sabem o que acontece?". Conforme o periódico,

¹⁷ Ainda sobre a história do carnaval pelotense e, em especial, a participação dos negros ver: MELLO, Marco Lírio de. *Reviras, Batuques e Carnavais*. Pelotas: Editora da universidade/UFPel, 1994; LONER, Beatriz Ana. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes carnavalescos. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz*. [recurso eletrônico] Londrina: ANPUH/Editorial Mídia, 2005, p. 01-08.

¹⁸ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor pereira no carnaval carioca da virada do século. In: _____.(Org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2002. p.374.

os representantes da edilidade não fiscalizaram a obra e após receber a “encomenda” com “foguetório, música, etc.” não abriram o “embrulho para ver se estava conforme o pedido”. O resultado foi uma obra “gastada”. O periódico estava criticando o emprego de materiais de qualidade inferior o que provocaria em breve novos reparos. No final, endereçaram para a edilidade um recado: “[...] meus amigos... menos barulho, e mais obras, é o que nos queremos” (*A Ventarola*, 22/01/1888). O número posterior ressaltava que a “Ilustradíssima Câmara¹⁹” não aceitou “engolir a pílula” evidenciando que, de fato, a crítica se referia à qualidade do material usado na obra, sendo os responsáveis multados e novos serviços contratados para o mês de abril (*A Ventarola*, 29/01/1888).

A situação da limpeza urbana foi uma preocupação que perpassou por todos os periódicos, sendo também abordada pela imprensa diária. O estado das ruas apareceu na primeira página do *Cabron* em 1879, na qual chamavam a atenção da Câmara para as sujeiras acumuladas que exalavam mal-cheiro: “Escute, veja isto e tome o olfato”. (*Cabron*, 06/04/1879). *Zé povinho* ilustrou o “[...] aspecto imaginário das ruas da cidade desde que o contratador da limpeza urbana cesse com o serviço” (figura 09, segundo quadro). No entanto, o “aspecto imaginário” parece ter-se tornado uma realidade, conforme uma outra ilustração do jornal que apresentava as “crateras desse Vesúvio” ao referir-se à sujeira acumulada nas ruas da cidade (Figura 10).

O periódico associava a falta de higiene e cuidado com as ruas como um fator propulsor de doenças. Na continuação dessa imagem apresentavam dois homens acamados e associados a doenças: tifo e escarlatina. No quadro seguinte, pessoas tapando o nariz ao passar pelas ruas sofrem de “asfixia por exalações” “salve-se quem puder”. No último quadro, o responsável pelo “asseio pelotense”, numa carroça, passeia indiferente por cima das imundícies.

O tratamento dispensado às ruas foi abordado em *A Ventarola* que, por sua vez, não poupou sátiras à administração da cidade, notadamente aos fiscais da Câmara. Num artigo publicado em 05 de fevereiro de 1888 salientavam que era

¹⁹ A expressão “Ilustradíssima” foi constantemente empregada pela imprensa ilustrada para se referir a Câmara Municipal quase sempre constituindo uma crítica.



Figura 10: Higiene Pública

Legenda: As crateras deste Vesúvio.

Fonte: *Zé Povinho*, Pelotas, n. 14, p.05, 08 abr. 1883.

inadmissível que os “senhores fiscais da Câmara” deixassem “um bichinho daqueles (cão) nas sarjetas até que fique em estado de putrefação! Santa relaxação! Srs. fiscais!” na seqüência, eles eram criticados por andarem em bucefalos (sic) “pelas ruas da cidade no *Dulce far niente*”. Este problema não ocorria em ruas distantes, mas, conforme assegurava o periódico se tratava “das principais ruas da cidade”, as quais, devido ao descaso das autoridades, estavam imundas. A questão dos cães que perambulavam pelas ruas já havia sido abordada no periódico no ano anterior; chamando atenção ao problema, caricaturaram os fiscais, os quais a “tiro, a laço, a bola, a chusso (sic), não escapa um da raça canina” (figura 11). O problema dos animais mortos parece não ter sido totalmente resolvido, uma vez que retornou às páginas do jornal cerca de um mês depois da primeira denúncia; agora a situação era tratada com mais ironia: “[...] ora, sabe a Câmara (ou os fiscais) que na rua tal existe o cadáver de um ‘ente’ que em vida se chamou ‘cachorro’ e que se deixa ficar até ao estado mais repugnante que se pode imaginar, e não ter [...] um homem de bom coração [...] [que] recambie-o para a vala comum” (*A Ventarola*, 11/03/1888).

No entanto, os animais mortos não eram o único problema. Ainda nesse mês um outro artigo, no mesmo tom daquele, destacava que “A ilustradíssima continua a consentir que façam asneiras os aboletados dos arrematantes da limpeza”. A poeira era a causa da crítica: “[...] nos dias em que esta ventania bota tudo pelos ares, eles [andam] muito a seu gosto varrendo as ruas”. Conforme o jornal seria necessário usar de “aparelhos precisos para umedecê-las antes de varrê-las”, uma vez que do jeito que era realizado “sofre o público, o comércio e os próprios varredores”. Outra sugestão dada pelo periódico parece, no seu ponto de vista, mais plausível; a proposta também revela a característica de “cidade moderna” imputada pelos moradores, na qual o colaborador do periódico se enquadra impecavelmente: “Porque não mostra a ilustradíssima que Pelotas se acha no elevado grau de civilização, e manda, ordena, impõe para que a limpeza das ruas seja feita da meia-noite para o dia como no grande Rio de Janeiro?”. Dinheiro não faltaria visto que a cada dia a ilustradíssima aumentava os impostos, os quais eram pagos de mau-grado pelo “pobre povo”. Com certeza, afiançava o

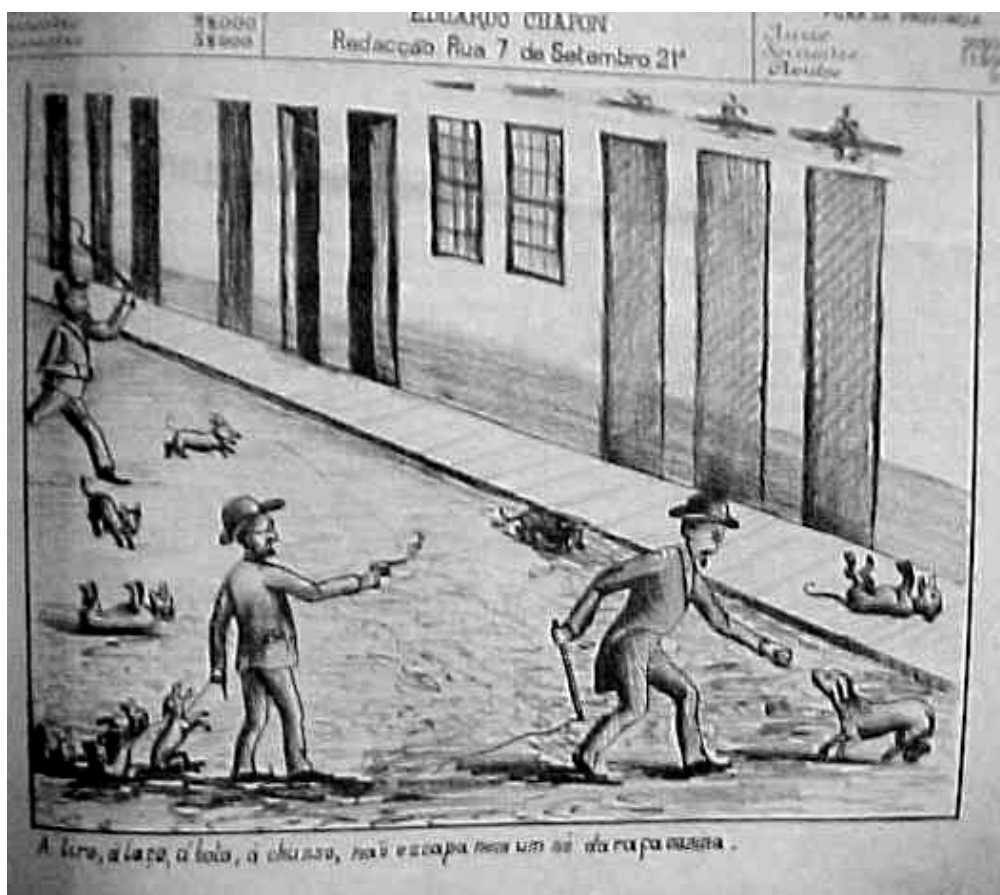


Figura 11: Cães nas ruas

Legenda: A tiro, a laço, a bola, a chusso (sic), não escapa um da raça canina.

Fonte *A Ventarola*, Pelotas, n.14, p.1, 10 jul. 1887.

jornal, o dinheiro arrecadado não ia para os fiscais, visto que eles “andam cada vez mais magros” (*A Ventarola*, 26/02/1888). No entanto, no número seguinte os responsáveis pela limpeza das ruas eram acusados de também limparem “os cofres públicos”. Não se preocupando com a “[...] limpeza das sarjetas e charcos de que esta pobre e bondosa cidade está eivada. Não se tirarão desses focos de miasmas as imundícies que as produzem?” (*A Ventarola*, 04/03/1888).

O problema da limpeza urbana retornaria novamente no ano posterior; agora os fiscais eram chamados de “*clows* da municipalidade”. Conforme o jornal, a “provada atividade” deles era muito proveitosa para “[...] o sossego dos míseros animais que dormem o sono dos justos por essas sarjetas e por esses monturos que encham as ruas da cidade!”. O aspecto da cidade era descrito pelo jornal com um tom de crítica à administração e um tanto envergonhado em relação aos visitantes que chegavam à cidade pela estrada de ferro: “[os fiscais] não sabem evitar-lhes o espetáculo de uma cidade imunda, com ruas fedidas (sic) e elementos deletérios, capazes de corromper a atmosfera mais saudável e de produzir maiores devastações entre os viventes do que a peste ou a guerra” (*A Ventarola*, 03/11/1889).

A falta de limpeza das ruas, conjugada com o calor, também era apontada pelo *A Ventarola* como responsável pela proliferação de doenças: “Ah! Não se pode com semelhante temperatura. Não sabemos quando temos chuva nem quando temos calor, o que ocasiona grandes epidemias. Isto de moléstias não nos admira, visto que a ilustradíssima não nomeia delegados para remover esses montes de imundícies que existem por esta cidade” (*A Ventarola*, 11/03/1888).

O *Cabrion*, em 1880, tratava, numa série de desenhos, de uma epidemia que grassava a partir de Canguçu, a qual não demoraria a chegar a Pelotas. O jornal não revelou qual era a doença apenas afirmava que ela tinha “feito seus prodígios com as pobres vitimas” e que o único remédio dado pelos médicos era a cachaça. Alguns doentes “tomam de tão boa vontade” que acabam caindo pelas ruas da cidade. No último quadro da série o jornal afiançava que não se podia combater “tão rebelde moléstia” (*Cabrion*, 02/05/1880). Não foram encontradas na

imprensa diária da cidade notícias sobre uma possível epidemia vinda da cidade vizinha de Canguçu. Portanto, a série publicada no jornal pode ser entendida de uma outra forma, ou seja, quiçá não tratasse de um surto, mas apenas uma crítica ao consumo de álcool. A ambigüidade é assinalada pela última legenda [“rebelde moléstia”] que permite associar os predicados a uma provável epidemia [doença] ou ao alcoolismo.

No ano seguinte, outra epidemia era anunciada pelo periódico, desta vez identificada: febre tifóide. Conforme o periódico a peste “tem tomado proporções agigantadas, roubando-nos a flor da mocidade” (*Cabron*, 13/03/1881). À primeira página apresentavam uma “tormenta” sob a cidade com nuvens carregadas de “tifoide” (sic) acompanhada por um esqueleto. A legenda da imagem era uma prevenção ao leitor: “Que tormenta nos ameaça!... cuidado com as umidades leitores e vejam a presente figura pouco simpática”. (figura 12)

A *Ventarola* abordou duas epidemias diferentes: varíola em 1887 e febre amarela em 1889. A primeira viria da zona da fronteira enquanto a outra já estava “a braços com Porto Alegre e Rio Grande”. O periódico, recorrendo aos desenhos, se interrogava sobre o que aconteceria à “formosa princesa do sul” quando o surto chegasse. Para prevenir a doença aconselhavam as “senhoras mães de família” que mantivessem suas casas bem desinfetadas e ao “belo sexo” que substituíssem o perfume dos lenços por ácido fênico (*A Ventarola*, 03/03/1889). Um outro artigo publicado pelo periódico em 1888 mostrava a preocupação de seus colaboradores com a grande mortalidade infantil. Afiançando que apesar d’*A Ventarola* ter nascido “para o riso e para a galhofa”, também poderia “deitar moralidade, sentimentalismo e caridade”. Fingindo que não estavam em pleno período de carnaval, tomavam “[...] a liberdade de pedir a ilustradíssima municipalidade – providências, no sentido de remover as causas da grande mortandade de crianças” (*A Ventarola*, 12/02/1888).

A crítica à limpeza das ruas foi comum em todos os periódicos, demonstrando que a questão ficou mal resolvida durante os anos 1880. A Câmara havia estabelecido algumas normas que regularizavam a limpeza das ruas, no



Figura 12: Tiphóide

Legenda: Que tormenta aplacável nos ameaça!... Cuidado com as *umidades* leitores e vejam a presente figura pouco simpática.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.112, p.1, 13 mar. 1881.

entanto, as críticas dos periódicos revelaram que tanto os serviços públicos como a averiguação de seus cumprimentos pela Câmara eram ineficazes. Em 1878, foram aprovados artigos adicionais ao código de posturas, não permitindo o despejo de materiais fecais e águas servidas nas ruas, praças, pátios ou quintais. Em 1880, foram estabelecidas outras medidas que obrigavam os proprietários urbanos a conservarem suas ruas limpas, varrendo-as duas vezes por semana e removendo a vegetação que crescia nas calhas e telhados. Já o lixo arrecadado deveria ser levado para fora do perímetro urbano²⁰.

Provavelmente a cidade que Conde d'Eu conheceu durante os nove dias de sua estada no ano de 1865 não era muito diferente daquela satirizada pelos periódicos anos depois. As principais ruas da cidade ainda eram as mesmas, pois seu traçado já datava dos anos 1830. Uma delas era a Rua São Miguel (atual Quinze de Novembro) que devido ao seu intenso comércio de objetos de prata foi comparada pelo príncipe a “*Strada degli Orefici*, de Genova”²¹. Por outro lado, a população do município alcançava, no início da última década do século XIX a cifra de 41.591 habitantes, o que representava mais do dobro do número de residentes da década de 1860²² fator que provavelmente contribuiu para o aumento da necessidade de uma limpeza mais ordenada e que evitasse que a cidade se tornasse um “Vesúvio de imundícies”. Como destacado pel’*A Ventarola*, em março de 1888, a proliferação de doenças ocorria nos meses mais quentes do ano. As notícias, notas e desenhos que trataram dessa temática nos três periódicos foram veiculadas, em grande maioria, entre os meses de novembro e abril. A mesma posição foi averiguada no *Jornal do Comércio* que no início daquela década destacava que “[...] neste tempo, em que o sol é ardente e produz sobre as imundícies sua ação, os vapores deletérios sobem e empestam a atmosfera” (12/01/1881). Outro jornal diário, *A Discussão*, compartilhava da

²⁰ Conforme Livro de Atas da Câmara Municipal de Pelotas. 1874-1879, 12 de janeiro de 1878 e Livro de Atas da Câmara Municipal de Pelotas, 1879-1883, 7 de agosto de 1880. Apud GUTIERREZ, Ester. *Barro e sangue: Mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777-1888)*. Porto Alegre: PUCRS, 1999, 550f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999, p.240.

²¹ CONDE D'EU. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul...* Op. Cit., p.213.

²² PEREIRA, Óthon Ferreira et. al. A evolução urbana de Pelotas: um estudo metodológico. *História em Revista*. Pelotas: UFPel, nº 01, set. de 1994, p.27.

mesma opinião. Nesse período o *Cabrion* ainda circulava e, no entanto, não tratou da limpeza das ruas. Provavelmente as discordâncias entre Eduardo Chapon e os jornalistas, como visto no capítulo 1, deveriam tomar todo o tempo do caricaturista que preenchia as páginas de seu periódico com sátiras endereçadas a eles, o que impossibilitava que outros assuntos fossem abordados.

Progresso – Serviços urbanos

Em 1871, visitou a cidade um viajante britânico, Michel George Mulhall. Em suas anotações, ele registrou o progresso da cidade, citou o projeto da estrada de ferro até Bagé, das obras de instalação do gás, de um projeto para a colocação de bondes e da construção do novo prédio da Santa Casa²³.

A estrada de ferro narrada por ele somente se tornaria uma realidade no começo da década seguinte. O *Cabrion*, que já circulava quando a construção iniciou, apresentou uma ilustração, na qual uma representação de uma mulher, identificada como “Pelotas”, puxava um trem, que simbolizava o “progresso”. (figura 13) A construção das ferrovias foi considerada no século XIX um dos espetáculos da modernidade pois as estradas de ferro permitiam, além do transporte de passageiros, o escoamento da produção das fábricas²⁴. Francisco Foot Hardman, ao abordar a inauguração da linha ferroviária Liverpool-Manchester em 1830, uma das primeiras do mundo, salienta a “força do impacto cultural desencadeado por aqueles novos artefatos de ferro” na população londrina. Concomitante, o século XIX “reagia, entre indignação, espanto e encantamento, às criaturas saídas do moderno sistema de fábrica”²⁵. Esta deve ter sido também a reação da população pelotense décadas depois; especialmente pelo fato das desavenças entre pelotenses e rio-grandinos expressadas pelos jornais de ambas

²³ Cf.: MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura...* Op. Cit., p. 90.

²⁴ Vale lembrar que Pelotas possuía, além das atividades econômicas oriundas das charqueadas, um número elevado de fábricas nos anos 1880. Ver: LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Ed. da Universidade/UFPel/Rede Unitrabalho, 2001.

²⁵ FOOT HARDMAN, Francisco. *Trem-Fantasma. A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª Ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.34.



Figura 13: Pelotas e o progresso

Legenda: Pelotas vai na senda do progresso.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.67, p.3, 16 maio 1880.

as cidades com debates acalorados. A alteração se deu devido ao ponto do qual o trem deveria partir, se de Pelotas ou de Rio Grande. As obras se iniciaram somente em 1881 e a inauguração ocorreu três anos depois²⁶. Quando da inauguração a querela foi resolvida com a primeira estação localizada em Rio Grande, a segunda em Pelotas e a última em Bagé²⁷.

A ilustração d' *A Ventarola* permite duas possibilidades de leitura. A primeira está relacionada com a disputa entre as duas cidades – Pelotas e Rio Grande – se a intenção do caricaturista foi expressar essa situação, é possível que a mulher que representa Pelotas esteja puxando o trem pela parte traseira, tentando conquistar sua primeira estação. Por outro lado, sem se preocupar com essa disputa, o autor da imagem poderia apenas sugerir que a cidade estava entrando na “senda do progresso” e, então, a ilustração pode ser lida ao contrário: o trem é quem está levando Pelotas para o caminho do desenvolvimento.

O *Zé Povinho* também acompanhou a construção da estrada. O periódico adiantava que, com a construção das “redes de caminhos de ferro”, a Província se tornaria uma das principais do Império. Na seqüência, apontavam o desenvolvimento que as estradas de ferro proporcionariam: “[...] a lavoura se desenvolverá de uma forma assombrosa, o comércio ficará isento de tantos impostos [...], a segurança pública será garantida [...]”. O último ponto destacado pelo jornal revela outra faceta da cidade que se tornava moderna e com uma concentração populacional urbana em franco desenvolvimento. O aumento da segurança que seria proporcionado pela estrada de ferro, quiçá devido à necessidade de proteção aos trens e as cargas, também colaboraria para reverter o quadro composto por “vagabundos percorrendo as ruas da cidade, praticando os mais escandalosos abusos” (*Zé Povinho*, 18/03/1883). O crescimento da criminalidade pode ser considerado como um dos fatores resultantes da modernização. Cláudia Mauch²⁸ aponta para o caso de Porto Alegre na década de 1890, que, com o crescimento comercial e populacional, aumentou também os

²⁶ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização...* Op. Cit., p.44.

²⁷ MAGALHÃES, Mário Osório. Sebeiros e Papareias. In_____. *Pelotas Século XIX*. Editora Livraria Mundial, 1994, p.44.

²⁸ MAUCH, Cláudia. *Ordem Pública e Moralidade. Imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC/ANPUH-RS, 2004, p.70.

problemas urbanos, obrigando o poder público a regulamentar o convívio social. No caso pelotense, a esperança do *Zé Povinho* não se confirmou. No final daquela década *A Ventarola* noticiava que “Ao que se diz, a polícia da nossa terra trancafiou no palacete do Sr. Braga 25 cidadãos a título de vagabundos, isto no sábado”, entre eles estavam “alguns moços que não estão acostumados às delícias da casa do pouco pão” (*A Ventarola*, 11/09/1887). Ainda sobre os vagabundos o periódico veiculou outra notícia tratando de um edital da polícia que decretava uma espécie de toque de recolher, após o “badalar do sino da matriz às 10 horas da noite”. Provavelmente era uma tentativa de acabar com a “vagabundagem”. Contudo, alguns “*inadvertidamente* tem passado algumas horas em companhia de Baco, pelo que não [dão] fé do sinal policial” (*A Ventarola*, 18/11/1888) (grifo do jornal).

Um dos serviços urbanos satirizados foi o dos bondes com tração animal inaugurado na cidade em 1873²⁹. Há algumas representações deles no *Cabrião* em 1880. As imagens aludem a um episódio de violência ocorrido num dos veículos, de propriedade da Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas. O periódico relatou que um passageiro tentou apunhalar o condutor, por este lhe ter cobrado a passagem muito adiantada. (figura 14) Na seqüência dos quadros, mostrou um passageiro carregando uma faca na cintura, afirmando que “veremos de agora em diante os condutores com um aspecto assustador”. Apesar disso, foi destacado também que os condutores, não conhecendo o passageiro “cobra-lhe de um modo imprudente”, apresentando na imagem o condutor com uma arma na mão cobrando um usuário. Caso semelhante foi apontado em *A Ventarola* em 1887, num artigo que tratava da “esperteza” dos condutores que cobravam passagens a mais. Exemplificavam a situação denunciando as atitudes de um dos condutores que cobrou de “um amigo nosso” passagens “até de três crianças de seis anos”. Concomitante, criticavam o estado dos bondes: “[...] embarcar num desses calhambeques é recomendar a vida ao tihoso” (*A Ventarola*, 28/08/1887). A situação de precariedade dos bondes foi abordada em outra nota que, além de criticar o serviço, não deixou que a ocasião passasse sem uma dosagem de

²⁹ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização...* Op. Cit., p.50.



Figura 14: Confusões no bonde

Legenda: A dias um baldevino quis apunhar um conductor de bonde, por este (provavelmente) lhe cobrar a passagem muito adiantada.

Fonte: *Cabron, Pelotas*, n. 69, p.4, 30 maio 1880.

humor, o que provavelmente proporcionava o riso do leitor, que também poderia ser um usuário dos bondes: “No domingo de volta do parque o bonde, depois de ter descarrilado dez vezes, vinha sobre os trilhos a solavancos tais, que as pessoas sentadas nos bancos eram arremessadas às alturas e caindo sentiam assim o efeito daquela receita que se aplica às crianças choronas” (*A Ventarola*, 19/06/1887).

O serviço de esgotos foi iniciado relativamente tarde se comparado, por exemplo, com o fornecimento de água. A Câmara Municipal somente contrataria em 1887 “[...] o projeto de saneamento coordenado do francês Gregório Howyan, engenheiro civil pela Escola de Pontes e Calçadas de Paris. Tal projeto utilizava o sistema Waring, que emprega a água como veículo condutor dos materiais fecais e detritos”³⁰.

A Ventarola parece que compartilha a opinião do atraso desse serviço, ao afirmar num artigo que “temos os esgotos na berlinda!”. No texto o colaborador empregou a palavra esgotos com sentido distorcido para criticar a Câmara e satirizar o serviço que seria cobrado dos cidadãos o que gerou “[...] gritos de guerra que, de todos os lados, irrompem, ao saber-se que a Câmara trata de esgotar-nos os fundos das casas”. No entanto, a cobrança não seria possível, pois, “[...] nós andamos todos tão esgotados, que difícil será achar ainda alguma coisa que esgotar”. Por outro lado, a questão dos esgotos era considerada uma melhoria nas condições de higiene da cidade visto que já era tempo de “acabar com as carroças de asseio”. Nelas eram conduzidas as cubas com os detritos fecais recolhidas nas casas. Em Porto Alegre esses recipientes receberam o epíteto de “tigres”, devido ao “verdadeiro pavor com que os transeuntes se afastavam quando os viam aproximar-se!”³¹. O mesmo pavor era descrito pelo periódico que aplicava um outro apelido a elas, “pimpolhos” os quais, quando se aproximavam, obrigavam as pessoas a atalhar devido às “essências que ele despede. Venham, pois, os esgotos!” (*A Ventarola*, 17/04/1887).

³⁰ Id. *Ibid.*, p.48.

³¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). *O Espetáculo da rua...* Op. Cit., p. 10.

As obras do saneamento somente seriam iniciadas em 1889, com a aprovação da Assembléia Provincial de um projeto de lei que estabelecia o início das obras na cidade, em Rio Grande e em Porto Alegre e sancionada pelo presidente da Província, Sr. Galdino Pimentel (*A Ventarola*, 28/04/1889). A aprovação da lei gerou um acalorado debate na imprensa diária, uns favoráveis e outros contrários. O periódico ilustrado iniciava um artigo sobre a questão associando os esgotos à propagação de doenças: “[...] os esgotos estão condenados na província e em todo o império, porque constituem um perigoso foco de miasmas pestilentas, um verdadeiro viveiro de micróbios da febre amarela e do cólera morbus.” Esta não era, contudo, a opinião do periódico e sim aquela do “Zé Povinho” de Porto Alegre que atribuía aos esgotos a epidemia de febre amarela na Corte e em Santos. Discordando desse ponto de vista o periódico considerava que, pelo contrário, os esgotos preveniam a proliferação de doenças: “Todos os higienistas aconselham os esgotos como o único meio capaz de influir na salubridade dos centros populosos. Em todos os países civilizados há empresas de esgotos, exigidas pelo asseio e pela higiene pública”. No final o periódico condenava a política, chamando-a de “mesalina, vil e corrupta” como a responsável por divulgar verdades infundadas à população, a qual “muitas vezes me tira toda a paciência” (*A Ventarola*, 14/04/1889). A alusão feita à política provavelmente estava relacionada à oposição dos liberais aos conservadores que estavam no poder com o Ministério João Alfredo, o que também lhes dava o domínio na Província. Num outro artigo no qual abordavam a posição dos jornais diários, afiançavam que *A Reforma* – órgão do Partido Liberal de Porto Alegre – estava em “desabrida oposição” aos atos do Sr. Galdino Pimentel. O mesmo era apontado para o *Diário de Pelotas*, jornal dos liberais na cidade, enquanto o *Correio Mercantil* – que não tinha cores partidárias explícitas – manteve-se neutro na questão. Ao contrário deles, *A Ventarola* foi a única folha que “não acompanhou a onda”, mostrando-se favorável aos esgotos (*A Ventarola*, 28/04/1889).

Retomando novamente a questão, o periódico tentava convencer o leitor que:

[...] se os esgotos são um veículo propagador de pestes, [...] também é justo pensar-se que: se as matérias em decomposição produzem pestes, sendo lançadas a todo o momento por encanamentos ao São Gonçalo, não perdem as suas propriedades deletérias, sendo conservada [...] nos nossos quintais, ou por três dias de *fermentação* nos cubos fornecidos pela empresa atual.

Outra razão favorável à criação dos esgotos apontada pelo periódico, seria o fim do “espetáculo repugnante” estrelado pelas cubas, as quais, muitas vezes eram removidas “altas horas do dia em ocasiões quase sempre inoportunas!”. Ao lado disso, os esgotos eram considerados um símbolo de civilização. Tentando infundir no leitor essa posição traçavam algumas comparações estatísticas entre Pelotas e a Corte, afirmando que “em Pelotas, que não possui esgotos, há mais óbitos do que na corte!”. Afiançavam que esses dados eram de “domínio público” e que essa situação era verificada “em épocas que não grassem epidemias em ambas as localidades.” (*A Ventarola*, 21/04/1889).

Não cabe averiguar se as afirmações do periódico eram “reais” ou se se tratava de uma tentativa de persuadir o leitor de que os esgotos eram o melhor para a cidade, apresentando estatísticas assustadoras. Interessa é a posição defendida por eles, uma vez que, ao contrário do verificado em 1887 quando as discussões ainda eram incipientes, agora o periódico conjugava o teor da sátira com sua posição favorável à proposta do saneamento, combatendo os atuais serviços fornecidos pela empresa encarregada pelo asseio público. Assim sendo, a posição do jornal na questão dos esgotos pode ser entendida como uma visão de mundo dos responsáveis pelos artigos, os quais tentavam infligir aos leitores, a partir das suas atitudes e interesses, a sociedade tal como gostariam que ela fosse, ou seja, uma cidade livre de sarjetas repletas de imundícies e do “espetáculo” proporcionado pelas cubas.

O serviço de iluminação pública era realizado com gás hidrogênio desde 1871. Antes as ruas eram iluminadas por lampiões a azeite, instalados em 1847³². Em 1879, num dos primeiros números do *Cabrion*, apareceu um grande quadrado negro que ocupava toda a primeira página, com exceção do frontispício, que revelava a precariedade do serviço de iluminação da cidade; a sátira resumia-se apenas a duas palavras colocadas na legenda: “Iluminação Pública!!!” O mesmo tom e igual recurso foram utilizados num outro número publicado no ano seguinte. Neste asseguravam que a iluminação pública, em alguns dias “vira a cara para outro lado e mostra-nos não sei o que”. (figura 15) Ambas as representações da iluminação pública não podem ser consideradas uma caricatura conforme os traços que a identificam. No entanto, a colocação de um retângulo negro como sinônimo de luz revela um tom satírico, o qual provavelmente era entendido pelo leitor que ao ver a imagem e ler a legenda apreendia a mensagem que o caricaturista estava lhe passando.

Já num artigo que tratava das condições da iluminação da praça num domingo em que ela foi “muito concorrida”, a crítica era endereçada aos “senhores edis”: “[...] lembramos mandarem colocar mais alguns lampiões, do contrário teremos que ir a praça munidos de velas de sebo [...] E isto de ir a praça com sebo derramar azeite é amolação não pequena” (*Cabrion*, 01/05/1881) (grifo do jornal). A sátira do periódico revela uma outra faceta da Pelotas do século XIX: o “derramar azeite”. Essa era uma “gíria” do tempo para a palavra flertar empregada aos rapazes e moças que iam para lugares públicos ou para os bailes das sociedades com a pretensão de arrumar namoro. Essa expressão era constantemente empregada pelos jornais para criticar certas atitudes de determinadas pessoas, usada, em especial, por alguns semanários que, além de literários, podem ser considerados “de fofocas”, como, entre outros, *O Beijo* e *O Invesive!*³³. Os ilustrados não se enquadram nesses moldes, embora também apresentassem, de forma não corriqueira, seções “recadinhos” com conteúdo

³² Conforme MORAES, Henrique Carlos de. *Pelotas e seus lampiões a azeite*, 1970. (datilografado) BPP/CDOV, s/p.

³³ informações obtidas a partir de: LONER, Beatriz Ana; LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Trabalhadores e Literatura em Pelotas no Século XIX*. Relatório de pesquisas (PIBIC/CNPq-NDH/ICH/UFPel). Pelotas, 2003.



Figura 15: A iluminação pública

Legenda: A iluminação pública tem dias que vira a cara para outro lado e mostra-nos não sei o que.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.57, p.8, 07 mar. 1880.

semelhante ao daqueles, como esta publicada no *Cabrion* em 1880:

Recadinhos:

Sr. Secco – Ora, o Sr. não se enxerga? Pois eu serei tão tolo em transmitir às meninas do sobrado a sua pertinaz teima? Quer um conselho? Vire-se para o outro lado, talvez caia em graça.

Dona Ajudante – Direi ao *cujo* que V. Ex. quando passa – ri-se por não poder chorar.

D. Pepita – Não posso encontrar o moço loiro, para manifestar-lhe os seus afetos.

Sr. Tavares – Uma menina de minha amizade, pede-me para lhe dizer, que no teatro, dirija o seu binóculo para outros *campos*, para não perder o seu tempo.

D. Julietinha – Quando deixará de ser ingrata? (*Cabrion*, 29/08/1880) (grifos do jornal).

A Ventarola, por seu turno, não deixou que a iluminação pública passasse despercebida. Assim como o *Cabrion*, um dos primeiros números do periódico abordou o serviço, criticando também a companhia distribuidora de água. (figura 16) Na imagem, o periódico afirmava que a água somente pode ser vista por um “óculo (sic) de muito alcance” enquanto que os lampiões de gás: são como os tísicos, quanto mais pensam estar longe da morte, menos vida tem.” Além dos chafarizes e da caixa d’água, a cidade contava com a Companhia Hidráulica Pelotense, fundada em 1873, a qual alcançou no final dos anos 1880 a marca de 2.424 prédios abastecidos³⁴. No mesmo número em que foi publicado o desenho que abordava os “tísicos lampiões” era noticiado um “magnífico melhoramento” que, em breve, a companhia do gás brindaria a população; tratava-se da substituição da “atual iluminação pelos raios da lua encanados”.

Num tom ainda mais satírico, noticiavam que “em pleno século das luzes”, às nove horas da noite de uma quarta feira “ninguém sabia mais de que cor e sexo eram, apenas de que no escuro é, às vezes, que se percebe a diferença do último”. A sugestão do periódico foi a mesma indicada pelo *Cabrion*: o retorno as velas de sebo (*A Ventarola*, 12/06/1887). A notícia ainda seria retomada nas

³⁴ ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização...* Op. Cit., p.48.



Figura 16: Os melhoramentos de Pelotas

Legendas: Estas bicas d'água são como as vistas de cosmorama: só produzem efeito vistas por um óculo de muito alcance.

E estes lampiões de gás são como os tísicos: quanto mais pensam estar longe da morte, menos vida têm.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.09, p.3, 05 jun. 1887.

páginas destinadas às ilustrações. Com o título “quadros da atualidade na quarta-feira à noite” numa “história em quadrinhos” tratou da situação do Sr. Carlos, que confiando no gás que pagava para iluminá-lo, iniciou uma escrituração, sendo surpreendido pela falta de luz se interroga: “há algum terremoto ou temos em casa o espiritismo?” Então ele resolveu sair à rua e verificou que ela também estava às escuras. Na seqüência, ilustrou uma taverna à luz de velas, na qual o proprietário furioso rogava pragas aos gasistas e afirmava: “Então a gente não paga o gás?” O jornal no último quadro fazia um pedido: “Ah! Meu Deus. Venha de uma vez a tal luz elétrica.” O pedido do periódico somente se concretizaria na primeira década do século XX, o que possibilitou também a modernização do transporte público, sendo os antigos carros de tração animal substituídos por bondes elétricos³⁵.

Um outro artigo publicado ainda naquele ano revela que os problemas da falta de luz fornecida pelo gás eram constantes:

Estavam as coisas muito bem colocadas em seus eixos, logo após o anoitecer.

Uns vendiam toucinho, outros despachavam quitutes, outros ainda, aviavam o belo sexo que se munia de anquinhas, meias de cor, ligas, etc; e outros finalmente, tratavam de reduzir a letra redonda o pensamento da humanidade.

Foi no sábado, 1º de outubro, [...] eram mais ou menos 7 ¼ da noite; a lua brilhava nas campinas siderais e os *poetas* pelotenses empenhavam a sua melodiosa... guitarra, a fim de decantar pela milésima vez as suas queridas *e/as*.

Tudo era festa, tudo era luz e contentamento... Se não quando, o anjo das trevas desce e repousa sobre o nosso gasômetro, reduzindo aquele foco de luz as proporções de um candeeiro daqueles que estavam em voga entre nós, em 1855, cuja luz era alimentada com o odoroso (sic) azeite de potro (*A Ventarola*, 09/10/1887) (grifo do jornal).

Da mesma forma que propalava os benefícios advindos com o saneamento, este texto demonstra também uma visão de mundo acatada pelos colaboradores do jornal, uma vez que, suas críticas ao “odoroso” azeite usado no passado era

³⁵ Id. Ibid., p. 50.

um sinal de atraso, contraposto ao progresso. Associada a esta posição pode ser considerado o pedido do jornal que solicitava a chegada da luz elétrica, como um sinônimo de melhoria urbana. Além do tom humorístico, o artigo desvenda uma cidade “agitada”, que se quer moderna, motivada, justamente, pela chegada da iluminação que prolongava o tempo noturno. Assim, aumentava também as sociabilidades, possibilitando o comércio e os “azeites” dos poetas pelotenses. Marcos Anjos³⁶ relaciona a chegada da iluminação com a multiplicação de espaços de sociabilidades nas duas últimas décadas do século XIX, como quiosques na Praça Pedro II, cafés, restaurantes e confeitarias. As sociedades bailantes também podem ser consideradas espaços de sociabilidades, como uma das opções de lazer no século XIX. Geralmente elas eram formadas por grupos com alguma afinidade, como a Recreio dos Artistas, constituída por elementos da classe artística³⁷ pelotense e que realizava um baile mensal³⁸. Foi justamente num dos bailes dessa sociedade que “o tal gás [cometeu um] dos mais vergonhosos fiascos”. Conforme o jornal, “[...] no melhor do baile, quando se precisa de luz, muita luz, na frase do imortal Goethe, [...] ficam todos encolhidos em trevas, em verdadeiras trevas!...” (*A Ventarola*, 15/01/1888).

Contudo, não foram somente os problemas dos serviços públicos da cidade e o tratamento dispensado a eles pela “Ilustradíssima” que se constituíram as sátiras, críticas e caricaturas dos periódicos. Revelando também outra faceta da “cidade moderna”, atualizada com o desenrolar do que acontecia na Corte, noticiavam, sempre na direção de sua mira humorística, o que acontecia no centro do Império, notadamente o desenrolar da vida política, o que gerou um outro conjunto de imagens e textos que serão analisados no próximo capítulo.

³⁶ Id. *Ibid.*, p. 49.

³⁷ Entende-se por artistas, os trabalhadores (artesãos) especializados em determinados ofícios.

³⁸ LONER, Beatriz Ana. Pelotas se diverte: Clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em Revista*. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica/Universidade Federal de Pelotas, v.8, dezembro de 2002b, p. 45-46.

3 TRAÇOS DE UM LABIRINTO: REPRESENTAÇÕES DO CENÁRIO POLÍTICO IMPERIAL

Ao que parece, as coisas políticas vão se complicando de uma maneira desastrada. Elas já constituem um labirinto tal que é preciso grande cópia de sagacidade para entrar na compreensão de tão complicado mecanismo! Uma embrulhada de mil demônios de seiscentos *Fra-Diavolos*...

Os desgostosos de Minas, São Paulo, e Província do Rio de Janeiro, querem caju;
 Cotegipe, Paulino e A. Figueira, querem caju e abacaxi;
 Os conservadores querem marmelo, digo, marmelada;
 Os liberais querem sonhar, isto é...melaço e rapadura;

E a tudo isto a senhora regente não sabe o que deve dar, é preciso que os representantes cheguem a um acordo, afim de que Sua Alteza fique sabendo em que dão as modas.

O trecho acima faz parte de um artigo publicado em *A Ventarola* em 24 de junho de 1888, no qual tratavam da situação política do Império naquele ano que, além de constituir um “labirinto”, já havia se destacado pela Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio. Mas a epígrafe também revela outras facetas do conturbado cenário político brasileiro instalado desde os anos 1870 e ampliado na década subsequente. Neste período ocorreram transformações que assinalaram o Império Brasileiro, marcas tão significativas que caracterizaram o declínio e o desfecho do sistema monárquico. Ao lado disso, o *Cabron* discutia a política como um emaranhado de contradições e numa situação periclitante:

Graves acontecimentos se preparam. Sobre os horizontes da Pátria erguem-se tenebrosas nuvens. O que acontecerá? Teremos revolução? Mudar-se-ão as instituições vigentes? O Imperador abdicará? Teremos república ou voltaremos aos tempos do cego absolutismo? (*Cabron*, 23/05/1880).

Por outro lado, o *Zé Povinho* salientava que, a tudo isso, “[...] quem gosta é o *Zé Povinho* (o coletivo) que no circo, repimpado nas gerais, ri-se das bravatas

de um e de outro contendor, e aplaude com igual entusiasmo as glórias do vencedor e as mágoas do vencido! E faz muito, porque no final das contas sempre é ele quem paga o pato” (*Zé Povinho*, 03/06/1883).

Dentre os sintomas da derrocada do Império, a Abolição da Escravatura foi um dos fatores que contribuiu para fortalecê-la já que, após a lei, vários senhores de escravos descontentes por não receberem indenização retiraram o apoio dado à Monarquia e tornaram-se simpáticos da causa republicana. Ao lado disso, o fortalecimento do Exército, sobretudo após a Guerra do Paraguai, e os conflitos entre ele e o império e as divergências entre o Estado e a Igreja, contribuíram para o enfraquecimento do Império.

Na medida em que as crises do Império foram se agravando, a imprensa ilustrada nacional ia narrando-as e satirizando-as através do humor de suas caricaturas e desenhos. A imprensa ilustrada pelotense não diferiu de suas congêneres. Embora surgida após a questão religiosa e num momento no qual o Exército já estava consolidado, os periódicos pelotenses se reportavam a esses eventos para tratar da crise política. As relações entre o governo e a Igreja, por exemplo, foram abordadas e os caricaturistas se colocavam contra a manutenção da união e se posicionavam como anticlericais.

Por outro lado e remetendo novamente à epígrafe, aparece outra questão complexa e importante; trata-se da “compreensão de tão complicado mecanismo”. Partido Liberal, Partido Conservador, Partido Republicano, Gabinetes, Conselho de Ministros, Ministros, Presidentes de províncias, senadores, deputados gerais, deputados provinciais, fazem parte desse mecanismo. Esses cargos e as pessoas que os ocuparam durante os anos 1880 na política brasileira foram citados pela imprensa ilustrada pelotense. Em sua maioria, críticas ácidas ou leves, enquanto os elogios eram poucos. Para elucidar as representações da política brasileira do período (ou como sugere *A Ventarola*, o labirinto da política) abordadas no presente capítulo, optou-se por dividi-lo em quatro tópicos: Dom Pedro II e a Princesa Isabel e as sátiras contra a igreja; Quedas e formações de Gabinetes, representados pela figura do Presidente do Conselho de ministros; a questão da

Escravidão e da Abolição e as representações dos presidentes da Província do Rio Grande do Sul. Cabe destacar que essa divisão do capítulo não constitui temas isolados, mas, pelo contrário, os assuntos se entrecruzam e completam os temáticas desenvolvidas nas análises.

A política nacional

Dom Pedro II e “Isabel, a Redentora”¹

A imprensa brasileira gozou no período imperial de uma liberdade que não seria mantida nos anos subseqüentes. A imprensa ilustrada, aproveitando dessa condição, tornou a figura do Imperador Dom Pedro II um de seus temas prediletos. Araken Távora afirma que o próprio Imperador “divertia-se muito” com as caricaturas que o satirizavam. Numa descrição, um tanto literária, o autor define a posição do Imperador em relação às suas caricaturas:

O grande Imperador, embora se irritasse momentaneamente, com alguma injustiça, teve a sensibilidade para perceber que as caricaturas jamais invadiram a intimidade de sua vida particular ou de sua família. E foi mais longe, ainda, na sua absoluta identificação com a alma popular. Ele sabia que o público se divertia com as caricaturas. De certo modo, até se envaidecia de ser o mote permanente para o talento dos artistas².

Já Lilia Schwarcz destaca que o Imperador representado nas caricaturas, sobretudo a partir de meados dos anos 1870, era descrito como um “Pedro Banana” ou “Pedro caju”. A sátira revelava a “[...] personalidade e a capacidade de dissimulação, suas pernas finas, a voz estridente; suas viagens, sua mania de

¹ O subtítulo “Isabel, a Redentora” é inspirado em: DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel a “Redentora” dos escravos*. Bauru: EDUSC/FAPESP, 2004.

² TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976, p.13-14)

erudição, mas, sobretudo a sonolência e a formalidade vazia das Falas do Trono”³.

Na imprensa ilustrada pelotense a produção de caricaturas de Dom Pedro II foi bastante diferenciada daquela da imprensa fluminense. Ele não foi caricaturado com a mesma intensidade, resumindo-se a poucas ilustrações e notícias, que o identificavam com as palavras sinônimas “decrepitude” e “caduquice” (*A Ventarola*, 26/05/1889). Destacaram-se, contudo, aquelas veiculadas n’*A Ventarola*, relativas à sua terceira viagem à Europa em 1887: “Lá se foi, mar afora, o Sr. Dom Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpétuo deste país do cacau e do café” (*A Ventarola*, 10/07/1887).

A terceira viagem foi rodeada, conforme Lilia Schwarcz, “por um mar de controvérsias”⁴. Os jornais como os políticos davam os mais variados motivos para a viagem. Constatação semelhante foi averiguada no periódico pelotense, o qual destacou na continuação da nota anterior que, as notícias chegadas pelo telégrafo eram desencontradas. Para “[...] os entendidos S. M. há de recobrar a perdida saúde e voltar à Pátria são como um pêro (sic)”. Para a Câmara, o Imperador ia coagido “[...] pois que não desejava deixar a terra das bananeiras onde canta o sabiá”. Outros, por sua vez, asseguravam que ele estava “[...] sofrendo de diabetes, precisava tomar certas águas européias.” Por fim, apenas uma ocorrência era verdadeira: o poder estava sob o comando da “Sereníssima Princesa D. Izabel” a qual ficava com o dever de solucionar os problemas do Império, dos “escravos, da secularização dos cemitérios, do registro civil de casamentos e óbitos” (*A Ventarola*, 10/07/1887).

Na época, o telégrafo era o recurso mais rápido para transmitir notícias. Pelotas contava com o serviço e foi através das mensagens enviadas à redação que os jornalistas d’*A Ventarola* repassavam aos leitores as informações sobre os percursos e o andamento da viagem do Imperador. Ao que tudo indica, as especulações sobre o verdadeiro motivo da viagem acabaram. De fato, conforme

³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador. Dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 420.

⁴ Id. *Ibid.*, p. 429.

verificado nas notícias ulteriores que o periódico publicou, a finalidade da partida foi por razões médicas.

Contudo, se iniciava uma nova série de contradições, agora, relativas ao estado de saúde do Imperador. O periódico lamentava a notícia vinda pelo telégrafo do “recrudescimento da enfermidade”, julgando que se aproximava o fim dos “dias de vida do excelso monarca” (*A Ventarola*, 11/09/1887). Já os jornais da Corte apresentavam controvérsias, um afirmava que “[...] a memória de D. Pedro continua a ser prodigiosa, o que para nós constitui notícias dignas de toda a satisfação” enquanto o outro relatava que “S. M. nunca mais poderá assumir as rédeas do governo de seu Império, está findo o segundo reinado.” A última apreciação foi retirada da *Gazeta de Notícias* que enviara um representante para “cobrir” a viagem. Conforme o jornal, o repórter ouvira esta opinião “[...] de uma sumidade científica, a qual foi submetida a moléstia de D. Pedro” (*A Ventarola*, 18/09/1887).

A doença do Imperador intensificou os rumores de um terceiro reinado, houve uma apreensão geral, já que o Conde D’Eu, marido da Princesa Isabel, tornara-se uma figura bastante impopular⁵. Os boatos não ficavam restritos somente à Corte, como também chegavam à Pelotas, sendo especulados pelo hebdomadário:

Sobre a saúde física de S. M. Dom Pedro II, diz o telégrafo que é lisonjeira; quanto a [saúde] mental, diz o mesmo que não é boa, isto é, que agravam-se os antigos sofrimentos daquele respeitável monarca, o que sinceramente lamento.

Falou ainda o telégrafo em abdicação, fato este que, ao que se nota, não tardará a ser consumado.

Resta que S. A. I. procure por todos os meios, um meio de encetar o terceiro reinado de forma que se torne simpática à causa pública.

⁵ “Corriam muitos boatos sobre a avareza dele [Conde D’Eu], e inclusive acerca de seus negócios espúrios: seria dono – diziam - de ‘casas de pensão’. Jornais como *O Diário*, de 3 de agosto de 1889, chamavam o genro de d. Pedro de ‘o corticeiro’, o ‘agiota sem berço’, revelando as preocupações que giravam em torno da questão da sucessão. Por outro lado, desde o nascimento do segundo filho de Isabel, quando a família real teria optado pelos trabalhos de um médico francês, comentava-se, com desgosto, o ‘estrangeirismo’ do casal.” Cf.: SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador...* Op. Cit., p. 432.

Urge que quem governa se identifique com as aspirações dos governados, para poder governar. (*A Ventarola*, 06/11/1887).

Por outro lado, apesar do dia da morte do Imperador estar próximo, como era destacado acima, o periódico noticiava que desde sua saída do Rio de Janeiro, seu itinerário era bastante intenso “[...] assistindo a espetáculos, a sessões científicas, visitando fábricas, museus, bibliotecas, igrejas, bosques, prados, laboratórios, etc. Para um corpo depauperado pela enfermidade, isto é simplesmente extraordinário.” (*A Ventarola*, 11/12/1887).

Nos trechos acima, não obstante o periódico tivesse tratado num primeiro momento da questão da saúde do Imperador, a continuação do artigo revelava o tom humorístico empregado ao noticiar o andamento da viagem, satirizando os prováveis passeios e visitas que sua majestade, mesmo doente, certamente estava realizando pela Europa. A mesma nuance foi empregada nas caricaturas que trataram da partida do Imperador, sua chegada à Europa e o seu tratamento, publicadas no dia 11 de setembro de 1887 reproduzidas a partir da *Revista Illustrada*. (figura 17)

Na série, o Imperador está no navio *Gironde* que o levou para a Europa; apesar de aparecer sozinho na imagem, foi acompanhado por uma comitiva de aproximadamente 20 pessoas. A legenda confirma o gosto do Imperador por literatura e música: “O rei poeta tangendo a lira”. O segundo quadro trata da vontade do Imperador de visitar lugares: “[...] apesar da resistência dos médicos S. M. não deixa do seu sistema de andar a galope por toda a parte”. Já no último quadro, é abordado o verdadeiro motivo da viagem do Imperador, porém, com humor: “E depois de visto, escutado, apalpado e examinado por várias notabilidades médicas... Aconselharam a Sua Majestade que tomasse ducha afirmando que o uso das águas de Baden-Baden o restabelecerá completamente”.

A composição, além de satirizar a viagem, criticava a busca de erudição do Imperador, como o interesse por línguas, astronomia e literatura, a qual, na

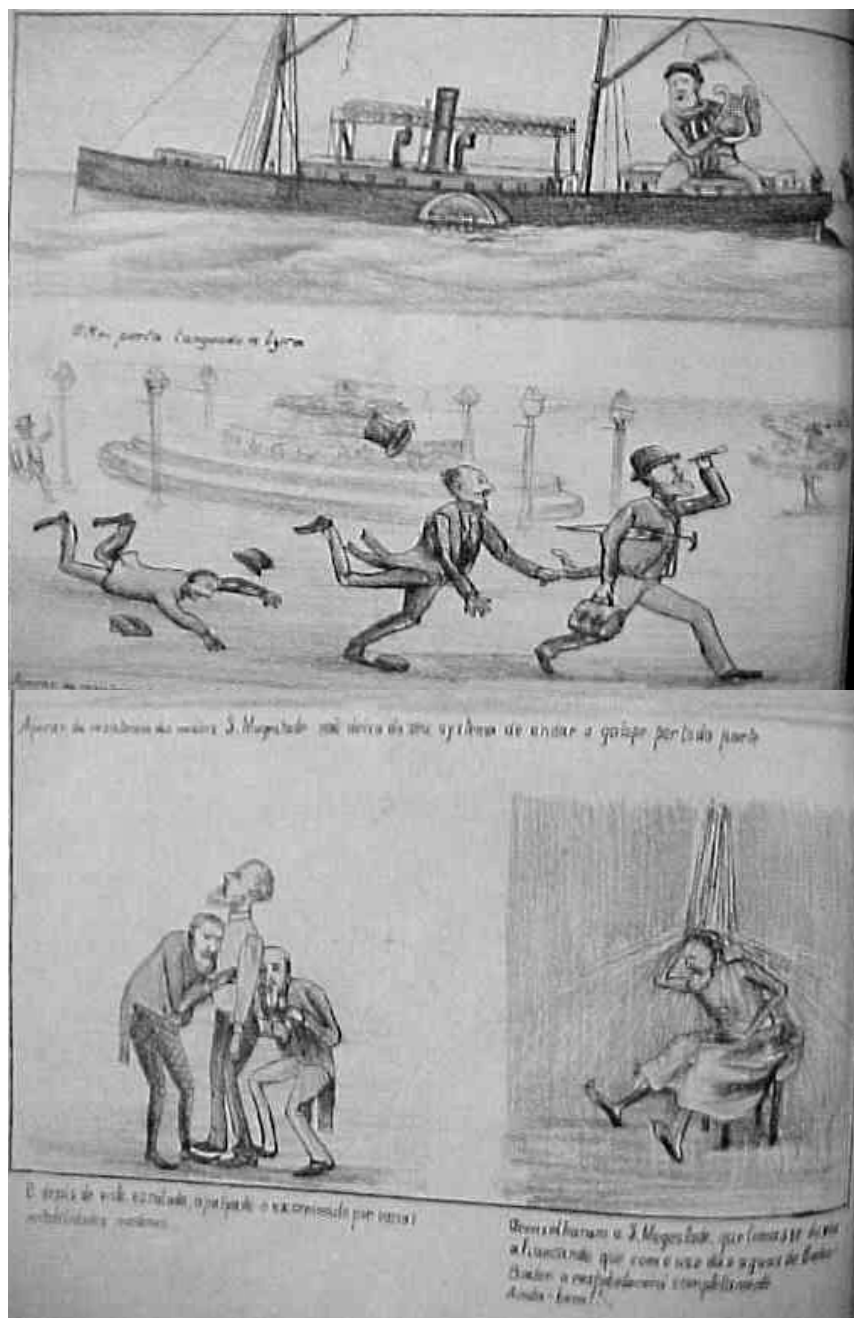


Figura 17: A Viagem de Dom Pedro II

Legendas: O rei poeta tangendo a lira

Apesar da resistência dos médicos S. M. não deixa do seu sistema de andar a galope por toda a parte

E depois de visto, escutado, apalpado e examinado por várias notabilidades médicas...Aconselharam a Sua Majestade que tomasse ducha afirmando que com o uso das águas de Baden-Baden o restabelecerá completamente. Ainda bem!!

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.23, p.8, 11 set. 1887.

opinião de muitos “não se adaptavam à política ou à vida cotidiana”⁶.

A sátira do segundo quadro remete às várias visitas realizadas pelo Imperador, que aportou em Portugal e depois seguiu para a França. Por recomendação dos médicos, tanto daquele que o assistia desde o Brasil, como dos franceses, foi encaminhado à estação de cura de Baden-Baden⁷, assunto abordado no terceiro quadro. Ali ficou por seis meses e depois fez um cruzeiro pela Riviera Italiana, devendo, então, retornar ao Brasil.

Os jornais da época discutiam e apresentavam contradições sobre o retorno do Imperador; novamente *A Ventarola* noticiava informações diversificadas sem, no entanto, perder a oportunidade de satirizar:

Uns dão-no passeando em franca convalescença pela Europa, assistindo a concertos, a sessões científicas, visitando museus e fábricas importantes. Outros dão-no afetado de pleurisia e paralisia, outros ainda, anunciam melhoras na preciosa saúde de S. M. e dão-no de novo, em franca convalescença. Onde está, não me dirão, a verdade, em todo este **labirinto** de contradições? (*A Ventarola*, 10/06/1888). (grifo meu)

Embora o periódico tenha abordado neste trecho os contra-censos advindos com as notícias enviadas pelos repórteres que acompanhavam a viagem do Imperador, a palavra labirinto apareceu novamente associada a política brasileira. Averiguando a sua utilização, aqui e no trecho que serve de epígrafe, é possível considerar que para a redação do periódico a situação política encontrava-se, por um lado, num momento tumultuado em que os políticos se digladiavam defendendo posições opostas (como por exemplo no caso do pagamento das indenizações aos ex-proprietários de escravos) e por outro numa circunstância de ambigüidade pois, devido ao emaranhado de notícias diferentes enviadas da Europa, os súditos não sabiam ao certo o “verdadeiro” estado da saúde de sua Majestade. Assim sendo, tanto os jornalistas d’*A Ventarola* (e, ao

⁶ Id. Ibid., p.419.

⁷ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo...* Op. Cit., p. 98.

que parece, o público leitor) não conseguiam acompanhar o fio de Ariadne e acabam se perdendo entre os sinistros muros do labirinto da política imperial.

Mas, apesar das notícias desencontradas e passados alguns meses, o Imperador voltou. Nas *Notas semanais* o periódico publicou que o Sr. João Alfredo, presidente do Conselho de Ministros, declarou ter pedido a exoneração do cargo ao Sr. Dom Pedro II. Com esta notícia o periódico concluiu que “S. A. a redentora” já não é mais quem comanda “as rédeas do governo” e que “a prevista abdicação não passou de uma balela”. No final do artigo indagavam: “Ou S. M. veio curado dos diabetes e não faz mais sonetos, estando apto para assumir as rédeas do governo, ou continua a Pátria com uma tutoria anticonstitucional. Os tabaréus do império desejam saber em que param as modas: ou o governo de Pedro ou o de d’Eu” (*A Ventarola*, 02/09/1888). No fragmento, o periódico deixava transparecer uma crítica à indiferença do Imperador no trato com as questões políticas e do seu desinteresse pelo império, estando mais preocupado com a literatura do que com o governo, além de destacar o perigo de um provável terceiro reinado, tendo como Imperador o marido da Princesa. A iminência da sucessão imperial era presente no final daquela década e explorada pelo periódico, como se observa num outro artigo publicado em 1889. Neste, a preocupação ficou mais explícita, salientando que o “[...] futuro Rei Orleans conhece o terreno em que pisa”. Na opinião do periódico, a situação se agravava devido a falta de ideais por parte dos partidos monárquicos, os quais somente se interessam em “subir ao poder, quando estão [por] baixo e manter-se no poder quando o pilham”. O texto encerra concluindo que o “futuro que nos aguarda” terá as “calamidades e as baixezas com que nos acena o orleanismo!” (*A Ventarola*, 10/03/1889).

Apesar da figura do Imperador ter sido pouco explorada no conjunto das caricaturas que satirizavam o declínio imperial, isso não significava que não houvesse críticas ao governo. Elas foram confeccionadas a partir de outros personagens, tanto aqueles “reais” (o Imperador Dom Pedro II e a Princesa Isabel), como os simbólicos (o índio).

As sátiras direcionadas à Princesa deram-se, sobretudo, no período de sua regência. O que marcou a passagem da Princesa Isabel no trono imperial brasileiro foi a Promulgação da Lei Áurea em 1888. Após a Abolição, tentou-se difundir uma imagem positiva da Princesa através de suas qualidades de boa filha, boa esposa e boa mãe; neste período foi-lhe atribuído por José do Patrocínio o epíteto de “Isabel, a redentora”⁸. Logo, *A Ventarola* passou a designá-la “A Redentora”, embora numa conotação diferente, usando o predicado, em grande parte, para satirizá-la. Um dos motes preferidos deste periódico, para tratar da Princesa, foi associá-la à Igreja, devido ao seu fervor católico. Ao lado disso, a Igreja Católica foi outra instituição bastante visada pelos semanários de Pelotas, os quais, não foram os únicos a adotar uma atitude anticlerical. Herman Lima⁹ destaca que, quando a Questão Religiosa tornou-se o assunto da Corte, em 1874, os três principais jornais ilustrados: *Semana Illustrada*, *Vida Fluminense* e *O Mosquito* em uníssono declararam-se anticlericais e aproveitaram a situação para ridicularizar os bispos e a igreja¹⁰.

Logo após a lei da Abolição o periódico noticiava que “o miserando prisioneiro do Vaticano, diretor espiritual do mundo católico-romano” enviou uma carta de congratulações à Princesa em razão da lei. Salientou que, a “entidade brasileira” estava “quase pagã com respeito às idéias progressistas” e que o motivo para isso era a “crendice popular, os preconceitos e a superstição”. Para o periódico somente depois que o povo se desarraigasse desses convencionalismos é que atingiria o progresso (*A Ventarola*, 01/07/1888). Numa série de desenhos, o periódico denunciava que o Papa, aproveitando-se da regência da Princesa, estava pressionando o país. Para mudar a situação e não prolongar mais esse “Estado no Estado”, tornava-se necessário “largar o rosário” e “cuidar das artes e da lavoura”, uma vez que, com aquele não se “alcança o progresso”. (figura 18)

⁸ DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel a “Redentora”* ... Op. Cit., p. 136. Já Lilia Schwarcz sustenta que o epíteto foi dado a Princesa Isabel por Joaquim Nabuco. Ver: SCHWARCZ Lilia. *As Barbas do Imperador...* Op. Cit., p.438.

⁹ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p.242-43.

¹⁰ Cabe salientar que em nenhum momento os jornais de Pelotas utilizaram a Maçonaria para realizar suas sátiras a Igreja Católica. O tom crítico era centrado ou no fervor religioso da Princesa ou então para assegurar que a religião era um entrave ao progresso. Vale lembrar que os incidentes que envolveram a Igreja Católica e a Maçonaria ocorreram anos antes da circulação das folhas pelotenses.

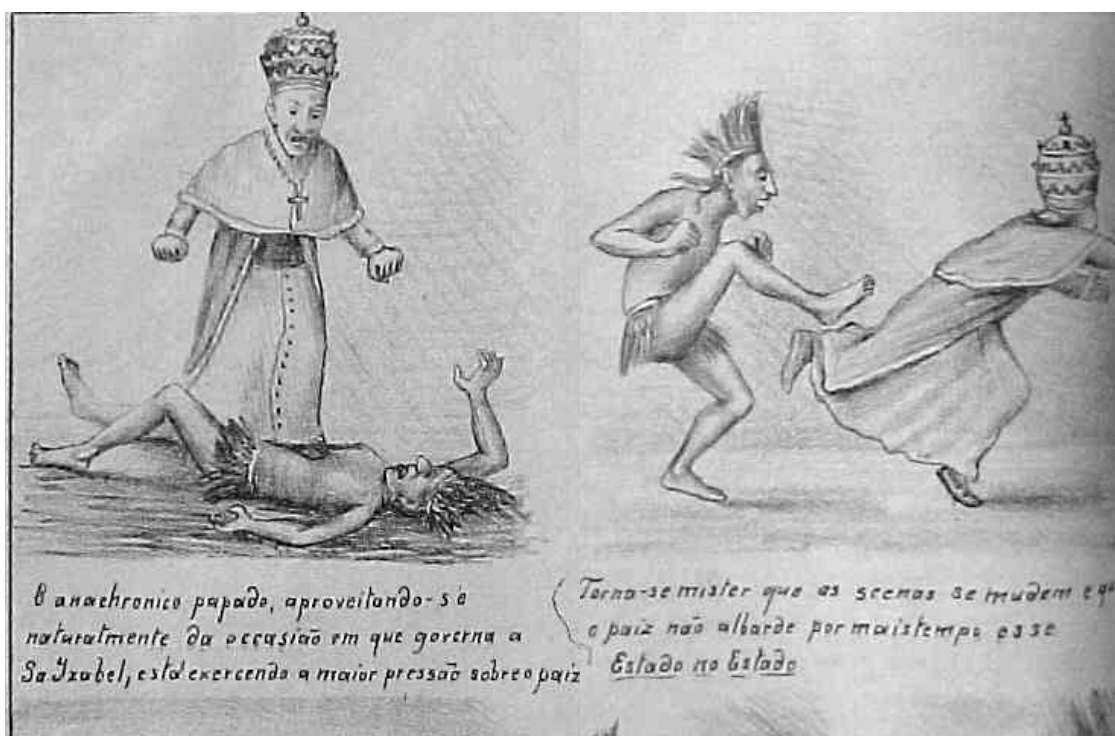


Figura 18: O anacrônico papado e a pressão sobre o país

Legendas: O anacrônico papado aproveitando-se, naturalmente, da ocasião em que governa a Sr^a Isabel, está exercendo a maior pressão sobre o país.

Torna-se mister que as cenas se mudem e que o país não albarde por mais tempo esse Estado no Estado.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.68, p.4, 15 jul. 1888.

No último quadro, era destacado que este “estado anômalo” representado por um rei velho e cabisbaixo, já estava chegando ao seu término, aparecendo em seu lugar o “progresso”, representado pela alegoria feminina da República. Como será discutido no capítulo seguinte, *A Ventarola* empregou suas críticas à Monarquia Brasileira contrapondo-a às benesses que o advento do Republicanismo proporcionaria ao país. No caso das imagens e das legendas da série acima nota-se que a questão republicana foi mencionada através da palavra progresso, que além de sua significação maior, tornou-se um dos preceitos da doutrina positivista adotada por parte dos republicanos brasileiros. Somente quando o Brasil deixasse de ser um “estado anômalo”, representado pelo governo monárquico, sendo substituído por outro, o regime republicano, seria possível o aparecimento do progresso. Ao lado disso, o “incentivo” dado à igreja pela Princesa Isabel, contribuiria para a permanência do retrocesso do país¹¹.

As relações entre a igreja e a Princesa foram, novamente, o tema de uma série de desenhos publicados nas páginas centrais do periódico na edição do dia 29 de julho de 1888. Nela, era destacada a questão do terceiro reinado e uma declaração feita por Gaspar Silveira Martins: “[...] andaram as más línguas espicaçando a reputação do Sr. Silveira Martins afirmando que S. Exa. chamara S. A. de Joana Louca”. Conforme o periódico, Silveira Martins não tinha intenção de censurar a Princesa, embora ela andasse “descalça varrendo as igrejas”. Seu único medo era que, assim como aquela Joana, “S. A. se fanatizasse, ficando impossibilitada de ser a futura imperatriz do Brasil”. (Figura 19) Mesmo noticiando que a acusação era falsa, conforme declaração do próprio deputado, o periódico pelotense aproveitou a situação para satirizar o fervor católico da Princesa. Provavelmente, nos desenhos, a declaração foi aumentada, uma vez que, na ótica do periódico anticlerical, cabia à Princesa, como chefe soberana da nação, desempenhar funções importantes em benefício do progresso do país, e não varrer igrejas, por exemplo. Contudo, as imagens da Princesa Isabel varrendo e

¹¹ Conforme Robert Daibert Junior a Princesa Isabel era vista como “beata, por seu excesso de dedicação ao catolicismo, era considerada uma reacionária ultramontana”. Ainda segundo o autor, a associação teve seu auge na “questão religiosa” quando a Princesa intercedeu a favor da anistia dos bispos, o que gerou-lhe certa popularidade. DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel a “Redentora”*... Op. Cit., p. 86-87.



Figura 19: Princesa Isabel varrendo igrejas

Legendas: Fatigado de ouvir tamanha injustiça S. Exa. Declara que é falso, que censurara S.ª quando ela andava descalça varrendo as igrejas.

Que receava, com fundamento, que S.ª A., como aquela Joana, se fanatisasse ficando impossibilitada de ser a futura Imperatriz do Brasil.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.79, p.4, 29 jul. 1888.

rezando remetia o leitor a uma questão maior: a conservação da aliança entre o Estado e a Igreja fator que, na visão do periódico, contribuía para a manutenção do atraso brasileiro. Isso foi verificado também numa outra caricatura, na qual, o índio representando o país conferencia com a Princesa, acompanhado por duas alegorias, uma a “lavoura” a outra a “Indústria nacional”. Novamente, nota-se nesta imagem a questão do progresso, agora relacionada ao tema da economia do país, representada pela lavoura e pela indústria. O índio interroga a Princesa: “Desejo saber qual o destino que aguarda estas infelizes. Por minha parte estou velho, pobre e embelezariado (sic), isto é, quase falido”. (figura 20)

Na seqüência dos desenhos destacavam que ao contrário daquela situação, na qual se encontrava o país, a Princesa somente se preocupava em “tirar de uns para dar aos outros”, numa alusão à sua simpatia com os setores eclesiásticos. No último quadro, aparece um homem com um turíbulo incensando alguns objetos relacionados à nobreza. Provavelmente a crítica feita neste se refere à distribuição de títulos nobiliárquicos, realizado com o amparo da igreja.

O índio, utilizado na ilustração acima e em outras séries, foi escolhido por Angelo Agostini para ser o símbolo do país, desde sua passagem por São Paulo no *Cabrião*¹². Após a chegada de Agostini na Corte, a figura do indígena foi muito difundida entre os caricaturistas do século XIX para representar, não só o país, como também para simbolizar o governo imperial. Contudo, ele não foi escolhido por acaso, uma vez que, “[...] no imaginário europeu, ele não era só ‘puro’ e ‘inocente’, como estava, fora da sociedade, não se misturava com ela”¹³. Assim, ele se tornou uma figura “inocente” usada na imprensa humorística para tratar, sobretudo, de questões políticas. Os periódicos pelotenses não diferiram dos seus contemporâneos, apresentando-o ora velho e alquebrado cercado de sanguessugas, ora acompanhado de pessoas e/ou alegorias, ou ainda conversando com o ventaroleiro sobre atividades políticas ou acontecimentos

¹² LIMA, Herman. *História da caricatura...* Op. Cit., p. 782.

¹³ TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001, p. 25. (grifos do autor)



Figura 20: O índio, a lavoura e a indústria nacional

Legendas: Senhora! Desejo saber qual o destino que aguarda estas infelizes. Por minha parte estou velho, pobre e embelizarado, isto é, quase falido.

A política tem [me] sugado todo o sangue. Sou bananeira que já deu fruta...

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.64, p.8, 17 jun. 1888.

importantes. Ele foi ilustrado, seguidas vezes, ao lado de elementos da igreja, quase sempre numa posição de subserviência, demonstrando os resultados trazidos pela união. Essa situação pode ser verificada nas *Notas semanais* do dia 27 de julho de 1888. Nelas noticiavam que “[...] uma das muitas cabeças fanatizadas, em Roma, por assuntos papais, lembrou-se de assentar a *peregrina* idéia de uma peregrinação de libertos a cidade *santa*, atendendo aos *grandes serviços* que Leão XIII deve o abolicionismo entre nós.” (grifo do jornal) O periódico, por seu turno, não duvidava que a “esperança do cigano de Roma” fosse atendida, uma vez que “[...] entre nós, infelizmente, quanto mais extravagante for a idéia posta em *circulação*, tanto maior é o numero de adeptos que consegue. Cheirando a coisa igreja, conte-se com o – amém – do índio velho.” A realização da peregrinação seria bastante onerosa ao país, mas, estando numa posição de subserviência à Igreja, não deixaria de realizá-la. Não cabe verificar se o assunto abordado pelo periódico neste artigo era uma discussão verídica, ou se a peregrinação foi realmente proposta, se ela, de fato, ocorreu, ou ainda se foi apenas uma especulação para satirizar a igreja. Contudo, o que é conveniente verificar no artigo é perceber que o periódico utilizou-se dos mais variados recursos para criticar a igreja, demonstrando que a ligação entre ela e o governo era bastante dispendiosa ao “índio velho”, ou seja, ao país.

A mesma situação foi verificada em outros desenhos que apresentavam o Ventaroleiro e o índio dialogando sobre a vinda de jesuítas para o Brasil. A série tratava da vinda de “imigrantes jesuítas” que haviam saído da Antuérpia para o Brasil, acompanhados por padres da Companhia de Jesus. O primeiro quadro apresenta várias aves, todas com cabeças humanas e com chapéus de três bicos, o tricórnio. No segundo surgem vários padres metamorfoseados: corpo com batina, rosário no pescoço e cabeça de burro, alguns usam óculos e outros trazem as mãos cruzadas à altura da cintura, todos acompanhados por mulheres. No quadro seguinte o periódico revelava o verdadeiro motivo que instigou os jesuítas a virem para o Brasil. (figura 21) Numa sátira entretida, mas, ao mesmo tempo, ácida, o periódico revelava na legenda que “o contrato é singularíssimo”, numa menção a supostos envolvimento de jesuítas com mulheres. Perplexo, o

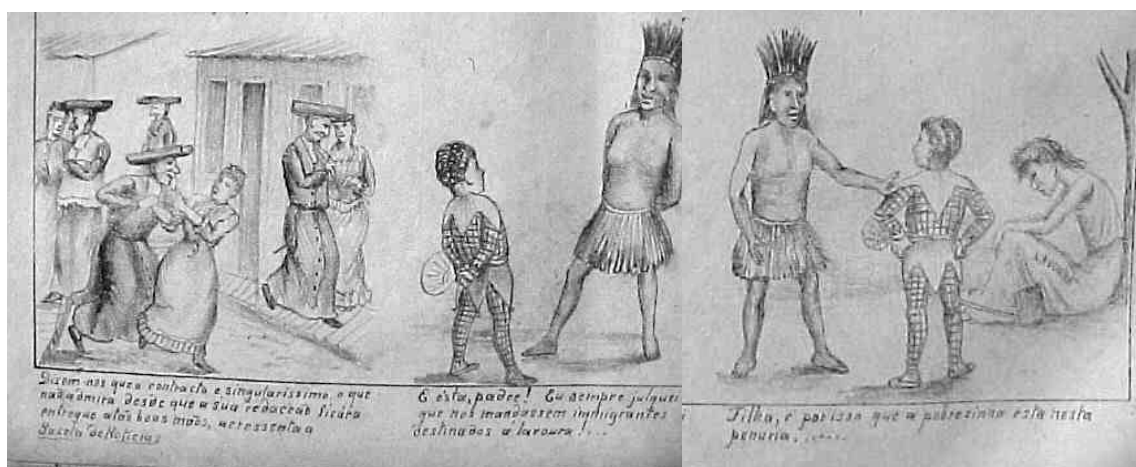


Figura 21: Os Jesuítas no Brasil

Legendas: Dizem nos que o contrato é singularíssimo, o que não admira [nos] desde que a sua redacção ficara entregue a tão boas mãos, acrescenta a Gazeta de notícias.

E esta, padre! Eu sempre julguei que nos mandassem imigrantes destinados a lavoura!...

Filho, é por isso que a pobrezinha está nesta penúria...

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.66, p.8, 01 jul. 1888.

ventaroleiro pergunta ao índio, aqui chamado de pai: “Eu sempre julguei que nos mandassem imigrantes para a lavoura!” o qual responde: “É por isso que a pobrezinha [a lavoura] está nesta penúria...”

Essa imagem d’ *A Ventarola* vai ao encontro do que é chamado por Raoul Girardet de “complô jesuíta”¹⁴. Ao analisar o texto *Le juif errant* (O judeu errante) de Eugène Sue, o autor assevera que essa temática foi cara ao imaginário político dos séculos passados. Um trecho da obra de Sue citado por ele é esclarecedor:

“Notava-se sobre esse globo [planisfério] uma multidão de cruzinhas vermelhas espalhadas por todas as partes do mundo; do norte ao sul, do levante ao poente, desde as regiões mais bárbaras, as ilhas mais distantes, até as nações mais civilizadas, até a França, não havia um território que não exibisse vários lugares marcados com aquelas pequenas cruzes, servindo de pontos de referência...”¹⁵

As cruzinhas referem-se aos pontos do planeta nos quais a Companhia de Jesus estabeleceu, conforme a obra de Sue, “seus centros clandestinos de espionagem e subversão”. No centro da mitologia do complô impõe-se uma imagem, temível e temida, da Organização, no caso a Companhia de Jesus, como capaz de se espalhar e dominar todos os países: “uma inextinguível vontade de poder e de retomar o sonho eterno da edificação de um Império em escala universal, da unificação do globo sob uma única e total autoridade”¹⁶. *A Ventarola* parece partilhar dessa concepção; o desenho humorístico que tratou da vinda dos jesuítas para o Brasil passava uma imagem deles como seres temíveis, membros de uma organização que pretendia dominar tudo e que, ao invés de acompanharem as famílias que se dedicariam à lavoura, pretendiam gozar de um contrato singular. O tom contrário aos jesuítas defendido abertamente pelo jornal pode ser considerado como mais um item empregado pelo jornal para criticar as relações entre a Igreja e o Estado (evidenciado nas sátiras à Princesa Isabel). Outra vez, a questão da

¹⁴ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Em especial o capítulo 1: A Conspiração.

¹⁵ Id. Ibid., p. 27.

¹⁶ Id. Ibid., p. 36.

religião apareceu como um sinônimo de atraso, que emperrava o avanço do país. Os trechos seguintes retirados da parte textual reforçam a mensagem antijesuítica passada pelo periódico.

A imigração não foi tratada e somente apareceu relacionada às sátiras dirigidas aos jesuítas¹⁷. Meses após os desenhos que representaram os religiosos com mulheres surgiram novas críticas num longo artigo dirigido a eles. Intitulado *Cogitemos*, o texto destacava que “Estamos ameaçados pela hidra do jesuitismo!” e, novamente a igreja era associada ao atraso do país:

E, tanto é isto verdade que tudo tem passado por melhoramentos radicais, acompanhando os progressos da ciência, enquanto que o *dogma*, que é o erro, que é o atraso, que é a mentira, que é a vergonha da humanidade, - persiste inalterável, como a essência do mal, como os micróbios coléricos e rábicos (sic) que se propagam até nas corrosivas dissoluções mercuriais!... (*A Ventarola*, 24/02/1889). (grifo do jornal)

Num outro artigo o colaborador, encoberto pelo pseudônimo Voltaire, se referia à atuação dos jornalistas no combate ao Jesuitismo, destacando que a grande maioria “[...] é ignorante, e, por conseguinte, atrasado, não discute, não doutrina, não elucida, não combate”. Exceção na imprensa era a atuação do Sr. Koseritz, que combatia a influência clerical na Província e o Sr. Silveira Martins na Câmara. Karl von Koseritz foi um importante jornalista entre a comunidade teuta brasileira e, em especial, na Província do Rio Grande do Sul. Imigrante alemão notabilizou-se pela defesa dos direitos dos colonos e por sua campanha anticlerical. Em 1889 era proprietário do jornal *Koseritz Deutsche Zeitung* (fundado em 1882) e deputado provincial desde 1883¹⁸. Na visão do periódico, somente através do esclarecimento à população dos malefícios trazidos com a religião,

¹⁷ A questão da imigração não foi tratada pelo periódico e constitui-se mais em denúncias do que sátiras a vinda de imigrantes, os quais deveriam ser “imigrantes agricultores”. Denunciavam que os agenciadores da imigração eram gananciosos, não explicando aos estrangeiros que viriam para o trabalho da lavoura. Após desembarcarem em Porto Alegre, afirmavam que os imigrantes, além de trazerem a febre amarela, se negavam a seguir para as colônias, e, vindo para Pelotas, seguiam para Bagé e de lá “batem asas e pousam no estado oriental”. No final desta notícia a crítica ao governo monárquico era evidente: “É preciso que se esbodegue bem esta Pátria [...] Destruam que há de aparecer quem edifique” (*A Ventarola*, 10/03/1889).

¹⁸ CARNEIRO, José F.. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959, p. 49.

seria possível atingir o progresso: “É preciso que o povo se capacite de que quanto menos *água benta* e *hóstias*, mais amor ao trabalho, único fator do engrandecimento dos povos. A religião, dizem, é um freio, na verdade, ela tem sido o *poder de soffrear* o progresso em sua carreira” (*A Ventarola*, 10/02/1889). (grifo do jornal)

Uma outra referência deve ser feita ao “autor” desse artigo: Voltaire. O filósofo Voltaire (1694-1778) foi um dos representantes do Iluminismo e ganhou notoriedade por suas sátiras antifeudais, sua luta contra o clericalismo e o fanatismo religioso. Combateu o Cristianismo e a Igreja Católica, que considerava inimigos fundamentais do progresso. No final de sua vida tendeu à defesa da República como o melhor tipo de Estado¹⁹. A utilização do nome do filósofo como pseudônimo não é fortuita, é bastante significativa; ao comparar-se o conteúdo abordado no texto e os ideais defendidos pelo verdadeiro Voltaire há uma consonância entre eles. A redação d’*A Ventarola* combatia a Igreja Católica considerada um retrocesso ao desenvolvimento almejado e defendia a República, como a melhor forma de governo.

As sátiras mais contundentes aos jesuítas foram veiculadas n’*A Ventarola* embora, o *Cabרון* também já tivesse tratado do tema. Numa pequena nota publicada em 12/09/1880 o semanário expunha sua posição contrária à vinda de jesuítas para o Brasil: “Os jesuítas estão com vontade de visitar-nos. Pois desejamos-lhes que passem muito bem lá pelas províncias do norte, que por aqui não temos necessidade nenhuma deles”.

Cabe destacar, a contenda entre *A Ventarola* e o jornal católico *Província*²⁰ publicado em Porto Alegre, o qual aparecia nas caricaturas representado por um padre com traços arrogantes e com o epíteto “órgão da hóstia e da água benta”. Ao noticiarem que o jornal fora distribuído com profusão na cidade, destacaram que “a nossa *Ventarola* não escapou à sanha do semanário *científico e literário*”. O motivo foi a veiculação de uma nota solicitando aos liberais, vitoriosos na eleição

¹⁹ VÁRIOS. *Dicionário Filosófico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1972, p. 185-187.

²⁰ Não foram encontrados exemplares desse periódico.

provincial, que acabassem com “essas baboseiras da igreja [...] o que precisamos é de luz, muita luz”. (*A Ventarola*, 20/01/1889).

As sátiras já apareciam no ano anterior, nas *Notas Semanais* do dia 09/12/1888, com o título “Liberdade de cultos”; travavam do conteúdo veiculado no órgão porto-alegrense. As críticas eram direcionadas a “dois peditórios” dirigidos à Princesa Isabel, um elaborado pelo arcebispo da Bahia e outro pelo Bispo do Pará, “ambos no sentido de não ser convertido em lei a liberdade de cultos.” Isso, para o periódico pelotense, era inadmissível: “[...] parece incrível que, já no fim do século XIX, ainda apareça quem tente lançar por todos os meios obstar a marcha do progresso em proveito próprio!” Da mesma forma, como destacado antes, a palavra progresso aparece relacionada não somente ao desenvolvimento do país como pode ser associada à influência positivista. Ao lado disso, a seqüência é elucidativa, pois noticiavam que um “contra-veneno as tóxicas doutrinas baianas e paraenses” fora publicado pelo Centro Positivista da Corte. O documento, que tinha por objetivo se contrapor aos bispos, revelava também “toda a pujança e talento do consumado escritor Sr. Miguel de Lemos”. Este foi um dos difusores da Doutrina Positiva no Brasil e, ao lado de Teixeira Mendes, tornou-se seguidor das idéias positivistas de Littré, um dos discípulos de Auguste Comte. Os dois compunham uma facção positivista que se contrapunha àquela encabeçada por Benjamin Constant, considerado um dos principais positivistas brasileiros e ideólogo da República Brasileira²¹. No final do artigo, o colaborador que não assinou, nem com pseudônimo, confirmava a tendência positivista, e, por conseguinte republicana, adotada pelo periódico “Um dia a humanidade deixará de ser o *asno gigante*. O positivismo, se outra coisa melhor ainda não aparecer, incumbir-se-á de dirigir a evolução.” Já num outro artigo, assinado novamente por Voltaire, associavam a perversidade com a ignorância ao referirem-se ao trono e ao altar, destacando que era necessário que o povo se preparasse para reagir contra essa aliança: “[...] nós os brasileiros não podemos continuar a viver sob o

²¹ Sobre as divergências entre esses positivistas e a participação de Benjamin Constant na vida política brasileira, ver: LEMOS, Renato. *Benjamin Constant – Vida e História*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. Especialmente o capítulo 4: Positivismos, Positivistas.

meticuloso regime de dois *poderes caducos* perante as *luzes do século*” (*A Ventarola*, 10/03/1889) (grifo meu).

Cabe destacar que o fato da Princesa Isabel ser “*devota de mais*” na concepção do periódico e manter relações excessivamente estreitas com os setores da igreja serviu para o periódico, ao mesmo tempo, se contrapor ao sistema monárquico e satirizar a igreja. Ainda, conforme o periódico, a aliança entre essas duas instituições representava o retrocesso do país e que para reverter esse quadro e dar nova vida ao “índio velho” seria necessário, não só acabar com esse “estado dentro do estado”, como também mudar o próprio estado, o qual seria substituído por outro que proporcionaria o advento do progresso; o novo governo desejado pelo periódico era o republicano. No entanto, as críticas não foram direcionadas somente ao Imperador e à Princesa; outra gama de caricaturas tratou dos políticos que estavam no círculo do poder.

Decifrando o “labirinto”

Entre os grupos que constituíram a elite da política brasileira do século XIX, o mais importante era aquele dos ministros. Eles eram “os agentes do poder executivo, cujo titular era o Imperador, que tinha total liberdade em escolhê-los”²². Os ministros compunham um Gabinete que deveria desempenhar as funções administrativas do império, enquanto o Imperador desempenhava o poder moderador, o que lhe dava plenos direitos para demitir o presidente do conselho e convocar outro para formar um novo gabinete. Ao longo dos 49 anos do reinado de Dom Pedro II, houve 48 gabinetes, com uma média de quase um por ano²³. Desses, a imprensa ilustrada pelotense abordou tanto aqueles que caíram, como aqueles que, conseqüentemente, foram formados. Em ambos os casos, os percalços do antigo Gabinete e a consolidação do novo, foram tratados sob a ótica

²² CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Relume Dumará, 1996, p. 49. Considero elite neste trabalho os homens que compunham os principais cargos da política imperial brasileira: os ministros. Um amplo trabalho sobre a elite política brasileira no século XIX foi realizado por José Murilo de Carvalho nesta obra.

²³ IGLESIAS, Francisco. *História Política de Brasil (1500-1964)*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p.199.

do humor sendo que, em grande parte das situações, a sátira e a crítica eram corriqueiras.

Seguindo na ordem em que foram representados, de acordo com a circulação dos periódicos, as primeiras notícias aparecidas no *Cabrion* tratavam do Gabinete encabeçado pelo Conselheiro João Luiz Vieira Cansanção de Sinimbú, político ligado ao Partido Liberal que pediu exoneração do cargo, sendo substituído por outro liberal, o político baiano José Antonio Saraiva em 1880²⁴. Conforme o periódico, os demais colegas da imprensa diária deram a notícia sobre o “formidável ponta-pé imperial” sem se certificarem sobre a veracidade do acontecido. A redação do *Cabrion*, por seu turno, resolveu previamente levantar todos os detalhes através do telégrafo: “O nosso serviço telegráfico acha-se perfeitamente estabelecido. Dispomos de ótimos correspondentes que se acham melhor informados do que os do *Correio*.” (*Cabrion*, 14/03/1880). Provavelmente, a averiguação da veracidade da queda do ministério antes de noticiá-la, tratava-se de uma maneira humorística usada pelo periódico para abordar a situação, conforme se nota num outro artigo publicado no número seguinte. Neste, atestavam que, “Agora, já sem receios de passarmos por indiscretos, podemos elucidar os nossos leitores da parte que tomou o *Cabrion* na última crise ministerial” (*Cabrion*, 21/03/1880). Apesar de reconhecer o posto humilde que ocupa na imprensa, o periódico relata que foi consultado pelo telégrafo sobre a crise. No conteúdo enviado de São Cristóvão, era pedido a ele que indicasse sua posição sobre o Ministério Sinimbu, o qual respondeu: “Ministério Chinfrim”. No entanto, não revelou o conteúdo, “visto ser um segredo de Estado [...] o patriotismo exigia de nós esse sacrifício”; ainda, na seção intitulada “telegramas”, destacavam que o Conselheiro Saraiva, escolhido para organizar o novo gabinete, havia enviado um telegrama da Bahia: “Preciso opinião ministério. Indique candidatos” (*Cabrion*, 21/03/1880). O chiste era evidente já que possivelmente o periódico não foi consultado sobre a crise e nem a ele foi pedido sugestões pelo Conselheiro Saraiva. Assim sendo, tanto o telegrama enviado de São Cristóvão, bairro do Rio de Janeiro no qual se localiza a Quinta da Boa Vista, uma das

²⁴ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo...* Op. Cit., p. 75.

residências de Dom Pedro II, como aquele emitido pelo novo presidente do conselho, eram criações usadas para satirizar a ocasião da mudança política.

Apesar do nome de Saraiva ter sido escolhido pelo Imperador no início de março, somente no final daquele mês ele chegou, vindo da Província da Bahia à Corte, e escolheu os demais ministros (*Jornal do Comércio*, 30/03/1880). Sobre a demora do novo presidente, o *Cabron* indagava que: “[...] quem sabe se apanhou com alguma indigestão de vatapá?” Em contrapartida, o atraso foi útil para o conselheiro Sinimbu que “mais tempo ficou ao leme da nau do Estado” (*Cabron*, 28/03/1880). O navio ou nau era usado como uma representação do governo, geralmente representava o navio do estado apresentando quem detinha o poder com o leme. Conforme Peter Burke essa metáfora foi “[...] tornada visível no cortejo fúnebre do Imperador Carlos V em 1558, quando um navio de tamanho real foi puxado pelas ruas de Bruxelas”. Ainda conforme o autor, essa situação teve uma adaptação “[...] numa caricatura de março de 1890, feita por Sir John Tenniel (1820-1914) mostrando o Kaiser Wilhem demitindo seu chanceler Oto von Bismarck, com a legenda ‘deixando cair o piloto’”²⁵.

Ainda naquele número e relacionado com a crise ministerial foram publicadas nas páginas 4 e 5, um quadro intitulado: “quinta e sexta feira santa (políticas)”. O desenho era composto por dois personagens: a política liberal e o conselheiro Sinimbú, apresentados numa releitura da *Pietà* de Michelangelo. A inscrição colocada na divisa junto à cruz refere-se à data da criação do ministério formado pelo conselheiro Sinimbu: 5 de Janeiro de 1878. (figura 22)

Sobre a gestão do novo presidente o periódico num artigo intitulado “Que Xelindreira!” destacava que o Presidente Saraiva apresentava “um programa completo de reformas”. O título do artigo se referia justamente ao programa, já que ele desejava “reformular tudo que é antigo, ou por outra, o que o Sr. Sinimbu deixou em projeto” (*Cabron*, 25/04/1880). Entre as propostas apresentadas estava a reforma eleitoral que seria aprovada no início de 1881, com o nome de Lei Saraiva. Com a nova lei, foi estabelecido o voto direto para as eleições legislativas

²⁵ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular. História e Imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004, p75.



Figura 22: Gabinete 5 de janeiro

Legenda: quinta e sexta feira santa (políticas).

Fonte: *Cabrion*, Pelotas, n.60, p.5, 28 mar. 1880.

acabando assim com as diferenças entre votantes e eleitores, embora fosse mantida a exigência de um nível mínimo de renda²⁶. Ao tratar dessa questão o periódico criticou as prováveis fraudes eleitorais, afirmando que até aqueles “próximos às portas da morte, precisando do padre para a última unção” também seriam considerados eleitores através da nova lei, mesmo estando impossibilitados de “depositar a competente chapinha de *ferro*, pois a de outro metal talvez não tape bem o rombo” (*Cabron*, 02/01/1880)

Em *A Ventarola* a situação não diferiu. Quando o periódico iniciou sua circulação, em 1887, era Presidente do Conselho João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe, político ligado ao Partido Conservador. Acusado de usurpar o trono, devido à viagem do Imperador, ele foi satirizado pela imprensa ilustrada fluminense que o chamava Dom Cotegipe I²⁷. Logo o apelido foi adotado pel'*A Ventarola*. Conforme o periódico pelotense, Cotegipe estava tentando suceder o Imperador “pela porta falsa da usurpação” assim sendo, a seguir a imprensa anunciaria ao mundo que “[...] no trono do Império está D. Cotegipe representante da terra do vatapá e da mulatinha do carço!” (*A Ventarola*, 29/05/1887).

Ainda naquele ano, e um pouco antes da viagem do Imperador, Cotegipe, que estava no cargo desde 1885, tentou reverter a crise pela qual sua gestão estava passando com uma reforma ministerial. Ao noticiar a reorganização, o periódico destacava que “fez muito bem porque o outro já estava cheirando a ranço” (*A Ventarola*, 15/05/1887). No mesmo número foi publicada uma caricatura que apresentava o índio acossado a uma árvore por um leão com sete cabeças: “[...] quando todos nós pensávamos que vovô Cotegipe tinha dado as costas nos mares esfacelados da desconfiança parlamentar, eis que surge com a sua septupula (sic) cabeça”. (figura 23) Após a criação do cargo do Presidente do Conselho de Ministros em 1847 o Imperador passou, então, a escolher apenas o presidente que, por seu turno, escolhia seus auxiliares, constituindo o Gabinete formado por sete membros²⁸. Na imagem a cabeça ao alto é a do Presidente Cotegipe e as demais dos outros ministros. Já os macaquinhos colocados

²⁶ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Ática, 1995, p.233.

²⁷ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo...* Op. Cit., p. 96.

²⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem. Teatro de sombras...* Op. Cit., p. 49.

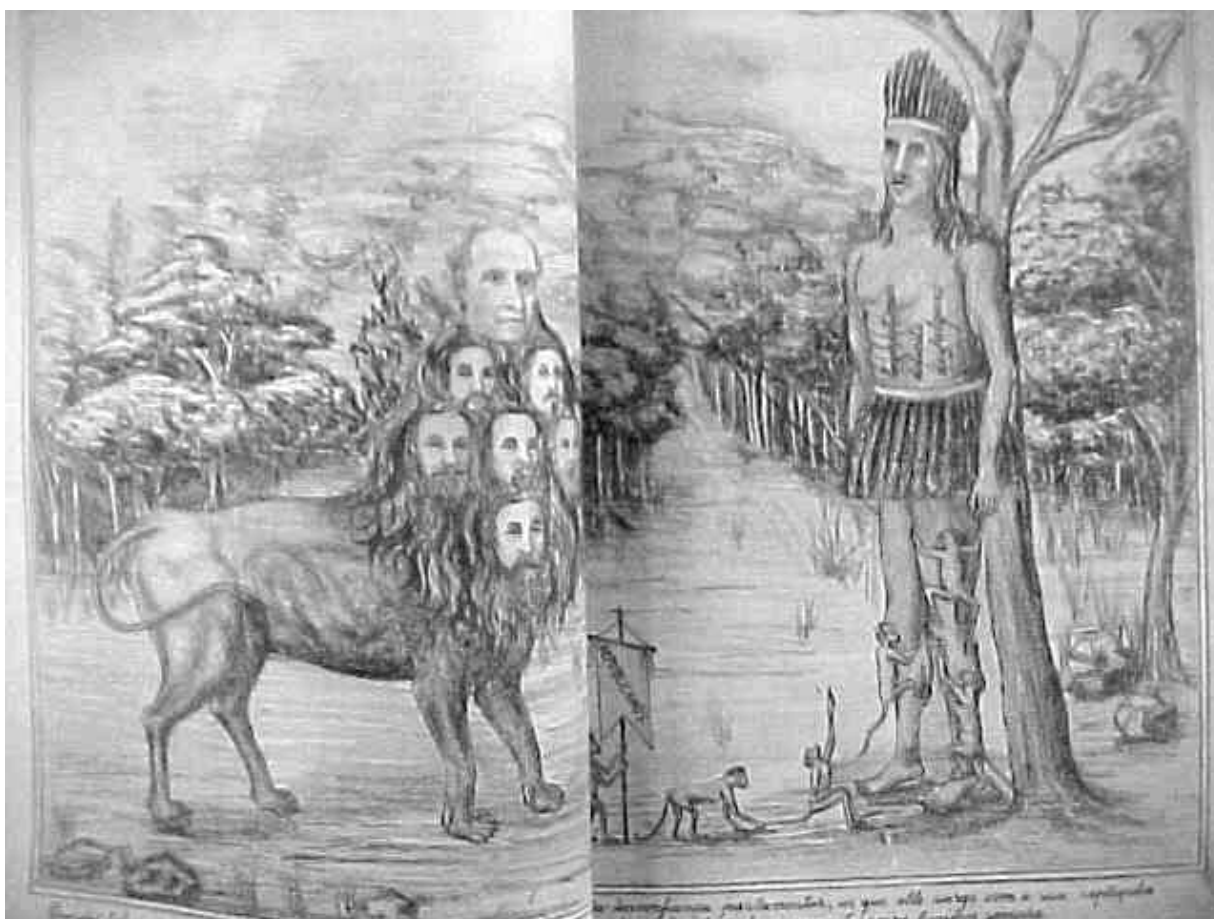


Figura 23: Vovô Cotegipe

Legenda: Quando todos nós pensávamos que Vovô Cotegipe tinha dado às costas nos mares da desconfiança parlamentar, eis que ele surge com a sua septúpla cabeça transformado em leão. Ora, queira deus que não tenha entradas de leão e saúde daquele outro bichinho de cuja traseira fugimos sempre. Enquanto isso, aqueles macaquinhos vão fazendo cócegas ao pobre índio velho para distrai-lo das dentadas do leão.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n. 6, p.4-5, 15 maio 1887.

“fazendo cócegas ao pobre índio velho” representavam os republicanos, conforme o estandarte que um deles carregava. Já a legenda afirmava que a função deles era distrair o índio “das dentadas do leão”. No entanto, a mensagem que o periódico tentou passar chegou ao presente como uma incógnita. Em alguns casos, a sátira ou a informação chega ao leitor da atualidade sem ser possível identificar o que estava sendo tratado ou criticado. A representação dessa caricatura apresenta uma problemática difícil de ser interpretada: num primeiro momento o conteúdo parece transmitir uma certa simpatia por parte dos republicanos à presidência de Cotegipe, mas, isso certamente não ocorreu. Até o advento da República o sistema partidário foi tripartite: de um lado os partidos monárquicos, de outro o republicano²⁹. Isso posto, seria incongruente que no ano de 1887, quando a campanha republicana estava em amplo desenvolvimento, os republicanos apoiassem o gabinete formado por políticos conservadores. Por outro lado, a imagem pode ser entendida da seguinte maneira: enquanto o governo de Cotegipe “mordiscava” o índio, os republicanos, aproveitando-se dessa situação o distraiam (aqui considerando o índio como uma representação da Monarquia) organizando a sua campanha. Assim sendo, o uso dos macaquinhos subindo no índio pode referir-se justamente ao crescimento da propaganda republicana que, naquele período estava bastante disseminada, não só na corte, mas também em outras províncias.

Contudo, mesmo após a reforma a oposição não foi minorada. Cotegipe enfrentou a oposição da imprensa fluminense pedindo o retorno dos liberais ao poder. Na Província, destacava o periódico, “o senhor Cotegipe desfruta da mais santa paz do senhor” assim referido pois, ao contrário daquela, a imprensa rio-grandense não discutia a possibilidade de um novo ministério que acabasse “com essa interminável pandega do elemento servil” (*A Ventarola*, 07/08/1887). Este foi outro tema, no qual o ministério sofreria uma forte resistência, sobretudo pelas atividades dos políticos abolicionistas, como Joaquim Nabuco. Ao tratar de um pronunciamento deste político em 1887, chamado de “proeminente chefe do abolicionismo no Império”, destacavam ser uma pena que “não se multiplicaram os

²⁹ Id. *Ibid.*, p. 185.

Zumbis”, talvez assim, seria dado fim à “vergonha que se chama escravidão”. No entanto, o responsável “moral por semelhante anomalia” era o Barão de Cotegipe, acusado de ser “solícito em ‘cumprir a lei’” no que se referia a questão dos escravos (*A Ventarola*, 13/11/1887).

Nos anos 1880 a campanha abolicionista, que havia arrefecido devido à lei do Ventre Livre, promulgada na década passada, foi retomada com ênfase, sobretudo com o surgimento de associações e jornais³⁰. Mesmo Cotegipe tendo aprovado a Lei dos Sexagenários, como uma estratégia para reverter o quadro, a campanha contra a escravidão não diminuiu. A *Revista Illustrada* caricaturava o Presidente do Conselho com trajes reais e afiançava que ele era “D. Cotegipe I, Imperador inconstitucional e defensor perpétuo da escravidão”³¹. Já *A Ventarola*, destacava que à campanha aderiram membros dos vários segmentos do poder nas câmaras municipais, nas assembleias provinciais e no senado: “O tempo continuou na sua marcha ininterrupta e a idéia da abolição – que havia sido plantada em bom terreno – ‘retraiu-se’ por momentos para tomar, como a onda, maior e mais indomável impulso” (*A Ventarola*, 12/02/1888).

Não obstante as críticas da imprensa e aquelas advindas dos abolicionistas, o Gabinete chefiado Cotegipe era um empecilho às pretensões da Princesa Isabel: “Os esforços de Isabel em aprovar qualquer medida anti-escravagista esbarravam nas recusas do ministério chefiado pelo conservador Cotegipe”³². Um incidente no qual estava envolvido Coelho Bastos, chefe de polícia da Corte, que perseguia os abolicionistas, indignou a opinião pública da Corte e foi o pretexto necessário para indispor a Princesa com Cotegipe, o qual acabou se demitindo do cargo³³. Numa série de desenhos humorísticos intitulado “últimos acontecimentos” o periódico ressaltava que “as coisas políticas e sociais” estavam em desordem, devido aos conflitos que envolviam a polícia. A isso, e reconhecendo a falta de prestígio, popularidade e apoio do exército, o governo “[...] cruza os braços e, segundo consta, solicita ao poder moderador a sua demissão”. (figura 24) Nesta parte da

³⁰ FAUSTO, Boris. *História do Brasil...* Op. Cit., p. 218.

³¹ *Revista Illustrada* Apud TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo...* Op. Cit., p. 96.

³² DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel a “Redentora” ...* Op. Cit., p. 129.

³³ Id. *Ibid.*, p. 129. Também comentado por TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo...* Op. Cit., p. 104.



Figura 24: A demissão do Ministério

Legendas: Últimos acontecimentos. A opinião representada pelos capoeiras e mais capangas do governo atea fogo dobrando de intensidade a ferocidade do incêndio.

O governo reconhecendo que lhe falta o prestígio, a popularidade e a adesão do exército, cruza os braços e, segundo consta, solicita do poder moderador a sua demissão.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.49, p.5, 11 mar. 1888.

série o jornal representava as desordens ocorridas na corte, destacando-se, ao fundo, a figura de Cotegipe observando a tudo de longe e numa posição um tanto altiva. Já na imagem seguinte, sua fisionomia foi modificada sendo representado cabisbaixo, acompanhado por três de seus ministros, os quais, sob a proteção de Cotegipe, espiavam a entrega à Princesa da demissão do ministério.

No último quadro o periódico destacava que, se o pedido fosse aceito, ficariam de parabéns os cativos que encontravam no presidente do conselho “uma barreira intransponível”. Por fim, nas ilustrações da página oito deste mesmo número era declarado que: “Já não é deste mundo o ministério 20 de agosto. A *majestade* do Sr. Cotegipe foi lançada a vala comum pela opinião.” O caixão que levava o presidente era carregado por várias tartarugas que simbolizavam o anacronismo do gabinete. Nos quadros posteriores era destacado que estavam “de parabéns as classes que constituem a população do Brasil”, representadas por escravos com os grilhões arrebitados e alguns homens brancos festejando. O último quadro apresentava o novo presidente, João Alfredo Correia de Oliveira no leme da nau do Estado, a legenda destacava: “É preciso que este timoneiro saiba como se dirige este barquinho, quando não tem naufrágio certo!” Provavelmente essa observação do periódico estava relacionada à posição política do novo presidente já que ele, como seu anterior, era do Partido Conservador. Alguns dias após a queda e aproveitando a época das festas da Páscoa (mesmo recurso empregado pelo *Cabron* na queda de Sinimbu), o periódico usou a metáfora do sábado de aleluia e o enforcamento dos Judas para apresentar a “política decaída” representada pelos ex-ministros, tendo no centro da imagem o Barão de Cotegipe. (figura 25)

No exemplar publicado no dia 18 de março daquele ano era dada como finda a crise ministerial e anunciado o novo ministério formado sob a presidência de João Alfredo. Ao noticiar os novos ministros, o periódico destacava o nome de Antonio da Silva Prado, chamado para o ministério dos estrangeiros, como “o grande abolicionista paulistano e o verdadeiro homem da época”. A atuação do conselheiro Antonio da Silva Prado, na assembléia provincial de São Paulo, a

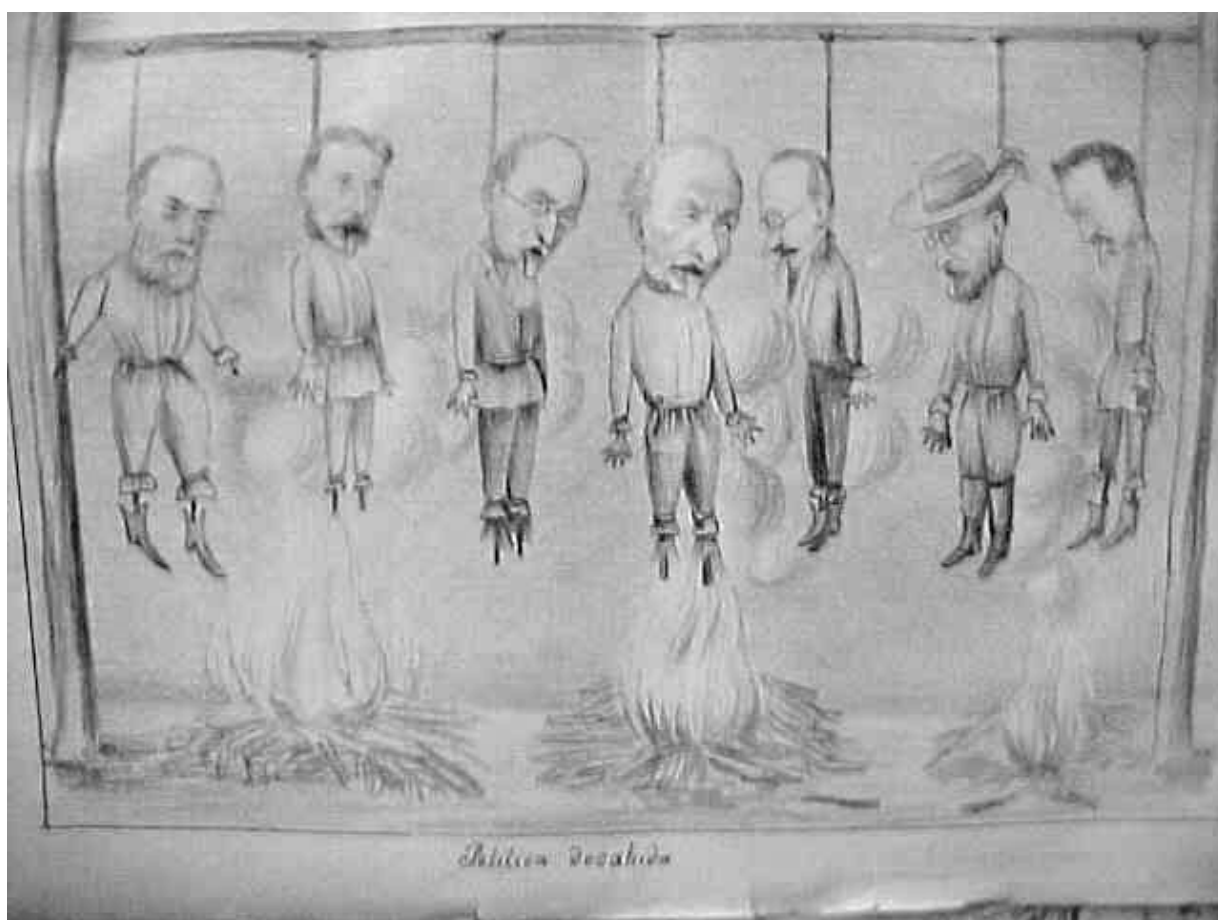


Figura 25: A política decaída

Legenda: Política decaída

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n. 52, p.8, 01 abr. 1888.

favor da abolição, havia sido noticiada pelo periódico alguns números antes da formação do novo Gabinete (*A Ventarola*, 19/02/1888).

Na continuação da notícia era destacado que o Poder moderador, ao aceitar as indicações de João Alfredo, que deixavam as províncias do Rio Grande do Sul, Bahia e Minas Gerais de fora do poder, “[...] entendeu que devia ouvir a opinião do país, com relação a magna questão do abolicionismo, não por aquela opinião representada na câmara temporária, que é uma câmara verdadeiramente ‘Fritz-mack’³⁴, e sim pela opinião do ‘Zé Povinho’, revelada pela imprensa do país” (*A Ventarola*, 18/03/1888). A abolição, que havia encontrado no ministério Cotegipe um forte opositor, seria finalmente promulgada alguns meses depois da organização do outro chefiado por João Alfredo, o qual empenhou-se para que ela ocorresse, mesmo sendo ele membro do Partido Conservador. José Murilo de Carvalho destaca que as principais leis de reforma social relacionadas com a questão da escravidão (Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários e, por fim, a Lei da Abolição) foram aprovadas com o apoio de Ministérios e Câmaras conservadoras: “Freqüentemente, os liberais reformistas propunham as reformas e os conservadores as implementavam”³⁵. *A Ventarola* ressaltava essa situação num artigo publicado em 09 de outubro de 1887, no qual tratavam de um conflito entre os órgãos políticos *Rio Grandense* e *Diário de Pelotas*. O primeiro, filiado aos conservadores, atestava que os liberais não tinham feito “coisa que preste em bem do país”, enquanto o segundo, ligado aos liberais, “chacoteia dos correligionários do *Rio Grandense*, chama-os poltrões”. O periódico, por sua vez, afirma que é difícil convencer esses dois órgãos que “ambos os partidos têm serviços bem feitos ao país”.

Após a abolição e já estando o Imperador no trono, o periódico pelotense noticiava que a situação política estava em crise. Aproveitando de uma declaração de Antonio Joaquim Dias que estava na Corte, salientavam nas *Pequenas notas* que “a situação está liquidada e em breve serão os liberais chamados ao poder”.

³⁴ No ano de 1888 chegou à Província do Rio Grande do Sul um carregamento de vinhos falsificados, chamado Fritz-mack, a partir daí a expressão Fritz-mack era comumente empregada para indicar algo falso ou estragado.

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem. Teatro de sombras...* Op. Cit., p.204.

Na seqüência era destacado que desejavam a veracidade da informação dada por Dias, pois era “chegada a época de entrarmos na senha da moralidade”, a qual somente ocorreria se os liberais governassem com “decência e critério”, abandonando o “filhotismo” que havia jogado os conservadores “na vala comum” (*A Ventarola*, 09/12/1888). No entanto, isso não ocorreu e o ministério somente cairia no ano seguinte.

Num desenho humorístico publicado em 12 de maio de 1889, apresentavam novamente a figura de João Alfredo na nau do Estado, acompanhado por três homens, provavelmente três ministros. Contudo, ao contrário daquele que divulgavam a chegada no novo chefe do conselho, nesta representação os desenhos se referiam à crise do gabinete: “[...] segundo diz o telégrafo e o passado nos leva a crer, o ministério João Alfredo está iminente e com ele a situação”. Para completar o quadro, o periódico satirizava a condição de “homens desesperados” de alguns conservadores caricaturados mamando numa vaca: “Os Srs. felizardos que ainda não tiveram a ocasião de chupitar (sic) na teta do Estado, é aproveitar dando-lhe a última *mamadela*”. Os constantes anúncios do fim do ministério publicados pelo jornal encontram relação com os cinco pedidos de exoneração do cargo feitos por João Alfredo³⁶ o pedido, entretanto, somente seria aceito pelo Imperador em junho de 1889.

Na série publicada para anunciar o fim do ministério, *A Ventarola* aproveitou a oportunidade para satirizar o momento político: “[...] depois de longa agonia, fraco, doente e alquebrado pelos reveses da morte, entregou a alma ao criador o partido da *ordem*”. No “velório” de João Alfredo, o Imperador aparecia enxugando as lágrimas, enquanto seus correligionários da província “rezavam ao *todo poderoso* e contavam com o seu restabelecimento para *glória* e *progresso* da Pátria” (*A Ventarola*, 09/06/1889). (grifo do jornal) A última imagem apresentava uma Fênix com a inscrição “novo ministério” e remetiam aos telegramas publicados no *Correio Mercantil* enviados por Antonio Joaquim Dias, os quais tratavam da crise. A Fênix representava o Partido Liberal que, após alguns anos, retornava ao poder com a presidência de Affonso Celso, o Visconde de Ouro

³⁶ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo...* Op. Cit., p.134.

Preto. No número seguinte *A Ventarola* aparecia “toda catita e até mesmo jubilosa, ao inaugurar-se a nova situação política”. Embora o periódico tenha se mostrado simpático à campanha desenvolvida pelos republicanos, a nova situação era saudada, pois, conforme atestavam “[...] triste e abatida vivia ela ante o estado apático e desanimador a que o conservadorismo caduco tinha reduzido a mãe-pátria (sic)” (*A Ventarola*, 16/06/1889). Os partidos constituídos foram satirizados pelo periódico, contudo, o Partido Conservador foi ao longo do período que esteve no poder o que mais críticas recebeu. Através de caricaturas e artigos humorísticos demonstravam os males advindos da gestão de seus membros, como o emperro de Cotegipe à questão da abolição. O trecho seguinte denota essa oposição: “[...] são verdadeiramente excepcionais as circunstâncias em que se vêem os partidos constituídos. Por um lado é o partido conservador desprestigiado e desacreditado mesmo, ante a sua inépcia e a inércia que revelou durante a sua última temporada no poder o que justifica à luz da evidência, refletindo sobre os atos do finado Cotegipe³⁷ ou do seu sucessor Sr. João Alfredo” (*A Ventarola*, 09/06/1889) No entanto, cabe ressaltar que essas críticas mais contundentes devem-se, sobretudo ao fato dos conservadores estarem no poder; se fossem os liberais, provavelmente o mesmo tom satírico seria empregado para criticar o governo monárquico que o jornal combatia.

As caricaturas e artigos que se reportaram aos presidentes dos conselhos, tanto no *Cabrion* como em *A Ventarola*, revelam que os periódicos informavam o leitor sobre a situação da política brasileira, representada pelas constantes crises ministeriais que ocasionavam a queda e, conseqüente, nomeação do presidente. Contudo, todo o desenvolvimento do processo era veiculado sem ser desconsiderada a função primordial dos periódicos: possibilitar o riso no leitor através de uma representação humorística da realidade na qual estavam inseridos. O humor também esteve presente nas páginas que se referiam a uma

³⁷ O Barão de Cotegipe realmente havia falecido em março de 1889. O periódico destacava no necrológico que o barão foi “o maior e o mais poderoso representante das idéias atrasadas; foi o mais pertinaz inimigo da liberdade [...] Como homem público só se tornou notável por querer conservar-se na *junta do coice*, justamente na época do vapor e da eletricidade” (*A Ventarola*, 03/03/1889). (grifo do jornal)

das principais questões políticas que dilaceravam o governo imperial: a escravidão – assunto do próximo tópico.

A escravidão e a Abolição da Escravatura

Considerando a escravidão como uma das atividades políticas abordadas pelos periódicos, nesta parte do trabalho pretende-se analisar como essa pequena imprensa abordou a temática. Para tanto, optou-se por averiguar, especificamente, dois casos de assassinato ocorridos em Pelotas: o primeiro de um escravo, abordado pelo *Cabrion* em 1881 e outro de uma contratada, noticiado n'A *Ventarola* em 1887. Ainda será através das caricaturas e crônicas veiculadas no último periódico que se verificarão as repercussões da Lei Áurea na sociedade escravista pelotense. Cabe destacar que ambos os periódicos não se declaravam abolicionistas, contudo os crimes não passaram despercebidos e motivaram os periódicos a se posicionarem sobre a escravidão condenando-a.

Uma vítima do “cancro social”: A morte do “infeliz Jeronymo”

Assim foi noticiada no periódico *Cabrion*, datado de 03 de abril de 1881, a morte do escravo Jeronymo de 16 anos. A ilustração publicada na primeira página trazia uma cruz na qual estava escrito “Aqui jaz o infeliz Jeronymo vitima do cancro social que civiliza o nosso país”. A imagem também apresentava alguns instrumentos usados nos castigos e quatro algozes, dois de costas e dois ao lado. (figura 26)

Conforme o jornal o escravo Jeronymo foi açoitado até a morte pelo capataz da charqueada do Sr. Paulino Leite, Sr. Manoel Oliveira. O mandante do crime foi o Sr. Antonio Leite, irmão do Sr. Paulino, sendo este o proprietário do escravo (*Cabrion*, 10/04/1881). O assassinio teve grande repercussão na sociedade pelotense e foi motivo para longos debates entre os jornalistas da



Figura 26: O assassinato do escravo Jeronymo

Legendas: (Na lápide) Aqui jaz o infeliz Jeronymo vítima do cancro social que civiliza o nosso país. E ainda há miseráveis que se prestam a defesa!...

(Na mão do homem do canto direito) Correio Mercantil defensor perpétuo de infâmias.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.114, p.1, 03 abr. 1881.

imprensa pelotense³⁸. Conforme verificado no primeiro capítulo, neste período Eduardo Guerra travava no periódico uma “guerra” contra Antonio Joaquim Dias. O único algoz mostrado na imagem referida acima é Dias, o qual trazia na mão um papel com a inscrição: “Correio Mercantil defensor perpétuo de infâmias”. Conforme Eduardo Guerra, Dias tornou-se o defensor de Paulino Leite publicando no *Correio* artigos tentando ludibriar a opinião pública sobre a verdade do ocorrido: “Por forma alguma é possível ficar impune tão nefando crime praticado à face de um povo ilustre e civilizado que conhecendo a importância de tão bárbaro fato, o deixe passar despercebido pela simples razão de se expor um jornalista proclamando a infâmia e a calúnia, próprio de um vil carrasco”. A razão para tal motivação, segundo a matéria, era o “ouro [que] faz com que se representem as cenas mais revoltantes [...] que se há apresentado pela imprensa”. Aqui, Guerra denunciava que Dias era pago para defender os assassinos de Jeronymo, acusando-o de vender “sua própria consciência” (*Cabrion*, 10/04/1881). A mesma acusação foi novamente retomada em caricaturas que mostravam Dias conversando com Paulino Leite. No diálogo o jornalista pede ao charqueador que “abençoe esta tintinha” o qual responde: “Muito bem Sr. Mondongueiro, mas cuidado com os tais broxados, que em vez de defender-me, compromete” (*Cabrion*, 08/05/1881).

Ainda no mesmo número que apresentava Dias como um dos algozes do assassinato, as páginas centrais foram ocupadas por uma mulher alada, com vestes brancas e carregando numa das mãos uma lanterna, da qual saía, juntamente com a luz, a inscrição Lei 28 de Setembro. Ao lado, na seqüência da ilustração, aparecia um escravo amarrado a um tronco e sendo açoitado por um homem. O quadro refere à Lei do Ventre Livre, que libertava todo o filho de escrava nascido a partir da sua promulgação em 1871, enquanto a fustigação se reportava ao assassinato do escravo Jeronymo.

³⁸ Como visto na introdução, Pelotas possuía nos anos dos crimes jornais diários de destaque, os quais noticiaram amplamente os dois casos. Importante seria contrapor as matérias do *Correio Mercantil* com as do *Cabrion*, no entanto, conforme citado anteriormente, o ano de 1881 não está disponível à pesquisa.

Contudo, o periódico não abordou o caso do assassinato somente a partir da ótica de se contrapor a Dias; Guerra se posicionou denunciando os responsáveis e exigindo punição a eles:

Não é por se dizer – é negro – que não se deve punir por esse infeliz que a desgraça o destinou à escravidão, nem tão pouco por os algozes serem ricos e poderosos que se lhes faça a justiça imputando-lhes a culpabilidade do crime, dando assim um exemplo a essa aristocracia moderna que por tantos crimes é responsável, mas que os abafam porque para isso dispõem do baronato, da comenda, do pergaminho e do dinheiro (*Cabron*, 10/04/1881).

Ao lado disso, o periódico rogava ao promotor e ao juiz que não vacilassem em nenhum instante, uma vez que a morte do “infeliz Jeronymo é a expectativa popular desta cidade.”

Em outro artigo publicado em 17 de abril de 1881, Guerra deixou transparecer sua posição sobre a escravidão, ao afirmar que a sociedade herdou o “cancro que presentemente nos horroriza, é necessário resolvê-lo, é um dever e é uma obra de caridade”. Ele destacava que não se deve conceber a injúria diária que diz “[...] é lei a escravidão. É escravo, apanhe o vergalho.” Em seguida afirmava que os escravistas não têm sentimentos e que “tendo ouro tem tudo o que desejam”; contra isso conclama: “devemos ter brio e dignidade, deixemo-nos de contemplações”.

O periódico findou sua circulação em junho de 1881, não obstante, o caso Jeronymo continuou sendo veiculado nos jornais diários. Noticiaram as audiências realizadas a partir das denúncias da promotoria pública para a inquirição das testemunhas e através da imprensa diária foi possível constatar que além do charqueador Sr. Paulino Leite, seu irmão Antonio Leite e do capataz Sr. Manoel Oliveira, três escravos: Antonio, Marcelino e Casemiro foram acusados de serem os executores dos castigos sofridos pelo escravo (*Diário de Pelotas*, 26/06/1881). Em setembro daquele ano, relatava que os escravos foram recolhidos à cadeia a

fim de responderem ao processo juntamente com o capataz Manoel de Oliveira que já estava preso (*Diário de Pelotas*, 02/09/1881)³⁹.

Pórcia: a infeliz contratada

Pórcia era o nome de uma jovem negra de 22 anos contratada⁴⁰ do Sr. Ignácio José dos Santos, assassinada por estrangulamento em dezembro de 1887. Um crime semelhante ao anterior e que novamente foi muito noticiado pela imprensa pelotense. O periódico *A Ventarola* tratou do caso através de artigos e narrou o “suplício e morte da infeliz Pórcia” em ilustrações.

Conforme o jornal, o fato somente foi apurado após uma denúncia feita ao delegado de polícia que investigou o caso e constatou que a contratada não morrera repentinamente como afirmava o atestado de óbito, mas que a morte foi provocada por estrangulamento. Através da autópsia feita no cadáver “[...] verificou-se que a miseranda Pórcia apresentava uma interminável sucessão de sevícias, algumas das quais, como as que apresentavam nas partes sexuais, feita a ferro incandescente”. Reproduzindo parte da notícia veiculada em *A Pátria* o periódico relatava que havia no corpo “chagas antigas e recentes” além de apresentar “as costelas e as nádegas despidas de pele” (*A Ventarola*, 11/12/1887).

A Ventarola adotou a mesma posição defendida pelo *Cabrião* anos antes, rogando o esclarecimento do crime. Contudo, vale ressaltar o fato do periódico não concordar com a prisão do suposto assassino: Ignácio José dos Santos de quem Pórcia era contratada:

Diz o mesmo jornal [*A Pátria*] que o Sr. Ignácio José dos Santos foi recolhido a cadeia civil, por ordem do Sr. major delegado de polícia.

³⁹ Informações obtidas a partir de LONER, Beatriz Ana. *Formas de Organização dos trabalhadores na luta contra a Escravidão (1880-1888)*. Pelotas; NDH/UFPel, 2002a. (Projeto de pesquisa).

⁴⁰ Vale destacar que a Abolição dos escravos já havia ocorrido, em parte, em Pelotas em 1884, por isso Pórcia era uma contratada, ou seja, ex-escrava.

Quem conheceu Ignácio dos Santos, está autorizado a julgá-lo incapaz de cometer um crime tão revoltante e atroz. Que não é ele o autor de semelhante barbaridade está a me dizer a consciência.

Alguma víbora danada, já afeita a martirizar os cativos foi, sem dúvida, a autora de semelhante assassinato.

Ignácio dos Santos não era capaz de praticar tão revoltante ato de barbarismo (*A Ventarola*, 11/12/1887).

A “víbora danada”, a qual o periódico se referia, eram duas: a esposa e a sogra de Ignácio, acusadas também pela imprensa diária.

Ainda neste número e ocupando toda a página oito foi publicada, dividida em três quadros, a cena do assassinato representada no interior de uma casa; certamente o local era a propriedade de Ignácio dos Santos. (figura 27) No primeiro quadro apresentavam a contratada com as mãos amarradas e com uma corda no pescoço; ao lado duas mulheres batiam com bastões em suas costas. A legenda do quadro denunciava as autoras: “[...] a perversidade de Maria do Carmo e de Josefina sua filha, reduziu a este estado uma infeliz que apenas contava 22 anos de idade!!!”. No segundo quadro as duas mulheres apareceriam enforcando Pórcia, a qual foi representada seminua e esfarrapada. A legenda avalizava que os suplícios eram de longa data e que depois de “praticarem as maiores atrocidades acabaram por assassiná-la”. O terceiro quadro traz uma mesa com um caixão fechado. A legenda fazia referência ao atestado de óbito e sobre a participação de médicos neste tipo de crime: “[...] vai depressa e arranca de qualquer médico um atestado no qual se diga que ela morreu de repente. Depressa antes que a polícia chegue”. A partir desta legenda, pode se deduzir que, em alguns casos, os médicos eram coniventes com os assassinatos de escravos, ou seja, há grande probabilidade de que outros crimes semelhantes a este tenham ocorrido, porém foram acobertados através da emissão de certidões de óbitos falsas. O periódico ressaltava, dentro desta situação, a possibilidade de Pórcia não ter sido a primeira a ser morta e que ela não seria também a última (*A Ventarola*, 18/12/1887).

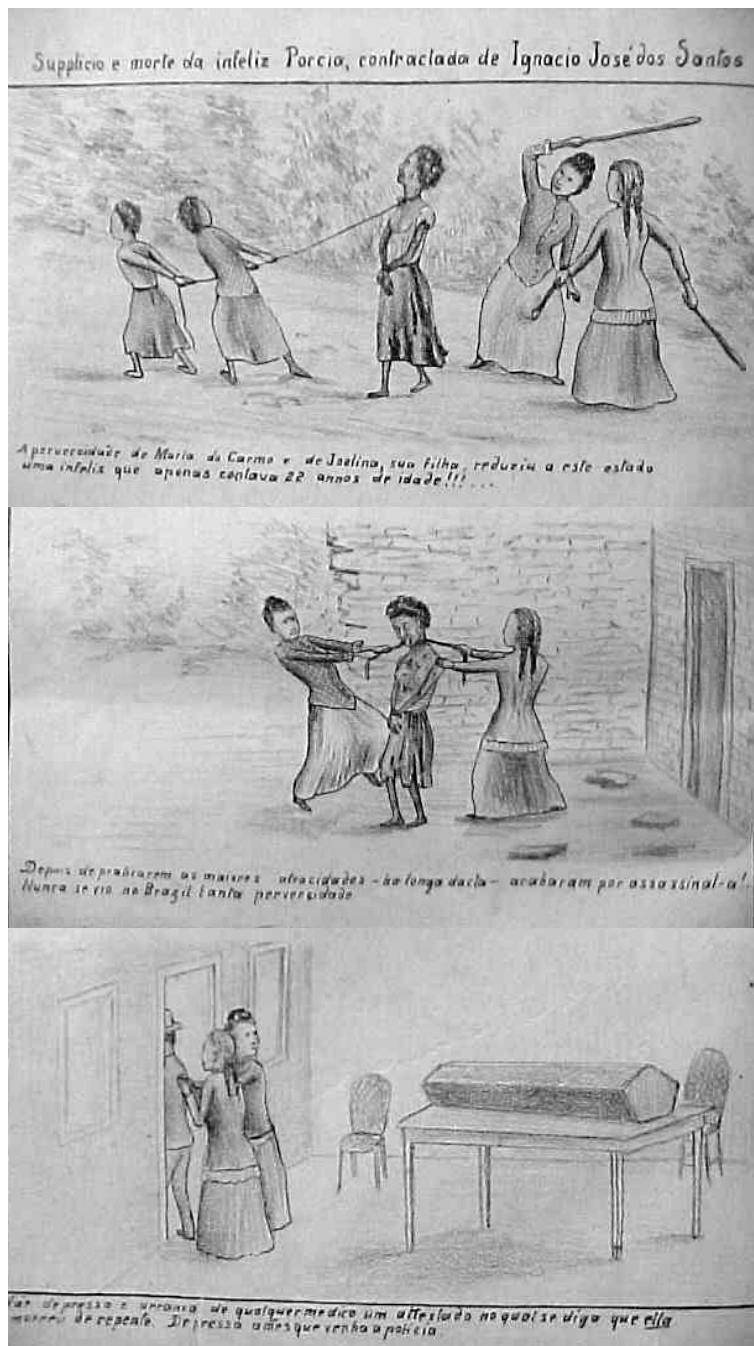


Figura 27: O assassinato da contratada Pórcia

Legendas: Suplício e morte da infeliz Pórcia, contratada de Ignacio José dos Santos.

A perversidade de Maria do Carmo e Josefina, sua filha, reduziu a este estado uma infeliz que apenas contava 22 anos de idade!!! Nunca se viu no Brasil tanta perversidade.

Depois de praticarem as maiores atrocidades – há longa data – acabaram por assassina-la!

Vai depressa e arranca de qualquer médico um atestado no qual se diga que ela morreu de repente. Depressa antes que venha a polícia.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.36, p.8, 11 dez. 1887.

No número seguinte noticiavam que a imprensa da cidade representada pelo *Diário de Pelotas, Pátria e Correio Mercantil*, formulou enérgica e justa acusação às delinqüentes (*A Ventarola*, 18/12/1887). Novamente a página oito desse dia trouxe ilustrações que tratavam do caso. Na seqüência, abordaram a chegada da polícia na casa do Sr. Ignácio dos Santos para averiguar se a denúncia do assassinato procedia. A isso, as mulheres responderam: “É uma calúnia que nos levantam, nunca tocamos com um dedo nesta malvada”. No entanto, quando abriram o caixão verificaram que a contratada não havia morrido por causas naturais como afiançara o médico e sim que se tratava de uma “perversidade humana [...] digna de fazer parte dos crimes célebres”. No último quadro retratavam a prisão do Ignácio afirmando que ele tinha muito dinheiro e boas amizades e que por esses motivos logo seria libertado. Quanto às mulheres, elas retornavam na cena e dessa vez asseguravam que a “coisa ruim” poderia descansar, já que ainda lhes restavam “mais três para descascar-lhes (sic) os costados”.

No número posterior noticiavam que a associação abolicionista Dom Sebastião realizou na Igreja Matriz uma missa em memória da vítima (*A Ventarola*, 25/12/1887). A questão do assassinato da contratada retornou às páginas do periódico meses depois. O motivo foi questionar que até aquele momento o crime ainda não havia sido solucionado. No texto endereçado ao senhor Andrade Luna, identificado apenas como pessoa de “assaz reconhecida inteligência e caráter de autoridade”, denunciavam que as “duas tigras com feições de mulheres” assassinas da contratada Pórcia continuavam em liberdade. Fazendo uma retrospectiva do crime, destacavam que o fato “produziu sensação” e as autoridades policiais prenderam, como resultado do inquérito, o “marido da mulher apontada como autora daquele célebre crime”. Contudo, o indivíduo foi solto e a assassina fugiu da cidade: “[...] consta que no Estado Oriental, onde aquela víbora foi buscar *refugiam peccatorun* (sic) cometeu outro delito idêntico ou quase idêntico, e que se acha gozando da impunidade no distrito do Herval onde tem parente e grande proteção” (*A Ventarola*, 29/04/1888) (grifo do jornal).

A Ventarola e a Abolição da Escravatura

Quando da ocorrência da morte de Pórcia, a questão do fim da escravidão e a conseqüente abolição estavam sendo amplamente debatidas, não só em Pelotas como no resto do Império. O caso tornou-se um elemento para ampliar essas discussões e condenar a escravidão. Analisando o tratamento dispensado à causa em *A Ventarola* é possível afirmar que o periódico não adotou uma posição abolicionista clara, embora deixasse transparecer, em alguns casos, a condenação ao regime escravocrata. Exemplar desta posição é um artigo publicado um pouco antes do assassinato de Pórcia. Nele relatavam uma notícia dada pelo jornal republicano *A Federação* de Porto Alegre que causou indignação nos pelotenses. O conteúdo denunciava que “nesta bela e rica cidade de Pelotas se mata e se esfola negros ai por essas margens do São Gonçalo e Pelotas”. Na época, era nas margens dos rios São Gonçalo e Pelotas que se concentravam grande parte das charqueadas, as quais chegaram a empregar em torno de cinco mil escravos⁴¹. O periódico apresentou uma contraposição à acusação do jornal de Porto Alegre, destacando as condições de vida dos escravos na cidade:

[...] o cativo aqui é uma condição suavíssima, em parte alguma do mundo [...] não houve e não há lugar onde os cativos gozem de mais regalias. Os escravizados, entre nós, passam uma vida deliciosa. Assim vale a pena ser cativo: comendo pão de ló e passando vida cômoda e regalada, quem não quererá ser escravizado? Isso de tronco, de ferros aos pés e galheira ao pescoço é bom lá para o norte: entre nós a coisa muda de figura (*A Ventarola*, 27/11/1887).

Na seqüência, destacava que as leis de 1871 e 1885 eram cumpridas à risca: “[...] não há um sexagenário para remédio que esteja ainda desfrutando as Delícias do cativo”. O mesmo ocorria com os contratados: “quando se aproxima o tempo de findar-se um contrato [...] o ex-senhor chama o contratado e diz-lhe:

⁴¹ MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da universidade/UFPel, Livraria Mundial, 1993, p.33.

[...] fica livre de culpa e pena”. Por fim, concluía que “mais liberdade nem no céu entre os anjos”.

O texto passa, a princípio, um tom de seriedade que pode ser compreendido a partir de uma primeira leitura. No entanto, ao analisar o seu conteúdo e se tratando de um periódico humorístico fica patente que, não se trata de uma resposta à *Federação*, mas ela pode ser lida como uma afirmação da denúncia do jornal porto-alegrense. O artigo deve ser interpretado como uma construção narrativa calcada na ironia, tropo ou figura de linguagem que consiste em provocar o riso através de uma mensagem que contrasta uma situação aparente (falsa) com a verdadeira. Assim, as circunstâncias em que os escravos se encontram nas charqueadas, conforme o que está narrado no artigo, contradiz a “realidade”: não aborda as benesses oriundas do cativo desfrutadas pelos escravos, mas ao contrário, permite que se verifiquem, implicitamente, as circunstâncias “reais” enfrentadas pelos escravos. A forma irônica encontrada para rebater a crítica deve ser entendida também como uma sátira à escravidão, direcionada à sociedade escravista pelotense.

Ao lado disso, cabe destacar duas críticas do periódico, a primeira dirigida ao jornal diário *A Pátria* que se posicionou contra o assassinato da contratada e exigiu a punição dos culpados, mas, ao mesmo tempo, veiculava anúncios de “preto fugido” em suas páginas (*A Ventarola*, 08/01/1888). E outra, direcionada aos abolicionistas de última hora que segundo o jornal somente agora “no fim da festa” é que aparecem “os Patrocínios, os Claps, os Canabarro e outros”. Se há glórias na campanha, esses abolicionistas “dispensam a modéstia” e se vangloriam pelas conquistas. O periódico afirmava que, deste jeito, “amanhã até as assassinas da Pórcia serão abolicionistas”. Por fim, destacavam que os triunfos dispensados a livrar o país da “mancha negra” não cabiam a “Pedro ou Paulo e sim à nação” e que à “história compete separar o ‘joio do trigo’ ela dirá a seu tempo quais são os pavões e quais as gralhas” (*A Ventarola*, 29/01/1888).

Três números após denunciar que o assassinato da contratada Pórcia ainda não tinha sido solucionado, *A Ventarola* noticiava a promulgação da lei Áurea:

“inda não era meio-dia a 13 do que corre, quando tive o grandíssimo alegrão de que nesta terra do xarque (sic)⁴² e do café já não havia mais escravos”. O periódico, levando sempre à frente o seu propósito de satirizar os acontecimentos, tratou de dissertar não sobre a nova condição dos escravos libertados pela lei, mas, abordou a situação em que se encontrariam, de agora em diante, os ex-senhores de escravos:

Comecei eu a pensar, então, cá com os meus botões: como se arranjará este pobre *Zé Povinho* que vivia à sombra do negro e que não sabe as *doçuras* que o trabalho tem?

Sim senhores, trabucava eu comigo, como hão de continuar na inércia robustos moços que tinham quatro *gatos* para mandar sulcar a terra?

Como hão de sobreviver tantos velhos preguiçosos que nasceram e envelheceram, vivendo como quais parasitas – de suor do escravo?

[...] Meus senhores e minhas senhoras (como dizem os discursadores): é preciso que vos capaciteis de que – quem não pode com o tempo não inventa modas.

Há muito tempo que os abolicionistas lhes diziam: preparem-se a tempestade não está longe. Vossas Excelências entendiam que eles eram uma corja de sacripantes (sic) que queria privar-vos daquele engano d’alma ledo e cego, em que tinham Vs. Exas. vivido por tantos anos (*A Ventarola*, 20/05/1888) (grifo do jornal).

Pelo trecho, nota-se o mesmo tom satírico empregado no texto anterior que tratava da notícia-denúncia da *Federação*. Neste, ao contrário daquele, não foram salientadas as condições de vida dos escravos, os quais viviam a “pão de ló”, contudo a sátira foi novamente endereçada à sociedade escravista pelotense, já que destacou os “problemas” que passariam os senhores de escravos para se adaptar à nova condição. Comparando, ainda, os dois artigos, pode-se considerar que, se no primeiro apontaram as condições confortáveis da vida no cativeiro, o

⁴² Como destacada à nota 31, a Abolição dos escravos já havia ocorrido em Pelotas em 1884. Logo, o jornalista ao referir-se a “terra do xarque e do café” não restringia seu artigo somente aos que ainda eram escravos em Pelotas mas aos demais da Província e do Império. Sobre o processo e as condições dos escravos no período pós 1884 ver: MELLO, Marco A. Lírio de. *Reviras, Batuques e Carnavais*. Pelotas: Editora da universidade/UFPel, 1994. Especialmente a conclusão do capítulo 4: A Abolição foi uma festa? p.135-141.

segundo “desmentiu” essa construção, demonstrando que esse relato foi elaborado, sobretudo, para proporcionar o riso do leitor através de uma apresentação cômica da realidade, não apenas nas caricaturas, como também na parte escrita do periódico.

Assim sendo, as ilustrações publicadas à época da Abolição confirmam a irrisão dos artigos endereçados aos senhores de escravos perante a nova realidade. Essa crítica não ficou restrita somente aos escravagistas pelotenses, mas pode ser entendida como uma “sátira em dose dupla”, endereçada também àqueles de outras localidades. Destarte, ilustraram algumas pessoas trabalhando na colheita de uma lavoura de milho, entre as quais foi possível identificar a Princesa Isabel, Dom Pedro II e João Alfredo. Possivelmente, esse desenho humorístico foi concebido a partir de modelos de caricaturas dos três personagens da Corte advindos de periódicos fluminenses, os quais, serviam de modelo as produções dos caricaturistas pelotenses. A legenda da imagem destacava os “prazeres” advindos do trabalho: “[...] vejam só como isto é bom... como a coisa é suave... assim vale a pena a gente trabalhar”. Esses desenhos datam, coincidentemente, do dia 13 de maio de 1888, no entanto, foi somente no número posterior que notícia da Abolição da Escravatura foi veiculada.

Concepção semelhante foi averiguada numa série de desenhos publicados na edição do dia 03/06/1888, a qual apresentava no primeiro quadro quatro homens com narizes avantajados e barrete frígio nas cabeças. Eles estão sentados à beira de um lago com varas de pescar. A legenda explica que os fazendeiros de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro “[...] tiveram a *feliz* idéia de organizar *um* partido republicano, para depois da vitória, indenizarem-se a si (sic), os prejuízos que tiveram [...]” (grifo do jornal). O periódico refere-se que, após a abolição, muitos senhores de escravos, especialmente das zonas cafeeiras que estavam em declínio e tinham na mão de obra escrava sua maior fonte de riqueza, exigiram que o governo lhes pagasse uma indenização, em vista da liberdade concedida aos escravos. No quadro seguinte, *A Ventarola* faz outra proposta um pouco diferente daquela solicitada pelos ex-senhores. Na imagem, a Princesa Isabel ouve o parecer de um ex-escravo sobre essa questão: “[...] o que

é justo e eqüitativo é que o indenizado seja o negro, por aqueles que lhe roubaram a liberdade e que a sua custa enriqueceram.” (figura 28)

Já ao anunciar as repercussões da lei na cidade o periódico demonstrou em suas páginas que, para “os ilustres escravocratas pelotenses” a lei teve o mesmo efeito de uma “bomba de dinamite”. Numa seqüência de quadros a reação das “senhoras beatas escravagistas (sic)” foi o mote principal dos desenhos. Assim que a notícia chegou, elas tinham esperanças que a lei não abrangesse contratados e libertos, entretanto isso não ocorreu e elas rogaram “mil pragas à Princesa imperial e xingaram o senhor João Alfredo”. Narraram que muitas delas, tentando impedir que os escravos soubessem da boa nova, “encerraram os mesmos em quartos e porões” ou tentaram fugir para o interior levando-os consigo. As ilustrações representaram essas mulheres esbravejando contra os escravos, os quais, davam “bananas” e adeus para suas ex- senhoras. Por fim, destacaram que muitas delas iriam retirar seus maridos dos partidos monárquicos, tornando-os republicanos. O periódico concordou, visto que, “[...] só nos falta conquistar a nossa liberdade, o alvitre das senhoras escravistas não é mau: engrosse-se, pois as fileiras do partido republicano”. (figura 29)

Não foi feita nenhuma relação entre o assassinato de Pórcia e a lei da abolição da escravatura, promulgada cerca de cinco meses após o crime. Apesar disso, ao demonstrar o desconsolo das mulheres escravistas, das quais, conforme o periódico, nem mesmo ao demônio entregariam estes “entes queridos” e lembrando que foram duas mulheres também escravocratas que assassinaram a contratada, pode-se dizer que, pelo menos nas páginas d’*A Ventarola*, Pórcia estava vingada!

Na continuação do artigo publicado no dia 20 de maio, o periódico descreveu minuciosamente a recepção da lei e as atividades desenvolvidas pelos abolicionistas nas ruas de Pelotas. Quando o telégrafo anunciou às redações dos jornais a notícia da sanção da lei, alguns abolicionistas soltaram foguetes em frente à casa dos Srs. Canabarro e Ernesto Gerngross, proprietário e redator do jornal *Diário de Pelotas*, órgão que defendia a abolição. Após essas



Figura 28: Indenização para o escravo

Legenda: O que é justo e equitativo é que o indenizado seja o negro, por aqueles que lhe roubaram a liberdade e que a sua custa enriqueceram.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n. 62, p. 4, 03 jun. 1888.

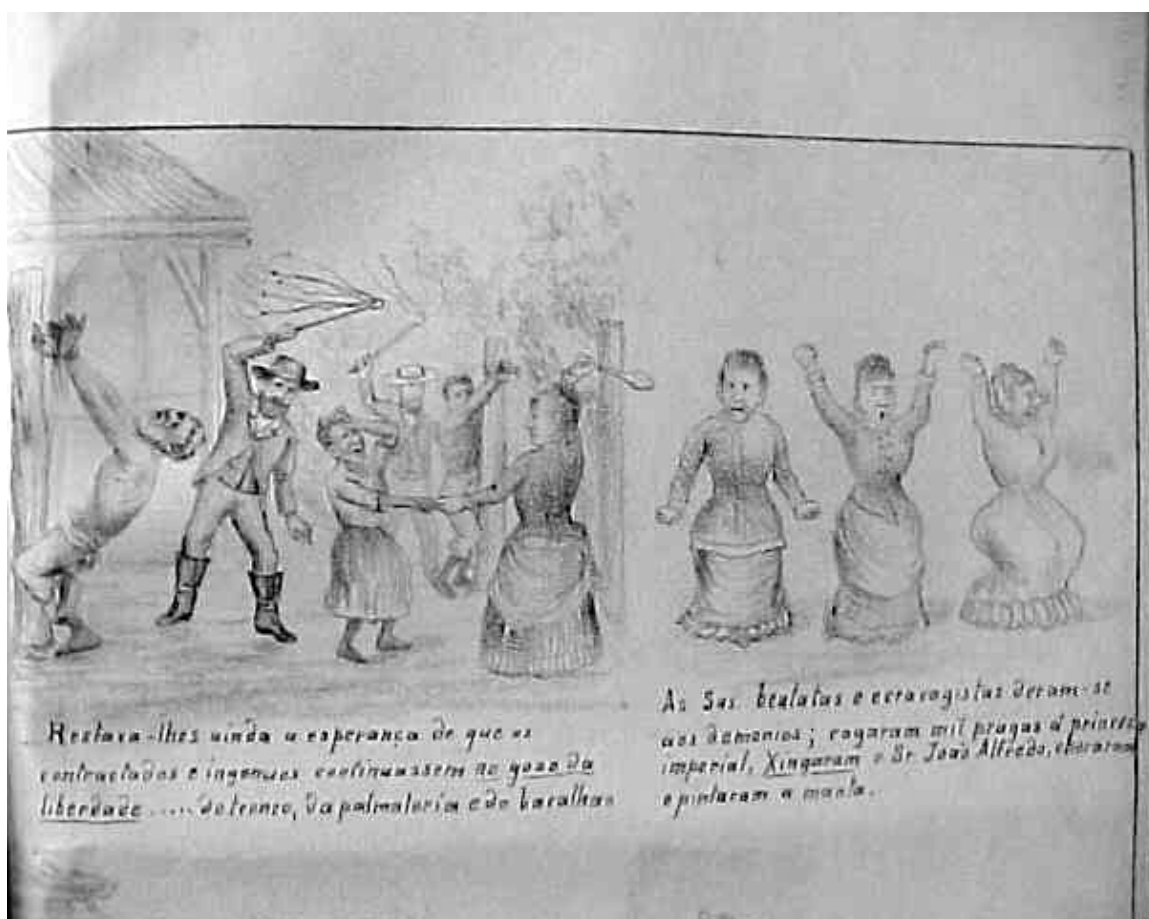


Figura 29: As senhoras escravagistas

Legendas: Restava-lhes ainda a esperança de que os contratados e ingênuos continuassem no gozo da liberdade... do tronco, da palmatória e do bacalhau.

As S^{as}. beatas e escravagistas deram-se aos demônios; rogaram mil pragas a Princesa Imperial, xingaram o Sr. João Alfredo e, choraram e pintaram a manta.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.60, p. 5, 20 maio 1888.

manifestações, o periódico relatava que houve “burburinho” em vista do que estava ocorrendo na Corte, uma vez que “vivemos entre o mais inexpugnável baluarte do escravagismo da Província”.

Apesar disso, “uma oitava parte da população da cidade” tomou parte num préstito iniciado em frente ao Centro Etiópico e que passou por várias ruas. Ao longo do percurso a comitiva deu vivas, entre outros, a Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, João Clapp, à imprensa abolicionista de Pelotas, à Princesa Isabel e o Ministério atual. Dos dois últimos, o periódico destaca que os *ortodoxos* dirão que a eles deve-se tudo, no entanto, “[...] melhor que eles dirá a história que fala sem rodeios e paixões”. O término do ato, que foi acompanhado por duas bandas de música, aconteceu em frente à casa do Dr. Canabarro, o qual discursou junto a outros oradores, “representantes de várias associações, salientando-se entre elas o talentoso Sr. Luiz Monteiro, orador do Club Nagô”⁴³.

Diferentemente do ocorrido nas demais narrativas sobre a escravidão e a abolição, construídas com humor e satirizando os escravocratas, essa continuação do artigo que zombava da nova condição dos ex-senhores de escravos, foi relatada com um tom de seriedade, ao mesmo tempo em que saudava, tanto a lei como a festa realizada em Pelotas. No entanto, o periódico não arrefeceu em suas críticas ao império, continuando com a veiculação de caricaturas satirizando as mazelas que o regime proporcionava, contrastando-as com as benesses dos ideais republicanos. Exemplar dessa posição é uma caricatura criticando o caricaturista da *Revista Illustrada*. No primeiro quadro, o ventaroleiro, conversando com o índio, e com uma alegoria feminina da república ao lado, questionava: “O nosso colega da *Revista Illustrada*, ao que se observa, deu uma grande reviravolta”. Na seqüência o caricaturista aparece cumprimentando o ventaroleiro e, em seguida, de braços com a Princesa Isabel: “já não o vemos mais com o tradicional barrete frigio” (*A Ventarola*, 16/09/1888).

⁴³ O Clube Nagô, fundado em 1882, era abolicionista e carnavalesco. A historiografia diverge sobre a origem de seus membros: Conforme MELLO, Marco A. Lírio de. *Reviras, Batuques...* Op. Cit., p. 63, o clube era composto por negros libertos de origem Nagô. Já Beatriz Loner em *Negros: Organização e luta em Pelotas. História em Revista*. Pelotas: UFPel, v.5, dez. de 1999, p.12-14) considera que, apesar da existência de alguns negros no clube, ele era composto predominantemente por brancos, especialmente artesãos maçônicos ligados à Loja Maçônica Honra e Humanidade e à Associação Recreativa Recreio dos Artistas.

Não foi possível verificar se o caricaturista aludido pel'*A Ventarola* era Pereira Neto ou Angelo Agostini, uma vez que o último, no final daquele ano decidiu viajar para a Europa, sendo substituído pelo primeiro⁴⁴. Contudo, o periódico pelotense se referia ao fato da *Revista* ter se tornado mais branda em relação às críticas ao Império após a Abolição. Já em 1889, depois da proclamação, o periódico fluminense atestava num editorial que “O seu programa de ontem era entreter os seus leitores e trabalhar pela conquista de todas as liberdades; o de hoje é fornecer leitura amena e trabalhar pela consolidação e pela grandeza do Estados Unidos do Brasil”⁴⁵.

Além das críticas ao colega da Corte, constantemente apareceram caricaturas de dois dos principais líderes do movimento abolicionista: o jornalista José do Patrocínio e o deputado Joaquim Nabuco. O primeiro foi ilustrado numa série, chicoteando a alegoria feminina da República, jurando “reduzir a linda moça à expressão mais simples”. Na seqüência, destacavam que ele havia acusado Saldanha Marinho de ter se “bandeado” da Monarquia para a República mas, para ela “José do Patrocínio é um homem morto perante o patriotismo e o caráter” (*A Ventarola*, 21/10/1888). Nabuco, nos desenhos, apareceu “perdendo a cabeça”, representado por um corpo com um “parafuso” no lugar da cabeça, a qual era desenhada ao lado do corpo: “O Sr. Joaquim Nabuco, depois da lei de 13 de maio, perdeu completamente a cabeça. Já não é aquele político prudente e conceituado de outrora!” O ventaroleiro, então, resolveu examiná-lo, abrindo sua cabeça e verificando o “conteúdo” com uma lupa, e descobriu que “O abolicionismo operou em S. S. aquela enfermidade de que são atordoados alguns leitores da Bíblia. Virou-lhe completamente o miolo.” Na continuação, afirmavam que o deputado “agarra-se a coroa com quantas unhas tem” e que havia declarado na Câmara temporária serem os republicanos integrantes de uma “política perfídia que ataca o trono”, e que o exército era “quase todo composto de homens de cor” e que agora eles esqueciam “aquela que reivindicou sua raça” (*A Ventarola*,

⁴⁴ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil...* Op. Cit., p. 908.

⁴⁵ Conforme *Revista Ilustrada*, 1889 Apud Id. Ibid., p. 122.

18/11/1888); “aquela” era uma referência à Princesa Isabel e ainda nesse quadro, ilustravam a cabeça tentando se unir novamente ao corpo.

Um ano após a promulgação da lei, o periódico noticiava o evento ocorrido na cidade para comemorar o primeiro aniversário de liberdade dos ex-cativos. Destarte, a ocasião foi usada para criticar o império: “A Sra. Dona Isabel representou, apenas a vontade do povo e, tanto o abolicionismo não é obra sua que só num momento extremo assinou a lei”. Assim sendo, na concepção do periódico, era necessário que os libertos chegassem à conclusão “de que foi o povo o fator da sua grandiosa lei”, e deveriam esquecer a “balela do título de redentora” inventado por um “regenerado” e “traidor” referindo-se a José do Patrocínio (*A Ventarola*, 19/05/1889).

O que se nota a partir dessas caricaturas é uma crítica contundente aos abolicionistas que após a promulgação da lei arrefeceram na luta contra a Monarquia. Para o jornal pelotense a escravidão, a religião e a monarquia eram os grandes males que emperravam o desenvolvimento do Brasil e aquele que lutasse contra um, deveria lutar contra todos. O conteúdo evidencia também um feito paradoxal: se por um lado, o Império, representado pela regência da Princesa, descontentou alguns setores da sociedade, em especial os senhores de escravos obrigados a se desfazer de suas “peças” sem o recebimento de indenizações, razão pela qual uma grande parcela tornou-se simpática da causa republicana, por outro, conseguiu acalmar outra parte da população, notadamente, aqueles que lutavam pelo fim da escravidão. Constatação semelhante é apontada por Lilia Schwarcz: “[...] popularmente a imagem da realeza, agora também associada ao que ficou conhecido como ‘isabelismo’, ganhava muito e a monarquia era, de fato, ‘aclamada nas ruas’”. Em contrapartida, destaca a autora: “Por mais que a monarquia premiasse os proprietários rurais com títulos de baronato e alegasse o caráter inevitável de medida, a falta de indenização selava o rompimento com o Estado!”⁴⁶.

⁴⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador...* Op. Cit., p. 438.

Os Presidentes da Província do Rio Grande do Sul

Outra vertente de caricaturas e desenhos humorísticos que se referiam ao “complicado mecanismo” da política brasileira tratou dos presidentes, deputados e senadores da Província do Rio Grande do Sul. Os últimos foram pouco abordados à exceção de Gaspar Silveira Martins comentado nos três periódicos. Neste tópico serão consideradas, notadamente, as representações sobre ele e aquelas dos presidentes.

Seguindo numa ordem semelhante à análise dos presidentes do Conselho de Ministros, o primeiro presidente abordado foi Henrique Francisco D’Ávila pelo *Cabrion* em 1880. Ao noticiar sua nomeação feita pelo Gabinete liberal de Saraiva, o periódico criticava a decisão do novo presidente de anular as nomeações feitas pelo seu antecessor para a Guarda Nacional, uma vez que “os distintos senhores” já estavam prontos para assumir os cargos e “com as fardas encomendadas”. Para não perderem a encomenda, foi sugerido a eles que transformassem as fardas em “camisas de banhos, pois que os acessos ser-lhes-ão freqüentes” (*Cabrion*, 25/04/1880).

O *Cabrion* não só satirizava o novo presidente como se posicionava contrário à sua nomeação: “Vamos e venhamos, o Sr. Ávila não era merecedor de tal”. Criticavam que após o “Mouro” sentar-se na “desejada cadeira” iria retribuir “todos aqueles que por certas *simpatias* lhe são credores”, numa provável alusão a futuras nomeações de correligionários para cargos importantes: “[...] veremos demissões por todos os lados” (*Cabrion*, 25/04/1880). Esta afirmação do jornal refere-se ao poder gozado pelo presidente de província, ao qual era destinado o preenchimento de cargos estratégicos, como de promotores, delegados, subdelegados e oficiais inferiores da Guarda Nacional⁴⁷. Já o predicado “mouro” foi constantemente empregado para satirizar o presidente Henrique D’Ávila. O codinome ainda apresentava algumas variações como “nosso Otelo”, “grande

⁴⁷ CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da ordem. Teatro de sombras...* Op. Cit., p. 109.

Mouro”, ou “Mouro de Veneza”, numa referência à obra de William Shakespeare: Otelo, o Mouro de Veneza.

Num outro artigo destacavam a posição ofensiva da imprensa da província em relação ao presidente, ressaltando “serem uns ingratos esses senhores jornalistas” já que o “Sr. Ávila é um cidadão que muito bons serviços tem prestado a província”. A posição crítica do periódico parecia ter se abrandado, no entanto, na continuação do artigo revelavam sua sátira salientando que o presidente “como atirador ninguém o excede. Possui também excelente voz e é tenor de primeira plana” (*Cabron*, 02/01/1881). Vale ressaltar que em agosto de 1880 o presidente convocou uma nova assembléia legislativa provincial, marcando eleições para o mês de outubro (*Jornal do Comércio*, 29/08/1880). Essa atitude do presidente passou despercebida pelo crivo satírico do periódico; não foram encontradas ilustrações e referências ao ocorrido. A hipótese mais cabível a esse “descuido” pode ser encontrada novamente no conflito entre Guerra e Dias, ou seja, o caricaturista poderia estar mais preocupado em satirizar o colega, não se reportando a outros assuntos. Além disso, a veiculação dos textos e caricaturas denegrindo Dias começaram coincidentemente em agosto daquele ano.

Contudo, quando Henrique D’Ávila foi substituído pelo vice-presidente Joaquim Pedro Soares, o periódico aproveitou para satirizar sua gestão, enfatizando que “o simpático tenor tem de designar-se e eu faço idéia com que *prazer* larga ele a cadeira da presidência.” (*Cabron*, 27/02/1881). O periódico encerraria sua circulação alguns meses após o novo presidente, José Júlio de Albuquerque Barros assumir o cargo sem se referir à sua administração.

O periódico *Zé Povinho* não apresentou ilustrações sobre o presidente da província durante os meses que circulou, em 1883. Apesar disso, a assembléia provincial teve uma evidência destacada pelo periódico devido aos conflitos entre os partidos à instalação daquela legislatura. Numa série de imagens apresentavam os principais chefes políticos da assembléia provincial passando em revista suas tropas (os deputados). No primeiro quadro da imagem aparece a figura de Gaspar Silveira Martins, seguido de Israel Rodrigues Barcellos, chefe do

Partido Conservador e no último quadro, Fernando Osório. (figura 30) Na década de oitenta as divergências dentro do Partido Liberal se exacerbaram, sobressaindo dois lados: os “gasparistas” e os “osoristas”⁴⁸. A imagem do periódico representa essa situação, demonstrando que o grupo de deputados vinculados a Gaspar Silveira Martins era maior do que os outros. No entanto, conforme *A Discussão*, Silveira Martins não tinha número suficiente para “fazer casa” e que para isso ocorrer os conservadores teriam que se apresentar às sessões, mas estes recuavam “para evitar a deputação dos Srs. Severino, Domingos dos Santos e Osório” (*A Discussão*, 05/03/1883). Para resolver a pendenga entre os dois grupos liberais e os conservadores, o presidente da província José Antonio de Souza Lima adiou os trabalhos até o dia 21 de maio (*A Discussão*, 21/03/1883). Satirizando o ocorrido, o periódico caricaturou alguns deputados saindo de um prédio, o qual apresentava na fachada uma placa com a inscrição: “aluga-se até 21 de maio” (*Zé Povinho*, 25/03/1883). Num desenho anterior, intitulado “Cousas do tempo” o periódico publicava e satirizava o momento político na província, apresentando os dois chefes oposicionistas – Silveira Martins e Israel Barcellos – numa situação de acordo. O primeiro no fundo é Fernando Osório. (figura 31)

Menos de um mês após o início da circulação de *A Ventarola* era destituído do cargo de presidente, Bento Luis de Oliveira Lisboa, substituído pelo vice-presidente Rodrigo de Azambuja Vilanova⁴⁹. Ao noticiar a mudança, o periódico fazia trocadilhos com os nomes dos presidentes: “Nem por termos mandado embora uma cidade velha como Lisboa e ficado com uma vila que demais a mais é nova, estaremos mal servidos”. Num outro artigo satirizavam a imprensa que apoiava o presidente e deixavam transparecer uma crítica à troca de favores entre os jornalistas e o governo. O presidente nomearia “autoridades todos os jornalistas da terra”, com a finalidade de que tudo “quanto for patifaria, fique em casa” (*A Ventarola*, 05/06/1887).

⁴⁸ Piccolo, Helga I. L. *Vida Política no Século XIX*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998, p.63.

⁴⁹ AITA, Carmen et. al.. *Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Centro de Pesquisa e Documentação da História Política do Rio Grande do Sul (CPDHRS)/Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1996, p.227.

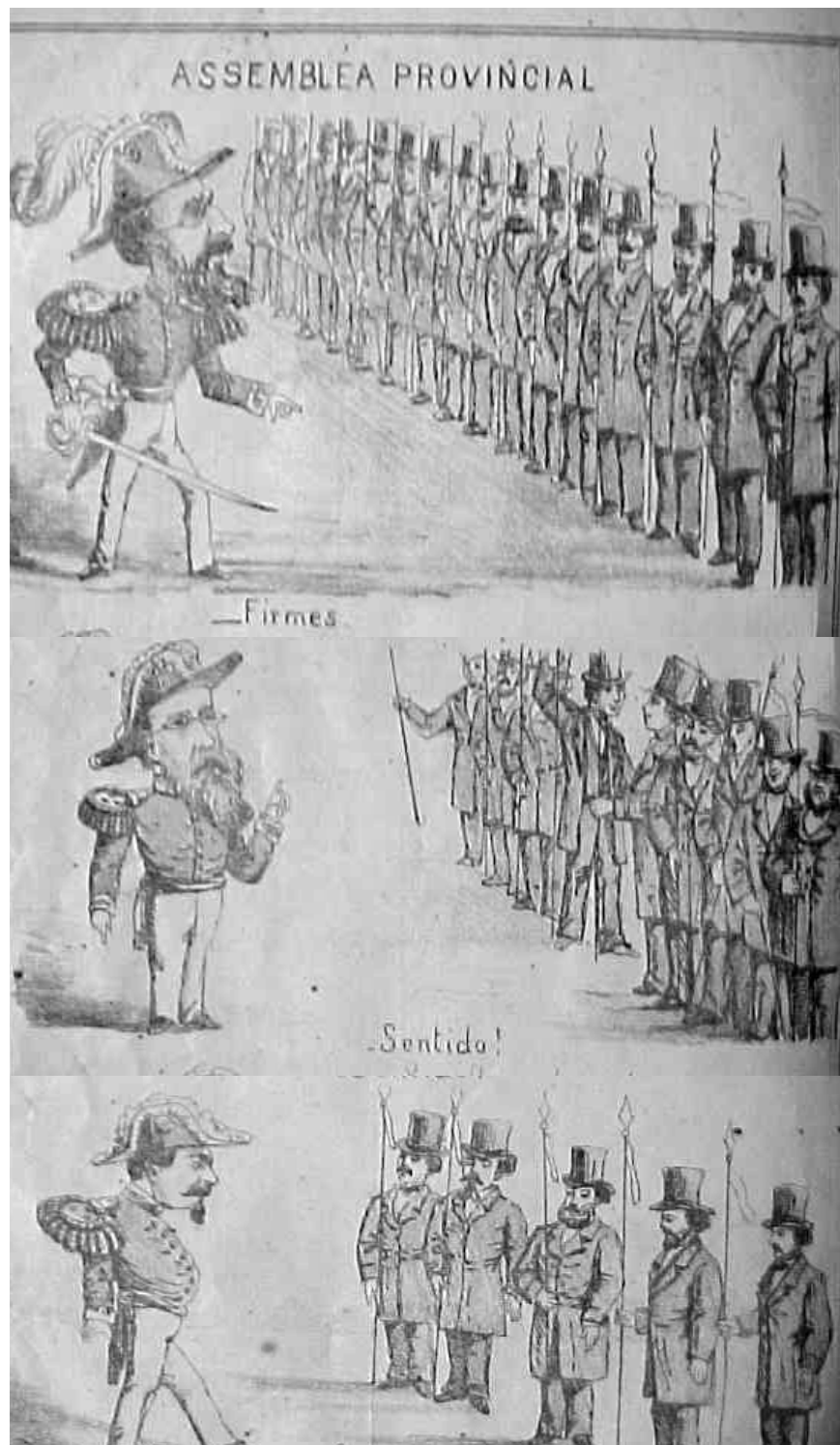


Figura 30: A Assembléia Provincial

Legendas: – Firmes. – Sentido! Camaradas...

Fonte: Zé Povinho, Pelotas, n.09, p.4, 04 mar. 1883.

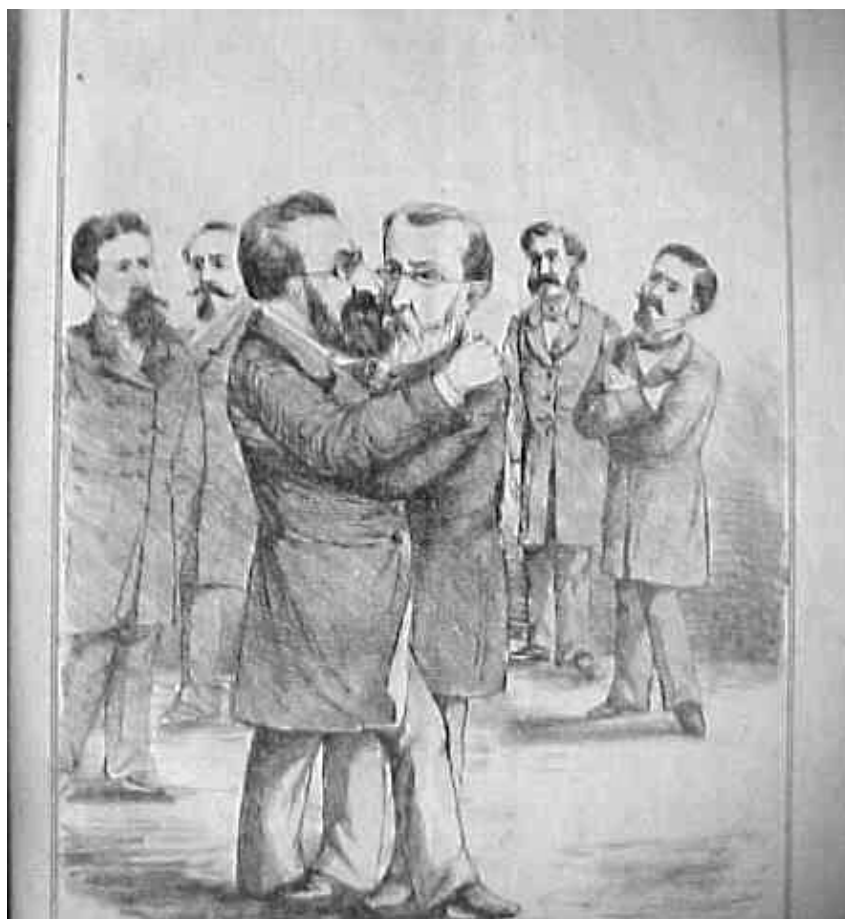


Figura 31: As cousas do tempo

Legenda: Assembléia Provincial. As cousas (sic) destes tempos.

Fonte: *Zé Povinho*, Pelotas, n.11, p.8, 18 mar. 1883.

No século XIX, grande parte dos jornais eram publicações político-partidárias. Conforme assegura Francisco Rüdiger o jornalismo rio-grandense de meados do século XIX era usado pelos tipógrafos como um meio de ascensão política ou então, “[...] os partidos políticos encarregaram-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade”⁵⁰. A imprensa pelotense não diferia dessa situação, tendo em seus quadros periódicos conservadores, liberais e oposicionistas⁵¹.

Ao noticiar a substituição de Vilanova, pelo 1º vice-presidente Joaquim da Silva Tavares, Barão de Santa Tecla, o periódico salientava ser ele um “homem distinto” e possuir um “respeitável nome na província”. As qualificações eram impostas sem sátiras, como verificado na seqüência da notícia, o novo presidente era apoiado pelo periódico que apostava numa “excelente administração”, embora advertissem que para isso era necessário que ele se mantivesse “cidadão criterioso e respeitador da lei” (*A Ventarola*, 12/08/1888). A simpatia do periódico ao presidente pode estar relacionada à origem, uma vez que ele era charqueador estabelecido na cidade⁵². Contudo, sua gestão não foi um tema muito explorado, não foram encontradas ilustrações sobre ele, e apenas outra notícia apoiando o pedido de telégrafo para Santa Vitória do Palmar feita a ele pelo jornal *Onze de junho* (*A Ventarola*, 25/11/1888). O mesmo ocorreu quando o Barão de Santa Tecla foi substituído por Joaquim Galdino Pimentel, em dezembro daquele ano. Quando ele “foi apeado do poder” o periódico, valendo-se das *Notas de Domingo*, escritas por Artur Toscano no *Correio Mercantil*, narrou os seis meses da administração do presidente, destacando que quando ele assumiu o cargo, o telegrafo trocou seu nome: “Foi nomeado presidente da província o Sr. Balduino Pimentel”. (*A Ventarola*, 07/07/1889). Na seqüência destacavam os conflitos entre ele e a Câmara Provincial, cidades insurgentes contra sua administração e o crescimento da circulação de moedas falsas durante o seu governo.

⁵⁰ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: 3ª ed. Ed. da Universidade/UFRGS, 2003, p.35.

⁵¹ Sobre a posição dos periódicos remeto ao capítulo 1. Contudo há uma discussão mais apurada sobre a imprensa diária em Pelotas e suas vinculações partidárias em LONER, Beatriz Ana. Jornais diários na República Velha. *Ecos Revista*. Pelotas: Ed. da Universidade/UCPel, v.2, nº 1, abril/1998, p. 5-34.

⁵² MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura...* Op. Cit., p. 117.

Já ao novo presidente o periódico consagrou uma atenção especial. Quando os liberais retornaram ao poder, com o presidente Ouro Preto, este indicou à cadeira da presidência da província Gaspar Silveira Martins, um dos principais políticos do Império e que teve também notoriedade na primeira década republicana pela oposição feita a Julio de Castilhos. Os conflitos entre os partidos chefiados pelos dois políticos foram um dos motivos da Revolução Federalista iniciada, no recém instituído Estado do Rio Grande do Sul, em 1893 se estendendo até 1895. Político rio-grandense, Silveira Martins foi deputado geral, deputado provincial, senador e por fim presidente da Província. Nos periódicos, ele foi homenageado na primeira página do *Cabron* em 1879 e na primeira da *Ventrola* em 1888. Neste, era assegurado que ele gozava na província de “uma influência política que nunca fora dada a qualquer outro chefe dos partidos constituídos” (*A Ventrola*, 16/12/1888). No entanto, sua participação na vida política imperial na década de oitenta foi abordada também pela ótica do humor. Quando de sua escolha para a senatoria em 1880, o *Cabron* deu a notícia na primeira página, ilustrando sua figura abraçada a uma mulher, representando a província: “O Sr. Silveira Martins, por ocasião de embarcar para a capital do império, abraçou sua mãe e disse-lhe: orgulho de ser dos seus filhos o *primeiro liberalão!*” (*Cabron*, 02/05/1880) (grifo do jornal). Ao noticiarem, provavelmente, as discussões acaloradas entre o representante rio-grandense no senado com outro colega, o senador Barão de Cotegipe, o periódico caricaturava-os como “dois gladiadores”. Ao lado de Silveira Martins estava “a força do direito” e ao lado de Cotegipe, “o direito da força”. Na imagem, a figura do senador rio-grandense aparece, embora numa situação cômica, em destaque em relação ao adversário, o qual é apresentado numa estatura menor e com a língua menor. (figura 32)

As notícias da posse de Silveira Martins na cadeira de presidente da província foram dadas através das ilustrações da *Ventrola*. O periódico salientava que a confirmação do nome do novo presidente “tem dado que pensar a muita gente”, o que gerou uma série de indagações sobre a presidência. Numa série de desenhos eram ilustrados, por quadro, cada uma das especulações, sempre com o presidente e algum símbolo que identificasse a situação. No primeiro, ele

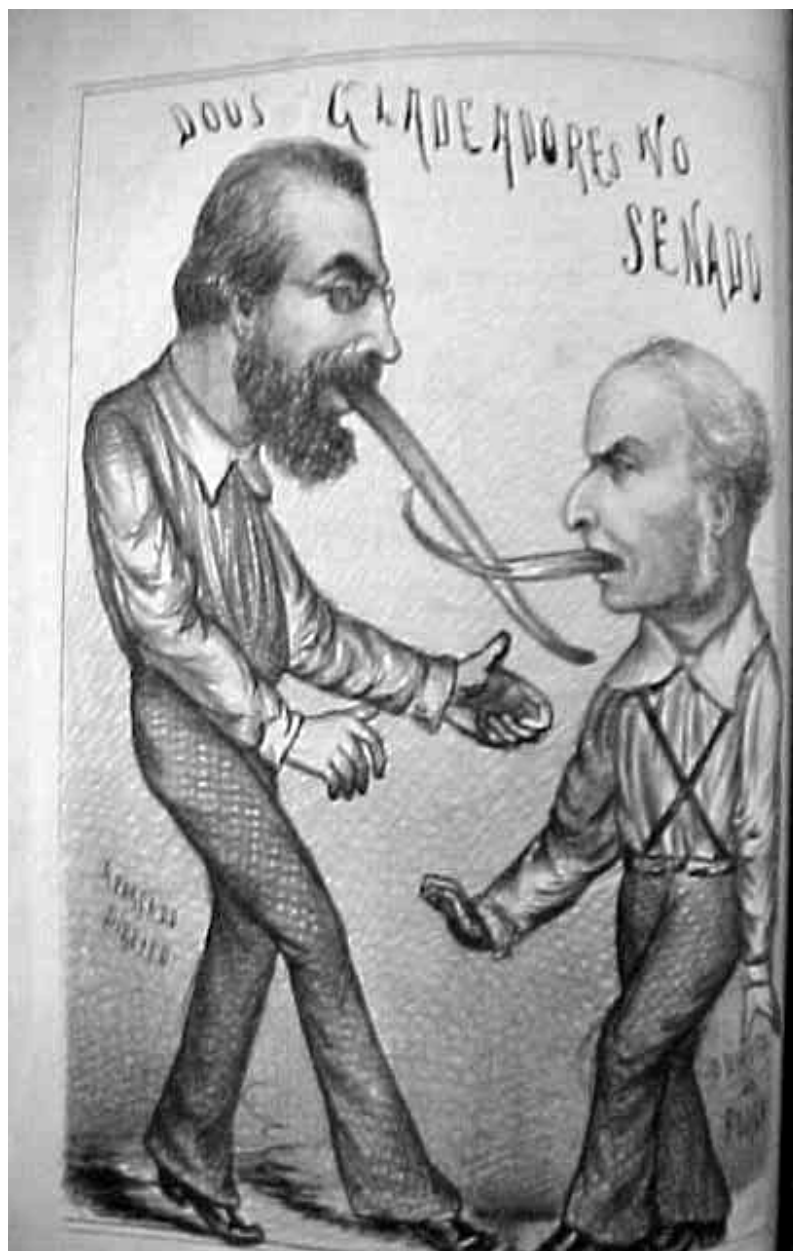


Figura 32: Dois gladeadores no Senado

Legenda: Ao lado do primeiro: A força do direito.

Ao lado do segundo: O direito da força.

Fonte: *Cabrion*, Pelotas, n. 91, p.8, 31 out. 1880.

aparece munido de revólver e espada: “Há quem diga que S. Exa. vai reduzir seus adversários a um guizadinho” para outros, a missão não era “exterminar seus comprovincianos”, mas, acompanhado pela Princesa Isabel, “aplanar o terreno para o terceiro reinado”. No último quadro Silveira Martins aparece de barrete frígido, pois diversos entendiam que o terreno a ser aplanado “é o da república” (*A Ventarola*, 23/06/1889).

No momento da chegada à Província, ele foi apresentado na primeira página transformado num profeta, sob uma rocha (política) e com um cajado à mão mostrando o caminho para as ovelhas (povo) que o contemplam. A legenda, embora possa ser considerada como simpática deixa transparecer também um certo tom de crítica: “Sobre o terreno que pisa é o profeta de melhores cálculos.” Na seqüência da notícia, dada nas páginas de caricaturas, ele aparece com uma vassoura “para tratar da *limpeza* nas diversas repartições”. O periódico criticava a “degringolada” imposta pelo presidente, pois ela seria feita com o único intuito de “dar aos diversos afilhados a mamadeira prometida”, os quais “agarram-se a elas com unhas e dentes” (*A Ventarola*, 28/07/1889). Contudo, as “mamadas” não puderam ser estendidas por muito tempo, pouco mais de três meses após assumir o cargo de presidente, em novembro, Gaspar Silveira Martins era destituído, não só ele como também o poder imperial através de um golpe militar que instalava o regime republicano no Brasil. Todo o processo – da campanha à proclamação – foi acompanhado pelos periódicos, tema que será desenvolvido no próximo capítulo.

4 TRAÇOS DA REPÚBLICA: A PROPAGANDA REPUBLICANA E AS REPRESENTAÇÕES DA PROCLAMAÇÃO EM PELOTAS

“Cidadãos! Creio sinceramente, e com ardor e esperança, que o ano de 1890 será tão fatal à monarquia brasileira como 1790 o foi à francesa. Sim, nós rememoraremos a grande revolução no Brasil.”

(*A Ventarola*, 02/09/1888)

“O princípio que leva o homem a agir é o ‘coração’, são as suas paixões e os seus desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem ‘enérgica’ dos símbolos e dos emblemas”¹.

Como salientado no capítulo anterior, foi nas décadas de setenta e oitenta do século XIX, que a crise do Império Brasileiro se agravou. O período marcou também o início da campanha republicana, difundida a partir da fundação dos primeiros partidos republicanos nas províncias do Rio de Janeiro em 1870 e São Paulo em 1872. Este foi formalizado no célebre Congresso Republicano Provincial realizado na cidade de Itu em 1873, que reuniu 133 participantes, dos quais 76 proprietários de terras².

O Partido Republicano Rio-Grandense, por seu turno, se constituiu relativamente tarde em relação aos demais. As tentativas de organização republicana na Província, após a publicação do Manifesto no Rio de Janeiro não surtiram muito efeito. Conforme Helga Piccolo, a principal barreira que impediu o desenvolvimento do republicanismo na província durante a década de setenta foi o Partido Liberal, devido ao “seu discurso radicalmente reformista em termos

¹ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Tradução de Rui Pereira e Teresa Bento. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1985, vol.5, p.301.

² CASALECCHI, José Enio. *A Proclamação da República*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p.48.

políticos”³. No entanto, os republicanos que desejavam atuar politicamente, assim o fizeram abrigados no Partido Liberal. O primeiro clube republicano, chamado de Bento Gonçalves foi fundado em Porto Alegre no ano de 1878⁵. Ele congregou jovens que retornavam da Academia de São Paulo, na qual os ideais republicanos efervesciam. Aliaram-se a eles, políticos antigos, tanto do Partido Conservador, como do Liberal, descontentes com a Monarquia⁶. A fundação do partido somente ocorreu em 1882, numa convenção realizada em Porto Alegre pelo clube. Além dos republicanos da capital, participaram desse congresso, republicanos de várias localidades da Província.

Em Pelotas, a organização republicana começou a se desenvolver a partir do Congresso realizado na capital, em 1882. Alguns dias antes os republicanos, reunidos no Hotel Universo, escolheram um delegado – Álvaro Gonçalves Chaves – para participar das atividades em Porto Alegre. Ainda em 1882, o clube republicano foi constituído sendo escolhidos para ocupar os cargos da diretoria, entre outros: Bernardo Taveira Junior (orador) e João José Cezar (secretário)⁷. Eles foram importantes nomes da literatura e do jornalismo da cidade. O primeiro, além de professor de português, latim, inglês e história nos colégios particulares, foi um importante poeta, publicou em 1869, *Poesias Americanas* e em 1886 *As Provincianas*⁸. Também foi colaborador, em vários órgãos da imprensa, publicando poesias e sonetos de sua autoria e outras traduzidas do alemão. O segundo atuou no jornalismo, colaborando nos periódicos literários *O Progresso Litterário* (1865) e *O Pervigil* (1882-1883).

Em 1886 os republicanos realizaram uma assembléia geral, que resultou na primeira reorganização do clube. Foram aprovados os estatutos, “com organização e existência regulares, assinando esse documento 41 cidadãos”⁹.

³ PICCOLO, Helga I. L. *Vida Política no Século XIX*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998, p.62.

⁵ FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993, p.117.

⁶ PICCOLO, Helga I. L. A política Rio-Grandense no Império. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (Orgs.). *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 115.

⁷ OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas: Armazém Literário, 1997, p.217-18.

⁸ MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da universidade/UFPel, Livraria Mundial, 1993, 266.

⁹ OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas... Op. Cit.*, p.223.

Beatriz Loner¹⁰ salienta que em 1888, o clube republicano foi novamente reorganizado e recebeu o nome de Assis Brasil; mais tarde o clube foi transformado na União Republicana. Ela foi criada com fins beneficentes e de confraternização, também era um espaço para propagandear os ideais republicanos. Ao ser proclamada a República, possuía 150 associados¹¹. Nas comemorações do Centenário da Revolução Francesa, realizaram uma festa para marcar a “instalação de aulas e de uma biblioteca Popular” nos espaços da União. Na ocasião, o orador oficial Luiz Carlos Massot ocupou a tribuna sendo ouvido por uma “multidão que o aplaudiu entusiasticamente” (*A Federação* 26/07/1889). Não obstante, conforme atesta um artigo publicado no jornal *A Pátria* (05/11/1889) ela recebera nos meses de setembro e outubro de 1889, cerca de 750 pessoas. A partir desses dados constata-se que a União não se restringiu somente à participação dos sócios, sendo um espaço aberto para receber as pessoas simpáticas à idéia, além de prestar serviços úteis à comunidade. Além disso

[...] estava cheia de jovens idealistas, contando com pelo menos dois socialistas como fundadores e membros de sua diretoria: Alberto Ferreira Rodrigues, bibliotecário, e João Tolentino de Souza, diretor. Entre seus fundadores contavam-se vários artistas, entre eles dois negros, operários de fábricas da região, o ex-escravo Antônio de Oliveira (Antônio Baobad) e Armando Achylles de Álvares¹².

O clube republicano de Pelotas foi formado, em sua maioria, por homens urbanos, semelhante à formação do fluminense. Conforme Leôncio Basbaum¹³, na corte, prevaleceram os profissionais liberais, já no caso pelotense a predominância foi de comerciantes. Entre os anos de 1884 e 1889 verificou-se a presença de 64 filiados ligados ao comércio, seguidos por profissionais liberais: 10 Advogados; 2 Médicos; 1 Engenheiro e 1 Dentista. As demais profissões eram: 5

¹⁰ LONER, Beatriz Ana. Trabalhadores e Literatura em Pelotas no Século XIX. In: *Anais do VI Encontro Estadual de História*. [recurso eletrônico] Passo Fundo:UPF 2002c, p. 07.

¹¹ OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas...* Op. Cit., p.226.

¹² LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Ed. da Universidade/UFPel/Rede Unitrabalho, 2001, p. 346.

¹³ BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República. Das origens a 1889*. São Paulo: Alfa-Omêga, 1976, p209.

Guarda-livros; 2 Professores; 1 Tabelião; 1 impressor; 1 telegrafista e 1 Escrevente; outros filiados foram identificados com as seguintes ocupações: 5 Industriais; 1 capitalista; 1 Criador; 1 agricultor e 1 fazendeiro.

No entanto, cabe ressaltar que apesar de apenas estes três últimos terem sua “profissão” associada ao meio rural (dois pecuaristas), muitos dos outros poderiam também ser ruralistas, mas que desempenhavam atividades comerciais na cidade, por exemplo. Além disso, alguns filiados poderiam ter duas ocupações, como exemplificam Ildefonso Menandro Corrêa, candidato ao cargo de vereador nas eleições de 1880, identificado no manifesto lançado pelo partido naquele ano como despachante, já na relação dos filiados ao clube ele aparece ligado ao comércio e João Tolentino de Sousa, poeta e cronista de vários jornais da cidade que, no entanto, foi relacionado à sua atividade principal, o comércio.

Além dos dois artistas anteriormente citados, apareceram mais três e outro filiado operário. Somente três filiados, alistados em 1884 participaram das atividades republicanas nos anos anteriores: Além de Ildefonso Menandro Correa, Leonardo Honório da Silva foi candidato em 1880 e Álvaro José Gonçalves Chaves, delegado no congresso de 1883. Além disso, nomes importantes como Bernardo Taveira Junior e João José César que participaram da primeira diretoria do clube em 1882 não constam entre os sócios fundadores do clube¹⁴. Sobre a participação dos filiados do clube pelotense que fizeram parte do governo republicano, destacou-se Alexandre Cassiano do Nascimento como deputado no Congresso Constituinte instalado em 1890¹⁵.

Esta pequena síntese do desenvolvimento da propaganda republicana em Pelotas é importante à compreensão e à análise das atividades republicanas que foram abordadas nos periódicos. Estudando a história da atuação dos

¹⁴ A listagem dos republicanos fundadores do clube foi publicada em OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas...* Op. Cit., p.223-25. Também foi consultada a lista publicada em ECHENIQUE, Guilherme. *Fastos da propaganda republicana*. In: *Diário Popular*. Pelotas: 1939, p. 03. Esta última está mais completa, apresenta outros sócios de 1888 e os alistados em 1889. Os dois autores destacam que a relação está incompleta. Echenique salienta que houve muitas adesões nos anos de 1888 e 1889.

¹⁵ FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996, p.81.

republicanos e do partido na cidade foi possível averiguar que a campanha em prol de um novo regime não se restringia somente aos grandes centros, mas também fora propagada em Pelotas. A questão republicana foi abordada, em especial, pel'*A Ventarola*, que circulou nos três últimos anos da Monarquia, período de intensificação da campanha. Para melhor analisar as representações do republicanismo, optou-se por dividir o capítulo em três tópicos: a simbologia republicana, as atividades republicanas durante a campanha e a recepção da Proclamação.

A simbologia republicana

Adotada no Brasil pelos republicanos que viam a França pós-revolucionária como um modelo para o regime que aqui deveria ser implantado¹⁶, a simbologia republicana, foi utilizada nos periódicos ilustrados, não só em Pelotas, mas também por outros semelhantes em algumas províncias, por exemplo, nos periódicos fluminenses que acompanharam o desenvolvimento das atividades republicanas. Os dois principais elementos que compõem essa simbologia são a alegoria feminina como representação imaginária da República e a nova bandeira como emblema do novo regime, além do barrete frígio. A alegoria é uma figuração abstrata que toma, na maioria das vezes, a forma humana, usada para representar uma idéia, uma virtude ou uma determinada situação, enquanto o emblema é uma figura visível, adotado para representar uma idéia, por exemplo, a bandeira como símbolo da pátria. O barrete frígio é um símbolo-atributo, ou seja, corresponde a uma realidade ou imagem e é usado para distinguir um personagem ou uma coletividade¹⁷.

¹⁶ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1990, p.12. A primeira epígrafe deste capítulo faz referência a Revolução Francesa e demonstra como aquele processo revolucionário era tomado como um modelo, sendo utilizado pelo periódico pelotense na comparação entre o que ocorreu na França e o que deveria acontecer no Brasil.

¹⁷ CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. XVI.

A mulher, como alegoria republicana, passou a ser adotada mais especificamente a partir da República proclamada na França em 1792:

A inspiração veio de Roma, onde a mulher já era símbolo de liberdade. O primeiro selo da República trazia a efígie de uma mulher de pé, vestida à moda romana, segurando na mão direita uma lança, de cuja ponta pendia um barrete frígio. A mão esquerda segurava um feixe de armas. Um leme completava a simbologia. [...] o feixe de armas indicava a unidade, ou fraternidade; o leme, o governo; a lança, arma popular por excelência, era a presença do povo no regime que se inaugurava¹⁸.

Já Michel Vovelle, ao abordar o uso da imagem na Revolução Francesa, afirma que ela foi uma arma de combate dentro do novo jogo político. A partir disso, “para propagar suas idéias, a revolução inventou toda uma nova simbologia e um mundo de alegorias”¹⁹. Essa nova simbologia foi inspirada na iconologia clássica, adaptando o repertório simbólico desenvolvido nela, como a alegoria feminina e o barrete frígio, na criação das novas “criaturas imaginárias”, as quais “constituíam o novo panteão revolucionário: a Liberdade, a Igualdade, às vezes a Fraternidade, e também a razão, a Natureza, a Lei e a Pátria... A grande arte e a gravura conceberam os traços e moldaram a imagem desse conjunto de divindades em geral femininas”²⁰.

Mesmo antes da fundação do partido e do clube na cidade, o uso de alegorias femininas foi empregado no *Cabron*. Em 1880 foi publicada uma ilustração que, apesar de não se referir à alegoria feminina da república, apresentava uma figura semelhante. (figura 33)

Na imagem, a mulher foi identificada como a “Deusa do Futuro”; em uma das mãos carrega uma bandeira com a palavra “porvir”, numa clara alusão a uma provável futura república no Brasil. Na outra mão, traz uma espada, símbolo de

¹⁸ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas...* Op. Cit., p. 75.

¹⁹ VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História*. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997, p. 165.

²⁰ Id. Ibid., p. 166.

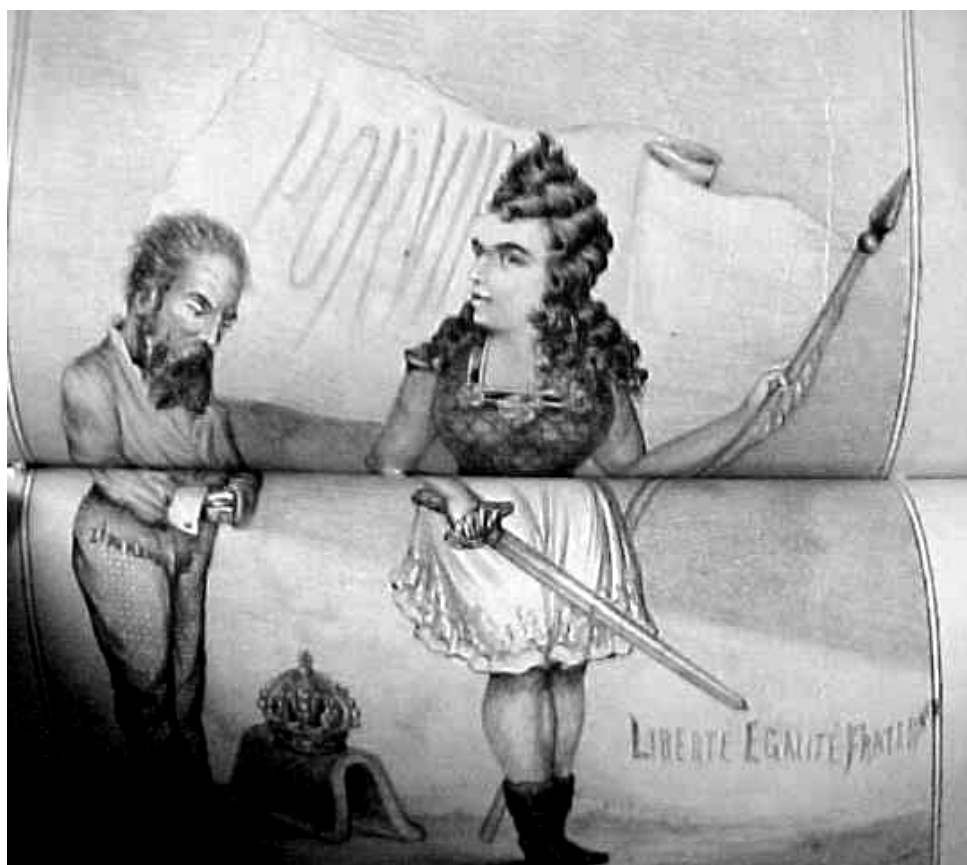


Figura 33: A Deusa do futuro

Legenda: A Deusa do futuro mostra-nos a estrada brilhante... mas aquela barreira jamais a derrotamos...

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.63, p. 4-5, 18 abr. 1880.

luta, que está direcionada para a parte inferior da imagem, apontando para as palavras “Liberte, Egalité, Fraternité”, direitos reivindicados pelos revolucionários Franceses em 1789. A composição pode ser associada às criaturas imaginárias que compõem o panteão revolucionário conforme assevera Vovelle, uma vez que, além da alegoria, empregou símbolos e palavras que compõem o imaginário revolucionário francês. A alegoria indica as palavras ao homem que representa o “Zé Povinho”, o qual num gesto submisso – ou de respeito –, olha para a coroa, colocada aos seus pés. Na legenda o caricaturista afirmava que apesar da Deusa do Futuro mostrar a “estrada brilhante!”, existia uma barreira (a coroa) que “jamais a derrotamos”. Nesta imagem, é peculiar a localização da coroa, pois, a mensagem que o caricaturista tentou passar foi a de submissão do “Zé Povinho” em relação ao Império; ela poderia ter sido ilustrada num lugar que a destacasse mais em relação aos outros elementos que compõem o quadro.

A Ventarola, em 1887, num dos seus primeiros exemplares, ilustrou em suas páginas centrais a imagem da alegoria feminina da república²⁰. Na ilustração a mulher apareceu cuidando de dois vasos com flores, um deles com uma planta quase morta, com galhos sem folhas, enquanto o outro possuía uma planta mais vistosa, encimada por um barrete frígio. A legenda da imagem se resumia numa pergunta: “Pegará?”. A interrogação foi retomada num pequeno texto, no qual foi afirmado que: “Pode ser que sim e pode ser que não. O patife do tempo [...] é quem poderá responder sem medo de errar”.(figura 34)

A simbologia foi um recurso muito utilizado pelos caricaturistas pelotenses para tratar das atividades republicanas. A alegoria feminina era constantemente empregada em *A Ventarola* para mostrar as benesses que o regime republicano ocasionaria ao país se ele substituísse o regime monárquico. Assim ela aparecia sempre vistosa, com vestes brancas e, às vezes, acompanhada por uma espada. Contudo, a imagem da alegoria quase nunca aparecia sozinha, mas

²⁰ Essa ilustração já havia circulado antes, em 1879, no *Cabron*, o qual, republicou do *Figaro*. Houve dois jornais contemporâneos ao *Cabron* que se chamaram *Figaro*: um publicado na Corte (1876-1878) e outro publicado em Porto Alegre (1878-1879) o periódico não indicou de qual o desenho foi copiado.



Figura 34: Pegará?

Legenda: Pegará?

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.13, p.4-5, 03 jul. 1887.

era ilustrada interagindo com o assunto tratado nos desenhos e, na grande maioria dos casos, compunha uma situação cômica. O barrete era um símbolo da liberdade, que também foi adaptado no Brasil, da simbologia francesa que, por sua vez, adaptou-o dos libertos da antiga Roma. Ele foi outro elemento que com frequência aparecia nos desenhos para identificar assuntos que abordavam questões republicanas, por exemplo, aqueles que aparecem na planta e na cabeça da alegoria da ilustração “Pegará?”. Por outro lado, em alguns desenhos, especialmente os dedicados aos deputados, o barrete aparecia sem que o tema tratado fosse o republicanismo, mas caracterizava a posição política daquele que o usava. Michel Vovelle aponta um emprego semelhante dado a ele na Revolução Francesa. Conforme o autor, o apetrecho era utilizado para identificar um grupo específico da revolução: os *sans-culotte*, os quais eram representados e facilmente reconhecidos nas ilustrações, não só por este acessório, mas também pela roupa²¹.

Atividades republicanas

As primeiras notícias sobre as atividades republicanas, veiculadas na imprensa ilustrada pelotense, foram averiguadas no *Cabrion* em 1880. O periódico tratava, num artigo intitulado *Fiascos*, publicado em 06 de junho de 1880, da reunião de um grupo de republicanos, com o objetivo de fundar uma associação e formar uma chapa para concorrer às eleições municipais que seriam realizadas naquele ano. Conforme o periódico, a convocação era feita por “várias sumidades daquele credo político” com a finalidade de estabelecer um “centro republicano”. A notícia logo se espalhou pela cidade: “Gesticulara-se pelos cantos, berrava-se pelas esquinas, nas praças públicas, nos hotéis, na biblioteca, e nos rinks, não se tratava de outro assunto”.

Contraopondo à ampla divulgação dada na cidade ao evento, satirizaram os conservadores e liberais, os quais, “muitas dores de barriga tiveram”. Na

²¹ VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário...* Op. Cit., p. 177.

seqüência, destacavam que devido à grande divulgação, “o Chico Pires esfregava as mãos de contente”. O Chico Pires é Francisco de Paula Pires, poeta, republicano e que posteriormente seria o redator d’A *Ventarola*, além de colaborador em jornais da cidade.

Num tom satírico, o periódico passava, então, a narrar os “fiascos”. O primeiro ocorreu no domingo, devido ao fracasso da reunião, a qual deveria ocorrer no Salão da Sociedade Terpsychore, no entanto, o [...] “encarregado da casa temendo que fizessem explosão as idéias que ferviam dentro daqueles crânios [...] achou melhor deixá-los à fresca, a fim de que a viração da tarde fizesse arrefecer as idéias explosivas de que iam armados, e que ameaçavam estourar no salão”. Nova reunião foi marcada para a terça-feira: “A noite, atulhou-se de pessoas o *rink* do Sr. Detroyat. Havia cidadãos de todas as cores, desde o realista branco e do constitucional amarelo até o republicano vermelho”. Quando abriram a sessão, os condutores declararam: “quem não for votante rua! Quem não for republicano rua!” isso gerou o efeito de uma “bomba”, constituindo outro fiasco.

A Sociedade Terpsychore era uma entidade recreativa e bailante fundada por comerciantes em meados dos anos 1860. Nos anos posteriores tornou-se um dos principais clubes da cidade tendo, entre seus sócios, pessoas ligadas ao alto comércio e negócios²². Os republicanos da cidade, como visto, eram, em sua maioria, comerciantes, o que provavelmente influenciou a escolha da entidade para a realização da reunião. Não cabe, no entanto, averiguar a veracidade do ocorrido, ou seja, se a sociedade realmente não abriu suas portas conforme assevera o jornal, mas o que interessa é que, de fato, a organização republicana já estava ocorrendo na cidade, mesmo antes da consolidação do clube e do partido na capital.

Na edição do dia 27 de junho destacavam que “afinal saiu obra” referindo-se a organização da chapa republicana. Após citar os nomes dos candidatos, desejavam “muitos votos e muitas adesões, mas... muito juízo também”.

²² LONER, Beatriz Ana. Pelotas se diverte: Clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em Revista*. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica/Universidade Federal de Pelotas, v.8, dezembro de 2002b, p.44.

Concorreram ao cargo de vereador: Júlio de Mendonça Moreira (advogado); Adolfo da Silva Maia (comerciante); Leonardo Honório da Silva (charqueador); Hipólito Gonçalves Detroyat (proprietário); Ildefonso Menandro Corrêa (despachante) e Luiz Machado Júnior (comerciante)²³. Dias depois, o *Cabrion* publicou uma ilustração sobre as eleições mostrando a “corrida” dos partidos políticos pelas cadeiras da Câmara (figura 35).

A mulher representa a Câmara, o primeiro homem alude ao Partido Liberal, enquanto o segundo se refere ao Partido Conservador, ambos identificados pelas palavras “liberal” e “conservador” ilustradas nas calças. Já o terceiro representa o partido republicano, pois foi ilustrado com barrete frígio, um dos símbolos do republicanismo. Ele, em uma das mãos, segura um papel, no qual está escrito: “apresentam-se não para a conquista dos cargos da municipalidade”. Naquele ano, os republicanos lançaram pela imprensa um manifesto, espécie de panfleto propagandista, no qual estavam as idéias que eram defendidas pelos seus candidatos. A passagem escrita no papel carregado pelo republicano faz parte da redação do manifesto, pois ela é igual a uma parte da última frase do primeiro parágrafo do documento: “Os republicanos da cidade de Pelotas apresentam-se hoje perante a urna *não para a conquista dos cargos da municipalidade*, mas para provar que a grande opinião sustentada pelos patriotas de 35 não está extinta” (Grifo meu)²⁴. Esta forma de propaganda foi influenciada pelo manifesto lançado pelos republicanos fluminenses em 1870. A partir daí, os manifestos republicanos eram constantemente difundidos para “esclarecer a sociedade a respeito dos defeitos do regime monárquico e das virtudes da República”²⁵. A oração demonstrava que os republicanos estavam conscientes de que não ganhariam as eleições, uma vez que havia uma grande influência dos partidos constituídos: “Não é o triunfo que os republicanos disputam, que esse seria impossível no estado de dúvida e de opressão em que jaz a maioria do país, e que tem sido mantido pelo

²³ OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas...* Op. Cit., p.216.

²⁴ O Manifesto, assim como o de 1882 foram publicados em Id. Ibid., p. 215-216 e p.219-222.

²⁵ CASALECCHI, José Enio. *A Proclamação...* Op. Cit., p.35.

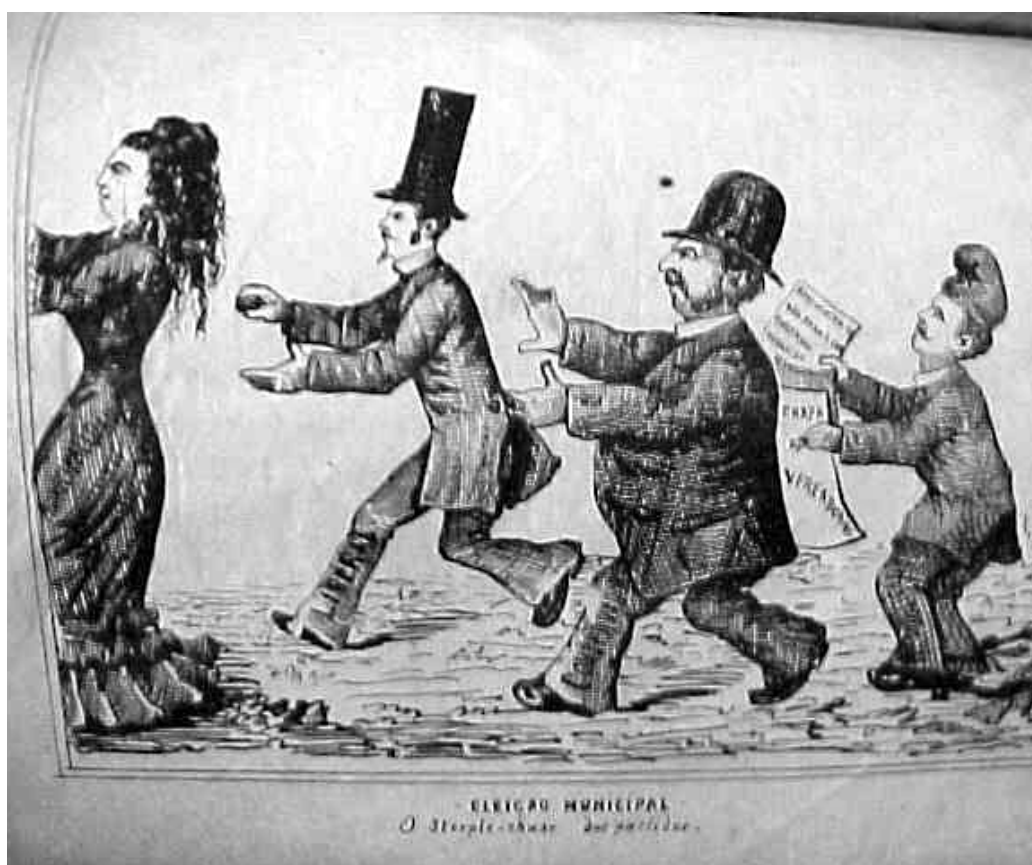


Figura 35: O steeple-chase dos partidos

Legenda: Eleição municipal. O steeple-chase dos partidos.

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n.74, p.8, 04 jul. 1880.

sistema anárquico e indefinido dos partidos militantes”²⁶. De fato, não conquistaram nenhuma das vagas, a chapa republicana obteve apenas 17 votos²⁷.

Em 1882, novamente uma chapa republicana surgiu para disputar as eleições municipais e como o ocorrido em 1880 utilizaram a imprensa diária para propagar seus ideais e apresentar seus candidatos através de um manifesto. Nesse ano, a cidade não sediou periódicos ilustrados, no entanto, a análise desse documento não foi desconsiderada por conter elementos importantes à compreensão da história do movimento republicano pelotense.

O novo manifesto foi utilizado não somente para apresentar os candidatos republicanos – um candidato para vereador e quatro para juiz de paz – aos eleitores pelotenses, como também para sugerir aos vários republicanos das diversas localidades do sul da Província que se organizassem em clubes. No documento difundiram a legitimação da idéia republicana através da organização do partido. E, ao lado disso, deixavam transparecer as influências apropriadas à propaganda republicana. Defenderam que os republicanos deviam contribuir no esforço por “reformas úteis e progressistas”, pois estava destinado a eles um grande papel no futuro da democracia brasileira, como coube, outrora, “ao partido republicano da França”. Além da referência ao republicanismo francês, afirmavam que “já não é possível um terceiro reinado, e o infalível advento da república não pode surgir do caos”. Então, os republicanos deveriam se organizar “com prudência e disciplina para garantia de nossa capacidade como partido da Ordem e do Progresso, digno de ser o sustentáculo da Pátria em ocasião crítica e solene”.

Nesta parte do manifesto, nota-se a influência do Positivismo através da utilização de palavras Ordem e Progresso empregadas pelos adeptos da filosofia. As citações do periódico vão ao encontro da análise de José Murilo de Carvalho sobre a recepção do Positivismo no Brasil. Conforme o autor, a idéia mais utilizada desta doutrina pelos republicanos foi a concepção das fases pelas quais a

²⁶ O mesmo sentimento era compartilhado pelos republicanos de Porto Alegre, em relação à sua participação nas eleições daquele mesmo ano, mas, apesar disso, elegeram dois candidatos. Cf.: GOEHRER, George C. A. *Da Monarquia à República: história do partido republicano no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1954, p. 182.

²⁷ Cf.: ECHENIQUE, Guilherme. *Fastos da propaganda republicana...* Op. Cit.

humanidade deveria passar: teológica, metafísica e positiva. Assim: “A monarquia estava condenada historicamente por pertencer à fase metafísica. Tinha que ser necessariamente superada pela república, o regime da fase positiva. Por definição, a república, qualquer república, era um progresso”²⁸. Não obstante, essa influência também foi encontrada no final do manifesto quando afirmaram que é inegável a formação do partido constituído pela conquista, cada vez maior, dos “espíritos esclarecidos e sinceros”. E que ele deveria conter idéias claras e definidas e ser uno e disciplinado, para que “se faça sentir a sua salutar influência por toda a esfera de atividades”. Dessa forma, quando a república triunfar, todo o sincero republicano será “um dos sustentáculos das doutrinas e princípios que farão a grandeza da Pátria”.

Provavelmente, os republicanos de Pelotas foram influenciados pelas idéias positivistas advindas daqueles da capital, com os quais deveriam manter contato. Vale destacar, ainda, que o manifesto foi lançado na cidade alguns meses depois do congresso que contou com a participação de Julio de Castilhos na época recém-egresso da Academia de São Paulo²⁹. Ele foi o principal responsável pelos rumos peculiares adotados pelo Partido Republicano Rio-Grandense ainda no período da propaganda e como redator d’*A Federação* se tornou uma liderança incontestável, fazendo o partido abandonar a filiação ideológica ligada ao Manifesto de 70³⁰. Ao lado de Ramiro Barcelos e Demétrio Ribeiro, ele integrou a comissão responsável pela elaboração das bases do programa dos candidatos republicanos, no qual estava inserido o seu pensamento político baseado na Doutrina Positivista de Augusto Comte³¹.

Nas eleições de 1882 o partido teve um efêmero êxito conseguindo eleger seu candidato a vereador, Vitor de Brito, que também era o presidente do clube. Contudo, logo após ser empossado no cargo, ele viajou para a Europa, assumindo um liberal no seu lugar³². Cerca de um ano após a fundação do clube, o periódico

²⁸ CARVALHO, José Murilo de. O Positivismo brasileiro e a importação de idéias. In: GRAEBIN, Cleusa; LEAL, Elisabete (Orgs.). *Revisitando o Positivismo*. Canoas: Editora La Salle, 1998, p.21.

²⁹ FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos...* Op. Cit., p. 27.

³⁰ PICCOLO, Helga I. L. A política Rio-Grandense no Império... Op. Cit., p. 115.

³¹ FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos...* Op. Cit., p. 29-31.

³² Cf.: ECHENIQUE, Guilherme. *Fastos da propaganda republicana...* Op. Cit.

Zé Povinho publicou uma pequena nota intitulada “notas aéreas”, na qual afirmava que os republicanos haviam desanimado: “constiparam, coitadinhos. Não se nota mais aquele entusiasmo, aquele idealismo” (*Zé Povinho*, 25/02/1883). Certamente o motivo para o desânimo dos republicanos se justifica por dois fatores: primeiramente, pelo vereador eleito pelo partido, mas que abandonou o cargo logo após a posse deixando a cidade, e em segundo lugar, porque vários membros se mudaram para outras cidades³³.

No final da década, a situação republicana melhorou, pelo menos na visão d’*A Ventarola*. Ao noticiar um discurso realizado por Gaspar Silveira Martins no Senado, no qual chamou a atenção para o crescimento do movimento republicano, e em outro, proferido pelo Presidente do Conselho de ministros João Alfredo, o qual afirmou, baseado na fala de Silveira Martins: “cresçam e depois veremos”, *A Ventarola* fez um balanço das últimas eleições para demonstrar que o movimento já era bastante forte. Salientava, inclusive, que até nas províncias mais conhecidas pelo seu monarquismo, o republicanismo crescia: “[...] nas eleições municipais a vitória é republicana; para as assembleias provinciais vão sendo eleitos os republicanos; em eleições para a Câmara de deputados [na Província do Rio de Janeiro] os dois partidos monárquicos se coligam contra o candidato republicano e ainda assim só triunfam por insignificante maioria” (*A Ventarola*, 29/07/1888).

Sobre as eleições de 1888, o periódico salientou que ocorreram calmamente e que o partido do governo foi derrotado em toda a província: “[...] novamente, o partido republicano obteve grande triunfo, demonstrando que a idéia democrática ganha terreno” (*A Ventarola*, 06/01/1889). Noticiando o sucesso das eleições através de uma seqüência de quadros, afirmava que enquanto os partidos monárquicos se digladiavam na arena política, o que “não há nada mais picaresco”, a questão das eleições deu “margem a mais gostosa risada” (figura 36).

³³ Id. Ibid.



Figura 36: Cenas picarescas

Legendas: Dizia em um de nossos passados dias, certos pândegos: “Não ha nada mais picaresco do que a seriedade com que os partidos monárquicos se batem na arena política.”

Na verdade, a questão da eleição municipal tem dado margem a mais gostosa risota.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.94, p.4, 13 jan. 1889.

O processo eleitoral que o jornal se referia ocorreu no dia 31 de dezembro de 1888, no qual foram eleitos os deputados provinciais para o biênio 1889-1890 (*A Reforma*, 30/12/1888). O município de Pelotas, juntamente com outros da região, como Bagé e Cacimbinhas (atual Pinheiro Machado) formavam o 4º círculo eleitoral. Entre os candidatos que receberam votos, neste círculo, foi possível averiguar a presença de, pelo menos, dois republicanos: Álvaro Gonçalves Chaves e Cassiano do Nascimento. Ambos sócios do clube republicano pelotense, alistados em 1884 e em 1885 respectivamente. Nas eleições, o primeiro recebeu 143 votos enquanto o segundo obteve 144 votos (*A Reforma*, 08/02/1889). Embora constasse na imagem publicada n' *A Ventarola* a afirmação que o resultado dera “margem a mais gostosa risada”, numa clara alusão aos republicanos, uma vez que eram eles, com seus barretes frígios, quem estavam rindo na imagem, o resultado não foi tão satisfatório, por exemplo, se comparado com o candidato mais votado da cidade que conquistou 1344 e pertencia ao Partido Liberal. Isso não ocorreu somente em Pelotas; no 6º círculo eleitoral, que envolvia cidades como Santa Maria, um dos “currais eleitorais” tanto de Silveira Martins, como de Julio de Castilhos, a vitória foi dos liberais. Enquanto o primeiro recebeu 1406 votos, o segundo obteve apenas 216 (*A Reforma*, 01/02/1889)³⁴.

No ano seguinte ocorreram eleições para a Câmara de Vereadores de Pelotas; o periódico transformou o processo eleitoral em um prado: “Na corrida que teve lugar a 16 do corrente em nosso prado político, coube a vitória ao Centauro Rio-Grandense, chegou em segundo lugar Pégaso, guiado pela elegante amazona República. Tocou a culatra o histórico Buridan que, além de mal composto, não teve quem o guiasse na pugna” (figura 37).

A legenda da imagem não apresentou explicitamente os partidos que concorreram, apenas sugeriu-os nas representações. O Partido Liberal foi representado pelo Centauro Rio-Grandense, no qual é possível identificar a cabeça de seu principal chefe político, Gaspar Silveira Martins. Já o segundo lugar coube aos republicanos identificados pela alegoria feminina da república,

³⁴ Não foi possível consultar outros jornais diários do período, como *A Federação* para confrontar com os dados d'*A Reforma*.

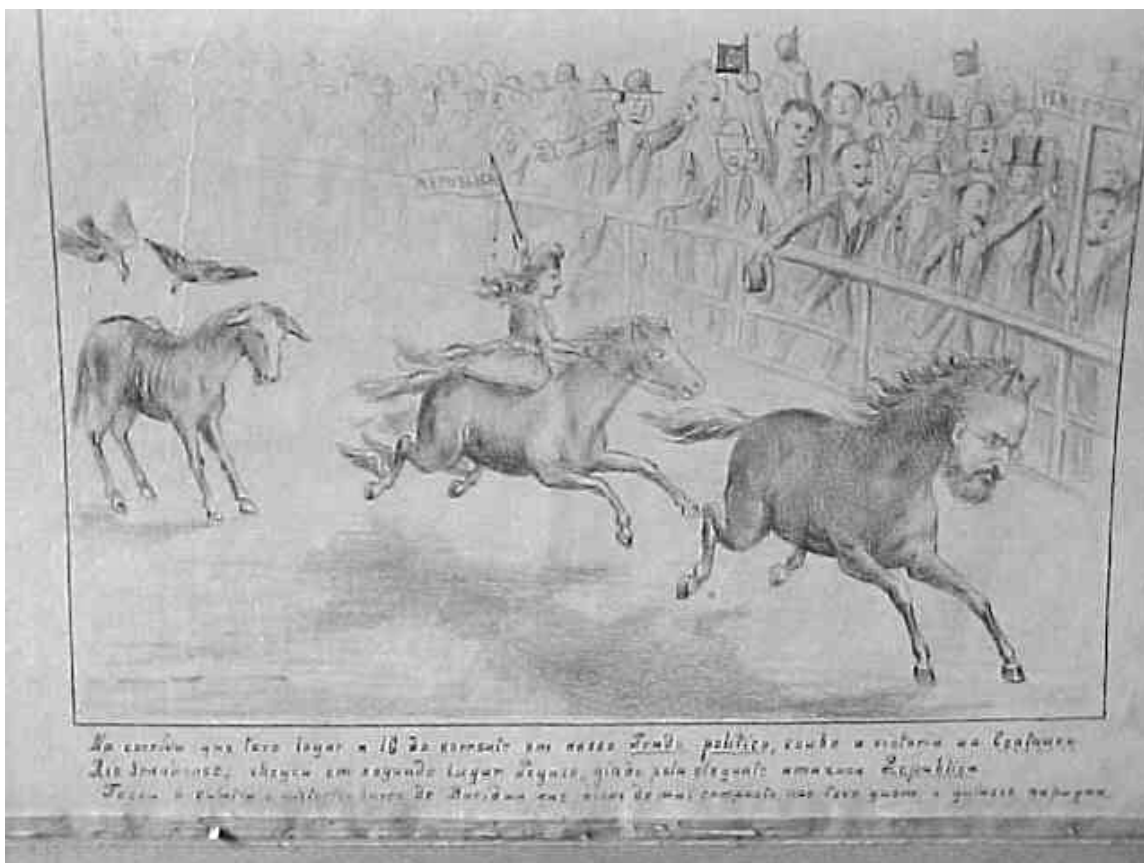


Figura 37: O prado político

Legenda: Na corrida que teve lugar a 16 do corrente em nosso prado político, coube a vitória ao Centauro Rio-Grandense, chegou em segundo lugar Pegasus, guiado pela elegante amazona República. Tocou a culatra o histórico Buridan que, além de mal composto, não teve quem o guiasse na pugna.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.100, p.5, 24 fev. 1889.

conduzida por Pégaso. O caricaturista na elaboração da imagem utilizou-se da mitologia grega. O primeiro é descrito como um ser monstruoso, que se comportava como selvagem e habitava as florestas ou montanhas³⁵. Entretanto, uma parte dos Centauros representava “a força aliada a bondade, a serviço dos bons combates”³⁶. Assim, é provável que ao relacionar a figura do ser mitológico com Silveira Martins, o autor da imagem tentava passar ao leitor qualidades do político, como seu talento na tribuna e sua força política entre seus pares. Pégaso, é apresentado como um “cavalo alado de origem divina que nasceu nas nascentes do oceano”³⁷. Ele possui uma significação simbólica associada a fecundidade e representa a impetuosidade dos desejos. O cavalo alado é também “o símbolo da imaginação sublimada... a imaginação objetivada, que eleva o homem às regiões sublimes”³⁸. O cavalo passa uma visão de força, assim representava um partido que estava crescendo e suplantando seus adversários. É mister considerar que, ao ilustrá-lo conduzindo a alegoria feminina da República, o caricaturista poderia estar associando o cavalo alado, como símbolo de fertilidade, com o que estava por vir, ou seja, o fim da Monarquia e o nascimento da República no Brasil.

Os conservadores, por seu turno, foram caracterizados por um cavalo pequeno, magro e espreitado por duas aves de rapina, chamado Buridan. O caricaturista não utilizou a mitologia grega mas fez uma referência a obra *De Caelo* de Aristóteles. Nela, o autor se perguntava como era possível que um cão, tendo duas refeições iguais, poderia racionalmente optar por uma e não pela outra³⁹. Ao associar Buridan aos conservadores, provavelmente estavam satirizando aqueles que ainda se mantinham num partido aparentemente falido e a sua indecisão em relação aos prováveis posicionamentos: se iriam para o lado dos liberais ou se filiarão aos republicanos.

Ainda no mesmo número que foi publicada a imagem avaliou-se num pequeno artigo o resultado do processo, o qual certificou que: “Foi uma coisa de

³⁵ KURY, Mario da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992, p. 75.

³⁶ CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos...* Op. Cit., p. 219.

³⁷ KURY, Mario da Gama. *Dicionário de Mitologia...* Op. Cit., p.308.

³⁸ CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos...* Op. Cit., p. 703.

³⁹ Extraído de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Buridan Capturado em 03/10/2005.

desesperar! Ficar tanta gente sem forro no poncho”. Conforme *A Reforma* (17/02/1889), folha do Partido Liberal publicada em Porto Alegre, nas eleições do município de Pelotas o candidato mais votado pertencia ao seu Partido.

Outra atividade desenvolvida pelo clube republicano foi uma série de conferências realizadas entre os anos de 1887 e 1888. Algumas delas foram noticiadas e ilustradas nas páginas d’*A Ventarola*: Alexandre Cassiano do Nascimento (12/06/1887 e 09/09/1888); Possidonio Cunha (14/08/1887); Luiz Carlos Massot (11/09/1887) e Coelho Lisboa (12/08/1888)⁴⁰.

Sobre a conferência de Cassiano do Nascimento, o periódico a abordou com dois artigos, num deles afirmava, com humor, que o problema da conferência foi utilizar muito pouco latim: “É preciso saber-se que o latim dá muita graça a uma conferência, principalmente quando não há no auditório ninguém que o compreenda” (*A Ventarola* 12/06/1887). Já o segundo apontou a temática trabalhada – a centralização do poder – e que ela foi muito concorrida. As conferências de Possidonio Junior e Luis Carlos Massot versaram sobre “a constituição política do Império” e “A organização da nacionalidade brasileira”, respectivamente.

No ano seguinte, aconteceu a conferência proferida por Coelho Lisboa, que dissertou, conforme a linguagem do periódico, sobre a “história política do índio velho”, ou seja, sobre a história política do Brasil, dando muita “bordoeira no nosso querido e velho monarquismo”. O conferencista, conforme o periódico, apresentou a república como uma “fada esplendidamente sedutora...” (figura 38). No entanto, quase no fim de sua fala, o conferencista “lembrou de *prender fogo* a uma bomba de dinamite...” O jornal assim se referiu ao desentendimento ocorrido, quando Coelho Lisboa afirmou que Silveira Martins não era liberal, mas conservador, o que provocou desordens conforme atesta um artigo publicado neste mesmo número: “Entornou-se então o caldo: os liberais protestaram, os conservadores riram, o belo sexo assustou-se, o *Zé Povinho* apareceu, e teve começo o

⁴⁰ As datas se referem à publicação do jornal.



Figura 38: A sedutora República

Legendas: Reduziu o monarchismo a expressão mais simples, apresentando-a república como uma fada esplendidamente sedutora.

Estava quase no fim de sua conferencia, quando lembrou-se de prender fogo a uma bomba de dynamite.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.72, p.4, 12 ago. 1888.

charivari”⁴¹.

Por conseguinte, a palestra de Coelho Lisboa serviu para acordar a “sociedade pelotense do profundo sono que dormia”. E ao noticiar que o conferencista conseguiu despertar que a eminência da República estava mais perto do que se imaginava, o periódico, com humor, ilustrou alguns pelotenses despertando de suas camas (figura 39).

O periódico noticiou ainda que, após o “fiasco” promovido por alguns monarquistas pelotenses, Coelho Lisboa palestrou em Rio Grande. Lá também ocorreu um conflito com o conferencista, assim narrado: “[...] alguns habitantes da Ilha dos Marinheiros, que dali vieram com carregamento de batatas e cebolas, não achando compradores para a mercadoria, entenderam que deveriam arremessá-la contra aquele senhor e mais os seus adeptos” (*A Ventarola*, 09/09/1888).

O periódico *A Ventarola* que, como visto no capítulo 1, se declarou republicano a partir de 1889, veiculou algumas imagens e textos os quais, apesar de trazerem o humor em suas composições, podem ser considerados propagandistas à causa republicana. Desenhos mostrando alguns homens de barrete frígio e de enxadas, afirmando que a “mocidade trabalhe mais e fale menos, a época é chegada mãos a obra” (*A Ventarola*, 27/05/1888) e outra assegurando que enquanto o monarquismo dá “exemplos de critério e patriotismo, os republicanos vão ganhando terreno” (*A Ventarola*, 15/07/1888) são exemplares dessa condição.

No mesmo sentido, em 1889 um artigo intitulado *Cogitemos...* abordou o “descanso” dos republicanos, visto que eles se contentavam com a propaganda da *Federação* e com os resultados das antigas conferências, contudo “ainda há quase tudo a fazer-se”. Portanto, no final de seu artigo, o autor identificado com o pseudônimo de Voltaire, sugeriu que os republicanos deviam propagar o “verbo

⁴¹ Na conferência seguinte proferida por Alcides Lima, no Teatro Sete de Abril, também houve conflito. Alguns provocadores deram vivas no meio da platéia à Monarquia, o que gerou certo tumulto, mas logo foi contornado. Cf.: ECHENIQUE, Guilherme. *Fastos da propaganda republicana...* Op. Cit.



Figura 39: O despertar da sociedade pelotense

Legenda: O Sr. Coelho Lisboa com a sua conferência da noite de 6 do corrente, teve a habilidade de despertar a sociedade pelotense do profundo sono que dormia.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.72, p.8, 12 ago. 1888.

republicano” não às famílias dos adeptos, mas sim ao povo: “Ao povo é que se deve falar, estabelecendo confronto entre os dois sistemas de governo [...] para o povo clareza e lógica, que é o que elucida e convence” (*A Ventarola*, 05/05/1889). No entanto, o periódico parecia esquecer que naquele ano os *meetings* haviam sido proibidos pelo ministro da justiça, conforme notícia veiculada no periódico cerca de um mês antes daquela matéria: “o Sr. Dr. chefe de polícia da corte mandou convidar os oradores que falaram no meeting e na passeata de 12 do passado a comparecerem a secretaria de S. Exa” (*A Ventarola*, 07/04/1889). Apesar do conteúdo se referir a um conflito ocorrido na corte e não tratar do alcance da proibição, provavelmente, ela contribuiu para arrefecer a campanha em Pelotas.

Embora não podendo ser considerado como uma atividade de propaganda, cabe destacar que *A Ventarola* resolveu responder alguns artigos escritos pelo redator do *Correio Mercantil*, Artur Toscano. As críticas surgiram a partir de um editorial que afirmava que “[...] 4/5 dos representantes da idéia republicana, ainda têm, junto à pele felpa dos 'cueiros' e devem andar munidos de mamadeira em vez de barrete frígio”. Em contra-ataque *A Ventarola* prometeu se vingar do Sr. Toscano, caso ele continuasse tão impertinente, desenhando-o “chupando uma respeitável mamadeira e envergando o mais vermelho dos barretes frígios” (*A Ventarola*, 01/01/1888). Neste artigo, o redator do periódico optou por utilizar o humor para criticar, através da ameaça de ilustrar o redator do *Correio* de forma ridícula, o que não aconteceu. Contudo, mais tarde o Sr. Artur Toscano voltaria às páginas do jornal, mas desta vez a crítica foi diferente. Conforme o autor do artigo, o Sr. Toscano escreveu manifestando ser contrário aos republicanos e a idéia defendida por eles. No entanto, *A Ventarola* o perdoou, pois a sua ocupação “não lhe permite acompanhar o enorme movimento republicano que se opera no país”, além disso, ele devia compreender que as novas idéias estavam relacionadas ao progresso: “O que a nação brasileira foi a cinqüenta anos, não pode servir de base para o que ela possa vir a ser amanhã”. A mensagem final do jornal para o seu colega assemelhou-se ao tom chistoso da “ameaça” anterior, apesar de conter uma crítica mais abrasiva: “[...] fique-se lá com o seu monarquismo e passe por lá

muito bem; o que não podemos consentir é que S.S. queira a *forciori* que nós – os republicanos – leiamos pela sua caduca cartilha” (*A Ventarola*, 09/09/1888).

No mesmo sentido, criticavam o “colega do *Diário [de Pelotas]*” por ele ter alcunhado de pasquim um panfleto republicano distribuído na cidade naquele ano. Na continuação, destacavam que esse tipo de publicação era constantemente distribuída “nas barbas do governo e este inda não se lembrou de reagir” portanto, alertava o autor escondido sob a alcunha Ventaroleiro que o colega deveria dar “mais importância a sua reconhecida tolerância” (*A Ventarola*, 26/08/1888).

No ano seguinte, o mesmo nível de crítica foi averiguado num artigo direcionado aos opositores da causa, os quais, provavelmente deveriam ser jornalistas locais: “Se os republicanos são pequeno em número (sic), tem por si a grandeza da idéia que advogam, e não são nenhum *Dom Quixote*”. No final asseveravam: “Alto lá... Não consinto que me toquem no barrete frígio, se já esbodegaram a coroa, arranjem-se com ela” (*A Ventarola*, 24/02/1889). Entretanto, nesse ano, novas críticas direcionadas a Artur Toscano apareceriam. Segundo o periódico, era impossível conceber que o colega em suas “notas fale sério, isto é, escreva sem rir-se” pois até mesmo os partidos monárquicos reconheceram a propagação da idéia republicana. No entanto, o periódico pediu aos leitores republicanos que “tomem como paródia tudo quanto o colega das *notas da semana* avançar em detrimento da idéia republicana” (*A Ventarola*, 02/06/1889). As críticas d’*A Ventarola* se restringiram somente ao *Correio Mercantil* e centralizadas no redator Artur Toscano. No entanto, o *Correio Mercantil*, também foi simpático às idéias republicanas, contudo, “[...] o jornal foi abolicionista e depois republicano mas sempre com posições moderadas e conservadoras, sem partidarismo explícito”⁴². Essa posição do *Correio* mais simpática à República, certamente ocorreu somente com o crescimento da propaganda nos últimos anos da Monarquia. A posição moderada e conservadora do jornal já havia sido destacava pelo *Cabron*, num artigo no qual eram apontadas as tendências partidárias da imprensa pelotense.

⁴² LONER, Beatriz Ana. Jornais diários na República Velha. *Ecos Revista*. Pelotas: Ed. da Universidade/UCPel, v.2, nº 1, abril/1998, p.9.

Após a proclamação, algumas ilustrações d'*A Ventarola* se referiram aos órgãos oposicionistas do novo governo. O jornal *Tribuna Liberal* foi representado por uma velha saindo de uma página do jornal carregando um canhão, do qual eram lançadas as palavras “despeito”, “com esta não contava” e “ira” contra o Marechal Deodoro da Fonseca e outros. No entanto, “o jogo que faz a ilustre folha da restauração monárquica é em pura perda” (*A Ventarola*, 08/12/1889). Os jornais oposicionistas *O Nacional*, publicado em Pelotas, *Artista* de Rio Grande e *A Reforma* de Porto Alegre foram ilustrados reivindicando a constituinte e reclamando do atraso do governo em relação à sua convocação. *A Ventarola*, por sua vez, recomendou aos colegas que descansassem, pois o “governo não tardara em servi-lhe o tão apetitoso prato constitucional” (*A Ventarola*, 15/12/1889).

O Partido Republicano de São Paulo “não teve, na fase da propaganda, um jornal seu. A defesa de seus princípios era feita pelos periódicos cujos dirigentes ou proprietários comungavam com o mesmo credo”⁴³. Essa condição também foi verificada no caso pelotense. O jornalismo partidário republicano não se desenvolveu possivelmente devido ao grande número de jornais que circulavam na década de oitenta na cidade, alguns, provavelmente, desempenhando a função da propaganda. Outro fator que contribuiu para o não surgimento de jornais deve-se à folha oficial do partido, *A Federação*, publicada em Porto Alegre e também distribuída no interior da Província. Somente em meados de 1889, surgiu um jornal declaradamente republicano em Pelotas, *O Farrapo*. Publicação semanal, trazia em seu cabeçalho a informação de que era propriedade e redatores de diversos (*O Farrapo*, 16/06/1889), no entanto, teve grande parte dos editoriais assinada por Germano de Oliveira que, na época, ocupava o cargo de segundo secretário da União Republicana⁴⁴. Não se deve atribuir somente à falta de folhas

⁴³ DEBES, Célio. A propaganda republicana em São Paulo (1872-1889) In: LAPA, José Roberto do Amaral (Org.) *História Política da República*. Campinas: Papyrus, 1990, p. p.116.

⁴⁴ Após a proclamação surgiram dois jornais explicitamente republicanos. O primeiro foi o *Radical* que circulou por alguns meses em 1890. Além de ser órgão republicano apresentava uma parte literária, visto que seus redatores proprietários eram os conhecidos literatos Francisco de Paula Pires, Carlos Bandeira Renault e Julio Soeiro. O outro jornal foi o *Diário Popular*, que também iniciou sua circulação em 1890, logo suplantando o anterior.

propagandistas da causa republicana na cidade o motivo para o periódico veicular ilustrações associadas a ela, mas, essa condição deve ter favorecido a veiculação desse material que, discretamente, propagava o ideal republicano aos seus leitores.

Nas imagens e nos textos analisados acima foi possível verificar a posição política dos caricaturistas e colaboradores do periódico: a defesa das idéias republicanas. A República era concebida por eles de acordo com as suas posições e os seus interesses, ou seja, se eles eram favoráveis dessa causa, a produção artística ou textual, que era constituída de acordo com a sua realidade, deveria passar ao leitor uma apresentação cômica, mas que ao mesmo tempo defendesse o ideal republicano. Isso foi averiguado na produção artística d' *A Ventarola*, em especial, no período da Proclamação.

A Proclamação da República nas páginas d' *A Ventarola*

O jornal, que sempre foi simpático à república e depois se declarou favorável à causa, não hesitou em utilizar excessivamente os símbolos empregados na propaganda, para anunciar através de seus desenhos o florescer da República. Assim, atualizada com as transformações políticas que ocorreram no centro do país, narrou-as concomitante à imprensa diária, mas, em especial, através de suas ilustrações. O que é constatado também, em outros periódicos humorísticos, como a *Revista Illustrada*. No entanto nas páginas do hebdomadário pelotense circulariam, já a partir de 1889, imagens e artigos que apontavam à certa queda do Império.

Um dos motivos que aceleravam o fim da monarquia foi, na visão do jornal, a criação da Guarda Negra, a qual era intitulada de "Guarda dos trezes de maio" e com freqüência criticada. Após a Abolição dos escravos e com o comando de José do Patrocínio, os ex-escravos organizaram uma guarda. O cerne da criação de tal corporação era se tornar uma força paralela ao Exército, tendo como objetivo

proteger a Monarquia⁴⁵. Um conflito ocorrido na corte entre os integrantes da Guarda e os republicanos, sendo estes apedrejados por aqueles, deu margem para o jornal realçar a situação periclitante do Império: “Mas é também certo que só um governo infinitamente desmoralizado – poderá lançar mãos de tais meios para garantir a estabilidade do trono, tão profundamente abalado em seus alicerces”. Em contrapartida, a “negregada (sic) guarda negra” estava acelerando a “evolutiva marcha da república” (*A Ventarola*, 20/01/1889).

O periódico previa que as mudanças no cenário político eram próximas, contudo “a transição não se pode operar num só dia” uma vez que, apesar do republicanismo avançar numa “carreira vertiginosa”, o partido precisaria contar com a adesão de membros dos partidos monárquicos: “não hão de ser os estrangeiros que hão de constituí-lo”. Essa idéia apareceu no desenvolvimento de uma narrativa que salientava as qualidades de Gaspar Silveira Martins. No final, citando uma pequena frase do político – “quem emperra, erra” – o autor do artigo, com o cognome Simplicio, afirmava que a Pátria ainda tinha muito a esperar do “tribuno rio-grandense” e, assim, esperava que ele não fosse o último a “profligar com a energia de sua palavra [...] a decadência moral e política da velha, desprestigiada e caduca instituição monárquica” (*A Ventarola*, 17/02/1889). A palavra profligar pode ser sinônimo de “destruir com argumentos, atacar ou combater com palavras, reprovar energicamente”⁴⁶ este, deve ter sido o sentido dado a ela ao se referir a Silveira Martins, pois ele era conhecido por seus discursos inflamados e possuidor de uma excelente retórica: “[...] individuo de personalidade dominadora, dotado de respeitável cultura e invulgar inteligência, aliava a tudo isso uma grande fortuna pessoal e notável eloquência tribunícia”⁴⁷. A isso se deve o apelido de Tribuno Rio Grandense, empregado não somente pela imprensa ilustrada, como também pelo jornalismo diário.

Como visto no início do presente capítulo, o partido republicano rio-grandense contou, desde sua fundação, com membros dos partidos Liberal e

⁴⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador. Dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.447.

⁴⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª ed., Curitiba: Positivo, 2004, p.1637.

⁴⁷ FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos...Op. Cit.*, p. 26.

Conservador descontentes com a Monarquia. O periódico veiculava com frequência notícias e artigos entusiásticos sobre a atuação de Silveira Martins, tentando infundir que, em breve, sua adesão ao partido Republicano seria anunciada. No entanto, isso não ocorreu e quando a República foi proclamada o discurso do jornal mudou: os elogios se transformariam em críticas⁴⁸. Contudo, antes da proclamação, críticas aos liberais, os quais estavam novamente no poder, começaram a ser veiculadas no periódico. Exemplar desse tom nevrálgico pode ser averiguado numa crônica publicada alguns meses após a formação do Gabinete do Ministro Ouro Preto. O texto assinado apenas pelo epíteto “Ly” destacava que “durante muitos anos” acreditou-se no Brasil que os liberais eram “uns sujeitos chegados ao Barrete frígio e muito afastados do trono”. Contudo, com a nova situação política que os favorecia, eles encontram-se “a guardar zelosamente o trono e os príncipes”; em contrapartida, os conservadores trocavam a coroa pela “democracia revolucionária” (*A Ventarola*, 11/08/1889). Os muitos anos apontados na crônica, provavelmente se referem ao período em que os liberais ficaram afastados do poder. Duas considerações importantes podem ser traçadas a partir desta crônica: A primeira refere-se à constante mudança de sigla dos políticos, os quais pendiam para o lado que melhor lhes conviesse, como foi demonstrado no caso dos conservadores que se tornavam republicanos, por não estarem no poder e naquele dos liberais que por estarem no poder se tornaram apoiadores da Monarquia. A segunda trata da crítica do jornal, a qual, por sua vez também era oscilante, ou seja, não interessava a eles qual o partido que estava no poder, o que lhes importava era satirizar aquele que detinha o poder e conseqüentemente caçoar o império.

Num dos últimos exemplares que circulou ainda no período imperial a crítica aos liberais apareceria novamente. A sátira relatava com ilustrações a proibição da entrada de republicanos na Câmara por parte do Sr. Afonso Celso (figura 40). Afonso Celso, o Visconde de Ouro Preto, como visto no capítulo anterior, foi o último presidente do Conselho de Ministros e um dos principais

⁴⁸ Essa questão será tratada no tópico seguinte.

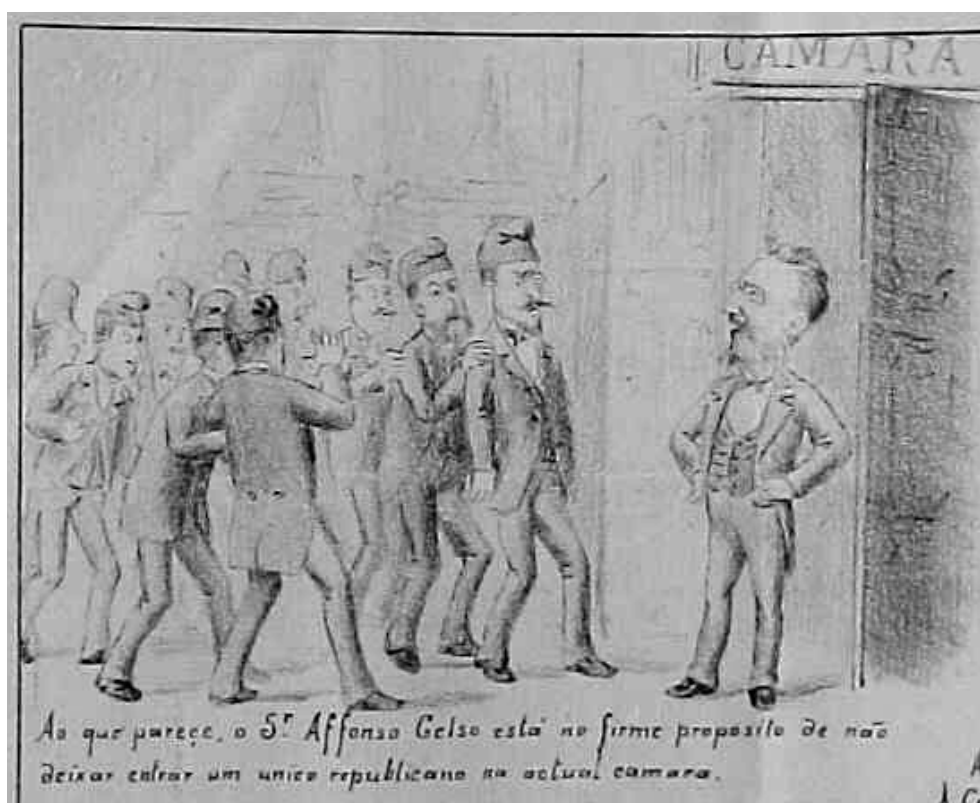


Figura 40: Deputados proibidos de entrar na Câmara por Affonso Celso

Legenda: Ao que parece, o Sr. Affonso Celso está no firme propósito de não deixar entrar um único republicano na atual câmara.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.135, p.4, 27 out. 1889.

membros do Partido Liberal, assim como Gaspar Silveira Martins⁴⁹. Conforme Isabel Lustosa, “O tipo físico do visconde, magro, alto, de perfil anguloso, marcado pelo nariz adunco, aliado à sua personalidade autoritária, compunha a imagem do vilão ideal para os caricaturistas críticos do regime”⁵⁰. Esta imagem do periódico pelotense encontra relação com um artigo publicado em *A Federação* (16/10/1889) alguns dias antes, no qual certificavam que Afonso Celso, após a organização do Gabinete, destacou o crescimento do movimento republicano e para debelá-lo anunciou uma série de reformas liberais.

Nos quadros seguintes *A ventarola*, numa “previsão” e em tom de alerta, afirmou que apesar da “nau ministerial” (Monarquia) navegar em “águas tranquilas sob um céu bonançoso”, uma tormenta se aproximava (República) lançando o navio de encontro a um rochedo (a federação). E que não tardaria para a mudança ocorrer; a série era encerrada com duas representações: o navio, símbolo do governo, e a alegoria feminina da República colocada em sua popa. (figura 41)

Dois dias após a proclamação, mais um número do jornal foi distribuído, sem, no entanto, trazer a notícia da proclamação, mas apresentou caricaturas relatando a prisão de um rapaz na corte, por ele ter dado vivas a República. No depoimento, o “*delinqüente*” confessou que as suas expressões de entusiasmo foram para a “República do Chile” (*A Ventarola*, 17/11/1889). O motivo para o atraso do jornal na divulgação está relacionado à sua periodicidade semanal, sempre circulando aos domingos. Já que o dia 15 de novembro foi numa sexta-feira, provavelmente *A Ventarola* já estava com a edição encerrada somente esperando para ser distribuída, impossibilitando assim a divulgação. Não obstante, o *Correio Mercantil*, importante jornal diário da cidade, publicou o telegrama enviado da Corte por seu correspondente no dia 15 à noite, no sábado dia 16. Já em Porto Alegre, a notícia foi divulgada n’*A Federação* ainda no dia quinze.

⁴⁹ ALVES, Francisco das Neves. *Imagens e Símbolos: A caricatura rio-grandina e o discurso político-partidário no século XIX*. Rio Grande: Ed. da Universidade/FURG, 1999, p. 42.

⁵⁰ LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos presidentes através do humor e da caricatura. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (Orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, vol.1, 2003, p293.

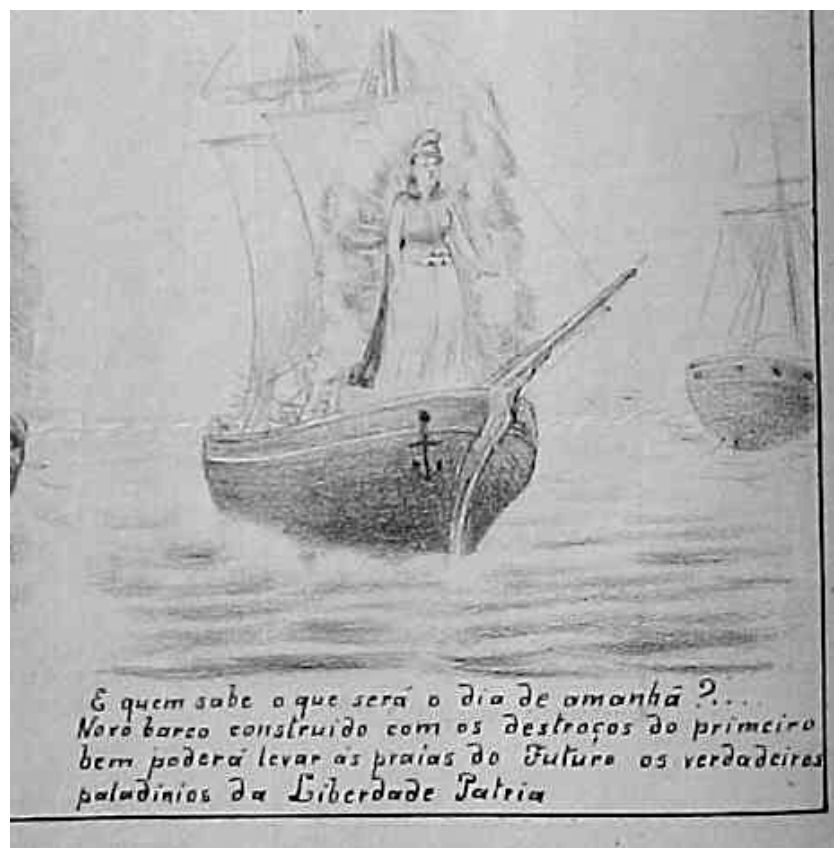


Figura 41: E quem sabe o que será o dia de amanhã?

Legenda: E quem sabe o que será o dia de amanhã?... Novo barco construído com os destroços do primeiro bem poderá levar às praias do Futuro os verdadeiros paladinos da Liberdade Pátria.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.135, p.4, 27 out. 1889.

Apesar do jornal já estar com a edição fechada, publicou o conteúdo do telegrama que informava a proclamação na sua segunda página, ficando os detalhes para os dias seguintes⁵¹.

Finalmente, a partir da edição de 24 de novembro, as primeiras notícias e imagens relacionadas à proclamação apareceriam na folha pelotense. Num artigo intitulado “Diz-se por ai”, narravam a mudança ocorrida no cenário político nacional. O texto iniciava noticiando que enfim “estamos para todo sempre livres do trambolho monárquico”, o qual era o principal entrave para o progresso da nação. Ao abordar a extradição da família imperial, era destacado que o imperador ia a bordo do navio que os conduzia à Europa fazendo sonetos e que a Princesa Isabel era um personagem “com quem menos se tem ocupado os brasileiros nestes últimos dias”. Conforme o artigo, a primeira sessão da Câmara Municipal da cidade, perante a nova situação política, foi “muito fria”, até que um cidadão presente no auditório “deu vivas a República”. A situação indefinida por parte dos “ilustradíssimos” que mantinham “um pé na República e outro na Monarquia” até aquele momento, justificava-se visto que “se Deus é bom, o diabo também ainda pode servir” (*A Ventarola*, 24/11/1889).

Ainda à mesma página em que este texto foi publicado, uma crônica intitulada *Consummatun Est*, escrita por João Tolentino de Souza tratava a mudança política com um viés diferente do anterior. A crítica assumia um outro tom e era dirigida tanto ao antigo como ao novo regime, como evidencia o primeiro parágrafo que já deixava clara a visão do autor em relação à mudança:

Num momento de náusea, com quem tem no estômago uma feijoada supérflua, acaba o Brasil de vomitar no Atlântico todos os acepipes monárquicos ingeridos em diferentes refeições, pagas por bom preço, em diferentes épocas, e pagas ainda uma vez, para esvaziar a tripa gigantesca da atual república. Eu acredito nisto de uma maneira estúpida, com aquela convicção cheia de assombro de um pai que vê nascer-lhe um filho com a cabeça de boi!

⁵¹ PACHECO, Ricardo de Aguiar. *O cidadão está nas ruas. Representações e práticas acerca da cidadania republicana em Porto Alegre (1889-1891)*. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 2001, p. 54.

O autor, apesar de fazer críticas ao regime monárquico, não concordou com o rumo desencadeado pelos republicanos. Para ele, o melhor que deveria ter sido feito era esperar o Imperador morrer para depois, então, a República ser instaurada no Brasil. Ao falar do imperador, afirmava que ele não merecia essa traição, nem mesmo a extradição, pois “ele era um brasileiro, homem honrado e digno”. Em seguida, os jornalistas oportunistas também foram criticados: “Jornalistas que tinham sob os bicos da penna (sic) mais do que os insultos, o desprezo sistemático a tudo que afetava a república, suspendem a sua frase, [...] [e] escrevem uma coisa qualquer, sem nexos, sem ordem, sem consciência, mas que possa interpretar como uma próxima adesão, um equívoco elogio, uma futura bajulação aos vencedores?”

As declarações de João Tolentino demonstraram a sua desilusão com as atitudes tomadas com e após o 15 de Novembro. No entanto, ele foi, no período da propaganda, simpático às idéias republicanas; em 1889 era filiado ao partido e atuava na União Republicana, além de colaborar no jornal republicano *O Farrapo*. Tolentino era um artesão (marceneiro), que utilizava seu tempo livre para se dedicar à vida literária, escrevendo poesias, e colaborando como cronista em vários órgãos da imprensa pelotense. Mais tarde tornou-se socialista e participou da redação do jornal socialista *A Democracia Social* publicado em 1893 na cidade⁵². Esse descontentamento em relação ao republicanismo e a submissão das pessoas após a proclamação tornou-se evidente na última frase de sua crônica: “Confessemos que somos uns quantos milhões de porcos, espalhados na terra de Santa Cruz, dispostos a obedecer ao pastor que tiver o cajado na mão!” (*A Ventarola*, 24/11/1889).

Ao que tange às ilustrações, algumas retomaram os ideais defendidos pelos republicanos no período da propaganda, como os de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Numa delas, a liberdade do povo foi ressaltada, através da representação da alegoria feminina como a redentora que destruiu as amarras

⁵² Dados obtidos a partir de: LONER, Beatriz Ana; LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Trabalhadores e Literatura em Pelotas no Século XIX*. Relatório de pesquisas (PIBIC/CNPq-NDH/ICH/UFPel). Pelotas, 2003.

imperialistas, as quais identificavam o Brasil como o último reduto monárquico da América Latina (figura 42).

Um novo regime, ao ser instalado, necessita trocar os símbolos que identificam o anterior. Essa prática era (e ainda é) usada para confirmar a mudança do governo e também uma maneira para legitimá-lo diante da população. Segundo Bronislaw Baczko, o homem é um ser sensível, guiado por imagens chamativas e emoções fortes, portanto um novo poder para conseguir sua aceitação deve: “[...] apoderar-se do controle dos meios que formam e guiam a imaginação coletiva. A fim de impregnar as mentalidades com novos valores e fortalecer a sua legitimidade, o poder tem designadamente de institucionalizar um simbolismo e um ritual novos”⁵³.

Ao trabalhar com a recepção da República em Porto Alegre e a partir daí as mudanças ocorridas, Ricardo Pacheco afirma que a rua, espaço ocupado pelos personagens urbanos, é também espaço de enfrentamento simbólico: “Os lugares que antes lembravam à população a existência de um imperador, uma imperatriz e um príncipe, passam a homenagear o proclamador da República, o novo regime, ou a data gloriosa da queda da Monarquia”⁵⁴. Em Pelotas, o processo foi semelhante ao da capital, na imagem apresentada acima, a “*Mentira de bronze*”, provavelmente simboliza a Monarquia e a figura da estátua segurando um papel refere-se a Dom Pedro I e a Independência do Brasil, a qual, na visão do periódico foi uma “mentira” pois o Brasil se manteve com o regime monárquico. Com o advento da República a liberdade finalmente era conquistada e, conforme a legenda da ilustração, a “mentira de Bronze”, fora substituída pela “Estátua da Liberdade”, simbolizando a República. A expressão “mentira de bronze” teve sua origem no conflito político em torno da inauguração da estátua de D. Pedro I na Corte em 1862 no mesmo local que Tiradentes havia sido enforcado, o Largo do Rocio, atual Praça Tiradentes. Teófilo Otoni, liberal mineiro e líder da revolta de 1842, foi o autor da expressão que logo foi incorporada à campanha republicana⁵⁵.

⁵³ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social...* Op. Cit., p. 302.

⁵⁴ PACHECO, Ricardo de Aguiar. *O cidadão está nas ruas...* Op. Cit., p. 42-43.

⁵⁵ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas...* Op. Cit., p.60.

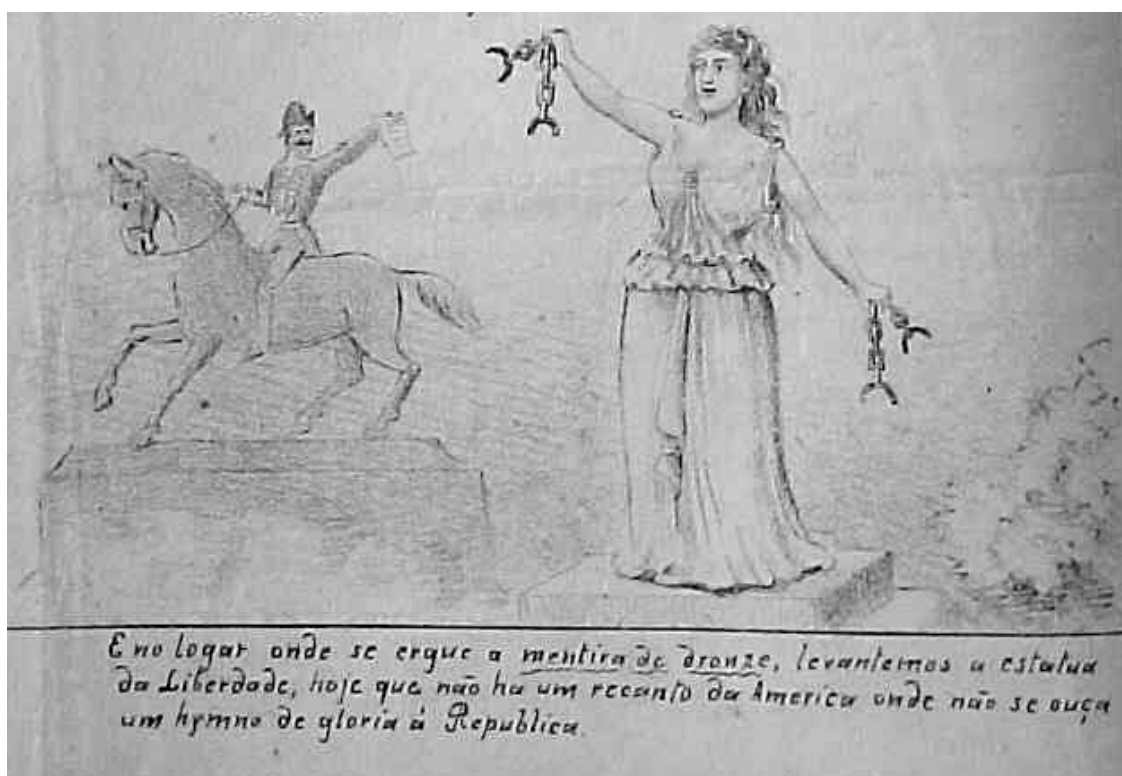


Figura 42: A mentira de bronze

Legenda: E no lugar onde se ergue a mentira de bronze, levantemos a estátua da Liberdade, hoje que não há um recanto da América onde não se ouça um hino de glória à República.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.39, p.4, 24 nov. 1889.

Além da representação, em duas edições apareceram sugestões de novos nomes para as ruas e praças da cidade, o que ocorreu em seguida. Entre os vários lugares públicos renomeados, destacou-se a principal praça da cidade, denominada da Regeneração e anteriormente chamada Pedro II, que passou para Praça da República e a Rua São Miguel, a qual concentrava a parte comercial da cidade, para Quinze de Novembro⁵⁶.

Outro símbolo republicano foi a nova bandeira, principal emblema utilizado para representar os novos tempos. José Murilo de Carvalho assegura que a bandeira foi uma vitória da facção positivista do novo regime, no entanto, ela incorporou elementos da tradição imperial. Ainda segundo este autor, os republicanos não tinham uma bandeira própria para desfilar, mas no dia 15 os republicanos civis levaram às ruas do Rio de Janeiro uma bandeira inspirada no modelo norte-americano. Confeccionada pelo Clube Republicano Lopes Trovão, a bandeira conservava nas faixas horizontais as cores verde e amarela, iguais as da bandeira imperial, enquanto o quadrilátero possuía um fundo negro, uma homenagem à raça negra, no qual foram bordadas as estrelas em miçangas brancas⁵⁷.

A reação de aversão dos positivistas a ela foi imediata, fazendo com que eles concebessem um modelo inspirado nas indicações de Auguste Comte:

Tomaram então, a bandeira imperial conservando o fundo verde, o losango amarelo e a esfera azul. Retiraram da calota os emblemas imperiais: a cruz, a esfera familiar, a coroa, os ramos de café e tabaco. As estrelas que circulavam a esfera foram transferidas para dentro da calota. A principal inovação, a que gerou maior polêmica, [...] foi a introdução da divisa 'Ordem e Progresso' em uma faixa, representando o zodíaco, que cruzava a esfera em sentido descendente da esquerda para a direita⁵⁸.

⁵⁶ Sobre a mudança dos nomes das ruas da cidade ver: MAGALHÃES, Mário Osório. *Os passeios da cidade antiga*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

⁵⁷ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas...* Op. Cit., p.109-111.

⁵⁸ Id. Ibid., p. 113.

As estrelas, no entanto, não foram somente transferidas para a calota; agora elas formavam constelações, como o Cruzeiro do Sul, que poderia ser entendida como uma “cruz leiga” e que poderia ser vista com simpatia pelos católicos. As estrelas colocadas na bandeira lembravam o céu brasileiro, o que não faziam na bandeira imperial e nem na bandeira norte-americana em relação ao céu daquele país⁵⁹. A divisa “Ordem e Progresso” foi derivada de uma frase, considerada um lema para os positivistas: “O Amor por princípio, a Ordem por base e o Progresso por fim”. Sua colocação na bandeira, apesar da não referência ao amor, gerou polêmica entre os políticos da época, precisamente pela sua influência positivista. Conforme os preceitos de Comte, na primeira fase da transição orgânica da humanidade deveriam ser mantidas as bandeiras vigentes, acrescidas da divisa, o que foi realizado pelos republicanos que assim interpretaram a transição da Monarquia à República⁶⁰.

Carvalho (1990, p.118-119), Ao trabalhar com uma ilustração da *Revista Illustrada* publicada no dia seguinte à proclamação, José Murilo de Carvalho se deparou com uma incógnita: a representação da alegoria feminina portando a bandeira de inspiração positivista. O problema apresentado pelo autor está na data do periódico, uma vez que a nova bandeira somente passou a ser concebida após o desfile da outra, baseada no modelo norte-americano. Não obstante, Décio Villares, autor do emblema, necessitou um certo tempo para desenhá-la, além de consultar um astrônomo para a colocação correta das estrelas. Concluiu o autor que a revista pode ter circulado posteriormente ao dia 16, mas com esta data, ou então foi uma coincidência⁶¹.

Semelhante à ilustração do periódico fluminense, *A Ventarola* também apresentou nove dias após a Proclamação uma alegoria feminina representando a República, portando uma bandeira semelhante àquela concebida por Décio Villares (figura 43). No globo, as estrelas estavam colocadas sem ordem, mas ela também trazia a faixa do zodíaco, embora não constasse, (como na bandeira da *Revista Illustrada*), a divisa “Ordem e Progresso”. No entanto, no caso do

⁵⁹ Id. Ibid., p. 114.

⁶⁰ CARVALHO, José Murilo de. O Positivismo brasileiro e a importação de idéias... Op. Cit., p. 21.

⁶¹ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas...* Op. Cit., p.118-119.



Figura 43: A nova aurora que raiou

Legenda: Felizmente, a nova aurora que raiou para os nossos destinos de nação livre e civilizada teve as saudações delirantes de um povo inteiro. Viva a república!

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.139, p.4, 24 nov. 1889.

periódico pelotense, a representação da nova bandeira não se traduz num enigma, ao contrário, demonstra que ele estava a par não somente da nova situação política do Brasil, desencadeada a partir do Rio de Janeiro, como também das transformações ocorridas a partir daí, incluindo a mudança dos símbolos, possibilitando, assim, a apresentação da nova bandeira, emblema do novo regime.

Nesse mesmo número, *A Ventarola* apresentou uma ilustração demonstrando a recepção dos pelotenses ao florescer da República; nela estão representadas as ruas da cidade embandeiradas (figura 44).

A imagem e a legenda trazem referência à bandeira tricolor, diferente do modelo inicialmente adotado no Rio de Janeiro, o norte-americano, como também do modelo positivista. Essa bandeira pode ser relacionada à Revolução Farroupilha, na qual os rebeldes utilizaram como símbolo uma bandeira tricolor com as cores: verde, amarelo e vermelho. Ainda que a idéia de república não fizesse parte dos motivos que desencadearam o movimento revolucionário em 1835, havia entre as suas lideranças, homens que acreditavam que o sistema político ideal para o Brasil era o republicano⁶². Os revolucionários acusavam o Império de onerar o Rio Grande do Sul com impostos e não investir na construção de estradas e portos⁶³. Dessa forma, os revolucionários, devido ao esgotamento das tentativas de entendimento com o Império, proclamaram a República Rio-Grandense, desligando-se do resto do Império. Esses ideais republicanos defendidos em 1835 foram retomados na propaganda republicana, como se averiguou no manifesto lançado pelos candidatos republicanos em Pelotas durante o pleito eleitoral de 1880. Agrega-se ainda a este ideário, a atuação dos estudantes rio-grandenses no Clube republicano 20 de Setembro, fundado em São Paulo. Além de propagar os ideais republicanos, a agremiação serviu também como um espaço para estudar a Revolução Farroupilha e a História do Rio Grande do Sul. Desses estudos resultaram dois livros: *História Popular do Rio Grande do Sul*, de Alcides Lima e *História da República Rio-Grandense* de Assis Brasil,

⁶² BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República...* Op. Cit., p. 191.

⁶³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 38.

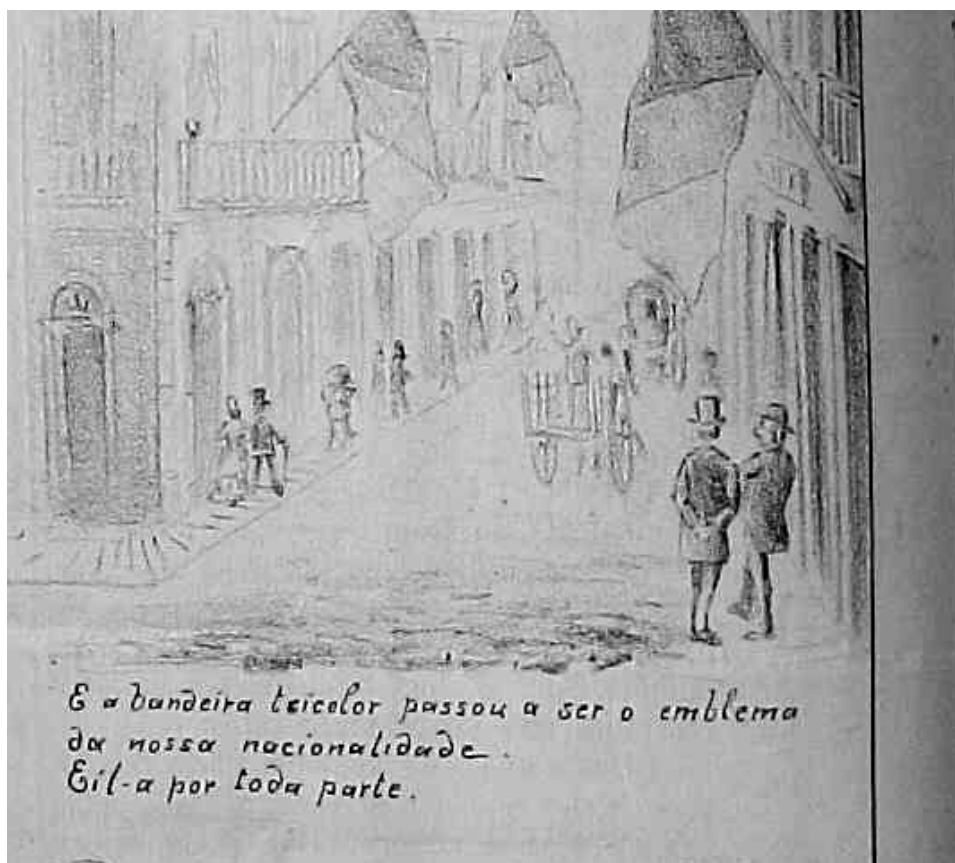


Figura 44: As ruas de Pelotas embandeiradas

Legenda: E a bandeira tricolor passou a ser o emblema da nossa nacionalidade. Eil-a por toda parte.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n. 139, p.4, 24 nov. 1889.

ambos publicados em 1882⁶⁴. Nota-se, que os republicanos rio-grandenses resgatavam o movimento farroupilha e as idéias de república defendidas pelos seus revolucionários, o que se intensificou, sobretudo, na década de oitenta. No entanto, os republicanos não foram os únicos a reutilizar as “tradições libertárias legadas pela Revolução Farroupilha” conforme observa Sérgio da Costa Franco⁶⁵; já haviam sido retomadas, na década de 60, como artifício mítico na fundação do Partido Liberal. A Revolução Farroupilha “aprimorou a doutrina liberal republicana, com seus ideais federativos que ressurgiram no Partido Liberal, fundado por Félix da Cunha, e nos clubes abolicionistas e republicanos”⁶⁶.

Retornando, então, à ilustração do jornal, é possível afirmar que a utilização de uma bandeira tricolor (apesar da imagem não ser colorida) para representar os “novos tempos”, ou seja, a chegada da República, é bastante significativa se comparado com o processo revolucionário ocorrido na Província anos antes e que a liberdade almejada pelos farrapos através dos ideais republicanos, enfim fora conquistada.

Cabe ressaltar ainda que a bandeira tricolor representa um dos símbolos adotados na França pós-revolucionária, representação imortalizada na tela *Liberdade guiando o povo* de Eugène Delacroix. Segundo Peter Burke⁶⁷ a bandeira tricolor, como símbolo da França, foi restaurada pelo Rei Luís Felipe após a Revolução de 1830, como uma homenagem aos ideais defendidos na Revolução de 1789.

As homenagens ao Governo Provisório e os “anti-heróis”

Além de empregar os vários símbolos republicanos para anunciar o novo regime que se instaurava, *A Ventarola* também tratou daqueles que participaram

⁶⁴ FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos...* Op. Cit., p. 22.

⁶⁵ Id. Ibid., p. 27.

⁶⁶ FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul...* Op. Cit., p. 87.

⁶⁷ BURKE, Peter. *Testemunha Ocular. História e Imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004, p.77.

do processo, quer os favoráveis, quer os contrários, embora em alguns casos a simbologia entrecruzasse com eles.

Ao que tange às homenagens, elas se restringiram aos homens que fizeram a revolução. Assim, cada um dos números do jornal publicados após a proclamação apresentou em sua primeira página um retrato de um dos membros do governo provisório e na página dois um pequeno relato sobre a vida e as atividades políticas do homenageado. Os retratados, concebidos pelo caricaturista Guilherme Stoffel⁶⁸, foram: Quintino Bocaiúva, (Jornalista, redator do jornal *O Paiz* e Ministro do Exterior) (24/11/1889); Aristides Lobo (Ministro do Interior) (01/12/1889); General Deodoro da Fonseca (Presidente) (08/12/1889); Campos Salles (Ministro da Justiça) (15/12/1889). Os demais membros do governo foram retratados na página quatro do último número do jornal: Demetrio Ribeiro (Ministro da Agricultura); Eduardo Wandenkolk (Ministro da Marinha); Benjamin Constant (Ministro da Guerra) e Rui Barbosa (Ministro da Fazenda) (*A Ventarola*, 29/12/1889).

Essas homenagens aos “heróis da República” não se limitaram somente ao periódico pelotense; todos aqueles simpatizantes aos ideais republicanos tiveram um comportamento semelhante, por exemplo, conforme assinala Isabel Lustosa a *Revista Illustrada* iniciou após o 15 de Novembro, “o ciclo dos heróis da República”:

O enfermiço marechal Deodoro da Fonseca, por exemplo, se verá, nas páginas da *Revista Illustrada*, glamourizado, rejuvenescido e cheio de vitalidade. Ora aparece separando a Igreja do Estado, ora ao lado de Benjamin Constant, a cortar as cabeças da hidra das intrigas. Belos também aparecerão os ministros Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva e Campos Sales [...] Raras são as situações caricatas, raros os Deodoros de grande cabeça e corpo pequenino na forma típica da caricatura do tempo⁶⁹.

⁶⁸ Provavelmente os retratos concebidos por ele são reproduções feitas a partir de outros modelos impressos ou fotografias.

⁶⁹ LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos presidentes... Op. Cit., p.294.

Rejuvenescido e disposto também apareceu Deodoro da Fonseca n'A *Ventarola*. De espada em punho, foi ilustrado cortando o "nó górdio" feito na corda puxada, por um lado, pela Monarquia, e no outro pela República (figura 45).

É possível traçar, a partir da leitura desta imagem, duas possibilidades de interpretação. A primeira refere-se ao tom de seriedade e de realidade do novo regime que se instalava e que o jornal passava aos leitores. Uma vez que, para ilustrar a disputa e o poder entre os princípios monarquista e republicano, o periódico substituiu as figuras alegóricas do rei (Monarquia) e da mulher (República) por figuras masculinas não alegóricas, ou seja, a representação de dois homens "reais". Além disso, a utilização de Deodoro em seus trajes militares como o responsável pelo desfecho que resultou na proclamação dá uma feição de seriedade à ilustração. Já a segunda se refere à falta da participação ativa da mulher na proclamação, visto que ela somente aparecia como figura alegórica. Pois, se até mesmo o povo masculino esteve ausente da proclamação o que restaria à parcela feminina da população? No processo político que resultou na república "Havia uma elite política de homens, que eram chamados públicos. A mulher, se pública, era prostituta"⁷⁰. No entanto esta condição foi bastante diferente da atuação da mulher no processo revolucionário francês, no qual a alegoria feminina era mesclada com elementos da vida real. A mulher esteve presente, não só na Revolução de 1789 quando participaram da tomada da Bastilha, como também naquelas ocorridas em 1830, 1848 e 1871⁷¹.

Ainda sobre a posição da mulher não alegórica através das representações do periódico, cabe ressaltar a veiculação de uma série de quadros que abordaram algumas reivindicações femininas. Assim, uma das ilustrações mostrou várias mulheres invadindo uma sala reivindicando serem incluídas na revisão eleitoral. A imagem foi elaborada a partir de uma notícia da *Gazeta de Mogy-Mirim*, jornal da cidade, onde o evento ocorreu. O jornal afirmava que se "a moda pega" não tardará para que "vejamos as gentis pelotenses invadirem o gabinete do sr. Dr. Juiz de direito pedindo [...] que se lhes conceda o direito do voto" (*A Ventarola*,

⁷⁰ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas...* Op. Cit., p.92.

⁷¹ Id. Ibid., p. 89.

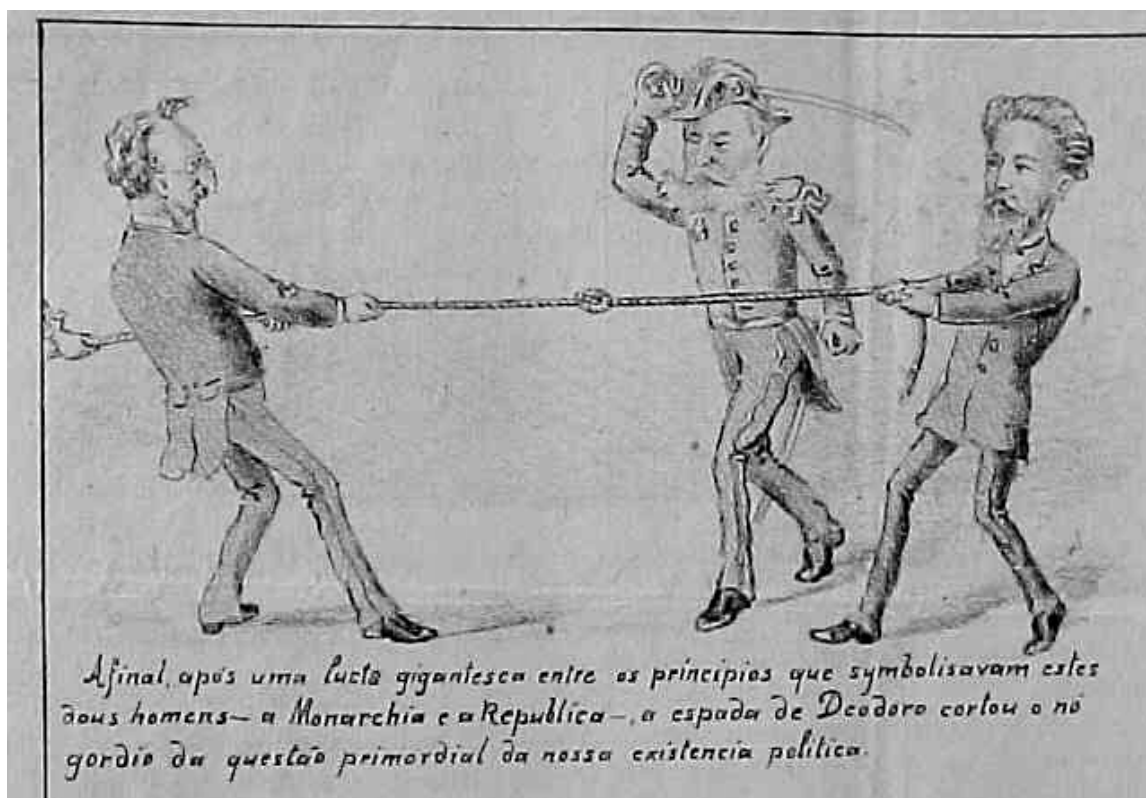


Figura 45: Cortando o nó gordio

Legenda: Afinal, após uma luta gigantesca entre os princípios que simbolizavam estes dois homens – a Monarquia e a República – a espada de Deodoro cortou o nó gordio da questão primordial da nossa existência política.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.139, p.4, 24 nov. 1889.

15/09/1889). Nos demais quadros abordaram a participação de mulheres nas atividades republicanas, relatando a fundação na Província do Pará de um clube republicano composto somente por mulheres. Os efeitos disso, conforme o periódico não tardarão a fazer efeito: “A tribuna das conferências republicanas passará a ser ocupada pelas representantes do sexo gentil”. Este acontecimento não foi desaprovado pelo jornal, já que isso proporcionaria “grande satisfação do auditório”, como também seria de grande utilidade para a “causa republicana”.

Não cabe julgar se essas notícias eram verídicas ou se constituíam apenas especulações; vale considerar que o elemento feminino não foi usado somente como alegoria, não obstante, elas revelam o tom jocoso empregado pelo jornal para se referir às mulheres. Quiçá a proposta do periódico ao veicular esses desenhos tenha sido apenas realçar o crescimento da campanha republicana, a qual abrangeria também o “sexo frágil”. Ao lado disso, as ilustrações das mulheres escravocratas tratadas no capítulo anterior também exemplificam essa situação. Certamente a prerrogativa do jornal de que elas obrigariam os maridos a abandonarem os partidos monárquicos, tornando-os republicanos foi empregada para satirizar os senhores de escravos pós Abolição, mas, ao mesmo tempo, demonstrava que elas constituíam um elemento que não estava de todo fora da sociedade escravista pelotense.

Quanto aos “anti-heróis” da República, o periódico não deixou de caricaturá-los em tom chistoso e as representações de Gaspar Silveira Martins prevaleceram. Em 1889, ele estava governando a Província, quando fora “[...] chamado ao Rio de Janeiro para ajudar na solução da crise política que se acentuara, foi, a caminho, surpreendido pela Proclamação da República, que o fez exilado político na Europa”⁷². Após a proclamação ele foi retratado com humor; numa das imagens ele apareceu sendo “coroad” por um barrete frígio, enquanto outra o transformou num pássaro engaloiado. Ao mesmo tempo em que caricaturavam Silveira Martins, Afonso Celso, o Visconde de Ouro Preto, foi

⁷² PICCOLO, Helga I. L. *Vida Política no Século XIX...* Op. Cit., p.65.

representado numa caricatura chorando “sobre as ruínas de Cartago” o destino que teve o último império existente na América (figura 46).

Ainda num tom chistoso, mas também de revanche caricaturaram João Alfredo, presidente do conselho anterior àquele constituído por Afonso Celso. Na imagem foi relembrado um trecho de uma frase de um discurso proferido por ele em 1888, no qual afirmava aos republicanos: “cresçam e depois veremos”. O trecho foi constantemente empregado pelo periódico nas notícias sobre o alastramento das idéias republicanas. Em sua edição de 27/01/1889, por exemplo, salientaram que o Sr. Presidente do Conselho estava “colhendo os frutos de seus desejos”, pois os republicanos “estão crescendo e aparecendo mesmo”. Na caricatura publicada após a proclamação, ele apareceu cercado de crianças, as quais, seguiram o seu conselho, afinal, os republicanos “cresceram e... multiplicaram-se, a ponto de se imporem pelo prestígio das idéias que representavam, pelo civismo e pela sua força numérica” (*A Ventarola*, 08/12/1889).

O periódico ilustrou várias caricaturas abordando o comportamento dos cidadãos após a proclamação, mas sem identificá-los. No entanto, no conjunto dessas imagens os caricaturistas aliaram o traço do humor com uma visão crítica para tratar da conduta daqueles que eram contrários à idéia republicana e que agora afirmavam ser republicanos.

O comportamento dos cidadãos após a Proclamação

Geralmente as ilustrações se referiram às atitudes tomadas por aqueles que não acreditavam na vitória republicana. Os incrédulos, na visão do jornal, classificavam as idéias republicanas como atos infantis, oferecendo aos adeptos “mamadeiras, como única coisa digna de suas infantilidades” (*A Ventarola*, 24/11/1889). Assim sendo, eles tinham “os olhos vendados... para não ver” contudo, após a Proclamação diziam “que desde os cueiros já professavam princípios democráticos”. Estes “novos republicanos” apareciam como “cogumelo

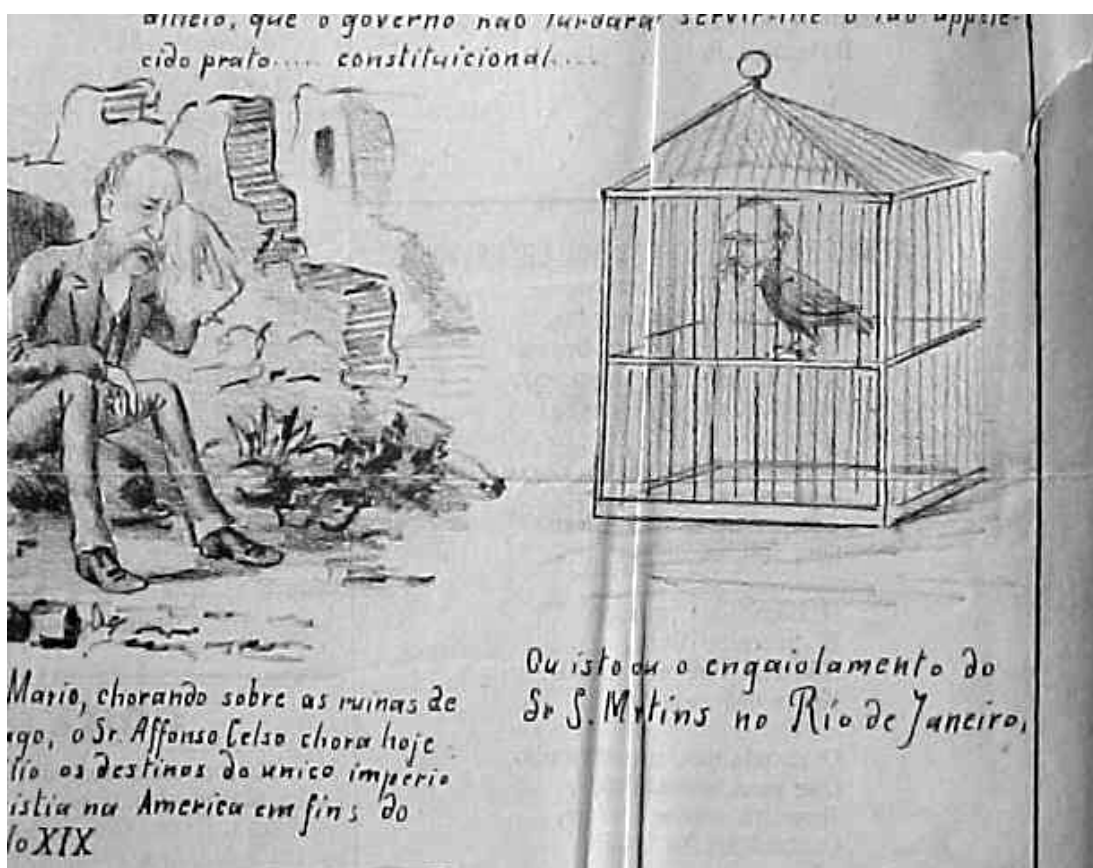


Figura 46: Silveira Martins engaiolado

Legendas: Como Mario, chorando sobre as ruínas de Cartago, o Sr. Affonso Celso chora hoje no exílio os destinos do único império que existia na América em fins do século XIX.

Ou isto ou o engaiolamento do Sr. Silveira Martins no Rio de Janeiro.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.142, p.4, 15 dez. 1889.

em terreno úmido”, no entanto, o verdadeiro propósito deles foi revelado pelo jornal, que não perdeu a oportunidade para ridicularizá-los. (figura 47)

Estes homens que “querem mamar nas tetas do Estado” são os mesmos que, até então, apedrejavam os representantes da “idéia democrática”. A *Ventarola*, por sua vez, compreendeu que o melhor a ser feito por eles era “meter a viola no saco” e se recolher, uma vez que ninguém necessitava mais de seus trabalhos. Na mesma nuança criticavam os correligionários do Sr. Afonso Celso, o quais eram indivíduos “que se diziam monarquistas de convicção e que faziam timbre em sustentar as suas opiniões, a despeito da propaganda republicana”.

No entanto, com a nova situação política, eles permaneciam “caladinhos” para continuarem nos seus empregos públicos (*A Ventarola*, 24/11/1889). No número seguinte, novamente o humor apareceu nas ilustrações para criticar as atitudes adotadas por aqueles que se declaravam republicanos, mostrando vários homens trocando de casacos, pressurosos em engrossar as “fileiras dos batalhadores da democracia” (*A Ventarola*, 08/12/1889). A onda adesista, no entanto, não foi somente um fenômeno local, mas global. Variados setores da sociedade fluminense, como médicos e professores, aderiram ao novo regime, declarando publicamente seu apoio ao novo governo através dos jornais diários da Capital Federal⁷³. José Joaquim de Carvalho, escritor contemporâneo à Proclamação, assim descreveu o movimento das adesões:

[...] começaram as adesões, assim coletivas ou individuais, em tal cópia que impossível é sequer dar a nominal relação [...] Bastará dizer que da mais alta corporação do país ao mais insignificante grupamento social, tem aderido jubilosos. Já não há no Brasil quem não seja e não fosse republicano; e muitos já o eram antes de nascer⁷⁴.

Já o desempenho esperado do novo governo também foi tratado, e se resumiu somente a uma reivindicação – a separação da Igreja do Estado (figura 48). Na seqüência das imagens, foram desenhadas várias aves (corvos ou

⁷³ LEMOS, Renato. *Benjamin Constant – Vida e História*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p.417-18.

⁷⁴ Apud Id. *Ibid.*, p.418.



Figura 47: Mamando fartamente nas tetas do Estado

Legenda: Quem não sabe que o que eles querem é mamar fartamente nas tetas do Estado , já que estamos no período das vacas gordas?...

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.140, p.4, 01 dez. 1889.

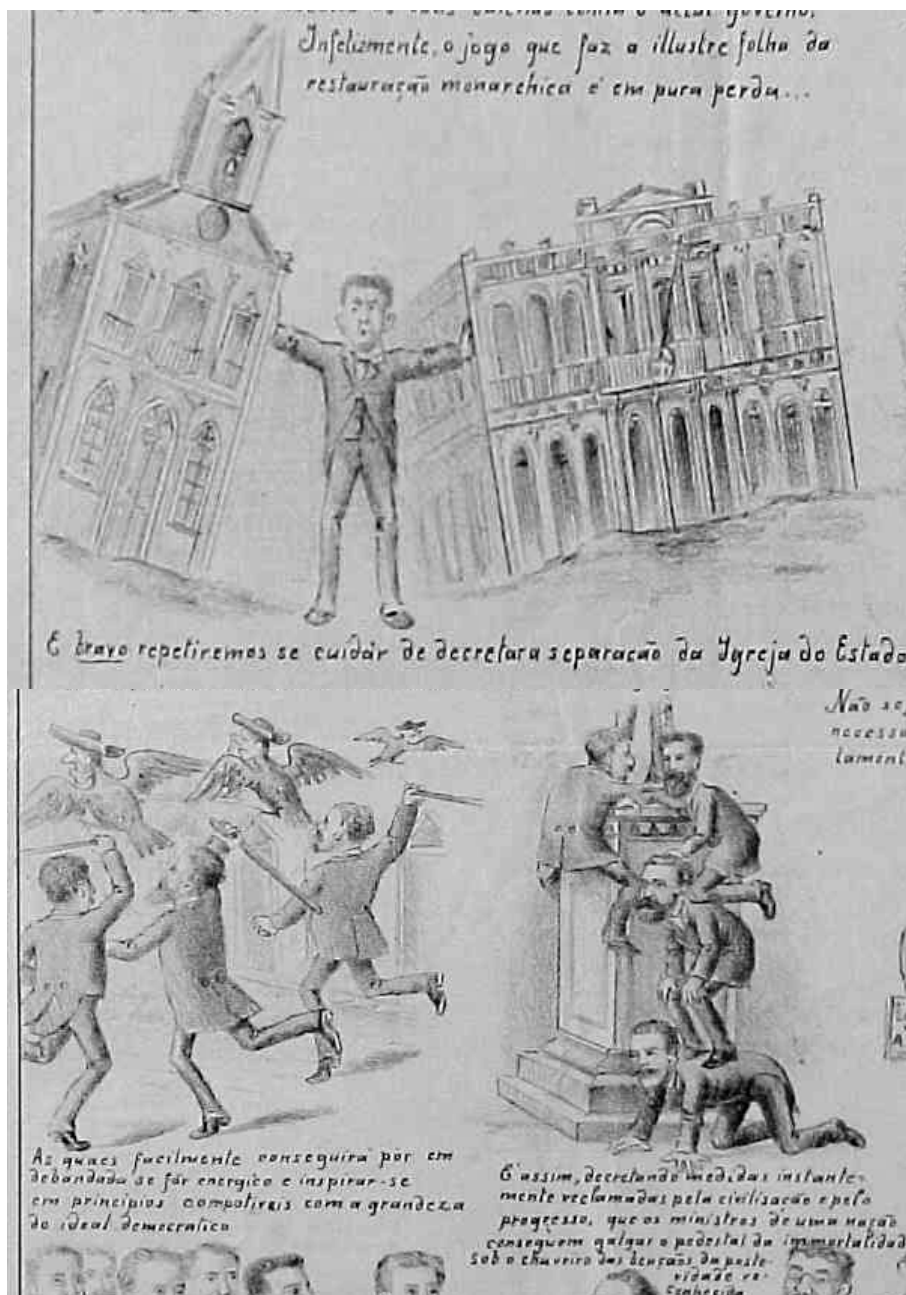


Figura 48: A separação da Igreja do Estado e o pedestal da imortalidade

Legendas: E bravo repetiremos se cuidar de decretar a separação da Igreja do Estado e o pedestal da imortalidade

As quais (as aves) facilmente conseguirá por em debandada se for enérgico e inspirar-se em princípios compatíveis com a grandeza do ideal democrático.

É assim, decretando medidas instantaneamente reclamadas pela civilização e pelo progresso, que os ministros de uma nação conseguem galgar o pedestal da imortalidade sob o chuveiro das bênçãos da posteridade reconhecida.

Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n.141, p.4, 08 dez. 1889.

urubus) com cabeça de homem, representando padres, que podem ser identificados através dos tricórnios. Conforme o jornal, essa medida é necessária e urgente e não deve ser protelada, apesar do “grito desenfreado, o pio lamentoso das aves do templo.” Para isso, é necessário que o novo governo se inspire nos “princípios compatíveis com a grandeza do ideal democrático” para pôr em debandada essas aves. Na seqüência das imagens, apareceram três homens escalando a base de um monumento, provavelmente eles são três ministros do governo provisório, pois um deles era o ministro Quintino Bocaiúva. Assim, decretando as medidas “reclamadas pela civilização e pelo progresso” ou seja, a separação da Igreja do Estado será possível aos ministros alcançar a imortalidade através das “bênçãos da posteridade reconhecida”. A separação da Igreja do Estado foi formalizada com a promulgação da Constituição da República de 1891: “Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados”⁷⁵. Contudo, *A Ventarola* não pode agradecer a concretização de pedido feito na ilustração; o jornal encerrou sua circulação logo após a Proclamação, em dezembro de 1889, e com ela findou-se os periódicos ilustrados da Pelotas do século XIX.

⁷⁵ Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1891. Extraído de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm Capturado em: 20/02/2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da imprensa ilustrada pelotense está fortemente ligada à história do jornalismo brasileiro, uma vez que, através de sua análise, constatei que os periódicos ilustrados possuíam características semelhantes aos seus congêneres, alguns deles, como a *Revista Ilustrada*, servindo de modelo. No caso da Província do Rio Grande do Sul, além de Pelotas, somente Porto Alegre e Rio Grande, que formavam a tríade das cidades mais desenvolvidas, contaram com jornais ilustrados. Aqueles de Pelotas não perdiam em qualidade se relacionados aos demais e, além disso, um dos caricaturistas – Eduardo Guerra – acabou contratado para caricaturar *O Século* na capital.

Sobre os caricaturistas e/ou litógrafos que atuaram nos periódicos, poucas informações encontrei; os registros são escassos ou não existem, à exceção de Eduardo Chapon, sobre o qual consegui averiguar uma parte de sua vida, desde sua saída de Paris, passando por Buenos Aires até se estabelecer em Pelotas. A propósito deles, é mister considerá-los como homens empreendedores e criativos, mas, sobretudo, inteligentes. Apesar da superioridade da parte textual não apresentar o autor ou então escondê-lo com um pseudônimo, percebi que se tratava de uma escrita requintada e uma crítica elegante, ou seja, a sátira era constante, porém, em sua maioria, sem descambar para a virulência da linguagem. Eduardo Chapon provavelmente também foi o autor de artigos e divulgador de notícias, superando a barreira da língua, se adaptando ao “mundo em português”, mas seu nome apareceu somente nos últimos números d’*A Ventarola* e não surgiu assinando artigos e sim nos apelos feitos aos favorecedores em atraso. Uma advertência, no entanto, deve ser feita ao *Cabrion* no período que engendrou uma forte campanha denegrindo o jornalista Antonio Joaquim Dias, promovida por Eduardo Guerra depois do fim da sociedade com Chapon. Guerra não poupou o colega dirigindo a ele adjetivos marcadamente ofensivos. Destacada foi também a gama variada de colaboradores que escreviam nas páginas textos de opinião e literatura; somente a título de exemplo vale

lembrar os nomes dos poetas Francisco de Paula Pires e José Tolentino de Souza e do conhecido Francisco Lobo da Costa.

Esses homens, atualizados com os acontecimentos de seu tempo, não deixavam determinados assuntos relacionados à vida política passar despercebidos, dedicando grande parte do espaço dos jornais a eles. As representações do mundo político constituíram o cerne principal da análise desenvolvida nesta Dissertação. Ao longo dos capítulos, procurei valorizar quais os assuntos referentes à política imperial que foram tratados pelos caricaturistas e colaboradores e quais as maneiras empregadas para se referirem a eles, enquadrando-os dentro da perspectiva da modernidade. Dessa forma, as sátiras visavam a apresentação de um tempo futuro, aquele do progresso: um país sem escravos, livre, laicizado e republicano e de uma Pelotas moderna, higiênica e iluminada. A produção artística e textual dos periódicos pode ser considerada uma representação do seu tempo, entendida como uma forma de transmissão da realidade na qual o artista está inserido, servindo de instrumento à sua criação e sendo comunicada aos leitores de acordo com suas percepções e visões de mundo, re-apresentando-a como ela é ou como gostariam que fosse.

As imagens que se reportaram à política local, especificamente à administração pública, remetem ao leitor uma cidade mal administrada circunstanciada por problemas. Ao mesmo tempo em que as críticas à Câmara Municipal eram apresentadas com humor, revelavam, também, a preocupação dos caricaturistas com a organização da cidade “que se quer moderna”. Reforça essa premissa a campanha em prol do sistema de esgotos desenvolvida em *A Ventarola* em 1889. Por outro lado, a questão dos esgotos revelou também a disputa entre os partidos monárquicos, colocando aqueles que estavam fora do poder – os liberais – contra a realização das obras do saneamento, encabeçadas por seus adversários políticos – os conservadores.

Já a vida política imperial, vista a partir das decisões ocorridas no centro administrativo do Império – a Corte – e as suas repercussões na cidade, foi a tônica que marcou forte presença nas páginas dos três periódicos ao longo dos

anos 1880. As considerações a ela dispensadas revelam que Pelotas, apesar de sua posição geográfica, mantinha-se atualizada com o desenrolar das deliberações que se davam no cenário político nacional. E, já que a imprensa ilustrada nasceu para o riso e para a galhofa, conforme afiançava *A Ventarola*, as informações vindas através dos navios ou pelo telégrafo eram repassadas aos leitores sempre com o viés do humor. No entanto, é mister considerar que os periódicos não tinham como único propósito escarnecer a política; assim, podem ser considerados ao mesmo tempo como noticiosos e emissores de opiniões a cerca do desenrolar das atividades políticas. Desse modo, as crises que marcaram a última década do Império Brasileiro, em equivalência ao crescimento da campanha republicana, foram largamente noticiadas e serviram de tema a suas produções artísticas.

Dom Pedro II não mereceu uma atenção significativa; o mesmo não foi verificado ao que tange à Princesa Isabel. Além de satirizá-la, valendo-se de seu epíteto de Redentora, recebido após a assinatura da Lei Áurea durante sua regência, *A Ventarola* constantemente empregou sua figura para satirizar as instituições católicas, afiançando que ela era “muito devota” e “dada às coisas da igreja”. O escárnio dirigido sobretudo aos jesuítas, revela que este periódico, embora não declaradamente, pode ser considerado anticlerical. Não foi possível averiguar a posição defendida por seu proprietário Eduardo Chapon ou, conforme acima mencionado, se ele foi o autor de algum dos desenhos ou artigos analisados no capítulo 3 que se referiam à Igreja Católica ou se eles pertencem a um colaborador. Em contrapartida, vale destacar que Chapon era católico, se não praticante ao menos seguiu alguns de seus ritos, conforme atestam o registro de seu casamento e os dos batismos dos filhos.

As caricaturas dirigidas aos presidentes do Conselho de Ministros corroboraram as evidências de que os periódicos não tinham posições partidárias e nem simpáticas aos partidos monárquicos. As sátiras eram conduzidas de forma genérica, não importando quem estava no poder, se liberais ou conservadores. Ao lado disso, essas imagens são exemplos evidentes da premissa acima enunciada, que afirma terem os periódicos, além da função de provocar o riso, a tarefa de

informar seu leitor. A caricatura que trata do fim da presidência, encabeçada pelo Conselheiro João Luiz Vieira Cansanção de Sinimbú (figura 22, capítulo 3) apresentado numa releitura da *Pietá*, exemplifica essa constatação. Ao mesmo tempo em que informavam a queda e anunciavam a formação de um novo gabinete, apresentavam o ex-presidente numa situação mordaz o que provavelmente proporcionava o riso do leitor.

Os desenhos veiculados, abordando as mortes de Jeronymo e Pórcia demonstraram que, apesar de alguns dos objetivos da imprensa ilustrada ser o de provocar o riso através de uma apresentação cômica da realidade, houve certas produções artísticas destinadas a criticar a sociedade escravista pelotense. Contudo, é mister considerar que nas seqüências mostradas, mormente aquelas d'*A Ventarola*, há um teor de ficção que apresenta circunstâncias, vítimas e algozes relacionados aos casos como uma “história em quadrinhos”, misturando elementos ficcionais com outros reais. Assim sendo, pode-se ponderar que os caricaturistas trataram por meio desses desenhos (uma produção imaginária) das condições dispensadas aos escravos e contratados na sociedade na qual eles estavam inseridos.

Seguindo com o seu propósito de se oporem ao governo constituído, outra parte das ilustrações e textos desses periódicos foi direcionada à campanha republicana, a qual se desenvolveu contemporaneamente a eles no decorrer da década de 1880. Avultou-se *A Ventarola*, que no transcurso dos seus três anos de circulação (os quais também foram os últimos e agonizantes anos do Império), abordou com ênfase a questão e se posicionou favorável ao ideal republicano. O periódico empregou os emblemas e alegorias utilizados pelos adeptos da idéia republicana ao noticiar os eventos promovidos por eles e, em especial, receber com júbilo a Proclamação da República. Não cabe averiguar se essa simbologia conseguiu se impetrar na sociedade pelotense (o que certamente não ocorreu¹), contudo, apurei que ela estava freqüentemente empregada na elaboração das

¹ Conforme José Murilo de Carvalho (1990, p.141) o processo republicano ocorrido no Brasil foi diferente daquele sucedido na França pós-revolucionária. Os republicanos brasileiros não conseguiram criar um imaginário popular: “Sem raiz na vivência coletiva, a simbologia republicana caiu no vazio”.

imagens que se reportavam aos republicanos, mesclada com o humor e que isso ocorria desde o início daquela década. Assim, é mister afirmar que essa temática foi trabalhada sob dois aspectos: o humor e a simbologia. Essa associação pode ser verificada na imagem que transformou o pleito eleitoral de 1880 num “prado político” (figura 37, capítulo 4), substituindo a cabeça do cavalo vencedor pela efígie de Gaspar Silveira Martins, na alegoria feminina da república ilustrada no dorso do segundo cavalo e no cavalo magro, em último lugar, representando o Partido Conservador.

Acredito que ao longo dos capítulos consegui responder os objetivos levantados no meu projeto de pesquisa, os quais foram transformados nos questionamentos feitos na introdução. Cada um dos capítulos foi escrito visando responder cada uma daquelas demandas. Ao lado disso, sublinho que minha Dissertação também vem somar-se aos outros trabalhos historiográficos que inquiriram a respeito da história política imperial brasileira, contudo, demonstrei que as análises sobre esse momento não precisam ficar restritas à história de agremiações partidárias ou biografias de políticos; elas podem, sim, ser investigadas a partir de outros meios, como os jornais de humor.

Cabe ressaltar que numa outra vertente, minha proposta de análise apresentou subsídios que colaboraram ao enriquecimento da **história de Pelotas** e designadamente a **história do seu jornalismo**, e àquela da imprensa ilustrada no Brasil. Constatei que ao longo da circulação dos três periódicos ilustrados, os caricaturistas, jornalistas e colaboradores trataram dos mais variados assuntos e ao privilegiar em minha análise a parte destinada à vida política, averigüei que apesar de serem considerados periódicos com um custo elevado, em razão da parte ilustrada, eles conservaram a periodicidade (foram publicados semanalmente sem faltas) e mantiveram os leitores informados sempre, como abordado ao longo de todo o texto, com uma representação humorística da realidade. No entanto, considero que apenas preenchi uma parte da lacuna; a história de Pelotas ainda necessita de trabalhos historiográficos. Ao longo da pesquisa observei que há um emaranhado de periódicos, tratando de variados assuntos e que muitos ainda estão disponíveis a pesquisas ulteriores.

Nesse sentido, vale considerar que as imagens de humor investigadas ao longo da Dissertação não foram consideradas por mim apenas uma ilustração do passado ou sendo somente empregadas para elucidar o que o texto mostra. Seja através das relações entre o humor e a cobrança por melhorias urbanas (capítulo 2) ou daquelas feitas para noticiar ao leitor a instabilidade no poder entre os partidos monárquicos e denunciar as mazelas da sociedade escravista (capítulo 3) ou ainda nas aproximações entre o humor e as alegorias e símbolos dos republicanos (capítulo 4) elas são avaliadas como produções artísticas que, além de evidenciar o talento do artista, exprimem o tempo próprio do acontecido. Tomados dessa forma, os periódicos ilustrados e humorísticos pelotenses constituíram-se num manancial rico à análise da história política imperial em seus anos finais.

FONTES**Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas/RS:**

A Pátria (1887) (1889)

A Discussão (1881) (1883) (1887)

A Ventarola (1887) (1888) (1889)

Cabrion (1880) (1881)

Correio Mercantil (1889) (1903) (1905)

Diário de Pelotas (1881) (1883) (1887) (1888) (1889)

Diário Popular (1890) (1903)

Jornal do Comércio (1880)

Marui (1881)

Opinião Pública (1903)

O Pensamento (1901)

Radical (1890)

Rio Grandense (1887)

Zé Povinho (1883)

ECHENIQUE, Guilherme. Fastos da propaganda republicana. *Diário Popular*. (1939).

MORAES, Henrique Carlos de. *Pelotas e seus lampiões a azeite*, 1970. (datilografado) BPP/CDOV.

Biblioteca Pública Rio-Grandense – Rio Grande/RS:

A Ventarola (1889)

Cabrion (1879)

O Farrapo (1889)

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Porto Alegre/RS:

A Federação (1889)

A Reforma (1888) (1889)

Revista do 1º Centenário de Pelotas. Organizada por João Simões Lopes Neto. (1912)

Revista Ilustrada (1881)

Bispado de Pelotas:

Livro nº 07 de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). (1880)

Livro nº 20 de registros de batismos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). (1884)

Livro nº 28 de registros de batismos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). (1891)

Livro nº 15 de registros de casamentos da Matriz São Francisco de Paula (Pelotas). (1909) (1911).

Outros

CHAPON, João. *Cópia do manuscrito deixado por João Chapon, com dados biográficos referentes a seu pai Eduardo Chapon*. S/d.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Buridan Capturado em 03/10/2005.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao91.htm

Capturado em: 20/02/2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITA, Carmen et. al.. *Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Centro de Pesquisa e Documentação da História Política do Rio Grande do Sul (CPDHRS)/Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1996.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro:: Jorge Zahar/Ed. da FGV, 1999.

ALVES, Francisco das Neves. *Imagens e Símbolos: A caricatura rio-grandina e o discurso político-partidário no século XIX*. Rio Grande: Ed. da Universidade/FURG, 1999.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus/Edições Biblioteca Nacional, 2004.

ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização. A cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. da Universidade/UFPel, 2000.

ARRIADA, Eduardo. *Pelotas: Gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1993.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Tradução de Rui Pereira e Teresa Bento. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1985, vol.5, p.296-332.

BAHIA, Juarez. *História, jornal e técnica. História da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888*. UNICAMP, 2005, 361f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARRETO, Álvaro. *Dias de folia. O carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: EDUCAT, 2003.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República. Das origens a 1889*. São Paulo: Alfa-Omêga, 1976.

BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre Arte*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: USP, 1991.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: Marco Zero, 1992.

BERGSON, Henri. *La risa. Ensayo sobre la significación de lo cómico*. Trad. revisada por Amália Haydée Raggio. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1953.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular. História e Imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CALDERAN, Ana Paula. *Antonio Joaquim Dias: Uma figura polêmica*. Pelotas, UFPel, 2002, 25f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2002.

CAPELATO, Maria H. Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema In: _____, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.401-417.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. São Paulo: Difel, 1962.

CARNEIRO, José F.. *Karl von Koseritz*. Porto Alegre: IEL, 1959.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

_____, José Murilo de. *A Construção da ordem. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Relume Dumará, 1996.

_____, José Murilo de. O Positivismo brasileiro e a importação de idéias. In: GRAEBIN, Cleusa; LEAL, Elisabete (Orgs.). *Revisitando o Positivismo*. Canoas: Editora La Salle, 1998, p.13-27.

CASALECCHI, José Enio. *A Proclamação da República*. São Paulo: Brasiliense, 1992. (coleção tudo é História nº18)

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia a História entre certezas e Inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

_____, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____, Roger. *Leituras e Leitores da França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. da Universidade/UNESP, 2004.

CHEVALIER, Ceres. *Vida e obra de José Izella: Arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, 218f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CONDE D'EU. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1936.

COSSON, Rildo et. al. *Literatura, jornal e cultura. Autores Pelotenses. 1851-1889* (1ª Fase). Pelotas: ILA-UFPel, 1999. (Projeto de pesquisa).

CRUZ, Glenda. Pelotas: Espaço construído no início da República. In: WEIMER, Günter (Org.). *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS-Prefeitura de Porto Alegre, 1992, p.109-134.

CRUZ, Heloísa de Faria. (Org.) *São Paulo em Revista. Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

_____, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; AESP, 2000.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor pereira no carnaval carioca da virada do século. In: _____.(Org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2002. p.371-417.

DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel a “Redentora” dos escravos*. Bauru: EDUSC /FAPESP, 2004.

DEBES, Célio. A propaganda republicana em São Paulo (1872-1889) In: LAPA, José Roberto do Amaral (Org.) *História Política da República*. Campinas: Papirus, 1990, p. 107-122.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.61-89.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa Caricata do Rio Grande do Sul no Século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1964;

_____, Athos Damasceno. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª ed., Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: O retorno da história política. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.265-271.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FOOT HARDMAN, Francisco. *Trem-Fantasma. A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª Ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. VIII, 1996.

GARCIA, Sonia Tavares; LONER, Beatriz Ana. Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense. *História em Revista*. Pelotas: NDH/UFPel/Ed. da Universidade/UFPel, v. 06, dezembro de 2000, p. 134-164.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 237-271.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In:_____. *Mitos, Emblemas, Sinais*. Morfologia e História. Tradução de Federeco Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 143-179.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOEHRER, George C. A. *Da Monarquia à República: história do partido republicano no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1954.

GUTIERREZ, Ester. *Barro e sangue: Mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777-1888)*. Porto Alegre: PUCRS, 1999, 550f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____, Ester J. B.. *Negros, charqueadas, olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas: Editora da Universidade/UFPEL/Livraria Mundial, 1993.

IGLESIAS, Francisco. *História Política de Brasil (1500-1964)*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

KURY, Mario da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1992.

LEITE, Sílvia H. T., *Chapéus de Palha, panamás, plumas, cartolas. A caricatura na literatura paulista. 1900-1920*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

LEMOS, Renato. *Benjamin Constant – Vida e História*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____, Renato (Org.) *Uma história do Brasil através da Caricatura. 1840-2001*. Rio de Janeiro: Bom Texto/Letras & Expressões, 2001.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 4 vols, Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LONER, Beatriz Ana. Classe, etnia e moralidade: estudo de clubes carnavalescos. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz*. [recurso eletrônico] Londrina: ANPUH/Editorial Mídia, 2005, p. 01-08.

_____, Beatriz Ana. *Construção de Classe*. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Ed. da Universidade/UFPEL/Rede Unitrabalho, 2001.

_____, Beatriz Ana. *Formas de Organização dos trabalhadores na luta contra a Escravidão (1880-1888)*. Pelotas; NDH/UFPEL, 2002a. (Projeto de pesquisa)

_____, Beatriz Ana. Jornais diários na República Velha. *Ecos Revista*. Pelotas: Ed. da Universidade/UCPel, v.2, nº 1, abril/1998, p. 5-34.

_____, Beatriz Ana. Pelotas se diverte: Clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em Revista*. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica/Universidade Federal de Pelotas, v.8, dezembro de 2002b, p. 37-68.

_____, Beatriz Ana. Negros: Organização e luta em Pelotas. *História em Revista*. Pelotas: UFPel, v.5, dez. de 1999, p. 07-27.

_____, Beatriz Ana. Trabalhadores e Literatura em Pelotas no Século XIX. In: *Anais do VI Encontro Estadual de História*. [recurso eletrônico] Passo Fundo:UPF 2002c, p. 01-10.

_____, Beatriz Ana; LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Trabalhadores e Literatura em Pelotas no Século XIX*. Relatório de pesquisas (PIBIC/CNPq-NDH/ICH/UFPel). Pelotas, 2003.

LOPES, Aristeu E. M., “Você não me conhece? Eu te conheço”: Caricatura e Carnaval em Pelotas no século XIX. In: *Anais do VII Encontro Estadual de História – História, Memória e testemunho*. [recurso eletrônico]Porto Alegre: ANPUH/RS, 2004, p. 01-10.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos. A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos presidentes através do humor e da caricatura. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida (Orgs.). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, vol.1, 2003, p287-312.

_____, Isabel. O texto e o traço – o surgimento da imprensa de humor no Brasil. *Comunicação e Política*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Latino Americanos – CEBELA, vol. V, jan-abr-1998, p. 169-195.

_____, Isabel. Humor e política na Primeira República. *Revista USP – Dossiê 100 anos de República*. nº 03, set-out-nov, 1989, p.53-64.

MACEDO, José Rivair. *Riso, cultura e sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/ São Paulo: Editora da Universidade/UFRGS/Editora da UNESP, 2000.

MAGALHÃES, Marcelo Souza. *Ecos da Política: A capital federal, 1892-1902*. Niterói: UFF, 2004, 222f. Tese (Doutorado em História) – programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Editora da universidade/UFPel, Livraria Mundial, 1993.

_____, Mário Osório. *Os passeios da cidade antiga*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

_____, Mário Osório. Sebeiros e Papareias. In _____. *Pelotas Século XIX*. Editora Livraria Mundial, 1994, p.43-104.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempo de república. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

MATTOS, Hebe Maria. A face negra da Abolição. *Nossa História*. Rio de Janeiro: Vera Cruz, ano 2, nº 19, maio de 2005, p.16-20.

MAUCH, Cláudia. *Ordem Pública e Moralidade. Imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC/ANPUH-RS, 2004. (Coleção ANPUH-RS; nº 1)

MELLO, Marco A. Lírio de. *Reviras, Batuques e Carnavais*. Pelotas: Editora da universidade/UFPel, 1994.

MOURA, Rosa Maria Rolim; SCHLEE, Andrei Rosenthal. *100 imagens da Arquitetura Pelotense*. Pelotas: Pallotti, 1998.

OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas: Armazém Literário, 1997.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *O cidadão está nas ruas. Representações e práticas acerca da cidadania republicana em Porto Alegre (1889-1891)*. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 2001.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: GOFF, Jacques le (Org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.291-316.

PEREIRA, Cristina Schettini. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaios de história social da cultura*. Campinas: UNICAMP/CECULT, 2002. p.371-417.

PEREIRA, Óthon Ferreira et. al. A evolução urbana de Pelotas: um estudo metodológico. *História em Revista*. Pelotas: UFPel, nº 01, set. de 1994, p.21-34.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____, Sandra Jatahy. *Porto Alegre Caricata*. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

_____, Sandra Jatahy (Coord.). *O Espetáculo da rua*. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 1996.

PICCOLO, Helga I. L. A política Rio-Grandense no Império. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (Orgs.). *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p.93-117.

_____, Helga I. L. *Vida Política no Século XIX*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

RAGON. Michel. *Le Dessin d'humour*. Histoire de la caricature et du dessin humoristique en France. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

REMOND, René. Uma história presente. In: _____. (Org.) *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 13-36.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma História Conceitual do Político. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, v.15, nº30, 1995, p.09-22.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: 3ª ed. Ed. da Universidade/UFRGS, 2003.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____, Elias Tomé. Representações do cômico no cinema e na história: anotações pertinentes e digressões impertinentes. *Estudos de História*. Franca: UNESP, v.4, n.2, 1997, p. 35-55.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelhos, Máscaras, Vitrines. Estudo Iconológico das fachadas arquitetônicas*. Pelotas 1870-1930. Pelotas: EDUCAT, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador. Dom Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Marcos Antonio. *Caricata República. Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.

SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel. A Guerra do Paraguai através da caricatura*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Rio de Janeiro: Funda o Casa de Rui Barbosa, 2001. (Cole o Papéis Avulsos, n  38)

TORAL, André. *Imagens em desordem. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

VÁRIOS. *Dicionário Filosófico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1972, p. 185-187.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Ed. Funda o Getulio Vargas, 1996.

VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História*. Tradu o de Maria Julia Goldwasser. São Paulo:  tica, 1997.

ZUBARAN, Maria Angélica. O mundo virado de ponta cabeça: inversão simbólica e resistência na caricatura porto-alegrense do século XIX. *Anos 90*. Porto Alegre, n.14, dezembro de 2000, p 80-95.